

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

Em memória da minha avó.

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta Dissertação contou com a colaboração e apoio de algumas pessoas e instituições públicas às quais deixo o meu mais sincero agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais e às minhas irmãs, pelo apoio, compreensão e paciência ao longo desta etapa da minha vida. Queria agradecer também de forma especial à Susana e Rui Ferreira, pelo apoio.

Deixo também um agradecimento especial à Prof. Doutora Ana Lídia Virtudes e ao Rui Camacho, pelo apoio e incentivo à realização desta Dissertação e ao Prof. Rui Carita. Agradeço igualmente de forma especial à Décia Pereira, por toda a colaboração e apoio prestado na realização desta Dissertação, à Sara Nóbrega e à Cátia Carvalho.

Gostaria ainda de agradecer às seguintes entidades e arquivos: à Direcção Regional dos Assuntos Culturais, ao Arquivo Regional da Madeira, à empresa CF Sousa Andrade, à empresa João Crisóstomo Figueira da Silva, à Fundação Livraria Esperança, em especial ao Sr. Jorge Figueira de Sousa, à empresa “Leilões Chagas”, ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção e afins; à Casa – Museu Frederico de Freitas e ao Centro de Recrutamento do Funchal, pela disposição de informação e respectivos projectos referentes aos edifícios – torre.

Por fim, queria agradecer profundamente ao meu namorado Rui Ferreira, pela sua constante presença ao meu lado durante este período, pelo apoio, carinho, paciência e principalmente pelo amor.

RESUMO

Inventário do património arquitectónico: As torres “Avista-navios”

Esta dissertação tem como objecto de investigação as Torres de Habitação existentes na cidade do Funchal. O objectivo é proceder à inventariação destes elementos do património arquitectónico da Madeira - as Torres “Avista-navios”. Pretende-se com este inventário contribuir para documentar uma parte do património arquitectónico madeirense e desta forma promover a salvaguarda da sua identidade. Uma vez que esta iniciativa ainda não foi realizada para as Torres Habitacionais da madeira, a dissertação pretende constituir uma mais-valia na preservação e análise do património edificado madeirense.

Uma vez identificado, analisado e documentado o património arquitectónico das Torres de Habitação, pretende-se dar a conhecer ao público em geral estes elementos arquitectónicos regionais que caracterizam a cidade do Funchal.

Palavras-chave: património arquitectónico; inventário, arquitectura tradicional, Funchal, torre avista-navios, código da cidade.

ABSTRACT

Inventory of the architectonic heritage: The “Avista-navios” towers

This dissertation idea covers synthetically the construction of an Architectural Master's dissertation.

The theme of this dissertation is the inventory of the architectural heritage of Madeira - Housing Towers (torres avista-navios), and the main aim is to document a part of the assets of Madeira, thus preserving its identity. Once this inventory has never been made for the Housing Towers of Madeira, this dissertation aims to help in the preservation and analysis of the built heritage of Madeira.

Once identified, analyzed and documented this architectural heritage, it is intended to inform in a general way about these regional architectural elements.

KEYWORDS: Architectural Heritage; inventory; traditional architecture; Funchal; ‘torre avista-navios’; city code

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO	5
ABSTRACT	6
ÍNDICE.....	7
ÍNDICE DE FIGURAS	10
ABREVIATURAS.....	15
CAPITULO 1 - INTRODUÇÃO	17
1.2 Objectivos	18
1.3 Metodologia	19
1.4 Estrutura.....	20
1.5 Estado da Arte	21
CAPITULO 2. O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO: UM CONCEITO EM EVOLUÇÃO	29
2.1 Conceito de Património.....	29
2.2 A importância do património histórico e arquitectónico	31
2.2.1 Conservação	35
2.3 Síntese: O património arquitectónico	36
CAPITULO 3 - METODOLOGIA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO.....	39
3.1 METODOLOGIA DE INVENTÁRIO SOBRE O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO.....	39
3.2 Objectivo do inventário.....	40
3.3 Metodologia de inventário aplicada ao caso de estudo	41
3.4 SÍNTESE: METODOLOGIA DE INVENTÁRIO.....	51
CAPITULO 4. CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DAS TORRES NA CIDADE DO FUNCHAL	53
4.1 Contextualização histórica das torres - influências arquitectónicas.....	53
4.2 Primeiros registos históricos da utilização da torre enquanto espaço habitacional	55
4.2.1 A Casa Senhorial	55

4.2.2	Caracterização da torre senhoria	57
4.2.3	Exemplo de uma torre senhoria	58
4.2.4	A arquitectura Islâmica - influências arquitectónicas	59
4.3	As Torres no contexto histórico da Ilha da Madeira	61
4.3.1	Pré-existências no Funchal do Século XVII e XVIII	61
4.3.2	As Torres como posto de vigia	66
4.4	Breve caracterização geográfica e física da ilha da Madeira	67
4.5	Breve alusão às razões do descobrimento das ilhas atlânticas	68
4.6	Breve enquadramento histórico e social da Ilha da Madeira	68
4.7	Estruturação física e urbana da cidade do Funchal: análise das cidades de Setúbal e Sesimbra	71
4.8	Caracterização da área de estudo	73
4.8.1	Caracterização dos núcleos históricos	78
4.9	Síntese: Contextualização histórica	83
CAPITULO 5. CARACTERIZAÇÃO ARQUITECTÓNICA DAS TORRES		85
5.1	As Torres: Conceitos	85
5.2	Caracterização das torres “Avista - navios”	87
5.3	Influências da Casa Insular nas torres	92
5.3.1	Características tradicionais da arquitectura tradicional da Madeira presentes nos casos em estudo	92
5.3.2	Vãos	92
5.3.3	Cobertura	95
5.3.4	Estrutura	97
5.3.5	Organização espacial interna e Acessos verticais	98
5.3.6	Materiais	107
5.4	UMA INTENCIONAL REFERÊNCIA NA ARQUITECTURA MODERNA	111
5.5	Síntese: Caracterização arquitectónica das torres	118
CAPITULO 6. Inventário do património arquitectónico das Torres “Avista - navios”		121
6.1	Localização dos Edifícios - torre	121
6.2	Inventário	123

1.1 PALACETE DOS BARÕES DE SÃO PEDRO (DRAC)	123
1.2 EMPRESA CF SOUSA ANDRADE & CIA S.A.	131
1.3 SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS, OLARIAS E AFINS DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA	139
1.4 ATENEU COMERCIAL DO FUNCHAL.....	147
1.5 FUNDAÇÃO LIVRARIA ESPERANÇA.....	151
1.6 ANTIGO PALÁCIO DO CONDE DE CARVALHAL / SUCURSAL LIVRARIA ESPERANÇA	163
1.7 CASA DE BORDADOS ‘MADEIRA SUN’	173
1.8 EMPRESA LEILÕES CHAGAS.....	177
1.9 EDIFÍCIO DO INSTITUTO DO VINHO DA MADEIRA E MUSEU.....	189
1.10 PAÇOS DO CONCELHO DO FUNCHAL/ CÂMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL.....	193
1.11 PAÇO EPISCOPAL / MUSEU DE ARTE SACRA	203
1.12 PALÁCIO DOS ORNELAS	211
1.13 CASA JACQUINET / ANTIGO TRIBUNAL	223
1.14 EXTERNATO NUN’ALVARES / ANTIGA ESCOLA DO CAROÇO.....	231
1.15 CASA MUSEU FREDERICO DE FREITAS.....	235
1.16 PALÁCIO DE SÃO PEDRO	245
1.17 SOLAR DOS ZINOS.....	255
1.18 EXÉRCITO PORTUGUÊS - CENTRO DE RECRUTAMENTO DO FUNCHAL	261
1.19 EMPRESA JOÃO CRISÓSTOMO FIGUEIRA DA SILVA	267
1.20 PALACETE DA MOURARIA	275
6.3 Síntese: Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: Torres “avista- navios”	281
CAPÍTULO 7. Conclusões.....	283
BIBLIOGRAFIA	287
ANEXOS	291

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Torres em San Gimignano.....	54
Figura 2 - Esquízo esquemático de uma torre senhorial	58
Figura 3 - Autora sobre plantas correspondentes ao 1º, 2º e 3º andar da torre de Outeiro ou de D'ornelas	59
Figura 4 - Esquízo representativo de um minarete com forma quadrangular.....	60
Figura 5 - Alfândega do Funchal, Bartolomeu João, 1654, ilha da Madeira	62
Figura 6- Panorâmica da cidade do Funchal, Thomas Hearne, 1772, ilha da Madeira.....	63
Figura 7 - Vista do Funchal e do Forte do Pico, Thomas Hearne, 1772	64
Figura 8 - Vista do Funchal, Thomas Hearne, 1772, ilha da Madeira	65
Figura 9 - Fortaleza de Santiago e igreja de Santiago Menor, pormenor da panorâmica da cidade.....	66
Figura 10 - Torre sobre plano de fundo da Fortaleza do Pico, 1860	66
Figura 11 - Área de estudo	74
Figura 12 - Principais edifícios religiosos e administrativos	75
Figura 13 - Núcleos históricos (Autora)	76
Figura 14- Planta do Funchal, Oudinot, 1804	77
Figura 15 - Cidade do Funchal, 1840	77
Figura 16- Cidade do Funchal, 1900	78
Figura 17- Ruas principais presentes na área de estudo	80
Figura 18- Esquízo de uma torre 'avista - mar'	88
Figura 19 - Fachada principal do edificio "Casa Jacquinet"	94
Figura 20 e 21 - Sistema estrutural em madeira e Pormenor de cobertura de quatro águas ..	96
Figura 22- Pormenor estrutura da cobertura Sucursal Livraria Esperança	96
Figura 23 - Telhado 'múltiplo' ou sistema de 'tesoura'	97
Figura 24- Planta de 'torre aberta'	99
Figura 25 - Interior e escadas da torre Palacete Barões de São Pedro	101
Figura 26 - Planta de 'torre simples ou fechada'	101

Figura 27- Interior e planta da torre 'Empresa Leilões Chagas'	102
Figura 28 - Planta de 'torre com compartimentos'	103
Figura 29 - Interior da torre 'Fundação Livraria Esperança'	104
Figura 30 - Planta de 'torre semi - aberta'.....	105
Figura 31 - Interior da torre da Empresa 'CF SOUSA ANDRADE'	106
Figura 32 - Planta e alçado da 'torre terraço'	106
Figura 33 - Pavimento de antiga loja em calhau rolados formando losangos	108
Figura 34 -Conjunto de janelas com caixilharia de guilhotina, com moldura simples e lambrequins.....	109
Figura 35- Torre do Instituto do Vinho	110
Figura 36 - Esquema do enquadramento geográfico da área em estudo e das casas de Edmundo Tavares	113
Figura 37 - Esquema da localização das casas projectadas por Edmundo Tavares.....	114
Figura 38 - Desenho de habitação de Edmundo Tavares e Figura 39 - Casa (3) projectada por E. Tavares	115
Figura 40 - Alçado e planta de projecto de casa madeirense, Edmundo Tavares	116
Figura 41 - Foto da torre do ATNEU, e ao fundo a torre da Câmara Municipal do Funchal ...	117
Figura 42 - Identificação dos edifícios com torre	122
Figura 43 - Fotografias do interior da Torre	124
Figura 44 - Planta piso 3	128
Figura 45 - Planta de Cobertura.....	129
Figura 46 - Alçado Principal.....	130
Figura 47 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício	131
Figura 48 - Imagens do interior da torre.....	132
Figura 49 - Planta Piso 4.....	135
Figura 50 - Planta do Piso 5	136
Figura 51 - Alçado Sul	137
Figura 52 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício	139
Figura 53 - Imagens do interior do edifício.....	141
Figura 54 - Imagens do interior da torre.....	142

Figura 55 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício e torre	147
Figura 56 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício e torre	152
Figura 57 - Imagens interior do edifício	153
Figura 58 - Imagens interior torre	154
Figura 59 - Rés-do-chão.....	158
Figura 60 - Planta do 2º Piso	159
Figura 61 - Planta do 3º Piso	160
Figura 62 - Planta do 4º Piso	160
Figura 63 - Planta do 5º Piso	161
Figura 64 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre	164
Figura 65 - Imagens do interior do edifício.....	166
Figura 66 - Imagens do interior da torre.....	167
Figura 67 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício	174
Figura 68 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre	178
Figura 69 - Imagens do interior do edifício.....	178
Figura 70 - Imagens do interior da torre.....	179
Figura 71 - Planta da Cave	183
Figura 72 - Planta do rés-do-chão.....	183
Figura 73 - Planta do piso 2	184
Figura 74 - Planta do piso 3	185
Figura 75 - Planta do piso 4	186
Figura 76 - Alçado Principal.....	186
Figura 77 - Alçado Posterior	187
Figura 78 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício	189
Figura 79 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre	193
Figura 80 - Planta rés-do-chão	197
Figura 81 - Planta 2º Piso	198
Figura 82 - Planta 3º Piso	199
Figura 83 - Planta do 4º Piso	200

Figura 84 - Planta correspondente ao 5º e 6º Pisos	201
Figura 85 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício	204
Figura 86 - Imagens do interior da torre.....	205
Figura 87 - Alçado Norte.....	208
Figura 88 - Alçado Sul	209
Figura 89 - Alçado Este e Oeste correspondentemente	209
Figura 90 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre	212
Figura 91 - Imagens do interior da torre.....	212
Figura 92 - Planta do Rés-do-chão	218
Figura 93 - Planta do 2º piso	219
Figura 94 - Planta do 3º piso	219
Figura 95- Planta do 3º piso, (fachada do edifício principal orientada a Sul).....	220
Figura 96 - Planta da Torre_ 4º piso	220
Figura 97 - Planta da Torre_ 5º piso	221
Figura 98 - Planta da Torre_ 6º piso	221
Figura 99 - Alçado Principal.....	222
Figura 100 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre	224
Figura 101 - Planta do rés-do-chão	227
Figura 102 - Planta do 2º piso	227
Figura 103 - Planta do 4º piso	228
Figura 104 - Alçado Principal - Este	229
Figura 105 - Alçado Posterior - Oeste	229
Figura 106 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre	231
Figura 107 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre.....	235
Figura 108 - Imagens do interior da torre	236
Figura 109 - Planta nível 2	241
Figura 110 - Planta nível 3	241
Figura 111- Planta nível 4	242
Figura 112 - Planta da Cobertura e da Torre.....	243

Figura 113 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre.....	246
Figura 114 - Planta do rés-do-chão	249
Figura 115 - Planta do 2º Piso	250
Figura 116 - Planta do 3º piso	250
Figura 117 - Planta do 4º Piso	251
Figura 118 - Planta do 5º Piso	252
Figura 119 - Planta do piso intermédio entre 5º e 6º Piso	252
Figura 120 - Planta da Torre_6º Piso	253
Figura 121 - Planta da Cobertura	253
Figura 122 - Alçado Principal	254
Figura 123 - Alçado Este	254
Figura 124 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre.....	256
Figura 125 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício	261
Figura 126 - Imagens do interior do edifício	262
Figura 127 - Imagens do interior da torre	263
Figura 128 - Planta da torre.....	265
Figura 129 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre.....	267
Figura 130 - Imagens do interior do edifício	268
Figura 131 - Imagens do interior da torre	269
Figura 132 - Planta da Torre e restantes coberturas	272
Figura 133 - Alçado Principal	272
Figura 134 - Alçado Oeste	273
Figura 135 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre.....	276
Figura 136 - Imagens do interior do edifício	277
Figura 137 - Imagens da torre	277

ABREVIATURAS

Dec. n.º	Decreto e respectivo número (com espaço entre centenas e milhares)
Desp.	Despacho
Desp. Nor.	Despacho Normativo
DG	Diário do Governo (sem n.º antes do número do diário)
DL n.º	Decreto-Lei e respectivo número (com espaço entre centenas e milhares)
DR	Diário da República (sem n.º antes do número do diário)
IIM	Imóvel de Interesse Municipal
IIP	Imóvel de Interesse Público
MN	Monumento Nacional
MNat	Monumento Natural
PN	Parque Nacional, Parque Natural
Port. n.º	Portaria (com espaço entre centenas e milhares)
PP	Paisagem Protegida
RAN	Reserva Agrícola Nacional
REN	Reserva Ecológica Nacional
RN	Reserva Natural
SC	Sítio Classificado
SIC	Sítio de Importância Comunitária (Rede Natura 2000, Directiva Habitats)
VC	Valor Concelhio
VCL	Valor Cultural Local (Região Autónoma da Madeira)
VCR	Valor Cultural Regional (Região Autónoma da Madeira)
VL	Valor Local (Região Autónoma da Madeira)
VR	Valor Regional (Região Autónoma da Madeira)
ZEC	Zona Especial de Conservação (Rede Natura 2000, Directiva Habitats)
ZEP	Zona Especial de Protecção
ZP	Zona de Protecção
ZPE	Zona de Protecção Especial (Rede Natura 2000, Directiva Aves)

CAPITULO 1. INTRODUÇÃO

1.1 Relevância da temática

A caracterização das cidades passa, entre outros aspectos, pelo conhecimento da sua história, das pessoas que nelas residem, do património arquitectónico que as constitui ou do desenho urbano que define as suas morfologias.

Estas componentes, que contribuem para o conhecimento das cidades, podem ser equiparadas aos seus órgãos vitais, pois, tal como no corpo humano, são os elementos que asseguram o funcionamento das urbes. Ora, estes elementos assinalam ou marcam os pontos principais da malha urbana, ou seja, os elementos marcantes ou pontos focais. Estes elementos marcantes podem ser também entendidos como o cartão-de-visita da cidade, o ícone do lugar, o pólo de atracção em cada sítio, contribuindo para definir a fisionomia, ou seja, a imagem da cidade. Consequentemente, conferem a cada cidade uma identidade única que a diferencia das demais e que se poderá designar por código urbano.

Ora, um dos elementos da cidade que mais contribui para a definição deste código urbano é o seu património arquitectónico. Por um lado, porque está associado a um elevado valor histórico por constituir-se como elemento originário da construção da cidade enquanto espaço físico (associado à sua origem ou a um tempo remoto da sua história). Por outro lado, porque corresponde também a um grande valor sociocultural presente nos acontecimentos, pessoas ou actividades que marcam esses espaços.

Poder-se-á referir que a permanência deste legado histórico do passado na cidade actual depende de medidas que garantam a sua salvaguarda e valorização, integrando estes elementos do património arquitectónico nos acontecimentos, pessoas e actividades da cidade de hoje. Ora, tem-se vindo a verificar que em alguns casos as medidas de salvaguarda e valorização deste património arquitectónico nem sempre são eficazes. Consequentemente, alguns elementos que constituem este património têm vindo a ser destruídos, desaparecendo para sempre da imagem urbana. Outros, encontram-se em avançado estado de degradação, pondo em risco qualquer possibilidade de poderem vir a ser recuperados.

Esta ineficácia deve-se, entre outros aspectos, ao facto de muitos destes edifícios, irem apenas sobrevivendo ao tempo, ao evoluir da sociedade e às transformações da cidade, sem qualquer referência que os identifique, que os registe e que os inventarie. Consequentemente, podem um dia perder-se definitivamente pondo em risco a identidade da cidade ou seja o seu código urbano.

No caso da cidade do Funchal, a problemática anteriormente descrita também se verifica, particularmente nos edifícios de habitação vulgarmente designados por Torres de “avista-navios”. Estes imóveis localizam-se um pouco por toda a cidade, com especial incidência no centro urbano.

Estes edifícios de influências burguesas apresentam um carácter único, do poder socioeconómico da cidade nos alvares do século XIX.

Estas torres habitacionais são elementos urbanos com um estilo arquitectónico singular, característico da expressão e do exibicionismo burguês, associado a conteúdos de competição social, não encontrado na arquitectura das cidades continentais portuguesas. São portanto, elementos marcantes e únicos da arquitectura tradicional madeirense. No entanto, estes edifícios não têm sido objecto de acções sistemáticas que os identifiquem, que os registem e que os inventariem. Consequentemente, a inexistência de um inventário do património arquitectónico das Torres de Habitação da cidade do Funchal leva a que estes imóveis estejam esquecidos e em risco de serem um dia perdidos, até porque alguns deles vão evidenciando um desgaste pelo tempo, observável no estado de degradação a que estão dotados.

1.2 Objectivos

Face à problemática descrita anteriormente, o objectivo desta Dissertação, centra-se na elaboração de um inventário sobre o património arquitectónico da cidade do Funchal, que proceda à sistematização pormenorizada dos edifícios Torres de Habitação. Estas torres habitacionais constituem uma mais-valia na descodificação da cidade e no entender do desenvolvimento da mesma, bem como no perceber das suas gentes.

É então necessária uma identificação e marcação deste património arquitectónico único, de forma a manter a sua identidade insular, o seu código urbano e procurar encontrar medidas de salvaguarda e valorização.

Neste contexto, o intuito deste trabalho centra-se, numa identificação destes elementos habitacionais da arquitectura tradicional da Madeira, de forma a assegurar uma continuidade documentada destes elementos arquitectónicos. Se o objecto de estudo são as Torres de Habitação e os objectivos a realização do inventário que as registre e caracterize, a perspectiva de análise centra-se na aplicação de uma metodologia de inventariação do património arquitectónico adequada às Torres de Habitação.

Entre outros aspectos, esta proposta de inventário irá incluir as seguintes componentes para cada edifício:

1. Caracterização cronológica
2. Caracterização histórica
3. Caracterização arquitectónica
4. Materiais de construção
5. Métodos construtivos
6. Elementos decorativos e estruturais

7. Coberturas
8. Caracterização das fachadas

1.3 Metodologia

O processo metodológico de elaboração desta dissertação tem como 1.^a fase, a recolha de informação bibliográfica acerca do conceito de património. Primeiro, de uma forma generalizada, pretende-se através de uma pequena introdução, enquadrar o significado do património mundial, cultural e natural. De seguida, é então analisado e estudado o conceito de património arquitectónico, na visão de vários autores e posteriormente na contextualização histórica e arquitectónica na cidade do Funchal. Esta pesquisa pretende realizar o acervo dos principais conceitos e significados inerentes à temática do património arquitectónico e sua evolução.

A fase seguinte consiste na recolha e informação bibliográfica da histórica da cidade do Funchal e em particular dos edifícios torre “avista-navios”. Esta pesquisa bibliográfica e documental centra-se sobretudo em temas relacionados com a história do Funchal, a partir dos séculos XVII (com os primeiros registos conhecidos das Torres “avista-navios”) até ao século XIX (correspondente ao auge destas tipologias habitacionais). Aborda-se o contexto social e histórico destes edifícios, com o desenvolvimento e a expansão da burguesia na cidade, as consequências que esta influência provocou no desenho urbano e nos detalhes arquitectónico e construtivos das Torres de habitação. Para tal, serão consultados alguns arquivos de âmbito nacional, regional e local, tais como:

- Arquivo Regional da Madeira;
- Biblioteca Municipal do Funchal;
- Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC).

A última etapa metodológica desta dissertação é constituída pelo levantamento, in loco, do património arquitectónico das torres de habitação da cidade do Funchal. Nesta pesquisa inclui-se a recolha exaustiva de todos os edifícios Torres de Habitação e das suas características arquitectónicas, materiais de construção, enquadramento na época e enquadramento na malha urbana, entre outros. Estes elementos que caracterizam cada um dos imóveis serão sistematizados e organizados na designada ficha de caracterização a elaborar para cada edifício, na qual se discriminam as suas características tais como:

- O tipo de edifício, a localização onde este está inserido, a época de construção, o enquadramento na cidade, a planta dos vários pisos, a imagem exterior, os alçados, o arquitecto autor do projecto, os materiais de construção utilizados, entre outros componentes.

Este levantamento traduzir-se-á, ou seja, terá como resultado o inventário do património proposto para as Torres de Habitação da cidade do Funchal.

1.4 Estrutura

A dissertação em questão é constituída essencialmente por duas partes. A primeira parte mais generalizada “Enquadramento teórico - Património arquitectónico: conceitos e significados”, trata da temática do património, dos seus conceitos e significados, numa tentativa de clarificar e compreender a temática em análise, através da visão de vários autores. Pretende-se perceber os conceitos em análise, nomeadamente no Capítulo 2 “O património arquitectónico: um conceito em evolução”, de modo a enquadrar este tema no caso prático da cidade do Funchal.

Ainda nesta primeira parte são referidas algumas medidas de salvaguarda e restauro do património arquitectónico sobre “A importância do património e respectivas medidas de salvaguarda no legado histórico e arquitectónico”, bem como suas metodologias e todo o processo intrínseco a uma inventariação.

A segunda parte do trabalho intitulado de “Inventário do património arquitectónico - Torres “avista-navios” da cidade do Funchal”, centra-se no contexto local, da cidade do Funchal, num intuito de esclarecer a origem da arquitectura tradicional madeirense, mais concretamente das torres “avista-navios” e da forma como estas tipologias arquitectónicas se desenvolveram a par da evolução social, histórica e espacial da cidade do Funchal, correspondente ao Capítulo 4 “Contextualização e caracterização histórica das torres na cidade do Funchal”. Para além da contextualização histórica analisa-se a contextualização arquitectónica das Torres de Habitação, as influências arquitectónicas de que foram alvo, os métodos e técnicas construtivas bem como os materiais de construção nelas utilizados. Esta análise está presente no Capítulo 5 “Caracterização arquitectónica das torres”.

O Capítulo 6 “Inventário do património arquitectónico das torres “avista-navios” é o resultado principal que se pretende com esta dissertação, apresentando uma proposta de inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal, relativo aos edifícios Torres “avista-navios”.

1.5 Estado da Arte

Para a elaboração desta Dissertação, foram consideradas como fundamentais, em resultado da pesquisa e da consulta bibliográfica, três temáticas de investigação:

- Uma vertente centrada no conceito de património arquitectónico, na sua função ao longo da história e na sua importância enquanto legado histórico e arquitectónico das cidades e das sociedades. A pesquisa engloba também uma referência a algumas medidas adoptadas pelos tratados internacionais sobre o património e por algumas entidades públicas responsáveis nesta matéria, de forma a salvaguardar e preservar o testemunho da história e do passado ou de uma determinada época de uma cidade;
- Uma outra vertente centra-se na breve caracterização da formação da cidade do Funchal e sua evolução, não apenas do ponto de vista histórico, mas também social e espacial. Esta análise justifica-se porque as Torres de Habitação inserem-se na malha urbana como torres “avista-navios”, nomeadamente nas freguesias de São Pedro e da Sé. Analisam-se as principais ruas que constituem o centro histórico da cidade, nas quais se localizam as Torres “avista-navios”. Ainda neste contexto, serão caracterizadas as torres “avista-navios”, seu significado, função, provável origem e influências arquitectónicas a que foram sujeitas;
- Finalmente a última vertente de pesquisa bibliográfica pretendeu caracterizar e conhecer o objecto de estudo desta dissertação sobre as Torres “avista-navios”, de modo a realizar a sua inventariação, utilizando para o efeito três fases de inventariação: **Fase 1** - Informação histórica e arquitectónica do edifício - torre; **Fase 2** - Análise do projecto do edifício - torre; **Fase 3** - Fichas de caracterização do edifício - torre.

Assim, a bibliografia auxiliar sobre os conceitos e significados associados ao património arquitectónico é constituída pelas referências: “*Alegoria do Património*”¹ (1982) de Françoise Choay, “*Património arquitectónico e arqueológico*”² (2004) de Flávio Lopes e Miguel Brito Correia, “*Normas Urbanísticas Vol. IV*”³ (2000) de Sidónio Pardal, Manuel Costa Lobo e Paulo Correia e “*Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural*”⁴ (1972) da Conferência geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Sobre a importância de salvaguarda e valorização do património arquitectónico, as referências pesquisadas são: “*HERITAGE 2010, Heritage and Sustainable Development*”⁵, de

¹ CHOAY, Françoise; “*L’ allégorie du patrimoine*”; Paris; Éditions du Seuil, 1992

² LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito; “*Património arquitectónico e arqueológico - cartas, recomendações e convenções internacionais*”; Livros Horizonte; 2004

³ PARDAL, Sidónio; LOBO, Manuel Costa e CORREIA, Paulo; “*Normas Urbanísticas*” Vol. IV; Universidade Técnica de Lisboa; 2000

⁴ CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA; “*Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural*”; Paris; 1972

⁵ AMOËDA, Rogério; LIRA, Sérgio; PINHEIRO, Cristina; “*HERITAGE 2010, Heritage and Sustainable Development*”; Vol. I e II; Green Lines Institute; June, 2010.

Rogério Amoêda, Sérgio Lira e Cristina Pinheiro; “*Dar Futuro ao Passado*”⁶, de Jorge Custódio e “*KIT01 - Património Arquitectónico Geral*”⁷ do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU).

Segundo Françoise Choay, em *Alegoria do Património*, o conceito de património, a sua evolução e a sua preservação é explicado segundo as diferentes épocas da história da humanidade, nomeadamente desde a época medieval, passando pelo tempo dos *antiquários*⁸ até à era da indústria cultural (era contemporânea). Primeiramente, a autora de *Alegoria do Património* tenta esclarecer os conceitos de monumento e monumento histórico respectivamente. Logo no início é possível perceber a distinção entre os dois conceitos: segundo própria definição de Choay, monumento “*tem por finalidade fazer reviver no presente um passado engolido pelo tempo. O monumento histórico mantém uma relação diferente com a memória viva e com a duração.*”⁹ Na época medieval, o conceito de monumento era entendido antagónicamente ao que conhecemos actualmente. As construções gregas e romanas eram destruídas ou ocupadas com funções diferentes às originalmente concebidas e somente eram conservados pelos papas, os edifícios que remetessem a uma memória. Na abordagem que Choay faz do Renascimento, é possível perceber que nesta época, os edifícios da antiguidade clássica passaram a ser protegidos pela Igreja, através de bulas papais, subjugando quem quer que os degradasse ou os destruísse. Mas é durante o século XVI e XVII, que surgem os antiquários, cujos estudos profundos sobre a arte e as obras da antiguidade (Clássica, Egípcia entre outros), originaram em Inglaterra as primeiras associações consagradas à preservação.

Em *Alegoria do Património*, é ainda possível perceber que é durante a Revolução Francesa que a preocupação de salvaguarda e protecção dos monumentos urge face à destruição massiva de obras de arte e de monumentos antigos. É, então, nesta altura que o conceito de património abrange as propriedades pertencentes à nação, sendo expressamente proibida a destruição de obras de arte e de monumentos. É ainda durante a Revolução francesa que é possível perceber os valores intrínsecos aos monumentos, nomeadamente o “*valor nacional (...) o mais importante, fundamental*”¹⁰. No entanto, Choay refere que é entre 1820 e 1960 que se consolida o conceito de monumento histórico, isto graças à criação da primeira comissão dos monumentos históricos, no início do séc. XIX, assim como às relevantes ideias de Ruskin, Morris ou Violet le Duc sobre o restauro e conservação dos monumentos. É no séc. XX, e graças às acções de Haussman nas malhas antigas de França que se consagram os centros urbanos e os conjuntos arquitectónicos como monumentos, dos quais

⁶ CUSTÓDIO, Jorge; “*Dar Futuro ao Passado*”, Lisboa, 1993

⁷ INSTITUTO DA HABITAÇÃO E REABILITAÇÃO URBANA, “*Normas de Inventário do Património Arquitectónico – Monumento (NIPA-M)*”, Lisboa, IHRU, 2008 (Normas de Inventário do Património Arquitectónico, n.º 1, versão 9.0).

⁸ *Antiquários*, conceito que surge nos séculos XVI e XVII, caracterizam as pessoas que amam e estudam a arte.

⁹ CHOAY, Françoise; “*L’ allégorie du patrimoine*”; Paris; Éditions du Seuil, 1992, p.25

¹⁰ Idem, p.119

urge a sua protecção e salvaguarda. A visão de Haussmann abrangia a protecção de monumentos antigos com legado histórico e a substituição das ruas antigas e insalubres de Paris, por largas avenidas.

A *Convenção para a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, é resultado da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, realizada em Paris, entre 17 de Outubro e 21 de Novembro de 1972, e constituiu 38 artigos destinados à urgente protecção do património mundial e cultural, face à crescente ameaça de destruição do património cultural e natural, *“não apenas pelas causas tradicionais de degradação, mas também pela evolução da vida social e económica que as agrava através e fenómenos de alteração ou de destruição ainda mais importantes”*¹¹

Sobre a importância da salvaguarda e protecção do património, o livro “HERITAGE 2010”, constitui um compêndio de artigos diversos sobre a preservação da herança cultural, arquitectónica e natural de determinados pontos do mundo. Nesta colecção de dois volumes, é possível encontrar temáticas relacionadas com a herança culinária de determinado país ou região, até às medidas de protecção e salvaguarda de parques naturais, edifícios arquitectónicos, centros urbanos ou simplesmente acções de preservação do património arquitectónico. No volume II, e da autoria de C.A. Marado e de L. M. Correia, é possível encontrar um artigo intitulado “The Setting of architectural heritage in Portugal”, no qual é abordada a criação de zonas de protecção do património construído. Estas leis surgiram no século passado e têm sido alvo de pequenos ajustes até aos dias de hoje, tendo inicialmente sido implementados no tempo do Estado Novo.

Ainda nesta temática, Jorge Custódio, em *“Dar Futuro ao Passado”*, aborda as medidas de salvaguarda do património, desde Alexandre Herculano até à carta de Veneza, período da história compreendido entre 1837 até 1964. O autor faz referência expressa, desde o início, à acção de Alexandre Herculano no panorama nacional da preservação e defesa dos monumentos nacionais. Custódio, aborda as sucessivas actividades de Herculano na defesa dos monumentos históricos e nacionais, tais como as críticas ao Liberalismo, o lançamento de artigos intitulados de “Os Monumentos” e a sugestão das alterações legislativas (1839)¹² referentes aos monumentos e património. Custódio aborda ainda as medidas de salvaguarda dos monumentos nacionais por Joaquim Possidónio Narciso da Silva, bem como das sucessivas mutações da valorização e protecção do património nacional até ao regime do Estado Novo.

Jorge Custódio reforça ainda que foi durante o Estado Novo que se criou a grande obra de salvaguarda e protecção do património: a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, cuja força era *“devolver aos monumentos «a pureza da sua tradição primitiva»”*¹³.

¹¹ CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA; *“Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural”*; Paris; 1972

¹² CUSTÓDIO, Jorge; *“Dar Futuro ao Passado”*, Lisboa, 1993, p.43

¹³ Idem, p.59

Tal como Choay, em *Alegoria do Património*, Custódio evidencia a força da Carta de Veneza (1964), na alteração do conceito de património, expandido o conceito aos conjuntos arquitectónicos e centros urbanos.

Para a metodologia de inventário foi utilizado como principal referência o *KIT01 - Património Arquitectónico Geral*. Este KIT01 é o primeiro KIT, ou manual, de um conjunto de KITS sobre o Património, sendo estes, uma colecção de guias práticos sobre inventariação de património arquitectónico, urbanístico e paisagístico. O KIT01, referente somente ao património arquitectónico, auxilia na inventariação do património arquitectónico segundo uma metodologia simples. É baseada no preenchimento de cerca de 40 campos de caracterização dos edifícios.

A bibliografia auxiliar para a compreensão da contextualização histórica da cidade do Funchal, nomeadamente a partir do século XVII e até ao século XX, o desenvolvimento social da burguesia, a sua ascensão e as trocas comerciais, no dealbar da modernidade com o auge das Torres “avista-navios”, incluindo o contexto patrimonial da cidade, é constituída pelas referências: *“Ilhas de Zargo”*¹⁴ de Eduardo Pereira; *“Elucidário Madeirense”*¹⁵, de Padre Fernando Augusto da Silva e de Carlos de Menezes e *“Cidades e Casas da Macaronésia”*¹⁶, de José Manuel Fernandes.

A bibliografia auxiliar utilizada no contexto arquitectónico das Torres “avista-navios”, nomeadamente o seu enquadramento na cidade do Funchal, é constituída por: *“Cidades e Casas da Macaronésia”*, de José Manuel Fernandes; *“Casas madeirenses”*¹⁷ (1937), de J. Reis Gomes; *“As torres do exibicionismo”*¹⁸ (1989) de António Loja e *“Terra Atlântida”*¹⁹, de Edmundo Tavares;

De todas estas obras destacam-se, em síntese, alguns aspectos sobre a cidade do Funchal e a sua evolução.

Em relação à contextualização histórica das Torres “avista-navios”, Eduardo Pereira em *Ilhas de Zargo*, faz uma caracterização completa, extensa e minuciosa da ilha da Madeira, desde todo o processo de descoberta e ocupação da ilha, até à sua caracterização física e geográfica. Eduardo Pereira aborda ainda, nos dois volumes que constituem *Ilhas de Zargo*, a fauna e flora presente na ilha, os sistemas viários, os sistemas de regas e captação de água, a caracterização dos descobridores e dos primeiros colonos da ilha, a escravatura, os

¹⁴ PEREIRA, Eduardo C. N.; *“Ilhas de Zargo”*; Vol. I e II; Câmara Municipal do Funchal; 1989

¹⁵ SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; *“Elucidário Madeirense”*; Vol. I, II e III; Drac; Funchal; 1998

¹⁶ FERNANDES, José Manuel; *“Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”*; Vol. I; FAUTL; 1992

¹⁷ GOMES, J. Reis; *“Casas madeirenses”*; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII

¹⁸ LOJA, António; *“As torres do exibicionismo”*; Atlântica, nº18; 1989; P. 85 - 95 (Artigo)

¹⁹ TAVARES, Edmundo; *“Terra Atlântida (Impressões da Madeira)”*; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948

estrangeiros que marcaram presença na cidade do Funchal, e, principalmente, a caracterização arquitectónica das habitações dos primeiros séculos da cidade do Funchal. Toda a caracterização antropológica, geológica e histórica da ilha atlântica, descrita em *Ilhas de Zargo*, constitui informação importante na contextualização histórica das torres “avista-navios” e da cidade, bem como permite entender as origens inerentes à concepção das próprias torres e dos respectivos edifícios.

Igualmente num contexto histórico das torres e da cidade do Funchal, os três volumes do “*Elucidário Madeirense*”, do Padre Fernando Augusto da Silva, abordam os mais variados aspectos e temas da cidade do Funchal e do resto da ilha segundo tópicos. No âmbito desta Dissertação, O *Elucidário Madeirense*, permitiu a consulta periódica respectivamente à toponímia das ruas inerentes à área de estudo, bem como à caracterização das freguesias e núcleos históricos. O respectivo livro, é constituído, assim, por definições históricas e cronológicas das mais diferenciadas temáticas: desde a toponímia das ruas, à caracterização das freguesias constituintes, praças, edifícios principais e personalidades importantes no âmbito da cidade do Funchal e da ilha da Madeira.

Numa vertente mais centrada na caracterização urbanística e arquitectónica dos vários arquipélagos que constituem as ilhas atlânticas, José Manuel Fernandes, em “*Cidades e Casas da Macaronésia*” faz desde o início da sua investigação uma analogia entre as cidades continentais e insulares e respectivamente entre as casas continentais e insulares. Constituído por três partes, sendo as duas primeiras partes de maior relevância para esta dissertação, a tese de mestrado “*Cidades e Casas da Macaronésia*”, aborda numa primeira vertente as características físicas, geográficas e antropológicas dos arquipélagos da Madeira, dos Açores, das Canárias e de Cabo Verde, bem como o seu povoamento e os seus colonizadores, muito à semelhança do livro “*Ilhas de Zargo*”. Numa segunda vertente, José Manuel Fernandes, caracteriza metodologicamente e de forma completa as cidades no continente e os respectivos “modelos experimentais” de urbanismo presentes nas cidades das ilhas. Esta última, com especial cuidado na caracterização das diferentes tipologias das estruturas urbanas, bem como na análise dos principais núcleos urbanos insulares.

Numa segunda parte, José Manuel Fernandes caracteriza a arquitectura doméstica das ilhas, fazendo uma breve referência à casa urbana e rural do continente, caracterizando-a segundo os vários tipos, origens, influências e localização. Em relação à casa insular, são caracterizados individualmente as casas rurais e urbanas, tentando estabelecer os elementos arquitectónicos comuns a todas as ilhas. A caracterização da casa insular é feita segundo as tipologias distintas, os materiais, os elementos arquitectónicos e os elementos morfológicos. O mesmo autor conclui que a casa insular ou “*Macaronésia*”, como o mesmo a denomina, “*patenteia no seu conjunto uma originalidade morfológica e tipológica assinalável, que*

advém da capacidade que demonstrou para sintetizar modelos e formas provindas das mais diversas origens”²⁰

O autor Reis Gomes, no seu livro “*Casas Madeirenses*”, caracteriza os principais elementos arquitectónicos constituintes da casa urbana da cidade do Funchal. Fruto de um conjunto de artigos a propósito da casa madeirense e da estética do Funchal, “*Casas Madeirenses*”, aborda uma temática arquitectónica da habitação urbana da cidade do Funchal, numa referência pormenorizada à ornamentação que compõem as fachadas dos edifícios, aos materiais predominantes e à organização interna dum modelo de casa urbana “*regional (...) modificado aqui e além por condições construtivas que, sem apagar-lhe a origem, representem com critério, uma evolução natural do seu cunho primitivo.*”²¹. Este livro realizado em parceria com o arquitecto Edmundo Tavares, cuja autoria dos desenhos e projectos lhe pertence, é também autor de “*Terra Atlântida*” que muito à semelhança de “*Casas Madeirenses*”, descreve a cidade do Funchal através de uma visão romântica e poética. O autor tenta caracterizar os mais diversificados aspectos da ilha da Madeira, desde as “*as suas imagens mais assombrosas, certos trechos das suas povoações, das suas serras, do seu mar e da sua linda capital (...)*”²², até ao edificado existente, implantado sobre o solo escalonado, e destacando o branco caiado dos casarios do verde da paisagem.

Por fim, e numa visão mais pragmática e crítica das torres “avista-navios”, enquanto elementos arquitectónicos pertencentes à cultura arquitectónica madeirense, António Loja em “*Torres do Exibicionismo*” refuta incontestavelmente a verdadeira função pelo qual foram as torres concebidas. Desacreditando da sua original função enquanto posto de observatório dos navios, em auxílio dos comerciantes, Loja, faz uma análise justificativa da concepção das torres enquanto ferramentas construtivas do exibicionismo soberbo e irracional da condição social e económica de uma classe burguesa em ascensão. Esta é uma teoria que nos remete para as primitivas razões pelo qual foram erguidas as torres senhoriais do séc. XIII e XIV, um pouco por toda a Europa. António Loja é então apologista de que as torres inerentes aos edifícios nobres, espalhados um pouco por toda a cidade, são fruto de uma imitação da casa do “*burguês rico, tentando assim alcançar o escalão dos que, a bem ou mal, constituem modelos socais (...)* «*mais alto = mais prestigiado*»”²³. Esta teoria, independentemente do seu grau de fidelidade, constitui um mote de análise da torre enquanto objecto social arquitectónico, isolado do demais no conjunto urbano.

²⁰ FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p.273

²¹ GOMES, J. Reis; “*Casas madeirenses*”; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “*Diário da Madeira*”; Funchal; MCMXXXVII, p.3

²² TAVARES, Edmundo; “*Terra Atlântida (Impressões da Madeira)*”; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948, p.9

²³ LOJA, António; “*As torres do exibicionismo*”; *Atlântica*, nº18; 1989; p.95

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

A par desta bibliografia, constam também dos elementos recolhidos, de modo a completar o conhecimento da temática em análise, como plantas e mapas da cidade do Funchal provenientes do Arquivo Regional da Madeira, artigos de jornal e de periódicos (tais como ARCHAIS; Atlântica; Origens; Islenha e ILHARQ), estes provenientes da Biblioteca Municipal do Funchal e tabelas e quadros referentes ao levantamento arquitectónico ‘in loco’ das Torres de Habitação, na cidade do Funchal. Este levantamento é a base para o conteúdo do inventário realizado.

Parte I - Enquadramento teórico - Património arquitectónico, conceitos e significados

CAPITULO 2. O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO: UM CONCEITO EM EVOLUÇÃO

“Esta torre, (...), constitui o motivo mais belo, mais tradicional e curioso da arquitectura da habitação madeirense.”

Edmundo Tavares in *“Terra Atlântida”*²⁴

Neste capítulo, serão abordados de forma sucinta os principais significados inerentes ao conceito de Património, tal como hoje é entendido. Apresenta-se uma breve referência histórica do mesmo, tal como tem sido interpretado desde a Antiguidade até aos nossos dias, nomeadamente a nível formal na legislação portuguesa e nas cartas internacionais.

2.1 Conceito de Património

Antes de mais, é necessário clarificar o conceito de património, para possíveis associações e entendimentos com o demais texto desta dissertação e para uma possível compreensão e articulação com as medidas de salvaguarda e protecção do mesmo.

É possível definir património, como uma acção intemporal e eclética, uma vez que abrange elementos edificados considerados como monumentos, desde a antiguidade clássica, romana, até às edificações modernas e pós-modernas inerentes à contemporaneidade do nosso tempo. Segundo Choay, o *“conceito de património induz então uma homogeneização do sentido de valores, que se reproduziu, de acordo com um processo diferente, quando após a Segunda Guerra Mundial, as arquitecturas dos séculos XIX e XX foram progressivamente integradas na categoria de monumentos históricos.”*²⁵

Intrínseco a este conceito de património é possível falar de património histórico, numa análise histórica dos edifícios ou dos monumentos nele classificados.

Contudo, é denominado somente como bem cultural, resultado de uma herança comunitária, artística ou tradicional, mas também neste caso, com uma componente histórica, global e colectiva, essencial na caracterização do termo.

Segundo a análise de Françoise Choay, define-se património histórico, como uma *“expressão que designa um fundo destinado ao usufruo de uma comunidade alargada a dimensões*

²⁴ TAVARES, Edmundo; *“Terra Atlântida (Impressões da Madeira)”*; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948, p. 60 - 61

²⁵ CHOAY, Françoise; *“L’ allégorie du patrimoine”*; Paris; Éditions du Seuil; Arte e Comunicação, 1992; p. 106

*planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que congregam a sua pertença comum ao passado.”*²⁶ Ou seja, é possível englobar neste conceito desde os objectos artísticos e as obras de arte, aos objectos edificados e monumentais característicos de uma cidade, região ou país.

No entanto, ao falarmos de património, temos indubitavelmente de referir o termo de monumento histórico, que passou a constituir a partir dos anos 60 do século XX²⁷, parte da herança patrimonial herdada por um povo.

Define-se monumento, como o elemento que permite a construção multidisciplinar de histórias, políticas, costumes, valores artísticos e tradições inerentes a uma sociedade. Até meados do séc. XIX, falar de monumentos históricos englobava somente três principais categorias: os vestígios da Antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos. Foi partir da Segunda Guerra Mundial que as categorias abrangidas pelos monumentos históricos passaram a englobar as *“construções privadas não monumentais, muitas vezes erguidas sem concurso de arquitectos, arquitectura vernacular, expressão oriunda de Inglaterra usada para distinguir edifícios característicos dos diversos sítios, (...) conjuntos edificados e tecido urbano: quarteirões e bairros urbanos, aldeias, cidades inteiras (...)”*²⁸.

É possível evidenciar pelo menos quatro valores atribuídos aos monumentos:

- Valor nacional: referente à multiplicidade de histórias, costumes, tradições e obras de artes, pertencentes a um povo e a uma nação;
- Valor educativo: referente ao orgulho nacional e à intrínseca superioridade cultural e artística. Atribui à sociedade detentora de determinado monumento com valor cognitivo ou educativo, uma aprendizagem contínua do passado social e urbano;
- Valor económico: monumento utilizado como ícone turístico ou pólo de atracção turística da cidade ou região, valorizando consequentemente a economia local;
- Valor artístico: monumento conotado como obra de arte. Denota o papel artístico do monumento e o uso do conceito de “beleza” aplicado ao monumento e consequentemente à cidade.

É durante o período histórico da Revolução Industrial, que se alteram os valores ligados aos monumentos históricos, dando-se primazia aos valores estéticos e sensitivos. Simultaneamente a este facto verifica-se um acelerar do processo de protecção dos mesmos:

²⁶ CHOAY, Françoise; *“L’ allégorie du patrimoine”*; Paris; Éditions du Seuil; Arte e Comunicação, 1992; p. 11

²⁷ Idem, p. 135

²⁸ Idem p. 12-13

- Valor cognitivo e artístico: novo campo ligado ao estudo dos monumentos, através da linguagem historiográfica dos mesmos e da criação de novos saberes, tais como os história de arte;

- Valor de Devoção: assinalado e evidenciado por Ruskin²⁹, que defende a arquitectura como o único vínculo com o passado e com a identidade de um povo ou sociedade, ligado intrinsecamente a um laço afectivo ou à dimensão sagrada da arquitectura. Esta dimensão de Ruskin, levada à devoção e à componente afectiva das obras edificadas, abrange a arquitectura doméstica, cujo tema é crucial na interpretação do património no âmbito desta dissertação. Assim, para Ruskin e Morris³⁰, este último com importante colaboração na inclusão dos conjuntos urbanos, como campo de herança histórica, o monumento histórico é o elemento dirigido a todos e para todos, independentemente das civilizações ou grupos sociais que o erigiram. Esta definição vem contrapor o conceito de monumento histórico, associado exclusivamente a uma “*concepção ocidental da história e às suas dimensões nacionais.*”³¹

2.2 A importância do património histórico e arquitectónico

As normas internacionais de salvaguarda do património³², criadas efectivamente depois da 1ª Grande Guerra, visavam a protecção, o cuidado e o restauro de monumentos com interesse cultural, histórico, arquitectónico e ambiental, numa perspectiva de consagração das obras patrimoniais, como condutas temporais, de ligação com o passado e com o presente.

Remonta à Antiguidade, a intencionalidade de criar regras ou normas que visavam a protecção de obras de valor significativo, que embora de reduzida eficácia, surgiram como primeiros pensamentos e actos de salvaguarda e protecção do património, como hoje se entende. O “*decreto de cerca de 44 d.C., descoberto na cidade de Herculano, Itália, e um Édito de 17 de Julho de 389*”³³ são exemplos destas intenções. Tais exemplos datados da época romana, constituíram-se como os primeiros documentos registados que revelavam uma intencionalidade de protecção do património, à luz dos nossos dias.

Na época medieval, as condutas de salvaguarda do património construído são inexistentes, embora durante esta mesma época tenha sido decretado em Roma, a preservação da coluna de Trajano.

²⁹ CHOAY, Françoise; “*L’ allégorie du patrimoine*”; Paris; Éditions du Seuil; Arte e Comunicação, 1992; p. 147

³⁰ CUSTÓDIO, Jorge; “*Dar Futuro ao Passado*”, Lisboa, 1993, p. 52

³¹ CHOAY, Françoise; “*L’ allégorie du patrimoine*”; Paris; Éditions du Seuil; Arte e Comunicação, 1992; p. 149

³² Tais como a Carta de Veneza (1964) ou a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972)

³³ LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito; “*Património arquitectónico e arqueológico - cartas, recomendações e convenções internacionais*”; Livros Horizonte; 2004, p. 13

É durante o Renascimento, que se verifica um enaltecimento das preocupações culturais relativas ao património e à sua protecção, verificadas principalmente pelas bulas papais que visavam a preservação do património construído e a sua manutenção. São de referenciar a bula do Papa Martinho V *Etsi in cunctarum orbis*, de 30 de Março de 1425 cujo defender restringia-se a “reparar ruas, pontes, portas, muros”³⁴ e a bula do Papa Pio II *Cum aliam nostram urbem*, de 28 de Abril 1462.

Com o crescente interesse por obras da antiguidade clássica e a consequente afluência de pessoas para as visitar, o Papa Urbano VIII em meados do séc. XVII, publica um decreto, no qual proíbe a exportação de obras de antiguidade com elevado valor cultural, arquitectónico e histórico.

Fora dos limites físicos de Itália, a Inglaterra, Suécia e Portugal evidenciaram-se no proclamar de leis referentes à defesa do património, nomeadamente o *Proclamation against breakyng or defacing of monuments*³⁵, proclamado em Inglaterra a 19 de Setembro de 1560, que surge como acto imediato de defesa do património face à destruição de monumentos inerentes a contextos religiosos. Na Suécia, a 28 de Novembro de 1666, o Rei Carlos XI, proclama o *Decreto sobre Monumentos Antigos*, e em Portugal, o Rei D. João V, proclama a 20 de Agosto de 1721³⁶.

Com terramoto de 1755, foram perdidos bens patrimoniais, de valor histórico e cultural, que de certa forma consciencializaram as pessoas para a perda dos valores e bens construídos, bem como para a urgente acção de inventariação dos mesmos.

No entanto, é durante a Revolução Liberal (1832-1834), que parte dos monumentos e importantes edifícios de conteúdo histórico, cultural e artístico, são vandalizados e desrespeitados, sendo alvo de excessos por parte dos liberais. É face à revolução liberal, que é criado em 1839 por Alexandre Herculano, um manifesto de quatro artigos, intitulado de “Os Monumentos”³⁷, no qual é exposta a problemática que até então o património em Portugal vinha a sofrer, e expunha a urgência para a protecção e salvaguarda do património português.

O grande esforço feito por Alexandre Herculano, na esfera do património cultural e histórico em Portugal, não constituiu caso único na Europa. Durante a Revolução Francesa, grandes nomes com Victor Hugo, em 1825, apregoava guerra aos demolidores dos monumentos

³⁴ LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito; “*Património arquitectónico e arqueológico - cartas, recomendações e convenções internacionais*”; Livros Horizonte; 2004, p. 13

³⁵ Idem, p. 13

³⁶ CUSTÓDIO, Jorge; “*Dar Futuro ao Passado*”, Lisboa, 1993, p. 43

³⁷ Idem, p. 37

históricos, “numa tentativa de travar os efeitos das transformações sociais e políticas da Revolução Francesa sobre os monumentos nacionais.”³⁸

Tais transformações sociológicas no território francês, pouco eco fizeram em Portugal. No entanto e em 1851³⁹, a Repartição Técnica do Ministério das Obras Públicas, tinha a seu cargo os monumentos considerados ícones da história de Portugal. Nesta altura, o conceito de salvaguarda e restauro era pouco compreendido por parte dos arquitectos e técnicos da casa real. Destaca-se no entanto entre eles, Joaquim Possidónio Narciso da Silva, que em 1858 através da licença de D. Pedro V, fez o levantamento arquitectónico dos edifícios nacionais, possíveis de serem classificados como monumentos nacionais.

A partir desta data, começaram-se a realizar acções de conservação e restauro dos principais edifícios nacionais portugueses, tais como o Mosteiro da Batalha, Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos, a Sé de Lisboa, o mosteiro de Alcobaça, o Convento de Cristo, em Tomar ou o Convento do Carmo em Lisboa.

Foi durante o século XX, que o conceito de herança arquitectónica, ou património arquitectónico sofreu uma grande reestruturação. Primeiramente este conceito estava associado a monumentos únicos, independentes e isolados fisicamente em relação ao conjunto urbano. Mais recentemente, tomou uma dimensão territorial e colectiva. Passaram a ser classificados como monumento não apenas edifícios isolados mas também conjunto urbanos.⁴⁰

A par dos sucessivos conceitos que têm sido atribuídos ao património histórico e cultural, as medidas de salvaguarda e protecção do mesmo, igualmente sofreram um lento evoluir de concepção e aplicação a casos reais. Simultaneamente e de uma maneira inevitável, a origem dos diferentes conceitos atribuídos à herança edificada, têm adoptado um papel progressivo e predominante na protecção do património arquitectónico. A Carta de Atenas, de 1931, revelou uma primeira preocupação histórica em relação à temática da protecção e salvaguarda do património histórico e arquitectónico: “deverá ser dada atenção para protecção das áreas envolventes a lugares históricos” e de zonas *non aedificandi*.⁴¹

Em Portugal, é durante o regime do Estado Novo, que o conceito de salvaguarda e restauro do património ganha novos contornos, nomeadamente na categorização do património cultural em três categorias: monumentos nacionais, imóveis de interesse público e imóveis de valor concelhio. É de realçar que é durante este regime ditatorial que é criada em 1929 a Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), cuja razão principal da sua criação é

³⁸ Idem p. 42

³⁹ Idem, p. 45

⁴⁰ Carta de Veneza (1964)

⁴¹ CUSTÓDIO, Jorge; “Dar Futuro ao Passado”, Lisboa, 1993, p. 60

centralizar num só organismo, todos os serviços de arquitectura e construção civil do Estado, bem como o “devolver aos monumentos «a pureza da sua tradição primitiva»”⁴².

A legislação de 1932, “Esta legislação, determinava que para os monumentos classificados tivessem uma zona de protecção que cobrisse um raio de 50 metros à volta do edifício, onde todas as intervenções eram de inteira responsabilidade do estado. Quando compreendido que a protecção não era adequada, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e a JNE (Junta Nacional de Educação) estavam responsáveis pela delimitação de uma área maior, que poderia até incluir áreas onde era proibido construir. Isto resultou na implementação das primeiras áreas de monumentos classificadas, cobrindo vastas áreas, e seriam mais tarde conhecidas por Zonas Especiais de Protecção (ZEP), desde 1945”⁴³

Gustavo Giovannoni, pioneiro e principal precursor da *Carta de Atenas* e da *Carta Del Restauro*, defendia que a relação entre o objecto e o seu conjunto definiam um conceito ambiental de uma maneira mais abrangente do que a condição urbana, alargando-se o conceito. Estas ideias estavam claramente presentes na *Carta del Restauro*⁴⁴, que mostram conceitos importantes com particular ênfase na salvaguarda dos monumentos.

Em 1964, o conceito de património arquitectónico é modificado e tornado mais abrangente, englobando não só os monumentos imponentes e grandiosos, mas também áreas territoriais urbanas e rurais, e até mesmo edifícios urbanos mais simples, contendo carácter histórico. A Carta de Veneza⁴⁵, resultante do congresso internacional realizado, em 1964, vinha a estabelecer estas mesmas ideias e evidenciar novos conceitos em relação à conservação e restauro de monumentos: “ (...) restaurar era antes uma operação que deveria guardar um carácter excepcional com fim de conservar os valores estéticos e históricos de um monumento, com base no respeito pelos seus elementos ou essência antiga e pelos documentos autênticos que o constituíam.”⁴⁶

Actualmente as medidas de salvaguarda e protecção do património são sensivelmente as mesmas que as adoptadas no Estado Novo. De acordo com a lei portuguesa nº. 107/2001 a protecção dos edifícios classificados é feita através da delimitação de zonas, cujo Estado tem responsabilidade de intervenção.

Presentemente e de acordo com a recente lei nº 307/2009 de 23 de Outubro de 2009, que clarifica a herança cultural e as medidas de reabilitação urbana, reformula-se o estabelecimento de zonas de protecção. Uma vez que a mesma lei reconhece por vezes a

⁴² Idem, p. 59

⁴³ AMOÊDA, Rogério; LIRA, Sérgio; PINHEIRO, Cristina; “HERITAGE 2010, Heritage and Sustainable Development”; Vol. I e II; Green Lines Institute; June, 2010., p.1017

⁴⁴ *Carta Del Restauro* (1972)

⁴⁵ Carta de Veneza, Veneza, Maio de 1964

⁴⁶ CUSTÓDIO, Jorge; “Dar Futuro ao Passado”, Lisboa, 1993, p. 60

ineficácia dos 50 metros de protecção, este novo instrumento legal possibilita a criação de uma ZEP (Zona especial provisória), enquanto decorre o processo legal de classificação da zona em estudo. Este novo mecanismo reforça ainda o papel das ZEPs.⁴⁷

2.2.1 Conservação

Em relação à temática da conservação de edifícios historicamente importantes e relevantes na herança social e cultural de uma sociedade, é importante referir as medidas preventivas de conservação dos mesmos, que de certa forma vão auxiliar na protecção e longevidade dos monumentos históricos e arquitectónicos. Por isso, a conservação preventiva será tema em análise nos seguintes parágrafos, como ferramenta de protecção dos monumentos historicamente catalogados como memórias vivas de uma sociedade, região ou cidade.

Quando se fala em políticas de monumentos históricos e arquitectónicos, referiram-se as acções levadas a cabo por associações ou grupos não lucrativos, encarregados em lidar com áreas históricas. O turismo e a comunicação social desempenham a par das instituições de arte, história e arquitectura, um papel relevante. Por um lado, existe o papel da memória, do valor cognitivo e artístico e do valor normativo na legitimação da herança ou do património histórico e, por outro lado, pela ideia da herança, feita de um modo cultural, intimamente relacionada com a acção da publicidade e da comunicação social, que permite a legitimação de algumas formas relacionadas com o passado.

A conservação preventiva dos monumentos históricos e do património arquitectónico, pode ser entendida como um grupo de estratégias específicas, definidas de uma maneira interdisciplinar, com o intuito de assegurar a conservação de edifícios de uma maneira sustentável. Os objectivos da conservação preventiva são extinguir ou minimizar as causas da deterioração da herança cultural e a rápida avaliação dos riscos, tendo como propósito evitar trabalhos de reparação que eventualmente surjam. As acções de restauro rápidas contribuirão sempre para a redução da autenticidade do objecto. Para além disso, as intervenções de restauro frequentemente necessitam de mais meios financeiros e meios materiais do que as acções de conservação⁴⁸. Os benefícios trazidos com a implementação de estratégias de conservação preventiva são por isso, de natureza económica e cultural.

⁴⁷ AMOÊDA, Rogério; LIRA, Sérgio; PINHEIRO, Cristina; “HERITAGE 2010, Heritage and Sustainable Development”; Vol. I e II; Green Lines Institute; June, 2010., p.1018

⁴⁸ AMOÊDA, Rogério; LIRA, Sérgio; PINHEIRO, Cristina; “HERITAGE 2010, Heritage and Sustainable Development”; Vol. II; Green Lines Institute; June, 2010., - citação retirada do artigo “Preventive conservation – a sustainable approach to cultural heritage preservation”, de C.M.T. Coelho e C. V. C. Brum, p.813

Para alcançar estes objectivos, a conservação preventiva baseia-se no desenvolvimento de diagnóstico detalhado do objecto em estudo, de tecnologias envolvidas, de processos e de possíveis causas de deterioração do mesmo.

Um dos principais focos do trabalho de investigação e diagnóstico de monumentos em risco, é a monitorização ambiental, ou seja, os factores como a temperatura, humidade relativa e luz, têm uma grande influência sobre a conservação do património edificado. As mudanças climáticas, que nos últimos anos têm-se acentuado, influenciam negativamente o estado de conservação dos monumentos, constituindo assim questão primordial de resolução, a par da criação de medidas preventivas para a conservação dos monumentos. A UNESCO, através do relatório 22, de 2007⁴⁹ e após identificar e analisar as consequências causadas pelas alterações climáticas sobre os monumentos e edificados históricos, criou estratégias para a minimização das consequências climáticas sobre os mesmos. É possível enumerar algumas das reacções das alterações climáticas, consequentes da rápida industrialização e modernização do mundo: as alterações na composição atmosférica, o comportamento dos ventos, a acção combinada entre o clima e a população, os agentes biológicos e também as mudanças na temperatura.

Por isso, a conservação preventiva passa por ser uma acção colectiva e da responsabilidade de um povo, de forma a proteger e conservar uma herança de todos, não imputando esta responsabilidade somente a certos grupos.

2.3 Síntese: O património arquitectónico

O património, a sua conservação e salvaguarda, desde cedo constituiu mote de preocupação por parte de países como a França ou a Itália. Em Portugal, esta temática registou a primeira vertente com o alvará de 1721 (referido no ponto 2.2). A devida atenção dada à protecção e salvaguarda dos elementos arquitectónicos e do património, ocorreu essencialmente durante o século XX. No início deste século, a legislação já previa a protecção do património através do estabelecimento de zonas de protecção. É especificamente a partir dos anos 30 e no contexto político do Estado Novo (1929), que estas medidas de protecção da herança patrimonial e arquitectónica, são definidas.

Mas é com as sucessivas convenções e congressos internacionais, nomeadamente a Carta de Atenas (1931), a Carta de Veneza (1964), ou mesmo a ICOMOS, que se estabelecem as primeiras medidas de conservação e salvaguarda do património como tema urgente e acção

⁴⁹ Idem, p.813

colectiva de uma sociedade. Posteriormente estas medidas influenciam os diferentes Estados a adoptarem acções de prevenção e restauro nos respectivos edifícios monumentais.

A prevenção e a conservação preventiva, constituem assim conceitos primitivos no domínio da conservação e da salvaguarda do património. Estando relacionadas com a preservação da herança cultural. Apesar destas medidas, terem estado presentes desde os primeiros debates teóricos de restauro, quando se trata de colocar em prática, o que se pode constatar é que as acções de intervenção são usualmente muito restritas e sem regularidade. A cultura de prevenção é ainda recente, no entanto, estas mesmas acções devem acontecer de uma maneira interdisciplinar. Deve ter-se sempre em conta que a preservação e a salvaguarda do património arquitectónico e histórico para as futuras gerações são muito importantes. As ferramentas fornecidas pela preservação preventiva têm mostrado a sua estratégia sustentável para a herança cultural, acautelando assim eventuais grandes impactos no futuro. Em todos os aspectos, são preferíveis pequenas correcções assertivas no presente, do que uma grande acção futura.

CAPITULO 3 - METOLOGIA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

3.1 METODOLOGIA DE INVENTÁRIO SOBRE O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

“ A cultura refere-se aos objectos e é um fenómeno do mundo; o tempo livre [e hoje deveríamos dizer: consumo] (...) é um fenómeno da vida. Um objecto é cultural segundo a duração da sua permanência; o seu carácter duradouro é exactamente o oposto do carácter funcional (...). A cultura está ameaçada quando todos os objectos e coisas do mundo, produzidos pelo presente ou pelo passado, são tratados como puras funções do processo vital da sociedade, como se não existissem senão para satisfazer esta ou aquela necessidade.”⁵⁰

A arquitectura e a sua integração no meio urbano, concebem a cidade física e socialmente cosmopolita dos tempos modernos. Esta mesma cidade que compreende dois ambientes antagónicos, o passado e o presente, reúne intrinsecamente a arquitectura de outrora e a arquitectura do futuro, numa combinação por vezes conflituosa e em alguns casos até caótica. São os edifícios do ponto de vista arquitectónico mais antigos, carregados de história e passado, que nos reportam para um começo, para uma origem urbana, social e cidadina da cidade de hoje. São edifícios que contam uma história, quer através das suas gentes, quer pela sua própria construção, arquitectura e estilo. E são estes edifícios, muitas vezes marginalizados e indiferentes aos olhos de quem por eles passa, que constituem o principal alvo de catalogação e documentação, de forma a prevenir futuras intervenções defeituosas ou mesmo demolições.

Neste sentido, o inventário⁵¹ de edifícios de relevância histórica e arquitectónica constituiu uma ferramenta primordial no conhecimento prévio do edifício, bem como na documentação de bens imóveis arquitectónicos e históricos, consoante a localidade, a época, o tema e a história. Deste modo, o inventário constitui uma acção prévia fundamental de salvaguarda e conservação, antes de qualquer acção de reabilitação física ou turística do imóvel.

Assim, o inventário e a sua consequente recolha de informações, ganha maior ênfase aquando de edifícios inseridos em áreas urbanas históricas, tal como é o caso em estudo no âmbito

⁵⁰ Citação de Hannah Arendt, sobre *A Crise da Cultura*, in, FREITAG, Michel; “Arquitectura e Sociedade”; Dom Quixote; 2004, p. 67

⁵¹ Inventário: *Relação das coisas existentes em uma casa, ou dos bens móveis e imóveis de alguém; enumeração ou descrição minuciosa* - LELLO EDITORES; “Dicionário Lello Escolar”; Março 1997; p. 805

desta investigação. Tais acções de reabilitação, construção e conservação, ficam condicionadas, devido a possíveis áreas de protecção e classificação de prédios e monumentos vizinhos.

Actualmente, a maior parte dos edifícios analisados na parte II - Inventário do património arquitectónico - Torres “avista-navios” da cidade do Funchal, têm uso quotidiano, ou seja não estão devolutos. No entanto, este facto não significa que tenham uma manutenção regular, situação esta que deveria ser assegurada com o contributo de cada proprietário. Portanto, tais edifícios - torre, necessitam de constantes intervenções (manutenção e conservação). Para tal, o inventário constitui uma ferramenta fundamental na colecta de informação histórica, pormenorizada e precisa sobre estes objectos arquitectónicos de interesse.

3.2 Objectivo do inventário

O objecto de estudo desta dissertação - as torres “avista-navios” insere-se numa temática histórica, com auge entre os sécs. XVIII e XIX, com origem numa pequena localidade no meio do oceano atlântico e numa época de enaltecimento social e cultural, baseado na crescente exportação do vinho e conseqüente enriquecimento económico da Madeira. Compreendidos numa pequena área urbana da cidade do Funchal os edifícios em estudo estão alguns deles esquecidos no tempo e outros cuidadosamente já inventariados. Todos eles são alvos de uma colecta de informação, morfológica e arquitectónica e conseqüente agrupamento de todas as suas características do INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO - AS TORRES ‘AVISTA - NAVIOS’, a propor no Capítulo VI.

É foco de todo este processo de inventariação dos edifícios - torre, a conservação dos mesmos, dando a conhecer ao público a existência de um conjunto de edifícios, reunidos através das mesmas características funcionais e tipológicas. Estes imóveis são parte integrante da cultura madeirense e devem ser alvo de medidas de salvaguarda do interesse patrimonial da cidade do Funchal.

Como foi referido, esta investigação pretende apresentar um processo metodológico de inventariação, cuidado e preciso, de forma a compilar estrategicamente toda a informação resultante do levantamento de campo. O resultado será o inventário do património arquitectónico das torres “avista-navios” de uma área urbana da cidade do Funchal. Toda a informação apresentada no inventário, incidirá sobre o contexto histórico dos edifícios e a relação entre torre/edifício e torre/meio; contexto morfológico das torres (elementos arquitectónicos, materiais e conseqüente estado de conservação) e contexto tipológico (levantamento e análise das plantas dos edifícios e torres).

Pretende-se também estudar as metodologias de inventariação existentes na área do restauro e na conservação de património arquitectónico, de forma a sintetizar a informação útil à elaboração de um modelo de inventário, original e único, adaptado ao objecto de estudo.

3.3 Metodologia de inventário aplicada ao caso de estudo

A metodologia deste inventário será fruto de uma síntese de técnicas e métodos utilizados na inventariação de monumentos e edifícios com valor patrimonial em Portugal, realizado pelo IHRU (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana)⁵²

É então este modelo de caracterização e inventariação do património arquitectónico a base da metodologia adoptada no âmbito desta dissertação. Contudo, o inventário deste trabalho será diferente do utilizado pelo IHRU, apresentando 3 fases de trabalho e análise dos edifícios - torre: **Fase 1**- informação histórica e arquitectónica do edifício - torre; **Fase 2** - Análise do projecto do edifício - torre; **Fase 3** - Fichas de caracterização do edifício - torre.

FASE 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre: esta primeira fase do inventário, será toda ela elaborada segundo o plano metodológico realizado pelo IHRU.

Nesta fase constarão a descrição histórica e documental da torre, com base na bibliografia acerca do edifício e no testemunho por parte de proprietários e funcionários de actuais empresas a operar nos edifícios em estudo; a análise dos aspectos morfológicos da torre ou do edifício, nomeadamente dos elementos arquitectónicos; e a identificação e descrição individualizada e pormenorizada dos edifícios - torre, entre outros campos.

Então com base nos campos de preenchimento das fichas de inventário do KIT01- Património arquitectónico do IHRU, constam neste trabalho os seguintes campos de descrição dos edifícios - torre:

01 - Categoria: Neste campo de preenchimento é descrita a tipologia arquitectónica inicial ou consagrada do objecto a inventariar, permitindo identificar a funcionalidade genérica e primordial, normalmente perdida e nem sempre evidente - Edifícios e Estrutura (ex: Edifícios e estruturas construídas culturais e recreativas ou Edifícios ou estruturas construídas educativas, entre outros.)

⁵² Ver site: www.monumetos.pt. A mesma instituição pública, organiza formações colectivas sobre como inventariar edifícios de valor patrimonial, do qual, a partir de uma destas formações em que participei, pude reter os principais conceitos ligados ao património, as informações necessárias à inventariação de edifícios de valor histórico e cultural. as técnicas a utilizar em trabalho de campo, utilizar a adequada informação descritiva do edifício, retirar a informação fotográfica necessária à elaboração do inventário e saber utilizar de forma sintetizada toda a informação resultante do trabalho de campo na ficha caracterizadora.

02 - Tipo: Campo de identificação da função específica, actual ou consagrada do objecto arquitectónico a inventariar, independentemente da comumente aceite e divulgada, permitindo, em alguns casos, conjecturar sobre os objectos que lhe ficam imediatos, por vezes desaparecidos, sendo possível reconstruir as primitivas malhas urbanas ou rurais e definir o papel que esses objectos arquitectónicos tiveram no desenvolvimento das mesmas (ex: Escola primária, Museu, etc.)

Nota: Nos parâmetros de inventariação seguidos pelo IHRU, este campo de preenchimento está ligado a um código de identificação tipológica para pesquisa. Neste caso, não foi necessário aplicar o código, uma vez que o trabalho aqui realizado não se encontra informatizado nem disponível para pesquisa.

03 - Designação: Campo destinado ao registo de um edifício, estrutura construída ou espaços exteriores, que deve ser designado segundo a sua classificação patrimonial, natural ou outra, falta dela ou em vias de classificação.

A informação a inscrever neste campo deve obedecer às seguintes formulações:

.Classificado - [indicação da designação oficial] / [indicação de outra(s) designação(ões) consagradas].

. Não Classificado - [indicação da designação mais antiga ou consagrada] / [indicação da designação mais recente].

. Não possua designação consagrada - [indicação da sua localização em via pública]; [indicação do número de polícia ou lote].

Caso o edifício ou estrutura construída de carácter corrente, habitacional, comercial ou outro não apresente qualquer classificação ou designação consagrada, mas apenas pela historiografia, aquele deve ser designado, em primeira instância e em todos os casos, pela sua localização em via pública ou particular e número de polícia, atribuindo especial atenção ao emprego da grafia completa e correcta na denominação de arruamentos e similares (reportada ao momento do registo). Estes devem ser designados por extenso, precedidos do tipo de via, igualmente por extenso e iniciado com maiúscula no singular e minúscula no plural (Rua e ruas), e do artigo *de*, em função do uso local (Porto e norte de Portugal) - (ex: Edifício na Rua da Boa Nova, nº 18)

04 - Localização: Campo destinado ao registo do distrito, concelho e freguesia em que o edifício ou estrutura se localiza, separados por vírgula. Apresenta também georeferênciação do objecto arquitectónico a inventariar. Deve seguir a seguinte norma:

[Indicação da região], [indicação do nome do distrito], [indicação do nome do concelho], [indicação do nome da freguesia]. [Indicação do sistema de coordenadas] : [indicação das coordenadas geográficas]

O sistema de coordenadas geográficas World Geodesic System 84, de abrangência mundial e correntemente utilizado por programas de globo virtual (p. ex., *Google Earth*), o que permite a extracção directa deste tipo de fonte para o registo de inventário. É expresso em graus, minutos e segundos, latitude seguida de longitude, devendo os pontos cardeais ser abreviados em português (N, S, E, O).

05 - Acesso: Regista o percurso preferencial de acesso ao objecto arquitectónico, localizando-o na rede viária nacional ou na toponímia de uma povoação. Caso o objecto arquitectónico a inventariar se localize numa área urbana ou povoação deve-se indicar primeiramente a via, por extenso, onde se localiza o objecto e posteriormente o número de polícia ou lote; Caso o edifício se localize fora das povoações, indicação primeiramente da rede viária, seguido da indicação do quilómetro onde o edifício está localizado; Caso a via tenha possuído nome distinto, indicação primeiramente da via onde se localiza o objecto e posteriormente da indicação do antigo nome da via.

Deve ser indicado da seguinte forma:

. Em zonas urbanas: [Indicação por extenso da (s) via (s) em que se localiza(m)], [indicação do número de polícia ou lote];

. Fora das povoações: [Indicação por sigla da rede viária], [indicação do quilómetro];

. Via que tenha tido nome antigo: [Indicação por extenso da (s) via(s) em que se localiza(m)], [indicação do nome antigo].

06 - Protecção: Campo destinado ao registo da situação do objecto arquitectónico e de eventuais atributos jurídicos, que influenciam a utilização, gestão e possíveis intervenções no objecto arquitectónico, como por exemplo: - Protecção legal, patrimonial ou natural; áreas de protecção simples ou específicas (Zonas de Protecção, simples ou especial, zona de Património Natural, Reserva Natural ou outras); medidas de salvaguarda nos Planos Directores Municipais (PDM).

Classificações para protecção legal patrimonial do imóvel ou conjunto: referência da categoria em sigla, tanto para categorias em vigor em 2008 (MN, IIP, IIM, VCR, VR, VCL e VL) quanto para categorias revogadas (VC), acompanhada do número do diploma de classificação, número do Diário do Governo ou da República e data da respectiva publicação, seguindo a lista de abreviaturas abaixo; idem para a referência da Zona de Protecção (ZP) ou Especial de

Protecção (ZEP) em vigor; em caso de classificação camarária, à referência IIM deve apor-se *Deliberação Camarária* seguida da data (até à publicação da decisão em Diário da República, 3ª Série); quando uma ZEP vem substituir, em determinado momento, uma outra já existente, os diplomas criadores das zonas de protecção devem ser elencados cronologicamente, sem repetir a sigla ZEP.

(ex: MN, Dec. n.º 32/97, DR 150 de 2 de Julho de 1997)

Se o imóvel ou conjunto gera, por qualquer motivo não relacionado com a salvaguarda patrimonial (funcional, administrativo ou outro), uma área de protecção ou servidão administrativa, cuja existência tem implicações legais em intervenções na envolvente, mencione-se *Beneficia de uma Zona de Protecção* acompanhado da referência à extensão (quando pertinente) e ao diploma instituidor da medida genérica e / ou ao despacho estabelecendo a sua aplicação ao objecto em causa.

Se o imóvel ou conjunto estiver implantado, total ou parcialmente, no interior de zona de protecção (simples ou especial) definida para outro objecto ou objectos, tal inclusão é referida com a(s) menção(ões) *Incluído* ou *Parcialmente incluído*, seguido da(s) a(s) designação(ões) e número(s) do(s) registo(s) SIPA correspondente(s), em parêntese, caso exista(m), e não mencionando o diploma instituidor da protecção do outro objecto.

O imóvel ou conjunto em vias de classificação é registado como tal, com menção da situação do processo: *Em estudo*, *Em vias de classificação*. O estatuto *Em Vias de Classificação (Homologado)* (IGESPAR) equivale, no registo SIPA, à referência à classificação estabelecida pelo despacho homologado (MN, IIP).

Caso o imóvel ou conjunto não disponha de protecção legal ou não esteja integrado em zona de salvaguarda patrimonial, natural ou outra, a protecção é designada como *Inexistente*.

07 - Época de Construção: Campo de registo dos principais períodos de construção ou de remodelação significativa do objecto arquitectónico. Permite aprofundar o conhecimento do objecto, situando-o numa conjectura histórico - cultural.

Este campo de preenchimento deve ser devidamente preenchido de tal forma:

. Caso exista data concreta da construção do edifício: *Séc.* [indicação em numeração romana do séc. relativo à construção do objecto arquitectónico].

. Caso existam várias datas a registar, como por exemplo remodelação ou obras significantes realizadas no edifício: Séc. [indicação em numeração romana do séc. relativo à construção] / [indicação em numeração romana do(s) séc.(s) relativos a remodelação(ões) significativa(s) do objecto arquitectónico]

. Caso a data do edifício seja conjectural: Séc. [indicação em numeração romana do séc. relativo à construção] (conjectural)

. Caso não seja possível atribuir data precisa à construção do edifício: [indicação da Época em que pode ser balizada a construção]

08 - Imagem: Campo de registo iconográfico representativo do edifício. Identifica e regista o objecto arquitectónico através de um levantamento fotográfico que permite uma leitura fiável e clara da realidade apresentada e traduza a compreensão não apenas do edifício mas também das relações existentes para com este, a sua envolvente edificada ou natural a diferentes escalas.

A reprodução fotográfica deve ser realizada a partir de dois ambientes, o exterior e interior, documentando o material fotográfico igualmente por esta ordem. Assim, o registo do ambiente exterior (envolvente) deve ser realizado da seguinte forma:

- Vista aérea, quando possível;
- Vistas de longe, com tecido urbano e paisagem envolvente;
- Aproximação ao edifício: ruas, praças, construções, etc.

Registo de ambiente exterior (Edifício):

- Fachadas;
- Relação entre fachadas;
- Pormenores de interesse arquitectónico (cimalhas, cornijas, molduras dos vãos, cunhais, varandas, etc.)

Registo de ambiente interior (Edifício principal):

- Compartimentos principais;
- Espaços de circulação;
- Tectos e pormenores importantes (mísulas, cornijas, sacadas, decoração, etc.)
- Paredes;
- Pavimentos;
- Mobiliário e peças móveis.

Registo de ambiente interior (Torre):

- Acesso;
- Documentar aberturas no pavimento, paredes e tecto;
- Pormenores de interesse.

Organização e Identificação (todas as imagens devem ser agrupadas por edifício, numeradas, legendadas e identificadas):

- Autor e data;
- Identificação do edifício;
- Identificação da parte representada (sector, espaço, elemento arquitectónico)

09 - Enquadramento: Campo destinado à descrição resumida da envolvente do objecto arquitectónico, nas suas vertentes geofísica, histórica e sócio - cultural, do modo de inserção na envolvente e das relações do objecto com o meio. Regista o conhecimento do objecto numa perspectiva mais abrangente, considerando a sua integração numa escala ou parcela urbana, proporcionando um melhor conhecimento do mesmo.

O termo de entrada no campo caracteriza sucintamente o contexto genérico do objecto - *Urbano, Periurbano* ou *Rural*, seguido da referência ao meio físico envolvente (orla marítima ou ribeirinha, montanha, falésia ou elevação, meia encosta, planície).

Seguidamente é necessário definir o objecto arquitectónico em relação ao processo de urbanização ou desenvolvimento do tecido urbano (Época de construção do núcleo, tipo de traçado urbano, tipo de aglomerado, morfologia da parcela onde o edificio está inserido); em relação a eixos definidores (relevo natural ou artificial, cursos de água, rodoviários e ferroviários, malhas e vias urbanas - pavimento); em relação à articulação do objecto arquitectónico com o tecido urbano adjacente (Morfologia da parcela, relação objecto/parcelas imediatas, consonância ou dissonância entre parcela e envolvente, tipo de espaço exterior público que o envolve ou marginal)

Deve ser tida em atenção a correcta nomenclatura de lugares, bairros, vias, públicos, edifícios, monumentos e marcos de referência urbana de diverso tipo.

10 - Descrição: Campo destinado ao registo da observação objectiva e sucinta da estrutura e elementos caracterizantes do objecto arquitectónico, nas suas vertentes funcionais, morfológicas e decorativas.

Permite, ao registar o tipo de estrutura e elementos que compõem o objecto arquitectónico, em determinado momento, detectar qualquer alteração que o mesmo venha a sofrer em períodos posteriores.

A Caracterização funcional e morfológica do edifício será feita em simultâneo, dada a ligação directa e automática existente entre programa funcional e forma, que o caracteriza. Relativamente à faceta funcional, esta deverá cingir-se à identificação das funções principais desenvolvidas em cada piso, neste caso, somente da torre, uma vez que a multiplicidade de usos possíveis e efectivos, a variabilidade de situações no tempo e do grau com que estas incidem sobre a conformação física do suporte, torna sistematicamente obsoleta qualquer referência mais pormenorizada.

Dever-se-á caracterizar o edifício da seguinte forma:

- A forma da planta do(s) volume(s) geral(is) (poligonal - rectangular, quadrangular, em L, em U ou em T, longitudinal, centralizada - em estrela, triangular, circular, octogonal);
- A existência de espaços especiais, como saguões, pátios, claustros;
- A volumetria geral do objecto (Simples ou Composta);
- Utilização da malha estrutural como elemento compositivo e modular;
- O número de pisos acima ou abaixo do solo;
- Os mecanismos de composição das fachadas (métrica, edifício de frente estreita ou larga, o tipo de superfície da fachada, colunas, pilares, outros;
- Materiais que constituem os panos da fachada;
- Remates (angulares (análise dos cunhais) e superiores (empena, tabela, frontão, platibanda, beirada, com cornijas, frisos...);
- Morfologia dos vãos (pontuais, contínuos - em faixa horizontal / vertical (sobrepostos) / indiferenciados de piso para piso e de que forma, Definir o tipo de vãos - portas, varandas ou sacadas (abertas ou fechadas), janelas de peitoril ou de varandim;
- Ao número, localização, tipo e modo dos acessos ao interior do objecto: acesso único (em qual fachada) ou acesso duplo na mesma fachada;
- Análise pormenorizada das fachadas (referir especificidade e número de vãos, existência de escadas, com a respectiva localização e estrutura, elementos decorativos), iniciando pela fachada principal, passando às laterais (esquerda e direita) e à posterior;
- Tipo de espaço interior, referido em maiúsculas (INTERIOR): acessos - átrios, vestíbulos;
- Esquema de comunicação com alusão à existência de escada (s) e respectiva(s) localização(ões);
- Esquema de circulação interna, com alusão à existência de corredores;
- Tipos de coberturas e pavimentos (com alusão aos respectivos materiais);
- Análise de cada uma das dependências, quando se justificar, referindo os respectivos elementos decorativos;

11 - Arquitecto / Autor / Construtor: Campo de registo dos nomes dos intervenientes no planeamento, projecto, construção, decoração, restauro ou remodelação do edifício. Permite o conhecimento dos responsáveis pela edificação do objecto arquitectónico.

Caso a atribuição da obra seja conjectural, a abreviatura *atr.* deve ser adicionada, entre parêntese. Quando não seja conhecido autor (após o trabalho de investigação), o registo será *Desconhecido*.

12 - Cronologia: Campo destinado ao registo dos principais momentos do processo de planeamento, projecto, construção e utilização dos edifícios, e/ou de factos exteriores com peso, influência ou interferência directa na sua concepção, construção, conservação, remodelação, restauro, gestão e utilização.

A recapitulação cronológica é registada com a exactidão, com o ano em primeiro lugar, seguido de vírgula, dia e mês (por extenso), traço e descrição do momento ou facto, redigida no tempo presente e iniciada com letra minúscula.

A informação, de índole cronológica ou outra, retirada de fontes documentais ou bibliográficas, deve ser claramente referida como tal, no final do registo respectivo e em parêntese.”

13 - Tipologia: Campo destinado à identificação e caracterização das permanências que distinguem tipos de edifícios e das correspondentes soluções espaciais, estruturais, históricas, discursivas, construtivas e estilísticas, permitindo a sua melhor compreensão, análise e eventual valoração por comparação com outros objectos pertencentes ao mesmo tipo.

O preenchimento do campo inicia-se pelo termo *Arquitectura*, seguido de uma classificação tipológico - funcional. Caso não seja possível uma inclusão num estilo específico, utilizar a referência aproximada à época de construção (seiscentista, setecentista, oitocentista, sendo que, para a última centúria do século anterior, registar *século 20*, em árabe).

14 - Utilização Inicial: Campo destinado ao registo da função para a qual foi construído o objecto arquitectónico, por vezes perdida. Objecto arquitectónico com mais de uma função inicial, indicar todos separados por barra.

15 - Utilização Actual: Campo destinado à identificação da função actual do objecto arquitectónico, a inventariar, a qual pode ser distinta da original. Objectos sem utilização ou com intervenções em curso no momento do registo são referidos como *Devoluto* ou *Em obras*, respectivamente. Objecto arquitectónico com mais de uma função inicial, indicar todos separados por barra.

16 - Proprietário: Campo destinado ao registo do nome do(s) proprietário(s) do objecto arquitectónico ou da propriedade em que o mesmo se integra. Permite o conhecimento do proprietário do objecto, facilitando o contacto como mesmo, pedidos de autorização de acesso ao imóvel, bem como o acesso a registos em determinados fundos arquivísticos.

17 - Utente: Campo destinado ao registo do nome do(s) utente(s) ou afectatário(s) do objecto arquitectónico ou da propriedade em que o mesmo se integra, facilitando o contacto com o mesmo e pedidos de autorização de acesso ao imóvel.

18 - Conservação Geral: Campo destinado ao registo do estado de conservação do objecto arquitectónico, analisado de forma geral, tendo em conta a estrutura, coberturas, portas, janelas, caixilharias, tectos, pavimentos, acessos, decoração e elementos arquitectónicos, podendo ser um instrumento útil para estabelecer prioridades de intervenção num objecto arquitectónico.

Neste campo serão utilizados termos apropriados, cuja sua utilização servirá para definir o grau de conservação do objecto arquitectónico: *Bom, Razoável, Mau, Ruína, Em Obras*.⁵³

19 - Documentação: Campo de registo da bibliografia, arquivos e colecções de documentos locais, referentes ao objecto arquitectónico, permitindo documentar, validar e credibilizar os dados apurados, conferindo-lhes um determinado valor científico.

20 - Observações: Campo de registo de dados suplementares que não têm lugar nos restantes elementos de registo ou que detalham e complementam a informação contida nos mesmos, permitindo colmatar alguns dados importantes relativos aos conhecimentos do edifício.

⁵³ Definição dos seguintes conceitos, segundo INSTITUTO DA HABITAÇÃO E REABILITAÇÃO URBANA, “Normas de Inventário do Património Arquitectónico – Monumento (NIPA-M)”, Lisboa, IHRU, 2008 (Normas de Inventário do Património Arquitectónico, n.º 1, versão 9.0):

- **Bom:** o elemento apresenta poucos ou nenhum sinal de degradação; não necessita de qualquer intervenção de recuperação ou manutenção significativa, requerendo apenas manutenção periódica ou preventiva. Exemplos: cobertura exterior com acumulação de detritos ou líquenes; paredes exteriores estruturais com fissuração localizada de pequeno desenvolvimento; paredes interiores sujas ou com destacamento pontual na pintura.

- **Razoável:** o elemento apresenta sinais de desgaste ou deterioração, com danos reversíveis que não afectam seriamente o desempenho da função, requerendo intervenções pontuais de consolidação ou reparação. Exemplos: cobertura com falhas pontuais na impermeabilização; paredes exteriores estruturais com fissuração frequente de pequeno desenvolvimento; estrutura de betão armado com descasque pontual do recobrimento das armaduras; estrutura metálica com enferrujamento pontual; paredes com pintura extensamente degradada; caixilharias com anomalias pontuais.

- **Mau:** o elemento evidencia sinais de degradação acentuada, com danos graves que afectam seriamente o desempenho da função, requerendo restauro extensivo. Exemplos: cobertura deformada e / ou com grandes lacunas no revestimento e áreas de infiltração de águas; paredes exteriores estruturais com fendilhação localizada de médio desenvolvimento; fachadas com sinais de assentamentos diferenciais (desaprumos); revestimentos em destacamento generalizado.

- **Ruína:** o elemento perdeu a capacidade de desempenho da função por colapso total ou parcial. Exemplos: cobertura destelhada; paredes exteriores estruturais com fendilhação generalizada; fachadas com deformação acentuada traduzida no empeno de vãos de portas e janelas; estrutura em risco de colapso iminente.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre: Esta segunda fase da metodologia de inventário, cingir-se-á á análise do edifício - torre, em planta, ou seja, ao seu levantamento arquitectónico, focando a tipologia de cada edifício, bem como o tipo de organização espacial correspondente. O levantamento arquitectónico dos edifícios (2), servirá de ferramenta de estudo para possíveis intervenções nos mesmos. É constituído assim, pelo registo gráfico, pelas medidas das paredes externas e internas e deverá apresentar a planta de implantação, plantas dos vários pisos existentes no edifício principal e da torre, a planta de cobertura, os alçados e os cortes (quando existentes), bem como os detalhes decorativos. Em relação à torre, serão analisados e descritos a sua organização interior, a caracterização e a identificação do tipo de torre, com base na análise dos acessos verticais, aberturas, volumetria e formas.

Os alçados, quando existam, apresentam uma ferramenta de apoio à análise externa do edifício e da torre, permitindo igualmente a análise sucinta dos aspectos decorativos e morfológicos presentes nas fachadas. Permitirão também, a observação de elementos arquitectónicos removidos ou acrescentados.

Os desenhos de plantas, cortes, alçados, apresentados nesta fase, serão trabalhados digitalmente no computador, utilizando a ferramenta de CAD como apoio na construção das plantas.

Esta segunda fase, é fruto de um trabalho de campo *in loco* e de investigação a cada edifício - torre individualizado, baseado no acesso gentilmente cedido por proprietários ao interior da torre e do edifício; ao projecto em papel dos edifícios e ao registo fotográfico dos mesmos.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: A terceira e última fase da metodologia de inventário é constituída por uma ficha de caracterização individual de cada torre. Nela, constarão a planta da envolvente, aspectos de conservação dos vários elementos arquitectónicos, tais como, a cobertura, as fachadas ou interior; números de pisos, entre outros campos que caracterizam cada edifício.

Esta fase constitui assim uma ferramenta complementar na caracterização e inventário do património arquitectónico em causa, tornando o mesmo mais preciso e completo.

3.4 SÍNTESE: METODOLOGIA DE INVENTÁRIO

Cada cidade conta uma história. A arquitectura que nela vive conta uma história. A história da pré - existência da cidade, do começo da rua, dos quarteirões, das lojas e das pessoas que a criaram ou simplesmente que por lá passaram. Os edifícios que constituem a cidade não só a concebem como também a caracterizam. Portanto, nada mais importante e urgente que preservar a sua identidade e os objectos arquitectónicos que contam a verdadeira história da cidade. É neste intuito que o inventário surge como um método de prevenção e divulgação do património arquitectónico local, contribuindo para a sua valorização.

Assim a metodologia de inventário proposta, pretende assumir um papel importante na análise de um conjunto de edifícios relevantes no contexto urbano, histórico e nobre da cidade do Funchal, inventariados sob uma mesma temática e localização geográfica. O presente inventário constitui, um acervo de informação até agora desconhecida, alusivo a edifícios nobres, de âmbito histórico e arquitectónico, uma vez que os mesmos integram elementos únicos e característicos da arquitectura tradicional da Madeira. O inventário pretende igualmente, apresentar uma informação completa (tanto quanto possível) de cada edifício inventariado, de forma a conotar os mesmos, como importantes objectos da cidade de outrora e de hoje. Assim poder-se-á contribuir com a prevenção de acções dissonantes nos mesmos e remodelações não apropriadas. Ou seja, tornar público e sensibilizar as pessoas para a importância da conservação e do respeito por estes imóveis, o que de mais característicos a cidade do Funchal apresenta.

A nível prático, pode-se reter deste capítulo, que a inventariação é uma ferramenta essencial quer na caracterização física e documental de um edifício, como medida pública de preservação e conservação do património que é inerente à cidade e à sociedade. Para tal e já dentro do contexto dos estudos de caso aqui tratados, é reforçada a ideia de que para uma melhor e mais pormenorizada análise e caracterização da torre e do edifício onde a mesma está inserida, é necessário caracterizar os mesmos independentemente, embora ambos façam parte de um único conjunto arquitectónico. Para isso, a metodologia adoptada para a realização do inventário das torres “avista-navios”, será constituída essencialmente por três principais fases de caracterização das mesmas: - uma primeira fase de conteúdo descritivo e pormenorizado, onde serão descritos os 20 principais itens de análise das torres (categoria, tipo, designação, localização, acesso, protecção, época de construção, imagem, enquadramento, descrição, arquitecto, cronologia, tipologia, utilização inicial, utilização actual, proprietário, utente, conservação, documentação e observações), segundo o método de inventariação do IHRU/DGMEN;

- uma segunda fase de caracterização onde serão descritos de forma sucinta a tipologia, a organização espacial e interna dos edifícios e consequentemente das torres, e a métrica

verificada nos alçados e cortes (quando existentes), através da disponibilização das plantas, alçados e cortes dos mesmos;

- uma última fase, constituída por uma ficha de caracterização, para cada um dos edifícios - torre, onde constarão essencialmente e sintetizadamente, alguns parâmetros que não compõem as fases anteriores de inventariação. Tais como a planta de implantação, o estado de conservação dos diferentes elementos ou até mesmo, as áreas de implantação e de construção do edifício e a área da torre.

Através desta metodologia, é pretendido um trabalho de investigação e caracterização, completo e acessível ao público geral, bem como um método ‘modelo’ para futuras inventariações de âmbito patrimonial e arquitectónico.

CAPITULO 4. CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DAS TORRES NA CIDADE DO FUNCHAL

Este capítulo analisa as torres “avista-navios”, num contexto histórico e físico, e aborda a relação das mesmas com o meio onde estão inseridas. Tenta esclarecer de forma sucinta as primeiras referências históricas acerca destas torres na arquitectura portuguesa desde a origem, onde se registam os primeiros exemplos inerentes a este conceito de torre.

Do ponto de vista insular, será tentado, muito brevemente, reconstruir todo o processo de descoberta e ocupação da ilha da Madeira, desde a sua caracterização física, até à análise das condições mais propícias à fixação definitiva dos colonos e conseqüente formação urbana do território primitivo da cidade do Funchal.

Dentro desta temática urbana, é importante ainda referir o processo de desenvolvimento deste território, desde a fundação primária de Santa Maria do Calhau até à expansão da cidade para Oeste, onde se criaram as condições favoráveis à produção agrícola de vinho e cana-de-açúcar e conseqüentemente à formação de um território comercial, nobre e rico - a freguesia de São Pedro.

Finalmente e como importante base de compreensão da concepção das torres, importa conhecer o espaço físico onde estão implantadas (freguesia de São Pedro) e caracterizá-lo o mais fielmente, no seu contexto urbano, viário e arquitectónico.

Serão estas pois, as directrizes a seguir, de forma a enquadrar o objecto arquitectónico base de estudo desta dissertação, num contexto físico, urbano e historicamente compreendido, desde as influências a que o mesmo esteve sujeito até à própria condição insular que os caracteriza.

4.1 Contextualização histórica das torres - influências arquitectónicas

É sabido que as torres existentes na cidade do Funchal não surgiram do nada. Sendo uma terra insular povoada no início do séc. XV, por povos continentais oriundos de várias regiões de Portugal⁵⁴, bem como da Europa⁵⁵ e África, que por diversas razões aí estabeleceram residência, não só levaram para a Madeira, nomeadamente para o Funchal, os seus pertences,

⁵⁴ “há um consenso sobre uma inicial predominância de colonizadores ou povoadores provindos do Algarve, Alentejo(...)” - .FERNANDES, José Manuel; *“Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”*; Vol. I; FAUTL; 1992. P.59

⁵⁵ “(...) e italianos” idem, p.59

mas também e mais importante no processo sociológico da população, as respectivas culturas e influências arquitectónicas.

O Funchal é então nesta época e principalmente até o séc. XIX, um centro de afluências de novas culturas colonizadoras, que associadas ao carácter morfológico e geológico da ilha tornam a arquitectura madeirense um exemplo ímpar de originalidade e teluridade.

Aquando da origem das “torres avista - navios”, existentes na cidade do Funchal é obrigatório fazer uma breve reflexão do conceito de torre e dos primeiros exemplares que apareceram no continente europeu. Para tal, é inevitável referir o período da história da Idade Média, principalmente entre os sécs. XII, XIII e XIV, uma vez que é neste período temporal que surgem as primeiras edificações residenciais com torre - a Casa Senhorial Medieval.

Ainda neste contexto da casa medieval, é importante fazer uma referência às cidades medievais italianas, mais concretamente à pequena cidade de San Gimignano, na toscana, onde é possível encontrar uma grande concentração de torres, inseridas em edificação senhorial. Estes edifícios e que permanecem até aos dias de hoje com um carácter histórico bem marcado graças às acções de preservação e conservação, no contexto da malha urbana medieval da cidade: *“(...) em relação à Madeira, onde a permanência de uma colónia de origem italiana desde os primeiros tempos da ocupação, com importante papel no comércio marítimo, naturalmente radicada no Funchal, faz remeter para a possibilidade de uma mais directa influência das casas com torre erguidas nas pequenas cidades italianas ao longo dos últimos séculos da Idade Média, (...) é exemplo extremo o da ‘cidade de mil torres’, San Gimignano(...).”*⁵⁶



Figura 1 – Torres em San Gimignano (<http://www.flickr.com/photos/luigire/4535448332/>)

⁵⁶ FERNANDES, José Manuel; “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 187

Ainda que com menos influência arquitectónica nas torres existentes na cidade do Funchal, é de referir os ‘miradouros’ muçulmanos, que se fizeram evidenciar mais fortemente nas ilhas Canárias.

Antes de qualquer referência à origem ou aparecimento da torre enquanto função residencial, é necessário definir o objecto ‘torre’ como sendo o edifício “*alto e fortificado que servia para defesa em caso de guerra; fortaleza; construção muito alta anexa à igreja ou a qualquer outro edifício; campanário; qualquer edifício com muitos andares que sobressai da média pela sua altura;*”⁵⁷

As origens da torre, leva-nos a um período da história remoto, o tempo dos castelos⁵⁸, das princesas e dos reis das histórias infantis. Um dos primeiros aparecimentos da torre, senão o primeiro, está intrinsecamente ligado ao poder monárquico e ao poder militar. Como tal, a Torre de Menagem⁵⁹, dos sécs. XI, XII, constitui um dos primeiros objectos arquitectónicos, edificadas em altura, que tinham como principal função a defesa das instalações do monarca, bem como de um povoado. Intrínseco a estas, está presente um carácter sociológico baseado no poder defensivo, na segurança e no prestígio que gerava este tipo de construções, uma vez que constituíam um dos poucos exemplos, senão o único, da construção em pedra nesta época.

4.2 Primeiros registos históricos da utilização da torre enquanto espaço habitacional

4.2.1 A Casa Senhorial

Assiste-se por toda a Europa, nos finais do séc. XII ao surgimento uma nova tipologia arquitectónica de habitação senhorial: a *domus fortis* ou casa fortificada. Este novo tipo de casa senhorial foi criado pela pequena nobreza e por senhores rurais⁶⁰, num intuito de se afirmarem perante as populações rurais dos seus domínios fundiários. A torre inserida da casa senhorial, adopta um papel de haste, de modo figurativo, içando a bandeira da imponência, prestígio, riqueza e poder social e económico da família que nela habita, numa reminiscência da Torre de Menagem, no seu contexto defensivo e económico. A residência senhorial

⁵⁷ *Dicionário Universal da Língua Portuguesa*; Texto Editora; 1995

⁵⁸ “estruturas fortificadas onde a componente militar se sobrepõem às características civis.” - BARROCA, Mário Jorge; “*Em torno da residência senhorial fortificada - Quatro Torres Medievais na Região de Amares*”; p.12

⁵⁹ Torre de Menagem - *a torre principal de uma fortaleza*; torre de carácter defensivo das propriedades do Rei, órgão máximo de poder, e de carácter habitacional que está inserida num conjunto pétreo - castelo - instalações do Rei e de famílias nobres.

⁶⁰ BARROCA, Mário Jorge; “*Em torno da residência senhorial fortificada - Quatro Torres Medievais na Região de Amares*”; p.14

medieval, ou seja, a torre propriamente dita, surge também em Portugal, nos finais do séc. XII e início do séc. XIII, pelas semelhantes razões.

Quanto à sua implantação e salvo raras excepções, a casa fortificada, encontra-se localizada em zonas de vale, onde a componente agrícola predomina, mas escolhendo, nessas terras baixas e férteis, pequenas elevações, para nelas se apoiarem.⁶¹ No entanto, são de demarcar dois factores importantes inerentes à implantação rural da casa senhorial:

1. Factor geográfico: implantação da casa senhorial junto aos campos rurais de produção e conseqüentemente próximo aos domínios fundiários do senhor.
2. Factor defensivo: local com as condições mínimas de segurança e defesa, uma vez que na casa senhorial e contrária ao castelo, a componente civil se sobrepõem à componente militar.

Conseguidos estes dois factores, o passo seguinte por parte do senhor, seria o de garantir um controlo mais eficaz dos direitos senhoriais e a necessidade de se sublinhar a legitimidade da posse do espaço honrado⁶².

Construtivamente, assiste-se ainda nesta época, a uma nova moda nas residências senhoriais fortificadas: o uso da pedra. Recorrendo normalmente ao granito para a construção pétreia da residência senhorial, esta nova construção representa uma inovação na construção habitacional, uma vez que os edifícios destinados à habitação medieval recorriam normalmente ao uso de materiais mais recorrentes e menos prestigiosos tal como a madeira. São por isso, um reflexo das construções de prestígio da época, nomeadamente nos castelos e nas igrejas, num intuito igualmente de demonstração de prestígio e poder.

É possível definir três factores inerentes ao recurso da pedra nas residências senhoriais fortificadas:

1. Factor geológico: uso da matéria - prima disponível na região;
2. Factor social: atrás referido, é a principal razão do uso da pedra, pois a condição social que se fazia notar era muito importante entre as linhagens superiores e entre o próprio espaço fundiário - demonstração de prestígio, carácter nobilitado;
3. Factor temporal: a sedentarização das famílias senhoriais, leva a que estas recorram ao uso da pedra, numa questão de defesa do próprio património:

“As famílias nobres denunciam uma tendência para se fixarem junto dos seus domínios, zelando pelos seus bens de fortuna. Assim, a procura da construção pétreia

⁶¹ Idem, p.19

⁶² Idem, p.19

pode ser também explicada por uma preocupação de prolongar a longevidade do solar que, a partir de agora, e mais que nunca, é também ele um bem de fortuna e um símbolo de domínio.”⁶³

Concluindo, a construção das residências senhoriais na Idade Média pode ser faseada segundo os materiais adoptados: numa primeira fase assiste-se ao uso recorrente da madeira, um material muito mais acessível; posteriormente e com a ascensão da pequena nobreza, aquando das suas torres senhoriais, assiste-se ao forte uso da pedra.

4.2.2 Caracterização da torre senhorial

A pedra é o principal material que constitui as residências senhoriais, nomeadamente a torre como símbolo máximo na definição da *domus fortis* e centro polarizador das novas residências senhoriais⁶⁴. Mário Jorge Barroca, caracteriza nível organizacional e tipológico a torre senhorial no seu contexto arquitectónico:

“Apresentavam planta quadrangular, geralmente com dois ou três andares em madeira e eram portadoras de elementos primários de defesa. Por vezes eram rodeadas de fosso (..) e na maior parte dos casos tinham acesso facultado pelo 1º andar, sendo o térreo maciço ou sem aberturas. O acesso era, nestes casos, movível, podendo ser recolhido em caso de ameaça. (E muitas vezes) Apresentavam número reduzido de aberturas, frestas mais ou menos estreitas, e muitas vezes ostentavam na fachada principal uma janela «nobre». (...) Algumas torres apresentavam, já na sua primeira fase, matacões para tiro vertical, centrados com a entrada principal, numa herança directa das torres de menagem dos castelos, (...) A presença de merlões assumiu-se desde muito cedo como elemento definidor da nobilidade da casa fortificada.”⁶⁵(ver figura seguinte)

⁶³ BARROCA, Mário Jorge; “Em torno da residência senhorial fortificada - Quatro Torres Medievais na Região de Amares”; p.16

⁶⁴ Idem, p.22

⁶⁵ BARROCA, Mário Jorge; “Em torno da residência senhorial fortificada - Quatro Torres Medievais na Região de Amares”; p.22/23



Figura 2 - Esquiza esquemático de uma torre senhorial (Autora)

Com o passar do tempo e chegando a finais do séc. XIV, assiste-se a modificações nos principais elementos que constituem a torre senhorial, nomeadamente nas dimensões das janelas: alargamento das antigas frestas existentes na torre e o surgimento adossado ou não de pequenos anexos, maioritariamente constituídos em madeira e que serviam de apoio à residência senhorial, que era a própria torre.

Nos sécs. XVI e XVII, houve profundas alterações construtivas nas torres senhoriais, chegando aos dias de hoje poucos exemplares quer na Europa, quer em Portugal, caracterizadores de uma época denominada de obscura.⁶⁶

4.2.3 Exemplo de uma torre senhorial

A Torre de Outeiro ou de Dornelas⁶⁷ é um exemplo paradigmático da torre senhorial. Representa de forma sucinta uma torre senhorial em Portugal, localizada na região de Amares erguida no século XIII. É denominada de Torre de Outeiro ou de Dornelas, e apresenta uma tipologia semelhante às características de torre senhorial retratadas anteriormente: uma planta quadrangular 5m x 5m, constituída essencialmente em pedra, com a entrada principal localizada no 2º piso. O rés-do-chão não apresenta qualquer abertura. O 2º piso, além de constituir a entrada, apresenta ainda uma janela e o 3º piso apresenta três janelas, sendo o

⁶⁶ O período da Idade Média compreendido entre o ano 501 d.c. até 1100 d.c, é intitulado por alguns autores de Época Obscura ou Idade Obscura, devido ao pensamento de alguns historiadores que defendiam que a civilização terminaria quando o Império Romano se desmoronasse. (História Universal Comparada, p.97)

⁶⁷ A torre de Outeiro ou de Dornelas, é uma fortificação que faz parte integrante do trabalho de investigação do arqueólogo e professor Mário Jorge Barroca, no âmbito do estudo de quatro torres medievais na região de Amares, numa retrospectiva histórica e arquitectónica das mesmas.

que detém maior número de vãos. O 4º e último piso apresenta uma única janela. Segundo Mário Jorge Barroca, o acesso entre os diferentes pisos fazia-se segundo uma “escada adossada à parede oposta à da porta de entrada, cuja estrutura de madeira se apoiava em várias pedras salientes que se podem observar ao longo do muro.”⁶⁸ (Figura 3)

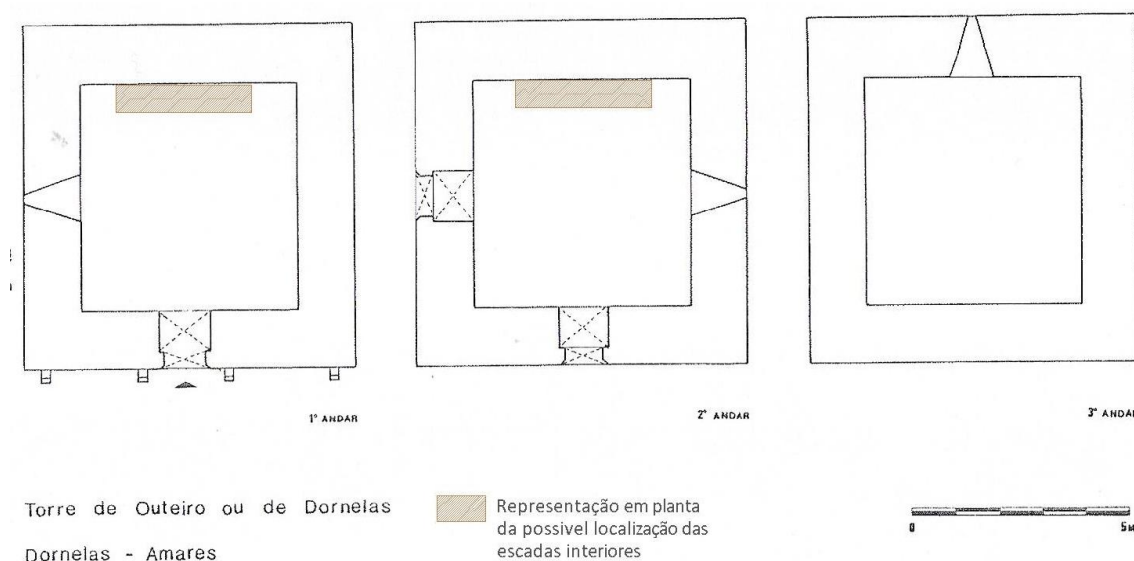


Figura 3 - Autora sobre plantas correspondentes ao 1º, 2º e 3º andar da torre de Outeiro ou de Dornelas (Mário Jorge Barroca)⁶⁹

Esta residência senhorial não só era constituída pela torre, que foi conservada pelo carácter nobilitado e prestigiante, mas também por anexos, que serviriam de apoio à estrutura principal e que mais tarde viriam a ser destruídos.

Assim a Torre Dornelas, que constitui um marco para a região de Amares, bem como para a investigação histórica e arqueológica da arquitectura nobre da Idade Média, é hoje considerada, como o “único testemunho da residência senhorial mediéfica”.

4.2.4 A arquitectura Islâmica - influências arquitectónicas

A arquitectura islâmica quase ou nenhuma influência tem na arquitectura insular em estudo, no entanto esta breve referência deve-se ao facto de uma das mais antigas culturas na qual se apresenta a construção em torre.

⁶⁸ BARROCA, Mário Jorge; “Em torno da residência senhorial fortificada - Quatro Torres Medievais na Região de Amares”; p.44

⁶⁹ BARROCA, Mário Jorge; “Em torno da residência senhorial fortificada - Quatro Torres Medievais na Região de Amares”; p.43

É sabido que esta construção está intrinsecamente ligada à religião e à propagação da fé islâmica, por isso não marcadamente assente na cultura portuguesa, muito menos na cultura insular.

As torres fazem parte integrante de edifícios religiosos, nomeadamente das mesquitas ou espaços de oração. Também denominadas de minaretes, estas construções em altura considerável, constituíam um grande valor simbólico e religioso para os muçulmanos, uma vez que serviriam para o chamamento dos fiéis ao período do dia dedicado à oração.

“Os Muçulmanos construíam minaretes ao lado das mesquitas de modo a que os muezzin, ou chamadores, pudessem subir e convocar as pessoas para a oração. O design destes minaretes e das cúpulas ou zimbórios em forma de cebola no cimo das mesquitas é típico da arquitectura muçulmana.”⁷⁰

De tipologia diversificada, é predominante na construção dos minaretes, a planta quadrangular, variável consoante as dinastias islâmicas correspondentes e as regiões onde estão implantadas. A ornamentação destas, mais ou menos excessiva, pode ser variada, ou nenhuma, em função mais uma vez da região ou dinastia. (ver figura seguinte)



Figura 4 - Esquízo representativo de um minarete com forma quadrangular (Autora)

⁷⁰ HOLLAND, Julian e BROOKE, Norman; *“História Universal Comparada”*; Correio da Manhã; 2000, p.140

4.3 As Torres no contexto histórico da Ilha da Madeira

4.3.1- Pré-existências no Funchal do Século XVII e XVIII

As torres marcaram presença na história da arquitectura civil e militar desde a Idade Média, aquando o surgimento das Torres de Menagem e conseqüentemente das torres senhoriais.

Esta tendência surgida primeiramente no centro e norte da Europa, chegou a Portugal e conseqüentemente aos modelos experimentais urbanos do Atlântico.

Com isto, é possível constatar assim aquando da ocupação da ilha da Madeira e conseqüente planeamento da cidade do Funchal, também se construísssem torres simultaneamente na época em que a agricultura e a expansão comercial se desenvolviam.

Destas torres construídas no tempo primário da cidade, quase ou nenhuma subsistiram ao tempo e não chegou nenhum exemplar de torre medieva da cidade do Funchal aos nossos dias. Contudo, as torres analisadas e estudas nesta dissertação, são fruto de réplicas de torres, de modelos pré-existentes às torres do séc. XV e XVI.

As torres aqui retratadas surgem-nos a partir do séc. XVII e apresentam uma função idêntica às existentes na época da ocupação urbana: o avistamento de navios, provindos do espaço marítimo.



Figura 5 - Alfândega do Funchal, Bartolomeu João, 1654, ilha da Madeira (Fonte: Imagem gentilmente cedida por Rui Carita e disponível em: <http://www.arquipelagos.pt/imagePopUp.php?details=1&id=263>, a 13-09-2010)

A aguarela de Bartolomeu João, datada de 1654, representa a torre da alfândega do Funchal. Nesta figura, é possível verificar alguns elementos igualmente presentes nas torres estudadas nesta dissertação, tais como a sua volumetria, de forma quadrada ou rectangular que remonta para influências medievais e para torres senhoriais; as coberturas em telhado de quatro águas, que quando em confluência com outras, criam o sistema de cobertura em “tesoura”; as janelas de sacada e o alinhamento dos vãos dispostos nos diferentes pisos da torre. No entanto a torre apresenta-se independente e isolada em relação ao conjunto arquitectónico, diferenciando-se das torres actuais.

Do ponto de vista histórico, a ilha da Madeira, desde cedo suscitou o interesse por parte de estrangeiros, nomeadamente dos Ingleses. Suas razões podem ser variadas, desde o comércio do vinho vantajoso para Inglaterra, até à localização estratégica da própria ilha. Tais condições proporcionaram a visita recorrente de navios estrangeiros à ilha e foi numa dessas

viagens no séc. XVIII que surgiram as primeiras gravuras da cidade do Funchal, com representação fiel do casario existente. O autor de tais imagens: Thomas Hearne. “(22 Set. 1744; 13 Abr. 1817). *Gravdor inglês que inivou a sua actividade sob orientação de William Woollett (1735; 1785), veio a aceitar servir como gravador e pintor topográfico do governador das Antilhas Ralph Payne, cuja armada passa pela Madeira pelos finais de 1771, altura em que executa os desenhos preparatórios deste trabalho, senão mesmo todo o mesmo trabalho. Terminaria a sua comissão de serviço em 1775, altura em que regressa a Inglaterra e termina os trabalhos efectuados nas Antilhas, cerca de 20 grandes aquarelas semelhantes a esta que, após a morte do ex-governador Ralph Payne, então barão de Lavington, em 1807, vieram a ser leiloadas em 1810.*”⁷¹

Thomas Hearne desenhou o Funchal, estabelecendo-se em alto mar durante quinze dias dos quais desenhou casa por casa, a cidade do séc. XVIII.



Figura 6- Panorâmica da cidade do Funchal, Thomas Hearne, 1772, ilha da Madeira (Fonte: Imagem gentilmente cedida por Rui Carita e disponível em: <http://www.arquipelagos.pt/imagePopUp.php?details=1&id=13920>, a 13-09-2010)

⁷¹ Informação consultada e retirada do site a 12-09-2010:
<http://www.arquipelagos.pt/imagePopUp.php?details=1&id=315>,



Figura 7 - Vista do Funchal e do Forte do Pico, Thomas Hearne, 1772, ilha da Madeira (Fonte: Imagem gentilmente cedida por Rui Carita e disponível em: <http://www.arquipelagos.pt/imagePopUp.php?details=1&id=20913>, a 13-09-2010)

A imagem acima apresenta um desenho de Thomas Hearne, onde é possível verificar a existência de um aglomerado urbano, expandido para o lado Oeste da cidade, junto ao Forte do Pico e coincidente com a área de estudo desta dissertação. É possível verificar ainda, embora que muito tenuemente, uma composição escalonada da edificação existente, bem como das diferentes escalas e volumetrias dos edifícios, conotando uma pré-existência das torres “avista-navios”.



Figura 8 - Vista do Funchal, Thomas Hearne, 1772, ilha da Madeira (Fonte: Imagem gentilmente cedida por Rui Carita e disponível em: <http://www.arquipelagos.pt/imagePopUp.php?details=1&id=20914>, a 13-09-2010)

A figura 8, apresenta o pequeno aglomerado urbano da cidade do Funchal no séc. XVIII, com representação fiel da edificação existente na época, sendo possível verificar a existência das diferentes volumetrias dos edifícios nomeadamente torres de avistar navios.



Figura 9 - Fortaleza de Santiago e igreja de Santiago Menor, pormenor da panorâmica da cidade do Funchal, Thomas Hearne, 1772, ilha da Madeira (Fonte: Imagem gentilmente cedida por Rui Carita e disponível em: <http://www.arquipelagos.pt/imagePopUp.php?details=1&id=32855>, a 13-09-2010)



Figura 10 - Torre sobre plano de fundo da Fortaleza do Pico, 1860, (imagem gentilmente cedida por Rui Carita, a 13-09-2010).

4.3.2 - As Torres como posto de vigia

A função para a qual foram concebidas as torres, é a temática fulcral a ser refutada mais à frente nesta dissertação. No entanto, é necessário no contexto histórico das mesmas, fazer uma breve referência para o papel que desempenharam as suas funções e de que maneira eram utilizadas como postos de comunicação entre pontos estratégicos de avistamento alémmar.

A própria cidade do Funchal apresenta determinadas zonas e encostas, denominadas de “avista-navios”, fazendo jus ao próprio nome. Assim, estas zonas altas da cidade, em pleno auge de trocas comerciais vinícolas, serviriam para o avistamento dos barcos ou das naus que chegavam propositadamente para essa transacção comercial. A partir deste avistamento, era comunicado para o edifício da Associação de Comerciantes, onde se hasteavam no Pilar de Banger as bandeiras para avisar os comerciantes e senhores das pipas de vinho da chegada dos respectivos barcos. Posteriormente, estes preparavam-se para o então carregamento das pipas de vinho.

4.4 Breve caracterização geográfica e física da ilha da Madeira

O arquipélago da Madeira, está localizado no Atlântico Este, a cerca de 1000 km de distância da cidade de Lisboa. Insere-se num conjunto denominado de Ilhas Atlântidas, ou simplesmente de Macaronésia⁷², do qual parte outros arquipélagos: Açores, Canárias, e Cabo Verde e Selvagens. Esta área geográfica era já conhecida desde a Antiguidade, aquando das lendas e histórias míticas do lendário continente da Atlântida. Esquecidas durante um largo período da história, são lembradas novamente aquando da expansão ultramarina de Portugal.

A ilha do Porto Santo, foi a primeira a ser desbravada em 1418, sendo um ano mais tarde, em 1419, descoberta a ilha da Madeira.

Apesar da proximidade geográfica das duas ilhas (as únicas povoadas do arquipélago) representam uma fisionomia distinta e características geofísicas igualmente antagónicas. Assim sendo a ilha da Madeira com uma “*forma compacta, trapezoidal ou piramidal*”,⁷³ com uma vegetação densa e declive acentuado onde o Mar e a Serra, o verde e o azul se conjugam harmoniosamente numa paisagem de contrastes.

Divergente da fisionomia da ilha da Madeira, o Porto Santo apresenta uma forma plana, fruto de uma erosão muito acentuada, graças à acção dos “ventos secos provindo de África”⁷⁴ e da inexistência de barreiras naturais, que lhe confirmam um carácter saariano. Já o clima predominante na Madeira é húmido e frio na parte norte da ilha e mediterrânico na parte Sul⁷⁵ mais propícia à sedentarização do povoado e ao desenvolvimento económico e social.

⁷² FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa – Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992. p. 33

⁷³ Citação de Frédéric Mauro, in “*Cidades e Casas da Macaronésia*” de José Manuel Fernandes, p. 36

⁷⁴ Idem, p.39

⁷⁵ Citação Orlando Ribeiro, in “*Cidades e Casas da Macaronésia*” de José Manuel Fernandes, p. 40

4.5 Breve alusão às razões do descobrimento das ilhas atlânticas

É sabido que o povo português foi pioneiro na descoberta de novas terras, bem como no desenho do mundo moderno. Neste contexto, são muitas as razões que levaram a que este povo do extremo oeste do continente europeu, se lança-se em águas desconhecidas e participar na história da Humanidade.

Uma vez que já havia um conhecimento vago da existência das ilhas atlânticas, fazia todo o sentido a ocupação sua ocupação ultramarina. Várias razões justificaram o apoio a expedições maiores, e o alargamento do território português. Segundo José Manuel Fernandes, foram essencialmente razões do foro económico e religioso que impulsionaram a descoberta e a ocupação destas ilhas, nomeadamente:

1ª Razão estratégica: as ilhas serviram como porto de apoio ao abastecimento de bens como a água ou outros elementos essenciais à tripulação entre viagens de longas distâncias;

2ª Razão religiosa: expansão da fé cristã;

3ª Razão económica: as ilhas atlânticas como campos de exploração agrícola e futuros campos de exportação a exemplo da cana - de - açúcar e do trigo, Em 1458 “*É Cadamosto ainda quem primeiro noticia, no ano já apontado, o facto da Madeira, além de cereais, produzir açúcar com proveito e fabricar vinho que sobrava para exportação (...) grandes quantidades de boas madeiras que saíam da ilha para partes do Estrangeiro e para o Reino.*”⁷⁶

4ª Razão personalidade: as características inerentes ao povo português levaram a que este sobressaísse dos demais pela coragem e ambição de enfrentar o desconhecido, “*...um gosto de navegar, de descobrir, de ocupar, mal explicado e que permanece uma das incógnitas da história do mundo.*”⁷⁷

4.6 Breve enquadramento histórico e social da Ilha da Madeira

O povoamento da ilha da Madeira fez-se essencialmente em duas fases.

Uma primeira, aquando da sua ocupação e reconhecimento, e uma segunda fase, propriamente dita de ocupação a partir de 1425. Os colonizadores eram originários do continente português, bem como de outras nacionalidades, cujo culto e tradições de suas terras, transportaram consigo. Este factor sociológico será posteriormente um elemento influenciador da constituição urbana da cidade do Funchal, bem como da sua arquitectura.

⁷⁶ ARAGÃO, António; “*Para a história do Funchal*” 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987p. 30 - 31

⁷⁷ Citação de Medeiros in “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992. P.49

José Manuel Fernandes⁷⁸, faz uma análise interessante do processo de ocupação da ilha da Madeira. Refere serem três as fases de ocupação. Uma primeira, inerente à descoberta do desconhecido, ao reconhecimento do local, “às necessidades de aportagem e de fixação imediata, junto ao litoral, escolhendo-se as pequenas enseadas naturais que permitissem uma fácil acostagem das pequenas embarcações, (...) a proximidade de linhas de água, normalmente ribeiras (praia de Machico).”⁷⁹ Numa segunda fase assiste-se ao “alastrar do povoamento em lugares de exploração rural sucessivamente fundados a certa distância da costa, que pouco a pouco formaram o ‘cordão’ de estrutura aproximadamente linear”⁸⁰, sistema esse presente na estrutura urbana do final de séc. XV e séc. XVI. Assiste-se ainda nesta fase, à hierarquização dos pequenos aglomerados populacionais, nomeadamente à mudança da principal região da ilha, de Machico para o Funchal. Numa terceira fase, assiste-se “à progressão da população para o interior, na busca de terrenos agrícolas mais férteis.”⁸¹

Após iniciado um pequeno núcleo social, num dos locais da ilha mais apropriados à sua instalação (Machico), era necessária a criação de um sistema de coordenação e controlo do território conquistado. Para tal, foi criado um sistema de donatárias, que consistia essencialmente no ‘empréstimo’ oficial a nobres, cedido pelo rei, das terras conquistadas, a fim de nelas explorarem, desenvolverem económica e socialmente e aplicarem a justiça “à exceção das sentenças de morte e de mutilação”.⁸²

Estes nobres, como tinham residência permanente no continente, sem se deslocarem às ‘suas’ novas terras, criaram um cargo de chefia na ilha para coordenar e chefiar o território donatário: os capitães - donatários.

O arquipélago da Madeira foi assim cedido pelo rei D. Duarte ao Infante D. Henrique e este posteriormente dividiu-o em três donatárias, atribuindo cada uma delas aos seus descobridores: a primeira donatária foi a de Machico, criada em 1440, atribuída ao capitão - donatário Tristão Vaz Teixeira que abrangia “todo o Norte e o Leste da Madeira até ao Caniço.”⁸³ A segunda donatária foi criada em 1446, e abrangia todo o território do Porto Santo, tendo sido atribuída a Bartolomeu Perestrelo. A terceira e última a ser criada foi a do

⁷⁸ José Manuel Fernandes, arquitecto, faz uma análise das cidades e das habitações, rural e urbana, das ilhas Macaronésias ou Atlânticas: “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992

⁷⁹ “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992, p.62

⁸⁰ Idem, p. 63

⁸¹ Idem, p. 63 - 65

⁸² Citação de Maria Emília Cordeiro Ferreira, in “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992. P.51

⁸³ “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992, p.51

Funchal em 1459, e tendo sido atribuída a Gonçalves Zarco, “*O donatário do Funchal abrangia o seu poder do Caniço a Porto Moniz*”, ou seja todo o território a sul cujas condições climáticas constituíam as mais propícias ao desenvolvimento económico e social da ilha.⁸⁴

Em síntese, a Madeira foi ocupada cautelosamente, segundo várias fases. O receio pelo desconhecido e a necessidade obrigatória de ‘marcar território’, levaram a que os colonizadores primeiramente correspondessem ao cariz físico da ilha, ou seja, ao reconhecimento do lugar. Posteriormente e analisados os principais potenciais da ilha, a fixação dos colonos, fez-se numa primeira instância num lugar já conhecido, como era Machico, num pedaço de planície rodeada de grandes elevações rochosas que simultaneamente impunham respeito como também asseguravam uma protecção climática. Não só a planície constituiu uma preferência física da ilha como também a proximidade com as linhas de água, ou seja, as ribeiras, tanto em Machico, como no Funchal ou na Ribeira Brava. Este elementos foram primordiais para o rápido desenvolvimento do aglomerado populacional.

Inevitavelmente o mar tem um papel fundamental nesta nova busca da cidade insular. A necessidade corrente de informação vinda do continente, de bens e materiais essenciais à população e a necessidade de utensílios, armas e demais matérias levou a que o pedaço de terra próxima do mar fosse palco inicial da civilização. Ambiguamente a este carácter marítimo, está presente o carácter rural e telúrico do povo colonizador. Ligados à terra e aos trabalhos rurais que exerciam em suas pátrias, os povos que para a Madeira se deslocaram, levaram consigo esta característica campesina. E inevitavelmente, aquando da sua chega ao ‘novo mundo’ experimental, continuaram a exercer aquilo que fizeram até então: o trabalho da terra. Este factor, vem justificar a expansão de povoados para o interior da ilha, numa busca por terrenos que fossem aptos para a agricultura e produção de cana - de - açúcar.

Ainda neste contexto refira-se, segundo José Manuel Fernandes, a ilha da Madeira, foi naturalmente ocupada no sentido Este - Oeste, do conhecido para o desconhecido, num “*percurso urbanizador e colonizador de Nascente para Poente*”⁸⁵.

Estabelecidos os principais aglomerados populacionais, criadas as condições necessárias à aportagem das embarcações, essenciais ao desenvolvimento da ilha, era necessário fazer (no final do séc. XV), antes de qualquer plano estruturante para as cidades, a edificação militar e estratégica. Tais construções eram constituídas quer por uma cerca muralhada, quer por um forte. A intenção de fortificação da ilha com muros e cercas era oficiosa, no entanto, nunca

⁸⁴ Idem, p.50 e 51

⁸⁵In, “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992. P.64

foram construídos quaisquer muros na cidade do Funchal, construindo-se por sua vez, baluartes em vez de muralhas.⁸⁶

Sem muros, construíram-se em 1572 e por ordem de D. Sebastião, construíram-se os fortes e consequentemente a nova muralha. Era necessário implantar edificações de cariz militar que de certa forma protegesse contra corsários e piratas o território conquistado. Como exemplos, constituíram-se o Forte de São Tiago localizado na zona mais antiga da cidade do Funchal, implantado numa área próxima ao mar. O forte de São Lourenço está localizado mesmo no centro da cidade e o Forte do Pico, localizado na zona periférica da cidade do séc. XVI.

4.7 Estruturação física e urbana da cidade do Funchal: análise das cidades de Setúbal e Sesimbra

Para melhor compreender a estruturação física e urbana da cidade do Funchal, será mencionada a importância das cidades de Setúbal e Sesimbra no panorama do urbanismo funchalense bem como as similitudes de ambas as cidades continentais para com o modelo ‘experimental’ atlântico.

Ainda no âmbito social, foi referido anteriormente o processo de ocupação e distribuição dos primeiros colonos a habitar a ilha da Madeira. Consequentemente, a esta distribuição demográfica e à escolha criteriosa do sítio mais apropriado à instalação de uma pequena população, surge neste sentido e *“ainda antes de 1425, (...) uma modesta concentração urbana na zona de Santa Maria do Calhau. Tratava-se de um aglomerado composto por simples construções (casas em geral térreas ou raramente sobradadas e cobertura de palha) onde vivia, na sua quase totalidade, gente laboral ligada à prática de vários ofícios - carpinteiros, pedreiros, ferreiros, sapateiros, tecelões, pescadores e uns quantos mais”*.⁸⁷

A pequena zona de Santa Maria do Calhau, desenvolve-se ao redor de uma igreja, *“cujas raízes instintivas obedeciam a uma orgânica que encontra paralelo nas povoações medievais (...). Uma pequena igreja (como era costume) servia de pólo de atracção urbana. Depois, uma rua principal e outras secundárias a partir desta. No centro, junto à igreja, a praça medieval onde tudo se passava - espaço amplo eleito para comércio e convívio social. Por outro lado, diga-se, a sua implantação local, estendendo-se ao longo do calhau (...), revelando efectivamente uma lógica geográfica adequada em relação ao terreno onde se situou e à sua necessária e vital vocação marítima.”*⁸⁸

⁸⁶ “Em Janeiro de 1494, D. João II, intervindo nas coisas da Madeira, muda a ideia de levantar cerca e muros no Funchal em troca de baluartes, (...)” ARAGÃO, António; “Para a história do Funchal” 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987; p. 77

⁸⁷ ARAGÃO, António; “Para a história do Funchal” 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987; p. 30

⁸⁸ Idem, p. 38

Esta realidade social de Santa Maria, vem a contrastar futuramente, com a população de cariz mercantil, proveniente de uma ascensão rápida do comércio sacarino e vinícola da Madeira, que se afasta do antigo aglomerado e se instala numa zona mais a poente, alargando assim para oeste dos limites do povoado.

Este novo espaço urbano era composto na sua quase totalidade por terrenos de canaviais e de cana sacarina, bem como *“pelos elementos mais necessários e representativos da altura - Igreja, Casa da Câmara, Paço de Tabeliães, Alfândega e inclusivamente uma praça.”*⁸⁹

Em 1488, é ordenado por D. Manuel I, segundo autorização papal, a construção do Mosteiro de Santa Clara, sito na periferia do então povoado e que constituía importante infra-estrutura da época, uma vez que albergava as raparigas que não casavam e que provinham das famílias de qualidade.

Detendo esta nova vila os principais edifícios administrativos e religiosos, novas intervenções surgiram, nomeadamente a abertura de novas ruas e a substituição das pontes de madeira sobre a Ribeira das Casas (Ribeira de Santa Luzia) por pontes de cantaria.⁹⁰

Sendo este um povoado insular, marcadamente de influência medieva, são mandadas construir por D. João II, em Janeiro de 1493, as muralhas que cercariam a actual cidade do Funchal. Esta iniciativa constitui um dos primeiros paralelismos com a vila sadina que serviu de modelo urbanístico à cidade do Funchal. Tal como Setúbal, um exemplo marcante no panorama comércio piscatório e na forma como se organizava, quer pela importância desta, no panorama do comércio piscatório, quer pela forma como esta se organizava *“instalando-se primeiro na colina de Santa Maria e alongando-se depois, progressivamente, pela zona baixa que, para ocidente se estende até ao actual bairro do Troino”*⁹¹, o Funchal, desde logo adoptou estes contornos, começando por erguer a muralha. Embora esta medida não tenha sido bem aceite pelos populares, constituiu um dos primeiros factores de influência das cidades medievas continentais, *“(...)quando o rei determina ao duque a construção da cerca (muralha) da nova povoação, medida esta contra a qual os moradores do Funchal reagiram logo, escusando-se, alegando ser desnecessária. (...)”*

António Aragão reforça as semelhanças com Setúbal, quer com a própria muralha, quer pelo método e técnicas construtivas: *“Note-se a referência às muralhas de Setúbal, as quais deveriam ser tomadas como modelo. Realmente, tanto a maneira de construir ou seja a tecnologia empregada, como o próprio estilo ou gosto das construções, lançavam as suas raízes nas fontes europeias que os portugueses transportaram para o Atlântico.”*⁹²

⁸⁹ ARAGÃO, António; *“Para a história do Funchal”* 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987; p. 73

⁹⁰ *“(...) em Setembro de 1495, pretendeu o ouvidor do duque calçar as ruas e fazer de cantaria as ponte de pau.”* ARAGÃO, António; *“Para a história do Funchal”* 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987; p. 75

⁹¹ FERNANDES, José Manuel; *“Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”*; Vol. I; FAUTL; 1992 p. 121.

⁹² ARAGÃO, António; *“Para a história do Funchal”* 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987; p. 76

Outra característica de nos remete para a influência de Setúbal no modelo urbanístico do Funchal, é a própria origem de *“Fernam Gomes, pedreiro, morador na vila de Setúbal mas estante no Funchal, foi encarregado de acabar a Casa da Câmara e Paço de Tabeliães”*⁹³ Obras essas de grande importância para a cidade do Funchal e que *“embora secundário, reforça também as relações directas (...) entre Setúbal e o Funchal.”*⁹⁴

Em relação à vila de Sesimbra, esta também assume um papel fundamental no urbanismo do Funchal. No entanto é adoptada outra conduta pois não assume o papel de modelo matriz como em Setúbal, mas de “irmã dilecta”. Sesimbra, desenvolve-se quase que simultaneamente que o Funchal, com semelhanças visíveis na edificação de alguns elementos tais como a casa da Misericórdia, ambas do século XVI.

As semelhanças topográficas entre as duas cidades continentais e o Funchal são relevantes. Quer pela sua implantação na vertente Sul, quer pela fisionomia das ribeiras, *“a confluência das de João Gomes e de Santa Luzia (Funchal), ou dos dois braços do ribeiro que se encontram no largo de Bombaldes (Sesimbra) ou a chegada da do Livramento ao largo do Sapal (Setúbal), nos três casos correspondem à definição de um lugar publico central, com sentido de mercado, ao qual se associará gradualmente a função de largo cívico, municipal, articulado com a rua direita.”*⁹⁵

O alargamento da cidade para oeste, caracterizou também estes três exemplos. A relação com a água está evidentemente nas suas presente nas composições urbanística, quer pelas ribeiras, quer pelo papel do mar.

A dicotomia social do Funchal está patente no *“Núcleo de Santa Maria do Calhau, popular e ombreiro, de um lado, oposto ao da rua dos Mercadores, comerciante e açucareiro - ligados ambas pela turtuosa rua direita (...)”*⁹⁶

As similitudes de cariz militar e religioso são a localização dos Fortes (do Pico - Funchal e São Filipe - Setúbal), e dos conventos franciscanos e Jesuítas (Convento de Santa Clara - Funchal e Convento de Jesus - Setúbal).

4.8 Caracterização da área de estudo

À identificação e análise das torres “avista-navios” está intrinsecamente relacionado o espaço urbano onde estão inseridas as mesmas.

⁹³ Idem, p. 74

⁹⁴ FERNANDES, José Manuel; *“Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”*; Vol. I; FAUTL; 1992 p. 122

⁹⁵ Idem, p. 125

⁹⁶ Idem, p.126

Esta área, correspondente a uma das zonas mais nobres e antigas do Funchal, constitui uma das maiores concentrações de edifícios nobres com torres “avista-navios”. Serão, identificadas, mais à frente, as ruas no contexto histórico do Funchal, e correlacionando-as com os edifícios - torre (Figura 11).

A área urbana aqui referida, encontra-se localizada no centro da cidade do Funchal. Geograficamente, está compreendida entre a Ribeira de Santa Luzia e a Ribeira de São João. Este espaço abrange a norte uma grande área do núcleo histórico de São Pedro e a sul uma pequena área do núcleo histórico da Sé (Figura 12).

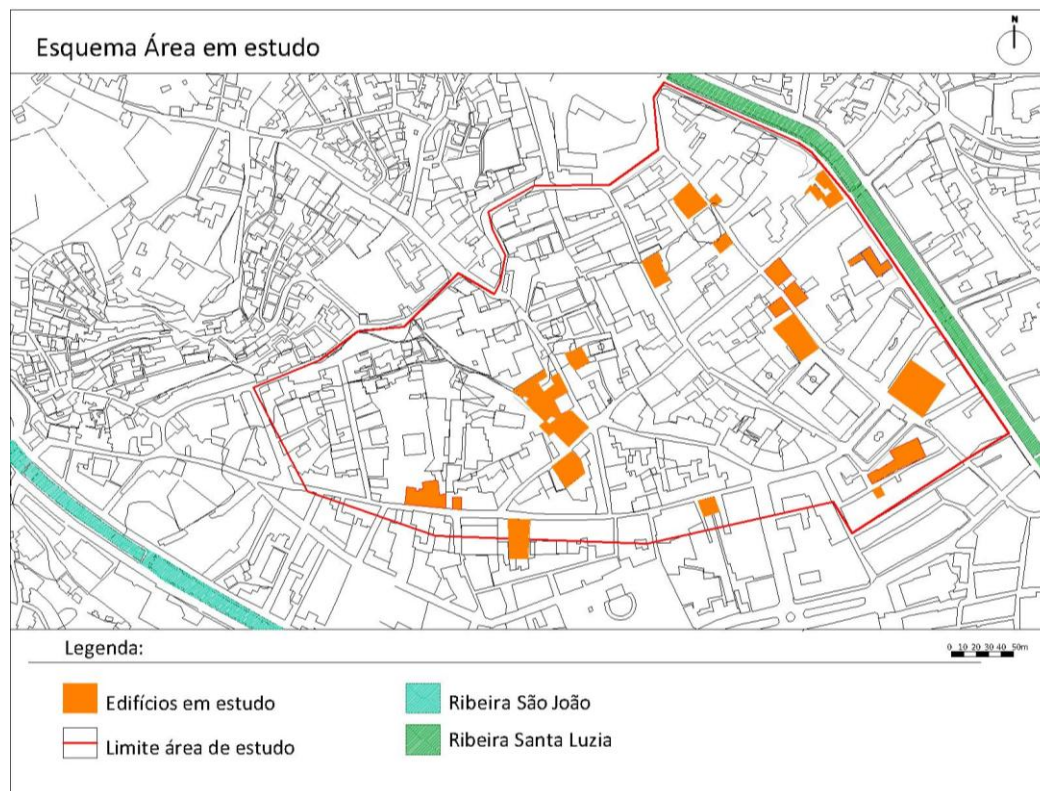


Figura 11 - Área de estudo (Autora)

Na figura seguinte é possível verificar as principais infra-estruturas administrativas e religiosas do centro do Funchal.

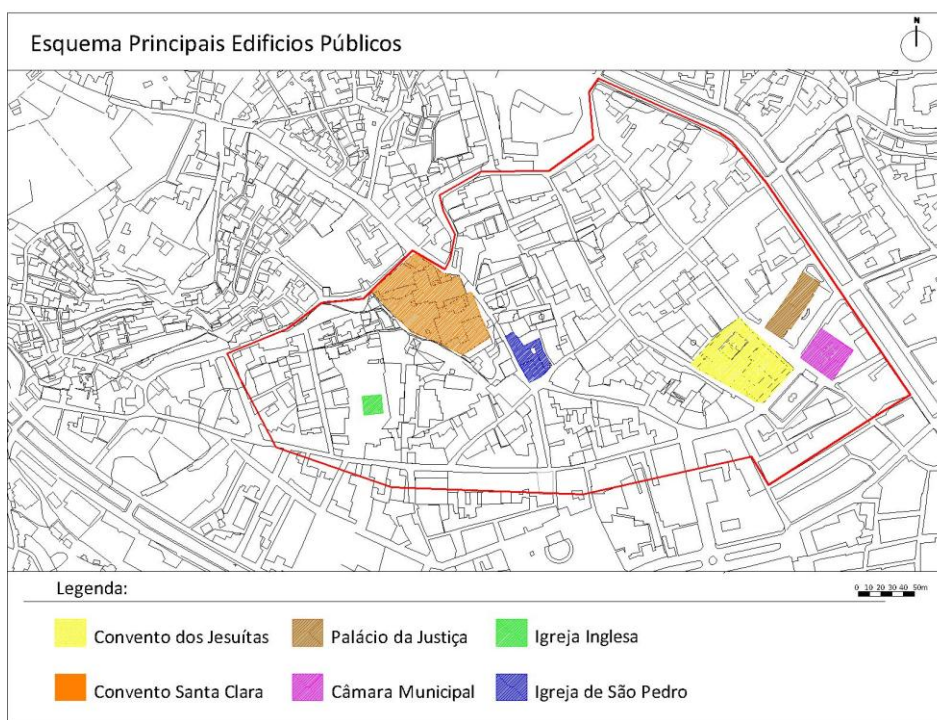


Figura 12 - Principais edifícios religiosos e administrativos (Autora)

Inserem-se na área de estudo, a Igreja de São Pedro, a partir da qual se traçaram as ruas do Funchal antigo e mercador; a Igreja Inglesa, situada numa zona mais a poente; o Convento de Santa Clara, que sendo um edifício franciscano, “na Madeira e nos Açores se situam por regra no extremo poente das povoações, num espaço de transição para as áreas rurais, que parece aliás apropriado ao ideário pregado pela ordem”⁹⁷; o Colégio dos Jesuítas, localizado no centro urbano da cidade, que em oposição ao Convento de Santa Clara, “procuram um sítio marcadamente urbano, central e bem visível de toda a cidade - na linha também da sua doutrina mais afirmativa e impositiva.”⁹⁸; o Palácio da Justiça e a Câmara Municipal ela própria um edifício da Câmara, uma edifício com torre.

Tanto o Colégio dos Jesuítas, como o Palácio da Justiça e a Câmara Municipal, situam-se em pleno centro urbano do Funchal, próximos uns dos outros e da praça central que os interliga o Convento dos Jesuítas com a Câmara Municipal: Praça do Município (Figura 12).

⁹⁷ FERNANDES, José Manuel; “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992 p.112

⁹⁸ FERNANDES, José Manuel; “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992), p.112

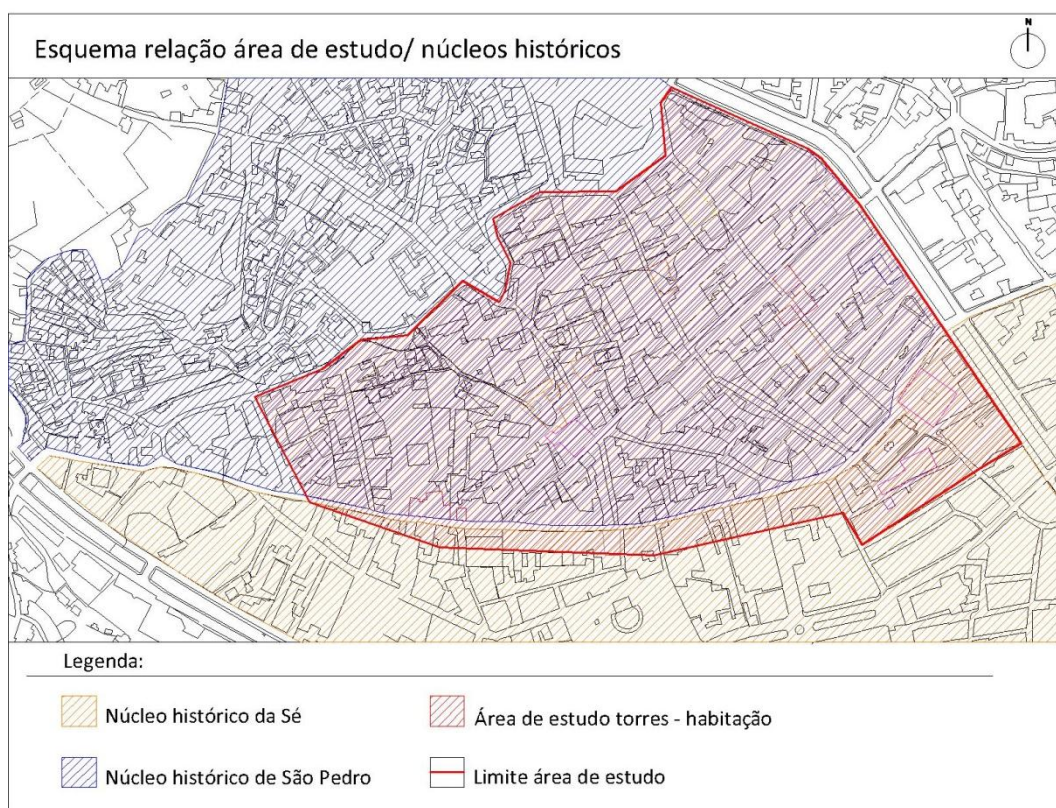


Figura 13 - Núcleos históricos (Autora)

A análise comparativa do território do Funchal segundo a cartografia do início do séc. XVIII e o território actual, denota a forma como este território permaneceu semelhante desde os primórdios até aos projectos realizadas por Ventura Terra, no dealbar do séc. XIX.

As ruas, as primeiras edificações e a malha urbana no geral permaneceram semelhantes. No entanto é de ressaltar, que esta primeira cartografia da autoria de Oudinot, (Figura 14) foi realizada um ano após ao grande aluvião, que destruiu a cidade.

Na imagem, são de destacar todas as ruas que constam de estudo pormenorizado e importante no contexto urbano das torres: Rua da Carreira, Rua da Mouraria, Rua dos Ferreiros, Rua de São Pedro, Rua do Bispo, Rua das Pretas, Calçada de Santa Clara e Rua do Surdo. Nelas, constam também edificadros coincidentes com as ruas, na qual podemos atribuir maioritariamente aos edifícios aqui analisados.

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Figura 14- Planta do Funchal, Oudinot, 1804 (Imagem gentilmente cedida por Rui Carita, e disponível online através do site: <http://www.arquipelagos.pt/newlayout.php?oldmode=arquipelagos&mode=procura&submode=#>, a 13-09-2010)

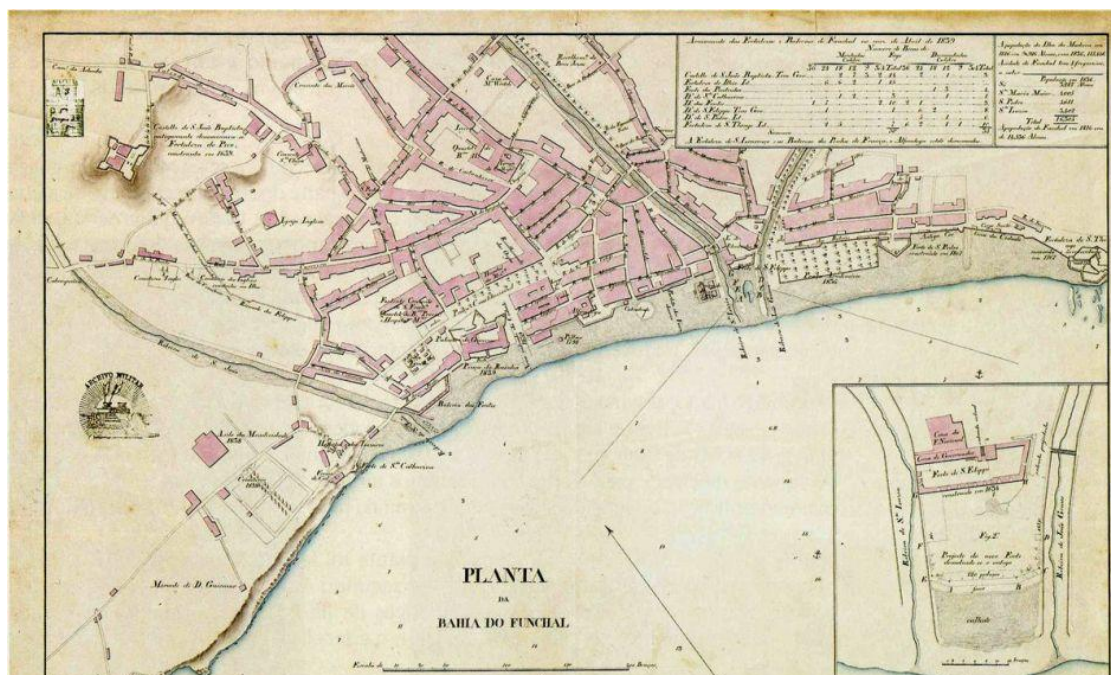


Figura 15 - Cidade do Funchal, 1840 (Imagem gentilmente cedida por Rui Carita, a 13-09-2010)



Figura 16- Cidade do Funchal, 1900, mapa do guia alemão (Imagem gentilmente cedida por Rui Carita a 13-09-2010)

Nesta última imagem, datada de 1900, podemos observar que durante um século, muito pouco foi alterado no contexto urbano do território analisado, uma vez que, durante este período de tempo, foram criados somente duas novas ruas do lado Oeste da área, e verticalmente em relação ao planificado e quase nenhum edificado.

Com isto, podemos concluir que foi durante o século XX, que se deu as mais importantes reformas urbanísticas e o desenvolver de toda a malha urbana da cidade que conhecemos hoje em dia.

No séc. anterior, o território urbano analisado não sofreu grandes alterações urbanísticas, nem sociais, permanecendo coincidentes com a planta actual, as principais estruturas viárias e edifícios nobilitados.

4.8.1 Caracterização dos núcleos históricos

A freguesia de São Pedro (Figura 13) e respectivo núcleo histórico, é um dos mais antigos e importantes núcleos da cidade do Funchal. Tal importância e estatuto para a cidade, deve-se sobretudo ao componente histórica:

“É a mais populosa e a mais importante das quatro freguesias urbanas do Funchal. Foi dentro da sua área que começou a primitiva colonização e povoamento, porque o próprio descobridor Gonçalves Zargo fêz ali o seu primeiro assentamento, no alto que depois se chamou de Santa Catarina.(...) Os alvarás régios de 8 de Maio de 1591, 17 de Maio de 1600, 19 de Agosto de 1609 e 10 de Junho de 1749 elevaram respectivamente os vencimentos anuais a

26.700 réis, dois moios de trigo e uma pipa de vinho (...) e 60.000 réis, dois moios de trigo e duas pipas de vinho.”⁹⁹

A partir desta citação é possível verificar a condição mercadora e vinícola da freguesia de São Pedro, característica evidenciada pela existência de solares, pertencentes à fidalguia comerciante da cidade.

“A freguesia de São Pedro estende-se, pelo lado ocidental, até ao Ribeiro Sêco, e pelo lado norte, até à azinhaga dos Ausentes, no caminho de Santo António, e a travessa da Figueira Canhota, no caminho da Achada. São ainda limites da freguesia de São Pedro uma parte da margem direita da ribeira de Santa Luzia situada (...), a metade ocidental da rua dos Ferreiros (...), a parte norte desta ultima rua limitada pela dos Ferreiros e a das Mercês, a rua de São Pedro, a rua das Pretas (...) e a calçada de São Lourenço. É no ponto onde desemboca a rua de São Francisco que estabelece na rua da Carreira a separação da freguesia de S. Pedro da da Sé.”¹⁰⁰

A freguesia da Sé (Figura 13), não tão menos importante que a freguesia de São Pedro, foi *“criada em 1438 e estabelecida na igreja de Nossa Senhora do Calhau, transferiu a sua sede para o novo templo, que depois foi Sé Catedral, alguns anos antes da instituição da Diocese. (...) Foi da freguesia da Sé que se desmembraram as paróquias de São Pedro, Santo António, São Martinho, São Roque, Monte e mais tarde Santa Luzia. (...) A freguesia da Sé ocupa a parte mais central da cidade e nela se desenvolve a sua maior actividade comercial, burocrática e oficial. Ali se encontram os mais importantes estabelecimentos comerciais, incluindo tôdas as casas bancárias, e a maior parte das repartições publicas, e ali se exerce o trafego comercial do pôrto e da alfandega da cidade. (...)”¹⁰¹*

Não seria possível falar dos edifícios - torre, sem antes enquadrá-los numa rua, num quarteirão ou numa avenida. Por isso, é necessário analisar as principais vias que constituem os edifícios em estudo para então poder compreender a sua própria localização física. Não será feito um estudo profundo acerca destas, mas somente uma referência preliminar de âmbito histórico e social, para que assim seja possível compreender a própria área urbana definida.

Na figura seguinte, é possível distinguir e identificar cromáticamente as ruas principais que fazem parte da área urbana definida. Nelas são subjacentes a sua fisionomia tortuosa, alinhamentos e desalinhamentos, pontos de fuga e remates. Estas características urbanas denunciam a sua origem medieva e antiga.

⁹⁹ SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. III (O - Z); Drac; Funchal; 1998, p.275 - 276

¹⁰⁰ SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. III (O - Z); Drac; Funchal; 1998, p.276 - 277

¹⁰¹ SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. III (O - Z); Drac; Funchal; 1998, p.296

São ainda relacionados com as próprias vias, os edifícios - torre aqui identificados:

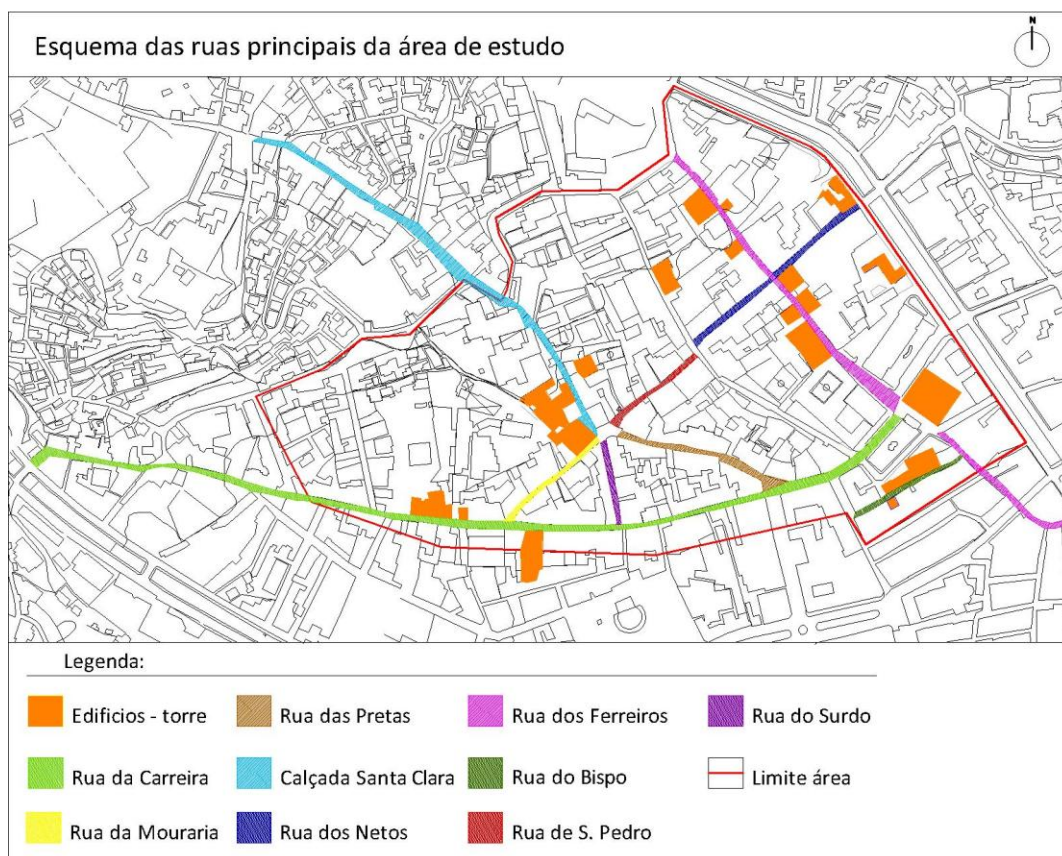


Figura 17- Ruas principais presentes na área de estudo (Autora)

Na figura 17, podemos observar a forma como os edifícios - torre desenvolvem-se ao longo das ruas. Numa primeira observação, é possível identificar a Rua dos Ferreiros, demarcada a cor magenta, com uma maior concentração de edifícios - torre. Sendo esta parte integrante da Rua Direita de outrora, esta é uma das principais e mais importantes ruas enquadradas na área em estudo, “é uma das mais transitadas ruas do Funchal e estende-se desde a rua 5 de Outubro até à ponte do Torreão. (...) O nome de Ferreiros proviria certamente do facto de ali existirem algumas oficinas desta arte manual. (...) Frutuoso falando da rua Direita diz que «he a mayor da cidade, vai ter ao Pinheiro que he uma arvore que está no cabo della, a mais grande e formosa que há na mesma cidade». É preciso notar que, a pesar do Pinheiro ficar na margem esquerda da ribeira, o local conhecido por aquele nome se estendia até à margem direita, devendo também advertir-se que uma parte considerável da actual rua dos Ferreiros

ficava marginal á ribeira e não distanciada dela como hoje se encontra. (...) A rua dos Ferreiros recebeu a 19 de Novembro de 1915 o nome de rua do Comércio.”¹⁰²

Pertencentes a esta rua, são possíveis de identificar oito edifícios - torre em estudo: o Palacete dos Barões de São Pedro (DRAC); o edifício pertencente à empresa CF Sousa Andrade; o edifício pertencente ao sindicato dos Trabalhadores da Construção, Olaria e Madeiras; o ATNEU Comercial do Funchal; o edifício da Fundação Livraria Esperança; a Sucursal da Livraria Esperança; o edifício pertencente à empresa de Leilões Chagas e o edifício da Câmara Municipal do Funchal.

Outra rua bem demarcada na figura 17, é a rua da Carreira, de tamanha importância para a cidade do Funchal como a anterior e abrange uma parte da área em estudo. Historicamente, esta é uma rua muito conhecida e nobre, e seu nome advém do antiga denominação «*Carreira dos cavallos*, pelos costumarem correr nella.» É das ruas mais antigas da cidade e “*nela tinham suas moradas em outros tempos muitas das mais nobres e qualificadas famílias do Funchal. Vai actualmente ao largo do Colégio até à ponte de S. João.*”¹⁰³

Inerente a esta, estão localizados o edifício do Solar dos Zinos, e o edifício onde actualmente está implantado o centro de recrutamento do Funchal (Exército).

A rua dos Netos, que geograficamente atravessa perpendicularmente a rua dos Ferreiros, constitui uma das principais artérias do núcleo histórico de São Pedro. Esta rua estende-se “*desde a rua de S. Pedro até á Ponte Nova, sôbre a ribeira de Santa Luzia, mas antigamente tinha o seu nome términus na rua dos Ferreiros, (...) ficando compreendida na rua da Ponte Nova a parte mais limitada do lado leste pela referida ribeira de Santa Luzia. Deu o nome a esta via publica João Rodrigues Neto Calassa, que, vindo do continente, se estabeleceu nesta ilha e aqui morreu em 1531, tendo residido na rua que tem o seu nome.*”¹⁰⁴ Esta é uma rua, rasgada nos sécs. XV/XVI, pela família de João Rodrigues Neto, para a então passagem por aquela via da procissão de Corpo de Deus.

Na rua dos Netos, podemos verificar ao fim da rua, a existência de um edifício - torre em estudo, pertencente à casa de Bordados da empresa “Madeira Sun”.

Ainda na planta da figura 17, podemos observar primeiramente, que a partir do largo da Igreja de São Pedro, erradicam cinco ruas, que no seu conjunto, formam geograficamente um sistema urbano concêntrico, em forma estrelar, característico de um urbanismo medieval. Estas ruas que convergem do largo da igreja de São Pedro, constituem um espólio urbano de

¹⁰² SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. II (F - N); Drac; Funchal; 1998, p.26

¹⁰³ SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. I (A - E); Drac; Funchal; 1998, p. 251

¹⁰⁴ SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. II (F - N); Drac; Funchal; 1998, p.434

arquitectura e monumentalidade dos sécs. XVI/XVII, já presentes na primeira reprodução planimétrica da cidade do Funchal, feita por “*volta de 1570, por Mateus Fernandes - Mestre das Obras Reais.*”¹⁰⁵ Tais ruas pertencentes a esta orgânica, são:

Do lado Norte, a Calçada De Santa Clara, onde estão inseridos os edifícios - torre da antiga escola primária e básica Externato Nuno Alvares, inserida em solar urbano dos sécs. XVIII/XIX e a Casa - Museu Dr. Frederico de Freitas;

Do lado Oeste, existe a Rua da Mouraria, localizando-se na mesma o Palácio de São Pedro, “*que pertenceu aos condes de Carvalhal*”. A toponímia desta rua advém do facto de “*ter havido no local um bairro de mouros. (...) escravos (...) cativos empregados no arroteamento das terras da Madeira. (...) Na primeira destas localidades (Funchal) houve uma mouraria ou bairro de mouros, dando o publico ainda hoje a uma das ruas do Funchal o nome de Mouraria. (...) O Tenente - coronel Alberto Artur Sarmiento publicou no nº 1983 do antigo Heraldo da Madeira um interessante artigo acêrca dos mouros na Madeira (...) «Os mouros formaram núcleos importantes, reunindo-se em grupo ou bairro á parte, como o atesta a Mouraria, uma das ruas mais antigas do Funchal, e tiveram grande commercio nas villas (...).*”¹⁰⁶

Ainda, na vertente Sul, e a convergir da igreja de S. Pedro, existe a Rua do Surdo, rua essa, não relevante para o nosso caso - estudo, uma vez que não constitui qualquer edifício - torre em análise. No entanto, esta rua que liga à rua da Carreira, deteve importantes casas/solares pertencentes a famílias nobres, subsistentes da produção e exportação vinícola.

Do lado Sudeste, a Rua das Pretas, que apesar de não ser identificado qualquer edifício com torre em estudo neste trabalho, constitui uma das ruas mais significantes de São Pedro. Seu nome advém da constante passagem de empregadas de cor, que serviam as casas nobres presentes na zona.

Do lado Este, existe a Rua de S. Pedro, não constituindo igualmente qualquer edifício - torre em estudo, sendo esta uma das artérias que surgem a partir do largo da Igreja da S. Pedro.

A Rua do Bispo, pertencente ao núcleo histórico da Sé, contém dois dos edifícios em estudo: o Palácio dos Ornelas e o Museu de Arte Sacra. Seu nome “*provém dos prelados do Funchal terem nela a sua residencia oficial. (...) Nesta rua fica o antigo solar da família Ornelas, de*

¹⁰⁵ ARAGÃO, António; “*Para a história do Funchal*” 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987; p. 78

¹⁰⁶ I SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. II (F - N); Drac; Funchal; 1998, p. 408

que é hoje representante o conselheiro Aires de Ornelas de Vasconcelos, que foi edificado no último quartel do séc. XVII pelo morgado Aires de Ornelas (...).”¹⁰⁷

Ainda presente no esquema apresentado da área em estudo, existem outras ruas que também fazem parte da área urbana da freguesia de São Pedro e no qual pertencem alguns edifícios em estudo.

No contexto histórico - social, foi de fácil entendimento a relação mútua entre as vias pertencentes aos núcleos históricos, e os edifícios em estudo. É visível a interligação entre as mesmas e os edificados, por isso, foi necessária uma análise sobre as mesmas para um perfeito entendimento desta relação.

4.9 Síntese: Contextualização histórica

Deste capítulo as ideias base a reter são:

1. As primeiras referências históricas associadas à torre, enquanto espaço habitacional e nobilitado, referem-se à torre senhorial da idade média, compreendida entre os sécs. XII, XIII e XIV. Podemos concluir que as torres senhoriais deste período da história, foram a contribuição mais próxima e fiel das primeiras construções de torre enquanto espaços associados a solares e edifícios residenciais. Por isso, de certa forma, o carácter nobilitado, associados a estas torres, influenciam de certa maneira a construção das torres “avista-navios”, de forma a que estas torres estejam associadas à exaltação do poder perante classes mais baixas.
2. A condição insular e o meio físico onde as torres “avista-navios” estão implantadas, foram factores igualmente importantes na concepção das mesmas na cidade do Funchal, a par da condição económica a que estavam sujeitas. Por isso, a caracterização geológica da ilha, o processo de ocupação e desenvolvimento sociológico e comercial da mesma, contribuíram para o correcto entendimento das principais razões que levaram a que as mesmas estivessem localizadas espacialmente em determinada zona da cidade.
3. As primeiras gravuras da cidade do Funchal realizadas por estrangeiros, no início do séc. XVIII, dão a entender a importância das torres “avista-navios”, no contexto arquitectónico e histórico da cidade do açúcar, de tal maneira que, no conjunto urbano do séc. XVIII da cidade do Funchal, é possível verificar determinadas torres

¹⁰⁷ SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. I (A - E); Drac; Funchal; 1998, p. 152

destacadas pela sua volumetria, do restante edificado setecentista, que fazem parte integrante e característica da cidade.

A análise da malha urbana através de cartografia do séc. XIX, e a implementação dos modelos continentais de planeamento urbano (Setúbal e Sesimbra) adoptados no modelo experimental atlântico, contribuíram para reforçar a similitude entre o edificado em estudo e a componente urbana estabelecida e planeada para a cidade, podendo concluir-se que a expansão da cidade para Oeste, condicionou a localização espacial das torres, no contexto urbano e histórico da cidade do Funchal.

4. Por fim, o estudo pormenorizado do centro histórico de São Pedro e conseqüentes ruas principais que compõem a área urbana analisada, contribuíram para a compreensão histórica das torres “avista-navios” no contexto do edificado existente.

CAPITULO 5. CARACTERIZAÇÃO ARQUITECTÓNICA DAS TORRES

Este capítulo tem como principal objectivo analisar de forma generalizada as principais características e elementos arquitectónicos que constituem as torres “avista-navios”.

Neste contexto, é pretendido primeiramente chegar a um conceito base atribuído às torres. Posteriormente serão analisados os diferentes pontos de vista subjacentes à sua função original e actual, bem como no contexto arquitectónico da cidade e dos próprios edifícios. Ainda nesta ordem de trabalhos, é importante analisar, segundo o contexto arquitectónico, os vários elementos arquitectónicos, os materiais que caracterizam e compõem a torre, bem como a sua análise pormenorizada da sua organização espacial interna. Posteriormente serão comparados os vários casos - estudos segundo uma conduta tipológica e formal.

Sumariamente, este capítulo deverá centrar-se essencialmente na análise pormenorizada da torre ‘modelo’ e nos diferentes elementos que a constituem, característicos da arquitectura tradicional da Madeira. Proceder-se-á à análise parcial com o conjunto arquitectónico onde está inserido e com as demais construções inerentes à torre ‘modelo’, isto num contexto urbano, volumétrico e formal, tal como os elementos caracterizantes da arquitectura insular da Madeira.

5.1 As Torres: Conceitos

Quando falamos em torres, lembramo-nos imediatamente de uma estrutura forte, imponente, constituída por pedra e com uma volumetria quadrangular ou circular. Na realidade as torres aqui estudadas, não distorcem muito desta visão idílica da torre da idade média.

São igualmente altas, não em pedra, mas em alvenaria, e são igualmente imponentes, uma vez que se destacam das demais edificações pela sua altura. No entanto são antagónicas na função, no conceito propositado pelo qual foram concebidas.

Enquanto as anteriores foram construídas dentro de um cariz militar e defensivo, as torres aqui analisadas, fazem primeiramente parte integrante de um edificado nobilitado e foram construídas com o principal fundamento de avistar o mar e do que dele provinha. São assim, torres orientadas para Sul, para o mar e para o vislumbre claro e amplo do horizonte. No entanto, ao longo dos tempos estas torres foram sofrendo conotações diferentes.

Há que ressaltar dois importantes conceitos inerentes a estas, e antagónicos temporalmente:

- Torre “Avista - navios”: Este termo surge essencialmente na era da exportação, das trocas comerciais do vinho Madeira e de outros produtos essenciais. Serviam também para a recepção de cereais.

Este conceito está então intimamente ligado à função pelo qual foram construídas as torres: o avistar o mar, num contexto profissional, económico e comercial. Serviriam somente para a subida à torre, o avistar os navios através do óculo e o carregar a mercadoria para os respectivos barcos. Este é um termo mais antigo e inicialmente associado às torres, enquanto elementos caracterizadores da arquitectura tradicional da Madeira, assim como o apoio estrutural e comercial que davam aos proprietários;

- Torre “Avista - mar”: Termo este mais recente, sendo possível enquadrá-lo no séc. XIX / XX, e está associado a um conceito mais lúdico, centrado numa torre enquanto espaço de prazer, de mera observação do mar.

Este termo costuma estar associado a temáticas mais românticas e poéticas, nomeadamente segundo descrição de determinados autores, tais como, Edmundo Tavares, onde o mesmo acerca das torres, caracteriza-as de forma marcadamente poética, e como elemento essencial de quebra do isolamento e da solidão.

Ambas as definições são distintas e até certa medida coerentes segundo respectivas lógicas e até mesmo de função, no entanto não podemos renunciar à condição física que apresentam: condição residencial e familiar. As torres estão inseridas em edifícios nobres, abastados e com certa condição social.

Deste modo é possível conotá-los como Torres de “Habitação”, ou seja, delegam qualquer relação funcional com as anteriores referidas, sendo exclusivamente de observatório do mar, bem como espaços capazes de albergar quartos e áreas residenciais, apesar das proporções que por vezes apresentam ou denotam. Na realidade, algumas das torres estudadas apresentam duas divisões num único piso. No entanto não devemos definir as torres segundo uma única ordem de ideias, mas sim numa perspectiva mais histórica e social. Para tal, e para correcta compreensão da torre, enquanto elemento arquitectónico de relevância urbana e histórica da cidade do Funchal, será definida como Torre “Avista - navios”.

5.2 Caracterização das torres “Avista - navios”

Existe uma frase de António Aragão no qual exprime a sua noção particular e interessante da cidade: *“O alçado dum edifício com os seus volumes, cores, janelas e portas é assim como o rosto talhado conforme o rosto daqueles que o conceberam e construíram. Quase um retrato. Então, se juntarmos todos os edifícios da cidade teremos, sem dúvida, uma espécie de retrato de todos os que nela habitam ou seja a sociedade que dentro dela vive.”*¹⁰⁸ É através dos elementos constituintes dos edifícios e não só, que se compõe a cidade. Fundamentalmente, a cidade é caracterizada pela sociedade que nela habita. Intrinsecamente ou não, tudo na cidade é denunciador do carácter, do gosto e dos hábitos das pessoas que nela vivem. Os prédios, as suas formas e arquitecturas, as ruas, as lojas, denunciam as influências exteriores e físicas do próprio lugar. Directa ou indirectamente, a arquitectura subjacente na cidade do Funchal, concretamente na área urbana de São Pedro, traz consigo uma história, uma justificação para a sua própria concepção, a sua própria origem e estilo. Quer seja de influência estrangeira, quer marcadamente telúrica, o conjunto urbano desta área apresenta particularidades, merecedoras de um estudo mais aprofundado. São elementos reais de uma cidade de outrora. São marcas vivas do tempo em que a sociedade subsistia da terra e das exportações do que a mesma oferecia. São estas marcas do tempo, impressas na arquitectura dos solares nobilitados, das ruas estreitas presentes na morfologia urbana da cidade, que tornam a paisagem do Funchal um cenário único e pitoresco.

¹⁰⁸ ARAGÃO, António; *“Para a história do Funchal”* 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987; p. 68



Figura 18- Esquício de uma torre 'avista - mar' (Autora)

E é nesta mesma paisagem quase que ‘romântica’, que se destacam dos casarios baixos e do verde vivo das montanhas, os solares com torre tão característicos da paisagem insular madeirense. Espalhados um pouco pelo centro da cidade, até à baía do Funchal, as torres destes casarios solarengos desenharam no espaço um contraste de alturas e uma harmonia visual do conjunto urbano insular.

Desde muito evidenciados por artistas, escritores ou meros observadores da beleza construída do Funchal, os solares com torre, são uma marca da cultura, história e arquitectura da Madeira. Reis Gomes caracteriza as torres como sendo:

“Um último andar dos grandes prédios, recuado em relação à frente e elevado, (...), apresentando um alpendre, em geral, para o lado do oceano. A «torre», munida de óculo, era, antes do vapor e do telégrafo, o observatório da chegada dos navios, às vezes tão longamente esperada, mensageiros de notícias, portadores de mercancias, ou que deviam carregar vinho e mais produtos para os mercados de consumo, nacionais ou estrangeiros.

A tradição das «torres» conservou-se com a função de miradouros cobertos, no alto; e, abaixo destes, constituindo alguns andares de planta reduzida, cheios de luz e arejados. É uma das feições mais pitorescas do casario da cidade.”¹⁰⁹

¹⁰⁹ GOMES, J. Reis; “Casas madeirenses”; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII, p.23 - 24

Edmundo Tavares, de uma forma poética, caracteriza as torres e simultaneamente atribui uma conotação de mirante ou de meio de comunicação às mesmas:

“Assim a torre madeirense era o observatório onde o grande comerciante subia ansioso a espreitar o mar, a ver se vislumbrava os seus galeões, nos tempos em que não existia a telegrafia, nem qualquer outra espécie de comunicações, a avisar a proximidade e a chegada dos navios.

Com o progresso da ciência, o observatório de outrora tornou-se apenas no miradouro encantador da casa, donde se surpreendem os horizontes vastíssimos que se desdobram e dilatam para além das outras casas, dos outros telhados e das outras torres da formosíssima cidade. (...) Além destas interessantes torres, muitos outros motivos arquitectónicos embelezam e caracterizam as construções nobres e palacianas do Funchal.”¹¹⁰

Também José Manuel Fernandes, evidência a característica de observatório destas torres, *“pelo desejo de quebrar o isolamento característico da vida insular, dada a relação que naturalmente permitem estabelecer com uma paisagem urbana de vistas mais amplas, mas sobretudo pela ligação visual com o oceano, meio de transporte e de ligação ao “exterior” (...).”¹¹¹*, denominado estas mesmas torres de, *“torres de ver - o - mar”*.

Contrária a estas conotações de torre/miradouro ou *“torre de ver - o - mar”*, existe a refutação de António Loja, perante estas afirmações de torre enquanto observatório do mar, baseadas na mentalidade estrangeira implantada na cidade do Funchal: *“Absorvidos agora por uma sociedade onde o que conta é sobretudo o sucesso económico, é natural que um certo exibicionismo de riqueza e de poder traduza a mentalidade do recém - chegado (imigrante) que tenta penetrar na hierarquia social madeirense onde imperavam naturalmente, refugiados de uma Europa em transformação, os conceitos e valores senhoriais tradicionais.”¹¹²*

O mesmo defende que a construção das torres não passa de uma moda a que certos burgueses implantaram na cidade do Funchal e que a partir destas, o desejo de se mostrar perante a demais população, tornou-se uma obsessão e um jogo de competição para ver qual deles tinha a torre mais alta, mais ostentada da cidade.

“É evidente que, a partir de certo momento, poderemos estar perante um simples jogo de imitação, tão frequente aliás na arquitectura - mas, mesmo nesta imitação é difícil excluir-se o factor de prestígio social implícito naquela. É que, neste caso, pelo menos, não se imita

¹¹⁰ TAVARES, Edmundo; *“Terra Atlântida (Impressões da Madeira)”*; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948; Pagina 59 - 60.

¹¹¹ FERNANDES, José Manuel; *“Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântica sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”*; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 187

¹¹² LOJA, António; *“As torres do exibicionismo”*; Atlântica, nº18; 1989; p.87

o comum, o usual; imita-se sim aquilo que é diferentes e o que se julga trazer consigo algum prestígio aos olhos dos outros. Isto é: imita-se a casa do aristocrata ou do burguês rico, tentando assim alcançar o escalão dos que, bem ou mal, constituem modelos sociais.”¹¹³

São opiniões resultantes de uma visão muito própria e pessoal por parte de cada historiador e por isso devem ser entendidas como pontos de partida para uma análise e estudo mais pormenorizados acerca da real função das torres “avista - navios”. Mas não só da influência física do meio, carregam consigo as torres ‘avista-navios’, mas sim, e sobretudo, as ‘modas’ então praticadas na arquitectura continental. Assim as torres inseridas num contexto de casa insular urbana, *“exprime por um lado uma relativa adaptação ao ‘novo meio’ insular, apresentando por outro uma teimosia e arreigada ligação aos modelos exteriores e anteriores, transportados ou transpostos através da cultura e tradição das comunidades migrantes colonizadoras.”¹¹⁴*

Esta influência da casa urbana continental (ocidental e mediterrânica) trazida pelos colonos e aliada ao meio envolvente, exprime-se assim marcadamente na arquitectura e na morfologia da habitação urbana e rural, acabando por criar *“um estilo de habitação belo, simples, e muito nosso (...)”¹¹⁵*a que muitos chamam de arquitectura popular ou tradicional da Madeira.

Os edifícios - torre, embora espalhados um pouco por todo o centro da cidade do Funchal, o caso - estudo aqui apresentado, situam-se numa região nobre da cidade (como anteriormente referido), com uma grande concentração de solares e casarios nobilitados com torre ‘avista - mar’.

Este trabalho, e a conseqüente caracterização pormenorizada das torres ‘avista - mar’, são fruto do trabalho de campo realizado sobre as torres e de um processo metodológico de definição e identificação das mesmas. A partir deste, são descritas as tipologias, volumes, características arquitectónicas, materiais e funcionalidades.

Os edifícios - torre, serão caracterizados primeiramente de uma forma geral, segundo o resultado do trabalho de campo realizado, e serão identificados para uma melhor percepção.

Serão caracterizados, contudo, os elementos arquitectónicos presentes nas fachadas e estrutura dos edifícios - torre, de contexto tradicional insular (análise de algumas características da casa tradicional madeirense), e que mais à frente serão alvo de estudo e identificação breve.

¹¹³ LOJA, António; *“As torres do exibicionismo”*; Atlântica, nº18; 1989; p.95

¹¹⁴ FERNANDES, José Manuel; *“Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântica sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”*; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 183

¹¹⁵ GOMES, J. Reis; *“Casas madeirenses”*; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII, p.18

Num contexto geral de assimilação e identificação das torres existentes na área urbana em estudo, foram identificadas, segundo estudo prévio e estruturado por José Manuel Fernandes na sua tese de mestrado, dois grupos de torres presentes na cidade do Funchal: ‘torres’ e ‘torreões’.

O mesmo autor, caracteriza as torres, como sendo volumes com mais de dois ou três pisos acima dos telhados: “(...) *volumes elevados (até dois ou três pisos acima do telhado da habitação), e frequentemente recuados em relação ao plano da fachada, os quais podem ser de alvenaria (com forma quadrangular ou paralelepipedica), compactos ou com varandim aberto ou envidraçado, ou então apresentar estrutura de madeira aparente (...) sendo quase sempre cobertos com telhado de 4 águas.*”¹¹⁶

Dentro desta organização tipológica sobre as ‘torres’, estruturada por José Manuel Fernandes podemos conotar as seguintes torres em estudo:

- Palácio dos Ornelas, sito na rua do Bispo;
- ATNEU, na Rua dos Ferreiros;
- Edifício da Livraria Esperança, na Rua dos Ferreiros;
- Edifício da Sucursal da Livraria Esperança, Rua dos Ferreiros;
- Paços do Concelho do Funchal (CMF), Rua dos Ferreiros;
- Externato Nun’ Alvares, na Calçada de Santa Clara;
- Palácio de São Pedro, na Rua da Mouraria;
- Palácio da Mouraria, na Rua da Mouraria;
- Instituto do Vinho; na Rua 5 de Outubro;
- Edifício dos Bordados Madeira, na Rua dos Netos;
- Torre do Solar dos Zinos, Rua da Carreira;
- Torre da Casa - Museu Dr. Frederico de Freitas, na Calçada de Santa Clara;
- Edifício da Empresa CF Andrade; na Rua dos Ferreiros;
- Edifício do Sindicato dos Trabalhadores das madeiras e olarias, na Rua dos Ferreiros;
- Edifício pertencente à empresa ‘João Crisóstomo Figueira da Silva’;
- Edifício do Centro de Recrutamento do Funchal - Exército, na Rua da Carreira.

Em relação aos ‘torreões’, José Manuel Fernandes, relaciona-os a uma estrutura volumétrica mais pequena, e reduzida em altura, “*mais simples e de menores dimensões, cobertos com*

¹¹⁶ FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 187 - 188

telhado de 3 ou 4 águas. Tendo um piso apenas acima da cobertura, recuados ou no plano da fachada, por vezes no enfiamento de arruamentos fronteiros;”¹¹⁷

A exemplo disso, podemos conotar os seguintes ‘torreões’ em estudo:

- Palacete dos Barões de São Pedro (DRAC), Rua dos Ferreiros;
- Casa Jacquinet, na Rua das Mercês;
- Museu de Arte Sacra, na Rua do Bispo;
- Edifício da Empresa Leilões Chagas, na Rua dos Ferreiros.

5.3 Influências da Casa Insular nas torres

5.3.1 Características tradicionais da arquitectura tradicional da Madeira presentes nos casos em estudo

As torres avista - mar, constituem por si só, uma característica única e tradicional da arquitectura madeirense. Concentradas em maior número na cidade do Funchal, do que em qualquer outra parte do território português, as torres comportam consigo elementos arquitectónicos e decorativos que nos remetem para um carácter tradicional e unicamente utilizado na Madeira.

São eles, alguns elementos adjacentes às janelas, sacadas, materiais, coberturas e elementos construtivos, que diferenciam as torres, e os próprios edifícios apalaçados, dos demais edifícios.

5.3.2 Vãos

Para correcta compreensão e análise formal destes elementos, é necessário primeiramente enquadrá-los em duas fases: uma primeira fase concentrada na breve referência aos vãos existentes no conjunto habitacional, ou seja, o edifício ou solar residencial, e uma segunda fase, concentrada numa análise igualmente breve, mas mais cuidada, dos aspectos formais dos vãos presentes somente na torre - principal alvo de estudo.

É necessário ainda, uma subdivisão destes elementos, segundo duas categorias: forma e função.

¹¹⁷ FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 188

Segundo este método identificativo dos vãos, é possível identificar:

- **Portas e portais**, que adquirem uma função de passagem e acesso ao edifício;
- **Janelas de Sacada e Peitoril**, que normalmente estão localizadas no primeiro e segundo andar (andar nobre correspondentemente). As janelas de sacada, frequentemente apresentam as dimensões de uma porta e gradeamento de ferro forjado individualizado (“tendência setecentista”¹¹⁸). As janelas de peitoril, são simples e apresentam dimensões mais reduzidas que as anteriores. Segundo a análise realizada por José Manuel Fernandes aos vãos presentes nas casas insulares, ambas as janelas aqui analisadas desempenham uma função de iluminação e representação.
- **Óculos**, pequenos orifícios circulares na fachada nos edifícios, encontram-se normalmente no piso do rés-do-chão, apresentando uma função de iluminação.

*Historicamente, “ As janelas (...) não tinham vidro, mas sim portadas com postigos e/ou com pequenos vazios redondos ou quadrados, por onde se efectuava o arejamento contínuo e por onde passava uma réstia de luz. (...) as casas madeirenses utilizavam rotulados de madeira e grades até à altura em que houve um aumento de riqueza (provavelmente proporcionando pelo negócio florescente do vinho) e, conseqüentemente, a vidraça se generalizou, ainda com exclusão das casas humildes. (...) com a instalação dos ingleses em quintas, assiste-se a uma mudança no “gosto” das famílias mais abastadas do Funchal. (...) Talvez date desta época a introdução da janela de guilhotina, com largo uso no Funchal, especialmente em edifícios de prestígio, privados e públicos, incluindo casas nobres.”*¹¹⁹

É de salientar que estes elementos estão sujeitos aos estilos arquitectónicos correntes e principalmente ao trabalho original do artesão madeirense. Os vãos representam assim, uma marca interessante e original na composição formal da fachada do edifício, conotando ao conjunto arquitectónico um cunho regional e marcadamente insular.

No contexto geral, o posicionamento dos vãos, atribuem à fachada um cariz regular e uma forma equilibrada, com o alinhamento vertical entre os vãos do piso superior com o piso inferior. A porta, normalmente adornada com pilastras, assume uma posição marcada e central na fachada principal do edifício residencial.

Aos edifícios pertencentes ao séc. XVIII, segundo análise de José Manuel Fernandes, ainda no âmbito de estudo da casa insular, é possível caracterizar os vãos presentes no campo de estudo, como elementos “com expressão mais densa e de sensibilidade “quase - barroca” nos emolduramentos, ou com contorno curvilíneo nos lintéis, por vezes interligados por faixas de pedra verticais e com aventais ornamentais (...) de muito perto com os padrões do

¹¹⁸ FERNANDES, José Manuel; “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 190

¹¹⁹ MESTRE, Victor; “Arquitectura Popular da Madeira”; Argumentum, p. 202 - 203

Continente, com a comum procura da opulência expressiva em termos formais, o que os distingue da austeridade dos exemplos do século anterior; apresentam a tradicional seriação dos vãos de sacada nos andar nobre, individualizados por cornija (esta muito trabalhada) em cada lintel, inscritos no pano da fachada limitado também por cornija densa e ampla, e moldurados pelas duas pilastras de cada um dos lados.”¹²⁰



Figura 19 - Fachada principal do edifício "Casa Jacquinet"

As janelas existentes nas torres em estudo são maioritariamente janelas de peitoril, apresentando todas, molduras simples de cantaria, basalto ou ainda pintadas sobre reboco. Apresentam vidro simples, com caixilharia em madeira (as mais antigas e não remodeladas) de guilhotina (maioritariamente) ou então em forma de portadas.

A maioria das janelas presentes nas torres em estudo apresentam tapas - sóis de madeira ou alumínio (as remodeladas) pintadas a verde-escuro.

Ainda nas janelas, é possível verificar em alguns casos estudos e mais frequentemente nos vãos do edifício residencial, e situados na parte interior das janelas, lambrequins pintados a verde com desenhos geométricos pintados a branco, com o principal objectivo de adorno e decorativo.

Nalgumas janelas pertencente ao edifício residencial, as mesmas apresentam sacada, com gradeamento a ferro forjado.

Todas as faces das torres, apresentam normalmente uma janela por piso, à excepção de alguns casos em estudo, em que se verifica duas ou até três janelas (exemplo: torre da

¹²⁰ FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 194

Fundação Livraria Esperança), ou noutros casos onde existe somente uma janela por torre, situado no último andar e normalmente localizado na face Sul (virada para o mar) de forma a avistar o mar, bem como chegada ou partida de navios ou simplesmente quebrar a solidão.

À excepção deste caso, existe somente uma torre (torre do edifício da empresa Leilões Chagas), no qual não apresenta janela virada para o mar (Sul), contendo no entanto, janelas nas faces Norte, Este e Oeste. Caso contraditório ao que é exposto neste trabalho, uma vez que as faces com janelas apenas avistam as serras da cidade do Funchal. Explicado por um dos funcionários da empresa, o mesmo evidencia o facto de nunca ter havido qualquer janela ou abertura na face Sul da torre, facto esse propositado e exemplificativo de uma torre com fins meramente habitacionais.

5.3.3 Cobertura

A cobertura existente quer na própria torre, quer no edifício onde a torre pertence, é construída no sistema de quatro águas. Esse sistema é predominante em quase todas as habitações existentes na ilha. (Figura 20)

Constituído normalmente por uma estrutura em madeira (Figura 20), as primeiras torres a serem edificadas, porventura não teriam qualquer revestimento interior, sendo então apresentadas livres de qualquer tecto ‘falso’, mostrando o próprio sistema construtivo da cobertura de quatro águas, e proporcionando ao último andar da torre, um espaço amplo. Aos dias de hoje, existem alguns exemplares com a estrutura da cobertura à vista, como no caso da torre do edifício do Museu de Arte Sacra, na Rua do Bispo (Figura 21) ou a torre da sucursal da Livraria Esperança, na Rua dos Ferreiros (Figura 22).

A telha predominante nas coberturas são de meia - cana, em tons de vermelho ou de terra e as próprias coberturas “fazem por regra um ângulo inferior a 45 graus com o plano horizontal”, caso predominante em vários edifícios e torres, específico da ilha desta região insular. Em zonas mais rurais da ilha, por vezes estas coberturas são ornamentadas por remates, nas pontas do telhado, constituídos em cerâmica e alusivos a figuras humanas, animais (normalmente pombos) e florais (folhas). Nas zonas urbanas, e principalmente nos edifícios - torre em estudo, a cobertura não apresenta qualquer ornamento do género.

Os beirais dos edifícios com torre, são em pedra de basalto simples, apresentando em alguns casos, uma ‘sub - beira’.¹²¹

¹²¹ “(...) o tipo de beiral, frequentemente com sub-beira, que na Madeira (Funchal) apresenta por vezes duas fiadas inferiores, ou seja, contando com a fiada do beiral, um verdadeiro ‘beiral triplo’(...)” FERNANDES, José Manuel; “Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da

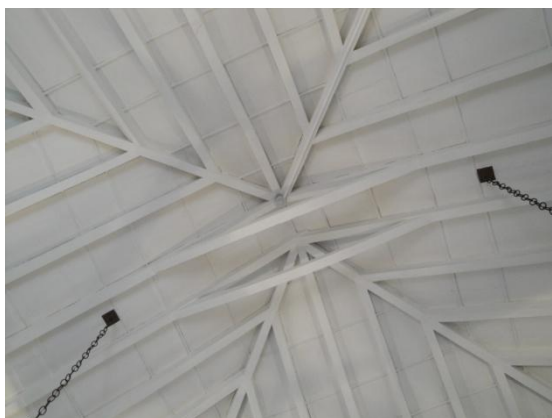


Figura 20 - Sistema estrutural em madeira quatro águas



Figura Figura 21 - Pormenor de cobertura de



Figura 22- Pormenor estrutura da cobertura Sucursal Livraria Esperança

Os edifícios em estudo, mais concretamente na parte residencial, apresentam igualmente telhados com cobertura de quatro águas, embora enquadrados num sistema mais complexo de cobertura, denominado de “telhados múltiplos” ou em “tesoura”, nome este atribuído ao facto de quando observado o pano vertical da fachada, os mesmos se parecerem com tesouras (Figura 23).

“Por telhado “múltiplo” entendemos a cobertura com sistema de 4 águas individualizadas por cada compartimento da habitação (...) estes pequenos volumes piramidais adquirem considerável presença na imagem urbana de conjunto, contribuindo assinalavelmente, com seu ritmo desigual e sequencial, para o pitoresco e a diversidade da paisagem construída das

Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 186

idades insulares. (...) a individualização das coberturas de 4 águas pelos vários compartimentos da mesma habitação não se faz apenas por justaposição no mesmo nível horizontal; também é frequente a diferenciação “vertical”, com uma ou mais coberturas de 4 águas elevando-se acima da cota geral dos telhados da casa;”¹²²

Esta é uma característica particular da ilha, muito própria da arquitectura madeirense e presente em quase todos os edifícios em estudo.



Figura 23 - Telhado 'múltiplo' ou sistema de 'tesoura'

5.3.4 Estrutura

A estrutura dos edifícios residenciais em estudo é em alvenaria de pedra regional, o basalto, no qual as paredes são revestidas a reboco ou caiadas posteriormente.

“As casas insulares são normalmente construídas em alvenaria de pedra (...), com paredes espessas e volumetrias quadrangulares (simples ou acopladas, conforme a complexidade do programa) e caiação das fachadas, deixando as pedras dos cunhais e das molduras dos vãos em pedra aparente, ou revestidas a faixa de cor com pigmento terroso.”¹²³

¹²² FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 186 - 187

¹²³ FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 185

Em alguns casos, as torres apresentam algumas contrariedades. Sendo o edifício bem construído em pedra de origem vulcânica e onde estão localizadas as principais áreas privativas e comuns, a torre não sofria tanta atenção na sua construção.

A torre somente assumia um papel secundário, póstumo nas necessidades básicas familiares, portanto, era inicialmente construída em madeira. Como esta assumia um posto de vigia, um espaço ocupado em apenas algumas horas por dia, não reclamaria grandes gastos na sua estruturação.

No entanto, posteriormente, quer pela necessidade causada pelo avançar do tempo e consequente degradação, quer pela necessidade de remodelação do edifício residencial, quase todas as torres construídas originalmente em madeira, foram substituídas pela construção em alvenaria. Como exemplo deste facto, pode ser referida a torre da empresa ‘Leilões Chagas’, que originalmente foi construída em madeira, e que quando o edifício principal sofreu obras de remodelação, a torre foi também intervencionada e fora assim substituída a madeira pela alvenaria. Estas torres apresentam, muito frequentemente, áreas muito reduzidas e com muita iluminação.

Na maioria dos casos, a torre, apresenta amplas dimensões, e a sua construção originalmente em alvenaria de pedra, sofre apenas obras de reabilitação e recuperação. *“Pode pois afirmar-se que a “arquitectura da pedra” se impôs insularmente à “arquitectura da madeira””*¹²⁴

5.3.5 Organização espacial interna e Acessos verticais

Nesta parte do estudo das torres, serão analisadas a organização interior das mesmas, bem como a sua forma e função. Neste intuito, poder-se-á comparar os diferentes tipos de organização interior presentes nos elementos aqui estudados, segundo o grau de complexidade, disposição e relação intrínseca com os acessos verticais.

Portanto, esta fase da análise das torres centrar-se-á essencialmente no estudo interno e tipológico das mesmas.

Estruturalmente, todas as torres estudadas neste âmbito de trabalho apresentam uma planta quadrangular, com uma esquadria rígida e muito frequentemente de pequenas dimensões.

O edifício residencial, normalmente apresenta uma planta rectangular, com a torre ou torreão inserido num plano recuado à fachada principal ou ao arruamento. Neste contexto,

¹²⁴ FERNANDES, José Manuel; *“Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII”*; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 185

quase todos os edifícios analisados, apresentam no mínimo dois pisos e estão inseridos numa tipologia de “CASA ELEMENTAR “TORREADA””, analisado por José Manuel Fernandes. Embora também presente no meio rural, esta tipologia define-se como “ *construções em parte com dois pisos (...) representam uma variante com certa originalidade, na qual um dos corpos construtivos possui cobertura de quatro águas sobreelevada em relação às restantes, o que dá à casa uma expressão geral mais animada e equilibrada, no contraponto entre volume torreado e corpo térreo. (...) a casa “torreada”, sempre volumetricamente tendente a individualizar-se - logo resistente a uma seriação própria da rua citadina - se define numa inserção de tipo “proto -urbano”. (...) Uma variante desta tipologia, também original, possui o volume “torreado” recuado em relação ao arruamento, com o lado mais alongado disposto paralelamente àquele.*”¹²⁵ A nível morfológico as casas estudadas apresentam influência “chã” ou “classizante”, presente “*na grande regularidade de proporções, bem como uma correspondência clara na colocação dos vãos dos seus dois pisos, abertos a espaços iguais ao longo da fachada.*”¹²⁶

Em relação às torres propriamente ditas, o acesso aos vários pisos da torre faz-se através de escada, em madeira, e com localização em planta diferente de torre para torre. Por isso, constitui caso especial de estudo e análise por parte do autor.

Em trabalho de campo, realizado aos edifícios em estudo, foi verificado a existência de três tipologias diferentes, consoante o posicionamento e organização do acesso vertical:

1- TORRE ABERTA

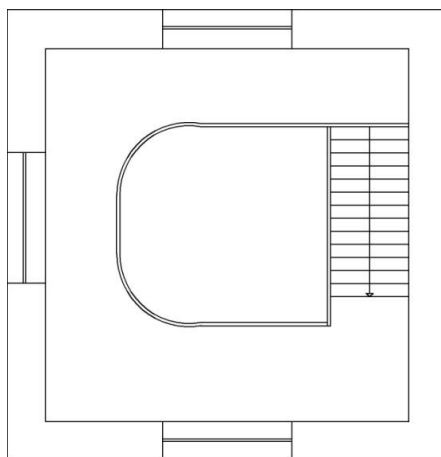


Figura 24- Planta de 'torre aberta' (Autora)

¹²⁵ FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 204

¹²⁶ FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992, p. 205

Este tipo de organização interior verifica-se em poucos exemplares estudados. Contudo, constitui um elemento interessante de tipologia verificado em torres avista - navios. Por torre aberta entende-se aquela que apresenta um volume regular quadrangular, com o interior aberto, e com um grande vazio central ou um átrio¹²⁷ quadrado e fechado, ladeado por uma balaustrada, normalmente trabalhada e em madeira.

O acesso vertical da torre, que se distribui nos diferentes níveis, está posicionado e encostado às faces internas da torre, movimentando-se em forma de ‘caracol’, sempre ladeando o átrio interno existente no centro da estrutura. Assim, as únicas áreas de circulação localizam-se ao seu redor, permitindo estabelecer relações entre o aberto e o fechado, cheio e o vazio.

Os materiais presentes são regionais, (as madeiras que constituem o soalho, a estrutura em alvenaria e os vãos e consequentes molduras em cantaria) provêm das matérias - primas existentes na ilha.

Os grandes vãos, nomeadamente as janelas, possibilitam a entrada de luz natural, permitindo também estímulos de perspectiva por intermédio dos jogos de luz/ sombra, cheio/ vazio.

Assim, a combinação entre a iluminação natural com os materiais naturais e regionais, permitem uma harmoniosa perspectiva regular e muito própria das habitações tradicionais insulares.

Ainda neste contexto, o volume estabelece uma intrínseca relação entre o interior/exterior, graças à sensação de abertura e vazio que o átrio oferece, combinado com a abertura dos vãos, atrás referido, que possibilitam o vislumbre incontrolável da paisagem panorâmica sobre as serras e a vastidão do mar, entre o verde e o branco caiado dos casarios madeirenses.

Dentro desta tipologia, pode-se encontrar o Palacete dos Barões de São Pedro, cuja torre ‘aberta’ se interliga com o restante espaço interno e externo. (Figura 24) Conjunto harmonioso, com correcta integração das escadas no volume quadrangular e visíveis jogos de luz/sombra no interior. Sensação de maior espaço, fluidez e grandeza, oferecido pela abertura interna existente.

¹²⁷ Numa definição universal, entende-se a palavra ‘átrio’, como um espaço interno, ladeado por estruturas físicas, e aberto, em directo contacto com ar livre ou ambiente externo. No entanto, o sentido da palavra átrio, altera-se. Neste contexto, é entendido átrio, como um espaço interno aberto, contudo, sem qualquer ligação directa com o ambiente exterior, constituindo-se como ‘open space’ inserido no interior de uma infra-estrutura volumetricamente quadrada, regular e fechada.

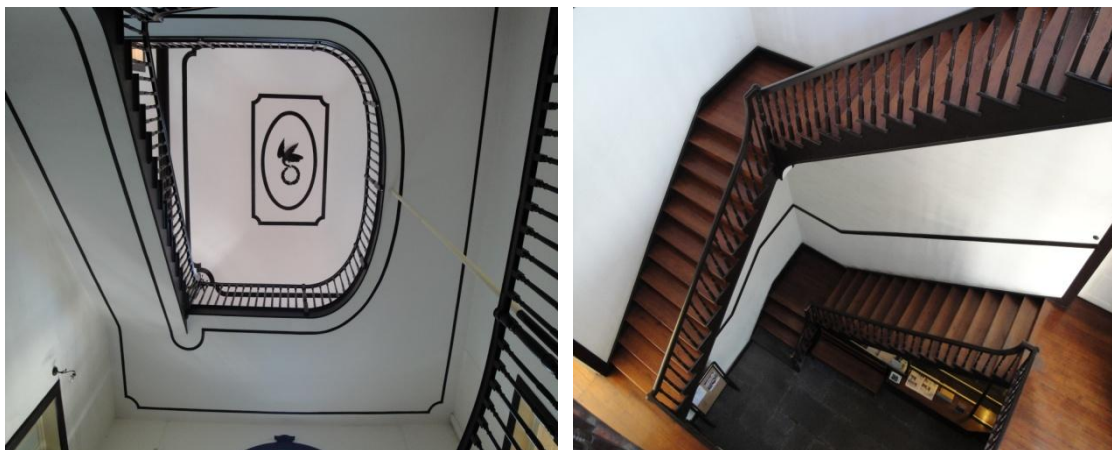


Figura 25 - Interior e escadas da torre Palacete Barões de São Pedro (Autora)

2- TORRE SIMPLES

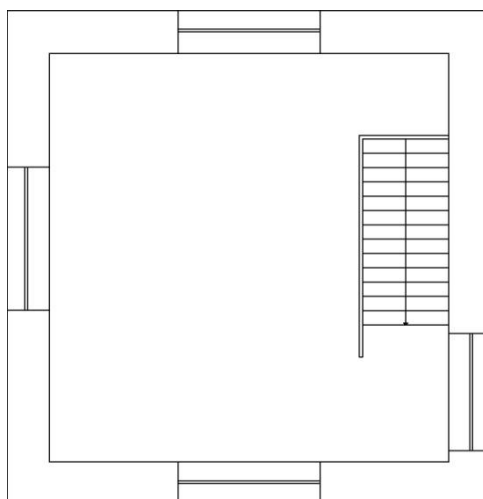


Figura 26 - Planta de 'torre simples ou fechada' (Autora)

Esta tipologia arquitectónica é a mais comum entre as torres estudadas no âmbito deste trabalho. São torres simples ou fechadas, porque apresentam-se como um quarto simples, fechado, de reduzidas dimensões, apenas com um acesso vertical posicionado junto a uma das paredes.

O acesso vertical, atrás referenciado, faz-se por umas escadas, normalmente em madeira, na maioria dos casos analisados, em mau estado de conservação e com guarda, igualmente em madeira. Normalmente as escadas, estão localizadas num dos extremos da torre, junto a uma

das paredes, de forma a ocupar o menor espaço possível de circulação, constituindo-se assim como elemento secundário no conjunto arquitectónico.

O pavimento da torre constitui-se maioritariamente em soalho, e as paredes em alvenaria de pedra estucada e pintada.

Uma vez mais, verifica-se frequentemente a existência de pelo menos uma janela em cada uma das paredes existentes, de grandes dimensões e de guilhotina, possibilitando um vislumbre de 360 graus sobre a paisagem envolvente e principalmente possibilitando a entrada de luz natural no interior.

Esta forma arquitectónica quadrangular, simples, está cingida a quatro paredes, tecto e pavimento, o qual constituem a torre e que simultaneamente criam uma barreira entre o interior e o exterior, consequentemente condicionando o elemento.

Tal tipologia, reporta-nos para o uso curto e temporário realizado diariamente neste espaço, o que ressalva a sua utilização somente como torre de vigia ou observatório do mar e da paisagem, tal como na ‘TORRE ABERTA’.

Como um dos exemplos possíveis, a torre da ‘Empresa Leilões Chagas’, apresenta-se “fechada”, apenas com janelas em três paredes e o acesso vertical junto a um dos extremos da torre.

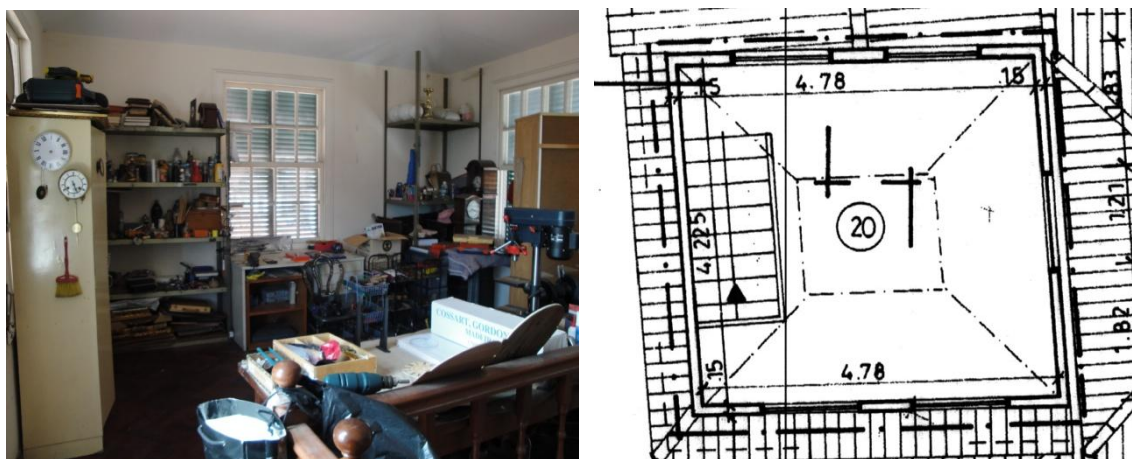


Figura 27- Interior e planta da torre 'Empresa Leilões Chagas' (Autora)

3- TORRE COM COMPARTIMENTOS OU COMPOSTA

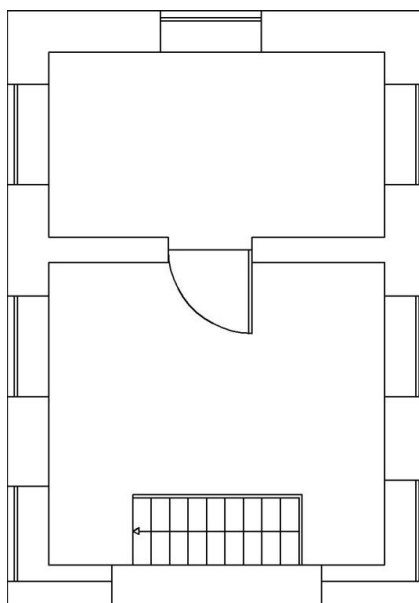


Figura 28 - Planta de 'torre com compartimentos' (Autora)

Esta tipologia é mais complexa do que as anteriormente retratadas, constituindo-se como uma evolução da torre ‘simples ou fechada’. A torre “com compartimentos ou complexa” apresenta uma planta em formato rectangular e uma irregularidade na disposição dos vãos nas paredes, (constituindo-se em alguns casos com duas ou mais janelas por fachada). Por apresentar uma forma rectangular contém uma maior área de espaço útil dividido entre os dois compartimentos nela existentes.

Genericamente, este modelo apresenta-se com mais uma divisão, em parede de alvenaria e em certos casos com porta de madeira, fazendo deste modo a separação física entre dois espaços privados. Constituindo-se sumariamente por duas divisões, esta tipologia da torre, apresenta maior área de circulação que os modelos anteriores estudados, e a possibilidade de instalação de dois quartos individuais.

Os vãos presentes, nomeadamente as janelas, também constituem-se em maior número, verificando-se em alguns casos duas ou mais janelas nas paredes com maior área, e somente uma janela, na parede de menor área. O grande número destes vãos existentes deve-se principalmente à maior área útil do espaço, bem como da necessidade de iluminação natural dos dois espaços contíguos.

Numa primeira instância, esta tipologia em que constam duas ou mais divisões no último piso da torre, alude primeiramente para utilização deste espaço torreado com uma função habitacional, onde se pode estar, conviver, socializar e até dormir, não constituindo exclusivamente uma função de observatório, ou deleito da envolvente.

O material presente igualasse às restantes tipologias analisadas, não constando qualquer alteração ou aplicação do mesmo.

Como exemplo, a torre da ‘Fundação da Livraria Esperança’, organiza-se segundo duas divisões, separadas fisicamente por uma parede de alvenaria e porta de madeira. (Figura 29)



Figura 29 - Interior da torre 'Fundação Livraria Esperança' (Autora)

4- TORRE SEMI - ABERTA

O modelo de torre ‘semi - aberta’, apresenta-se com pouca força na tipologia das torres em estudo. Contudo, é um exemplo de especial interesse a nível morfológico e tipológico. Como tal, a planta desta tipologia, constitui-se como uma evolução e combinação da torre ‘aberta’ com a torre ‘simples’, apresentando simultaneamente uma área útil de circulação maior que as duas anteriores.

O acesso vertical, normalmente posiciona-se junto a uma das paredes, circundando um vazio central e ladeado por uma balaustrada em madeira. Tal localização divide a torre em duas áreas distintas e sem separação física, uma área de acesso e outra de circulação e de estar.

As escadas são igualmente em madeira, tal como o pavimento existente na torre.

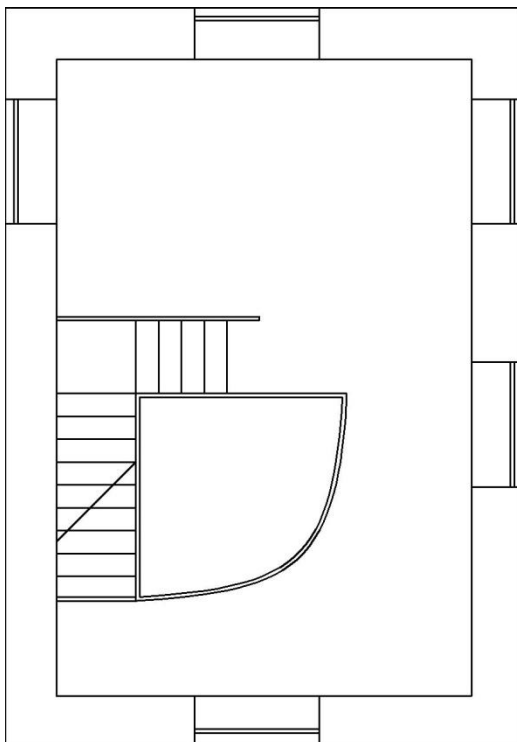


Figura 30 - Planta de 'torre semi - aberta' (Autora)

A existência de janelas é uma vez mais constante e primordial no contexto funcional das torres, verificando-se em alguns casos, a existência de mais de uma janela por fachada. Estas posicionam-se assim de forma irregular nos planos da fachada. Tal como nos casos anteriormente analisados, as janelas apresentam grandes dimensões, permitindo a directa entrada de iluminação natural e possibilitando jogos de luz e sombra.

A combinação dos dois elementos, o vazio central ladeado pelas escadas e o espaço de útil da torre, criam um jogo de contrastes de cheio e vazio, e possibilitam uma harmoniosa perspectiva dos elementos constituintes.

O edifício da Empresa 'CF SOUSA ANDRANDE' constitui um perfeito exemplar desta tipologia:

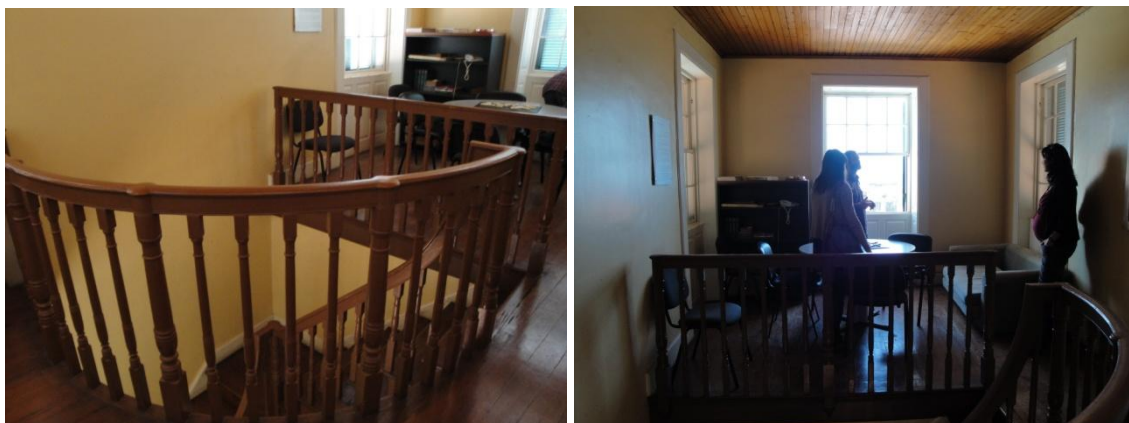
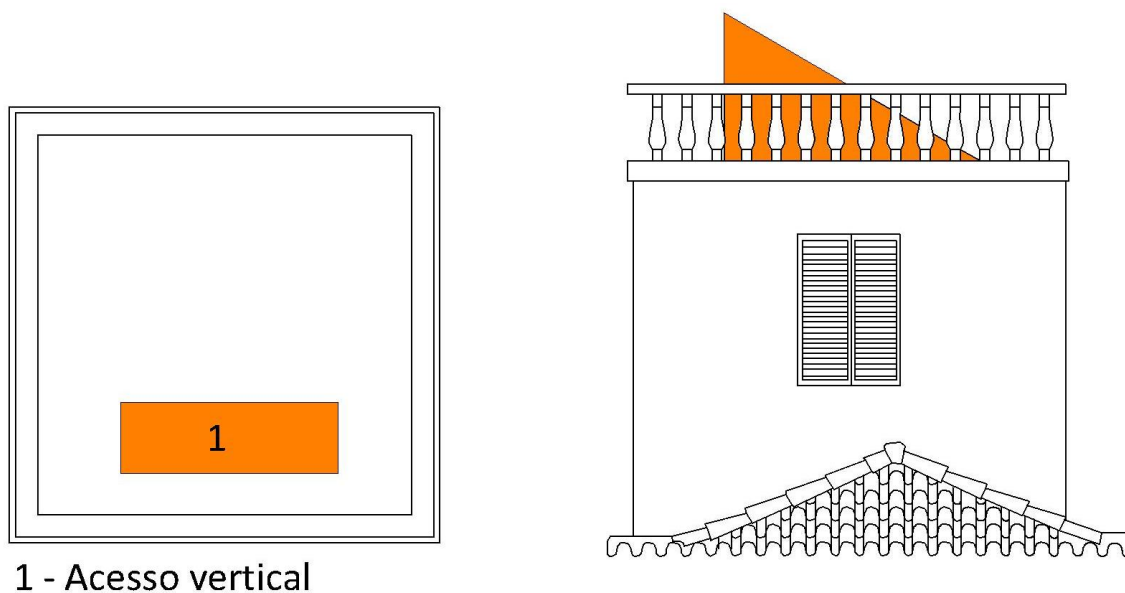


Figura 31 - Interior da torre da Empresa 'CF SOUSA ANDRADE' (Autora)

5 - TORRE “TERRAÇO”



1 - Acesso vertical

Figura 32 - Planta e alçado da ‘torre terraço’ (Autora)

A tipologia de torre apresenta-se em alguns exemplares da baixa e centros históricos da cidade do Funchal, não constituindo no entanto número relevante.

“Terraço: pavimento descoberto, no alto, ao nível do pavimento de uma casa ou contíguo a ela; terrado; eirado”¹²⁸

Tal como o próprio nome indica, esta tipologia de torre, apresenta-se livre de paredes, sem qualquer cobertura ou elemento de protecção, sendo constituída somente por pavimento descoberto, cercado normalmente por balaustrada de artefactos de pedra ou simplesmente guarda de ferro.

O acesso faz-se através de uma estreita escada interior, posicionada normalmente no lado mais a norte.

¹²⁸ <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/terraço>

Os andares inferiores apresentam em alguns casos, compartimentos e muito frequentemente janelas nas fachadas viradas a Sul (voltadas para o mar).

Esta é uma tipologia simples, que igualmente às outras, apresenta uma forma quadrangular regular. A mesma permite uma observação de 360° da paisagem, possibilitando a observação de mar e serra simultaneamente.

5.3.6 Materiais

As torres e os próprios edifícios residenciais apresentam em todos os panos, fachadas, vãos e até estrutura, o basalto como principal elemento de construção, sustentação e ornamentação, das torres e edifícios residenciais. O basalto é uma pedra regional, “ (...) de origem vulcânica e, mesmo a olho nu, podemos observar que tem várias constituições. O basalto e tufos formam uma mescla de cores e texturas e surgem isolados ou agrupados, denunciando a qualidade construtiva das casas.”¹²⁹ O mesmo faz parte constituinte de quase todos os edifícios existentes na cidade do Funchal, conotando-lhe assim um carácter muito próprio e regional, apresentado pela casa madeirense.

O tufo, ou “pedra - mole” como é conhecido, é aplicado em casas rurais, e as suas propriedades são a “(...)sua fácil trabalhabilidade, leveza no transporte, e (...) cor”, que geralmente é de cor avermelhada ou acastanhada. É normalmente aplicado em “(...) soleiras, ombreiras e lumieiras de portas e janelas”¹³⁰

O basalto, mais frequentemente utilizado nos edifícios e torres em estudo, pode ser de duas categorias: “o basalto cinzento que, contrariamente ao tufo, é uma rocha muito homogénea, pesada e rija, (...) emprega-se nas cantarias rijas como lumieiras de grande dimensão, em lagares e pisões e, também, na própria elevação das paredes, a granel;

(...) O basalto lamelar (...) é extraído através de pancadas de maço ou de picão, soltando-se de seguida lâminas paralelas. A pedreira mais conhecida era a das Lajinhas, na periferia do Funchal. Como o nome sugere, era local de extracção de lajes de pavimento, utilizadas normalmente em casas de morgado e nas casas urbanas.”¹³¹

A partir deste (basalto), verifica-se muito frequentemente a sua aplicação nos edifícios através da cantaria (aplicada nos beirais, molduras dos vãos, mísulas, sacadas, cornijas, frisos, entablamentos, embasamento, cunhais, etc...) e através de calhau rolado, que é

¹²⁹ MESTRE, Victor; “Arquitectura Popular da Madeira”; Argumentum, p. 193

¹³⁰ MESTRE, Victor; “Arquitectura Popular da Madeira”; Argumentum, p. 194

¹³¹ MESTRE, Victor; “Arquitectura Popular da Madeira”; Argumentum, p. 194

aplicado em alguns edifícios em estudo, no pavimento das lojas e adegas, chegando a formar em certos casos, figuras geométricas com os mesmos (Figura 33).



Figura 33 - Pavimento de antiga loja em calhaus rolados formando losangos (Autora)

Fazem também parte dos materiais presentes nos edifícios, os inertes, nomeadamente as argamassas e argilas que revestem os edifícios e torres interna e externamente, aplicados sobre a alvenaria de pedra e são constituídos por “cal, areia das ribeiras, areia do monte, areia da furna, areia argilosa e, recentemente, areia extraída do mar”¹³²;

A madeira, a par da pedra, constitui um dos materiais mais importante na construção da casa insular. Utilizada desde as primeiras habitações existentes na cidade do Funchal, a madeira, também foi utilizada originalmente, na construção e erguer de algumas torres, como atrás já referenciado, e estas posteriormente foram ‘reconstruídas’ em alvenaria. Aparecendo artisticamente na aplicação dos tectos das grandes obras, “a madeira é uma componente indispensável na execução das casas, surgindo na maioria dos casos numa situação encoberta em paredes interiores (localmente conhecidas como tabique), incluindo fasquiados para o suporte de estuques. A maioria destas estruturas é em castanho e pinho da terra,(...) assim como portas, janelas e portadas.”¹³³

Os lambrequins existentes nas torres e edifícios são igualmente em madeira (Figura 34) juntamente com os tapas - sóis, também em madeira pintada de verde (os mais antigos) ou em alumínio (os edifícios mais recentes ou reabilitados);

¹³² MESTRE, Victor; “Arquitectura Popular da Madeira”; Argumentum, p. 199

¹³³ MESTRE, Victor; “Arquitectura Popular da Madeira”; Argumentum, p. 200

“Ainda em madeira são feitas as portas, janelas e portadas, elementos fundamentais em qualquer construção. Nos primeiros tempos, uma única porta na fachada terá sido também simultaneamente a única janela, (...) terá evoluído a partir de uma abertura discreta na fachada e terá gradualmente aumentado de dimensões, acompanhada por soluções técnicas mais apuradas.”¹³⁴;

O ferro, presente nas guardas em ferro forjados alusivas a elementos florais e decorativos, e também nos gradeamentos que protegem as janelas, são pintados normalmente a verde e estão presentes também nas sacadas das janelas;

Pavimentos em lajes de madeiras ou como referido anteriormente com calhau rolado;

Cobertura constituída por telha de canudo, meia cana ou romana;



Figura 34 -Conjunto de janelas com caixilharia de guilhotina, com moldura simples e lambrequins (Autora)

As tintas, ou os pigmentos utilizados no reboco ou caiação das fachadas, constituem um material insólito devido à sua extracção e origem. Exemplo disso, é o *“sangue de dragoeiro”* o primeiro produto da região a ser utilizado e exportado; os pigmentos mais utilizados na caiação das paredes são o rosa e o ocre :*“(…)alguns pigmentos para misturar na cal, sendo os mais generalizados o “óxido de ferro ocre”e o “óxido de ferro vermelho”. (…)* O reboco

¹³⁴ MESTRE, Victor; *“Arquitectura Popular da Madeira”*; Argumentum, p. 201 - 202

seguido de caiação encontra-se generalizado a toda a arquitectura, desde a popular à erudita, (...), na Ilha da Madeira, a cor é um elemento com forte ligação à arquitectura, surgindo como elemento valorativo, talvez numa tentativa de “condimentar” a expressão austera e a ausência de decorativismo nas construções. O contraste das cores mais utilizadas, nomeadamente o ocre e o rosa - forte (...) são, naturalmente, resultado da adição de pigmentos à cal, quer eles sejam provenientes da moagem de minerais e terras naturais, quer tenham uma origem vegetal ou animal.”¹³⁵



Figura 35- Torre do Instituto do Vinho (Autora)

Recentemente, e fruto de obras por parte dos particulares, a tinta química é o material mais utilizado na pintura das paredes das habitações e torres.

Para pintura das dos vãos e consequentes tapas - sóis e portadas, a tinta é constituída à base de óleo, nomeadamente, óleo de linhaça.

¹³⁵ MESTRE, Victor; “*Arquitectura Popular da Madeira*”; Argumentum, p. 206 - 208

5.4 UMA INTENCIONAL REFERÊNCIA NA ARQUITECTURA MODERNA

A arquitectura tradicional da Madeira, quer pelos seus pormenores tradicionais, quer pelo seu método construtivo, configura à habitação madeirense um carácter único. Esta originalidade construtiva e arquitectónica atribuíram à ilha e às suas cidades um cunho pitoresco e aleatório dado às construções inseridas em terreno desnivelado e em socalcos.

Não deixando indiferentes os estrangeiros, a Madeira foi desde sempre fonte de inspiração para a literatura e para as artes. Já Luís de Camões, aquando da sua passagem pela ilha da Madeira, retrata-a em “Os Lusíadas”:

“Passamos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assim se chama,
Das que nós povoamos, a primeira,
Mais célebre por nome que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe aventajam quantas Vênus ama,
Antes, sendo esta sua, se esquecerá,
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.”¹³⁶

Muitas foram as personagens que por terras insulares passaram, e destas, captaram a beleza que lhes provinha e os contrastes que se lhes afiguraram. Edmundo Tavares não foi excepção. Arquitecto de profissão e historiador das ilhas atlânticas, em muitas das suas viagens pela Ilha da Madeira, não ficou indiferente à estrutura física da ilha, bem como das estruturas físicas que a compõem e das suas gentes que nela habitam.

Apaixonado pelo Funchal, caracterizou poeticamente as edificações existentes na cidade, bem como a estrutura urbana no qual é constituída. Esta informação documentada, caracteriza a cidade anfitriã da ilha, “*Ora encarrapitando-se pelas montanhas airosas, ora sumindo-se e descendo discretamente até à mansidão e exuberância dos vales amenos, este formoso Funchal equilibra-se qual acrobata maravilhoso, desde a babugem das águas do porto, até às alturas vertiginosas das eminências que o circundam.*”¹³⁷

A sua particular descrição da cidade, não se fica somente pelo carácter físico e pitoresco. Deslumbrado pela arquitectura tradicional da cidade, o mesmo descreve as construções existentes, identificando-as “*mais densa na parte baixa e central, ..., intervaladas*” cuja sua

¹³⁶ CAMÕES, Luís Vaz de; “Os Lusíadas”, Vol. I, Canto V, 5, Circulo de leitores; p. 186; Lisboa

¹³⁷ TAVARES, Edmundo; “Terra Atlântida (Impressões da Madeira)”; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948; Pagina 54.

“configuração origina variados contornos, recortes bizarros, perfis característicos e deveres típicos.”¹³⁸

Esta configuração insular, desde cedo suscitou os interesses para uma preservação do cunho tradicional verificados nos bairros antigos e nos casarios tradicionais.

Contudo, o emergir de novas correntes arquitectónicas e o despontar de um desenvolvimento social, levou a que, no início do séc. XX, as construções novas correspondessem ao progresso e às novas exigências da população, sem que para isso, fosse necessário descurar do passado e da herança de um povo.

A aliança entre o tradicional e o moderno, e a preocupação em preservar a identidade cultural e artística da cidade, foi levada a cabo pela autarquia no início do séc. XX, *“procurando sempre harmonizar-se a nova construção com a arquitectura antiga, ainda que estilizada segundo as exigências novas”¹³⁹* aquando da criação de novos bairros.

A partir desta acção política, verificou-se uma forte intencionalidade em aplicar o cunho tradicional da arquitectura madeirense, na arquitectura moderna do início do séc. XX, através da *“remodelação do existente, do que é fundamental ao país ou região, ao nosso meio e clima ou à nossa raça, no sentido de melhor acomodá-lo às circunstâncias da época social que passa.”¹⁴⁰*

Neste sentido, surgiu em pleno Funchal, junto à Avenida do Infante e compreendido entre a Rua Imperatriz D. Amélia e a Rua dos Ilhéus, a criação de um novo bairro habitacional, promovido pela antiga Junta Geral Autónoma do Distrito do Funchal (a actual Câmara Municipal do Funchal) e que respeitasse as normas pela mesma exigidas de *“Possuírem valor artístico tanto pela sua agradável disposição e proporções, como pelo estilo, devendo o seu aspecto têr, o mais possível, o cunho madeirense, devidamente modernizado.”¹⁴¹*

Nascem assim os projectos arquitectónicos para este mesmo novo bairro, que catalogam em si a concepção moderna, respeitando simultaneamente os valores tradicionais.

No quadro abaixo estão representadas espacialmente as casas concebidas por Edmundo Tavares para este mesmo bairro, relacionadas com a área de estudo da dissertação.

Esquema do enquadramento geográfico da área de estudo e das casas de Edmundo Tavares

¹³⁸ TAVARES, Edmundo; *“Terra Atlântida (Impressões da Madeira)”*; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948; Página 55.

¹³⁹ GOMES, J. Reis; *“Casas madeirenses”*; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII, Página 77.

¹⁴⁰ GOMES, J. Reis; *“Casas madeirenses”*; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII, Página 81.

¹⁴¹ ¹⁴¹ GOMES, J. Reis; *“Casas madeirenses”*; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII, Página 85.

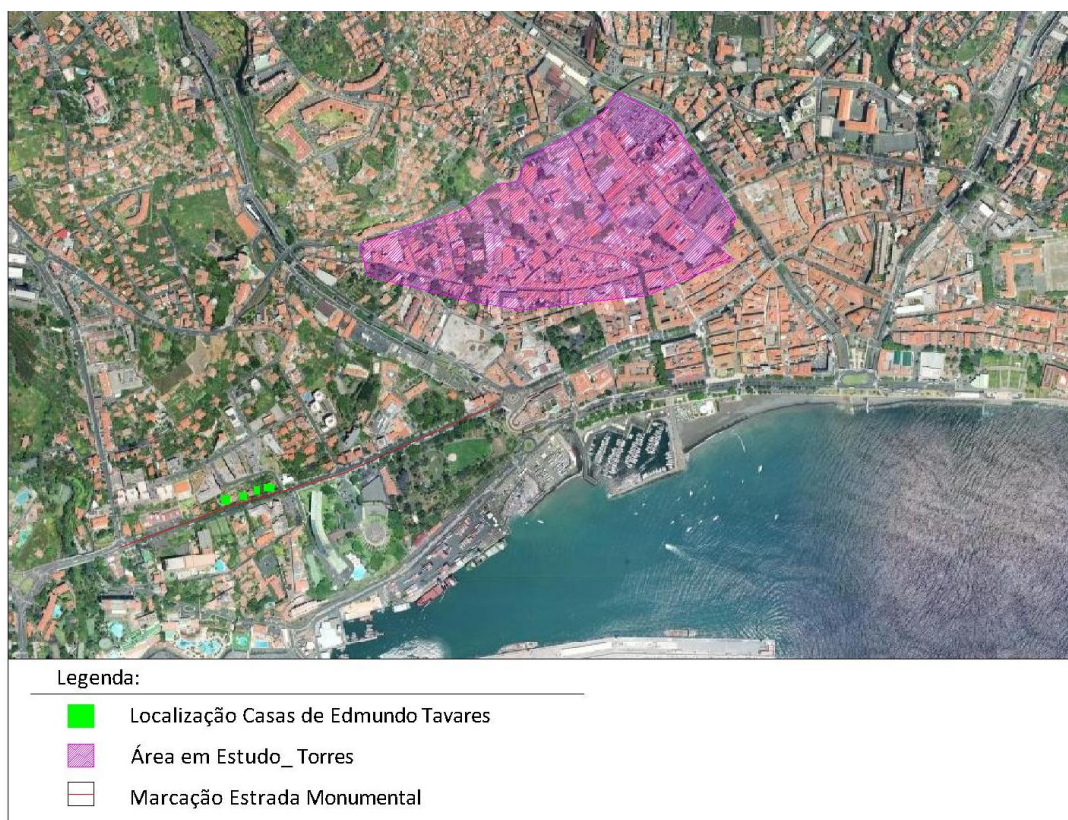


Figura 36 - Esquema do enquadramento geográfico da área em estudo e das casas de Edmundo Tavares (Autora)

O bairro habitacional, no qual estão localizadas os projectos arquitectónicos, encontra-se localizado na parte oeste em relação ao perímetro urbano de estudo, situado mais especificamente na antiga Rua do Jasmineiro, alterando-se posteriormente para Rua Alexandre Herculano, popularmente conhecida por Avenida do Infante.

Foram identificadas, em trabalho de campo, um grupo restrito de habitações unifamiliares, atribuídas ao arquitecto Edmundo Tavares, identificando-se somente quatro habitações inseridas na temática de estudo da dissertação em causa: Habitação - Torre.

São projectos distintos, que se destacam das demais edificações existentes envolventemente, quer pelo cunho tradicional bem marcado em todas elas, quer pela grandeza e sumptuosidade das mesmas.

A torre é uma característica marcadamente presente na construção destas habitações, resultando numa perfeita interpretação da herança histórica e arquitectónica do Funchal, com as regras exigidas pela modernidade.

Estas construções e principalmente, a fiel representação das torres “avista-navios”, representam um revivalismo histórico e uma preocupação em ressaltar a importância do cunho popular que tanto caracteriza a arquitectura madeirense.

O estudo minucioso da arquitectura madeirense, nos seus variados aspectos tais como materiais, cores e demais características apelidam de pitoresca a arquitectura do início do séc. XX da cidade do Funchal.



Figura 37 - Esquema da localização das casas projectadas por Edmundo Tavares (Autora)

Mostra-se na figura acima a distribuição representativa e identificação, em espaço geográfico, das quatro principais habitações projectadas por Edmundo Tavares, ao longo da Avenida do Infante, aquando da sua estada na cidade do Funchal.

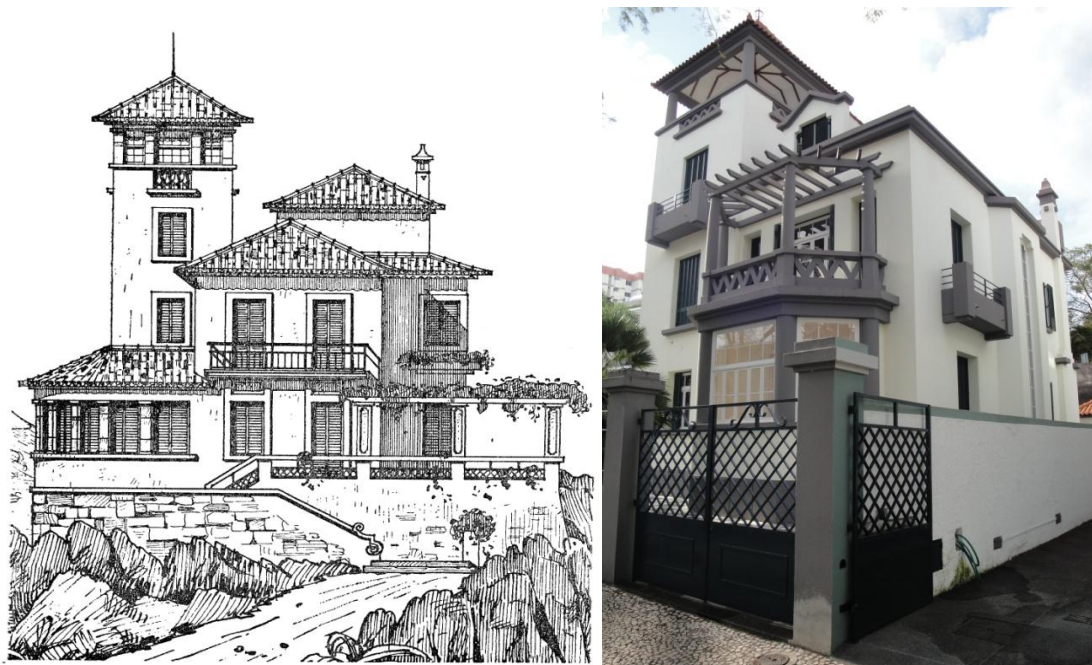


Figura 38 - Desenho de habitação de Edmundo Tavares e Figura 39 - Casa (3) projectada por E. Tavares (Autora)

Casa 3 - Casa moderna, início de séc. XX, localizada na Avenida Infante com elemento “torre” marcadamente visível.

A comparação entre o alçado de um projecto para uma casa madeirense, de Edmundo Tavares, publicado no livro “*Casa Madeirense*”, de Reis Gomes, e uma habitação do mesmo arquitecto Edmundo Tavares, na Avenida Infante, Funchal.

São visíveis as semelhanças entre o projecto e a construção, uma vez, que são identificadas imediatamente algumas características de foro popular, entre os quais o elemento “torre”, tão característico na arquitectura tradicional madeirense.

Em nota de autor, E. Tavares, caracteriza o seu desenho como “*vivenda para lugares excêntricos, formando conjunto com a natureza envolvente. O seu todo é movimentado, de modo a dar perspectivas plenas de interesse e pitoresco. Além disto, outras características regionais: terraço, «torre», latadas floridas, pilares, varandas, miradouros.*”¹⁴²

¹⁴² GOMES, J. Reis; “*Casas madeirenses*”; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “*Diário da Madeira*”; Funchal; MCMXXXVII, Página 79.

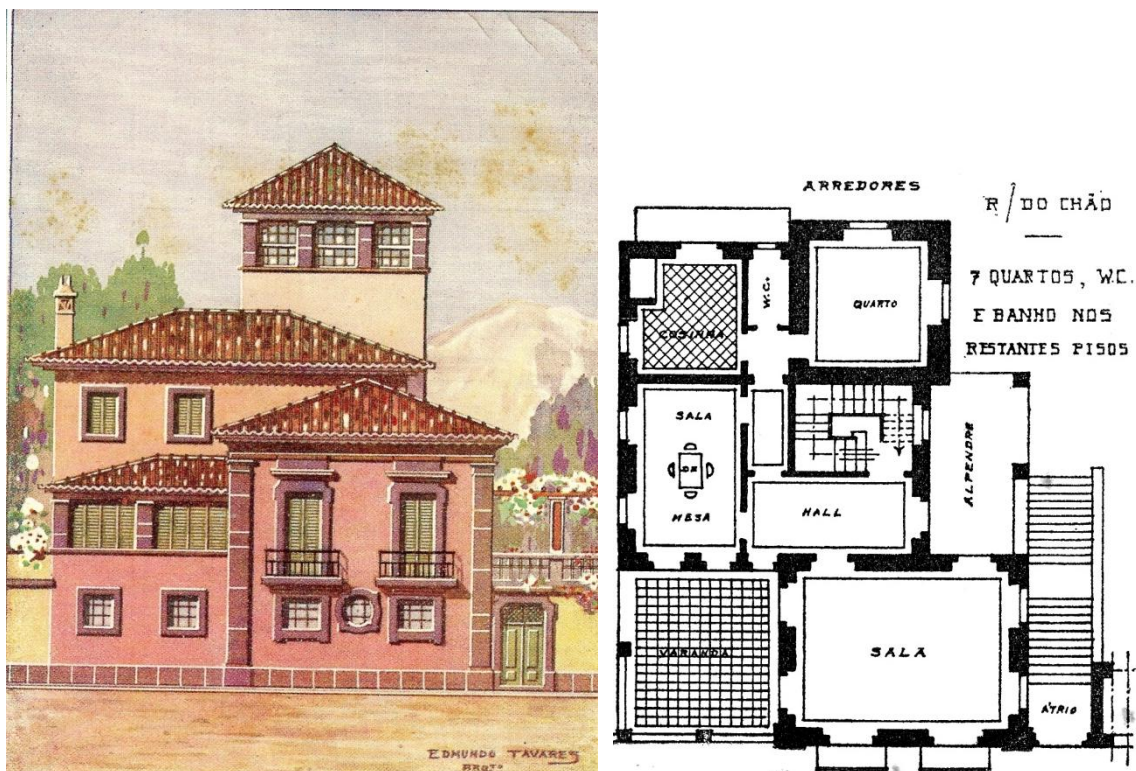


Figura 40 - Alçado e planta de projecto de casa madeirense, Edmundo Tavares

“Palacete de moradia, na cidade, faceando com a via pública. Traça arquitectónica que, sendo actual, nos sugere, por suas linhas e motivos, as nossas antigas casas, os nossos hábitos, as nossas predilecções, a nossa ilha: as lojas baixas, recebendo luz pelos mezaninos e pelo óculo aberto em campo estreito; o andar nobre com seu ar grave e recatado; a «casa de prazer»¹⁴³ sobranceira à rua e em intimidade com a habitação e o jardim; a entrada lateral, a escada que se lhe segue, o alpendre, a latada compondo o muro, a «torre» mirando o mar e a paisagem, - tudo são motivos locais, característicos, com que, como se prova, se pode produzir arquitectura madeirense”.¹⁴⁴

¹⁴³ «Casa de prazer» ou «casinhas de prazer», são o nome dado a pequenas construções, algumas delas revestidas a madeira, outras a alvenaria, localizadas num dos extremos do jardim da habitação, construídas num principal intuito para ver «a vista», onde as senhoras tomavam chá ou bordavam e passavam o tempo.

O nome «casinhas de prazer» provém do nome dado por Marco Polo aquando de uma das suas viagens a Pequim, onde verificou uma construção pequena, móvel, inserida num jardim palaciano e de carácter romântico, uma «sumptuous house of pleasure which may be removed from place to place».

O termo chegou à Madeira através dos estrangeiros ingleses que povoaram a ilha.

(Fonte: Revista Islenha, Paulo de Freitas.)

¹⁴⁴ GOMES, J. Reis; “Casas madeirenses”; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII, Página 39.



Figura 41 - Foto da torre do ATNEU, e ao fundo a torre da Câmara Municipal do Funchal (Autora)

A imagem acima, representa duas “torres”, a que está em primeiro plano, é referente ao edifício de ATNEU, a de segundo plano, é referente ao edifício da Câmara Municipal do Funchal.

Em plena harmonia entre ambas, e em sintonia com a paisagem envolvente, as “torres avista - mar” erguem-se em altura, num jogo de contraste e dicotomia entre o cheio e o vazio, o perto e o longe, entre o cá e o lá. Perfeitamente agrupadas em “terra” desnivelada, as torres avista - mar, organizam-se na plateia arquitectónica da cidade e obtêm lugar privilegiado para o espectáculo do mar.

Neste jogo, tem-se o mar como actor principal de todo o enredo, por razões meramente comerciais ou somente pela privilegiada contemplação proporcionada pela ‘torre’, sem qualquer argumento, sem qualquer distracção, ou simplesmente pelo factor insular, numa forma rítmica de quebrar a solidão.

E é neste intuito que Edmundo Tavares recria esta característica da arquitectura madeirense e tenta enquadrar com sucesso, na nova habitação moderna. A recriação de um aspecto social tão presente na cultura desta cidade, uma visível intenção de usar o passado tradicional e aplicar num “presente” para a posterioridade.

5.5 Síntese: Caracterização arquitectónica das torres

Deste capítulo as principais ideias a evidenciar para uma melhor compreensão das torres enquanto objectos arquitectónicos da cidade do Funchal, passam primeiramente por perceber ou definir um único conceito, perceptível às mesmas.

Dos diferentes conceitos explicados e entendidos como possíveis caracterizadores de torre em relação à sua funcionalidade e característica social e arquitectónica, conclui-se que a definição de “torre avista-navios” é a que melhor se adequa no âmbito deste trabalho, apesar de que, a torre continuará a ser entendida como parte integrante de um edificado residencial e por isso igualmente será uma torre habitacional, independentemente de possíveis conotações de exaltação de poder ou meros miradouros sobre o mar.

Pode-se concluir igualmente que a torre “avista-navios” é marcadamente um produto arquitectónico da ilha da Madeira. As características tradicionais da arquitectura da Madeira, presentes nas torres através dos elementos arquitectónicos que as compõem, conotam-nas como um produto regional, intrínseco da cultura arquitectónica madeirense. Através do estudo pormenorizado de cada um dos elementos que compõem as torres, as fachadas, as coberturas e os vãos, podemos ressaltar, que toda a torre é fruto da terra e para a terra, denotando uma vez mais as influências dos elementos presentes na casa tradicionalmente insular, na torre e em todo o edificado anexo a ela.

Ainda neste capítulo, foram analisados, a forma como as torres “avista-navios” se organizavam interiormente, classificando-as segundo uma tipologia:

- Torre Aberta
- Torre Simples
- Torre Composta ou com Compartimentos
- Torre Semi-aberta
- Torre Terraço

Estas classificações resultam da articulação do acesso à torre com o espaço interior da própria torre, através do posicionamento em planta das escadas de acesso, da existência ou não de uma ou mais áreas separadas fisicamente por uma parede ou porta, e da existência de terraço ou não.

Tais definições contribuem para um melhor entendimento da torre enquanto espaço vivencial, e tipologicamente definido arquitectonicamente.

Por fim, era necessário salientar o papel e a repercussão que as torres tiveram na arquitectura moderna do séc. XX. Para isso, foi estudado um conjunto de edificados da

autoria do arquitecto Edmundo Tavares, na cidade do Funchal, no qual a partir de uma análise sucinta, foi possível entender a casa moderna do século XX, como cunho tradicional da arquitectura madeirense. Nela podemos observar a reprodução moderna da torre “avista-navios” e de todo o conjunto edificado e nobilitado, bem como de outros elementos adjacentes às fachadas, coberturas e à própria organização interna do edificado residencial, perfeitamente enquadrado e reinterpretado na arquitectura moderna.

CAPITULO 6. Inventário do património arquitectónico das Torres “Avista - navios”

Foram inventariados no âmbito desta dissertação, os edifícios torre - habitação na cidade do Funchal, que seguidamente serão caracterizados. Este capítulo tem como principal objectivo, o inventário completo, eficaz e objectivo de cada um dos edifícios - torre.

6.1 Localização dos Edifícios - torre

São 20 os edifícios torre identificados e localizados em pleno centro da cidade do Funchal. Estão inseridos na malha urbana de duas das mais antigas freguesias da cidade, a freguesia de São Pedro, onde estão localizadas 15 das torres em estudo, e a Freguesia da Sé, onde estão os restantes 5 edifícios, (Figura 41).

Os edifícios - torre inventariados são: Palacete dos Barões de São Pedro (DRAC); Empresa CF Sousa Andrade; Sindicato dos Trabalhadores; ATNEU Comercial do Funchal; Fundação Livraria Esperança; Sucursal Livraria Esperança; Casa Bordados “Madeira Sun”; Empresa Leilões Chagas; Instituto do Vinho; Paços do concelho do Funchal (CMF); Museu de Arte Sacra; Palácio dos Ornelas; Casa Jacquinet; Externato N’Alvares; Casa - Museu Frederico Freitas; Palácio de São Pedro; Solar dos Zinos; Centro de Recrutamento de Funchal, Exército; Empresa João Crisóstomo Figueira da Silva e o Palacete da Mouraria

Estes 20 edifícios localizam-se entre duas das principais ribeiras da cidade: a ribeira de São João no lado Oeste e a ribeira de Santa Luzia no lado Este da área de intervenção.

Inseridas na área de estudo, estão algumas das ruas mais antigas e importantes da cidade entre as quais se salienta a **Rua dos Ferreiros**, onde estão localizadas 8 dos edifícios torre. Sendo esta uma rua nobre e de antigas habitações solares, constitui-se como uma das que revela maior concentração de habitações com torre.

Ainda nesta área de estudo, estão inseridas outras importantes ruas como a Rua da Carreira, a Rua dos Netos, a Rua da Mouraria, a Rua das Pretas e ainda a Calçada do Pico, todas elas constituídas como pólos centrais do desenvolvimento da cidade do Funchal nos sécs. XVI, XVII e XVIII.

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

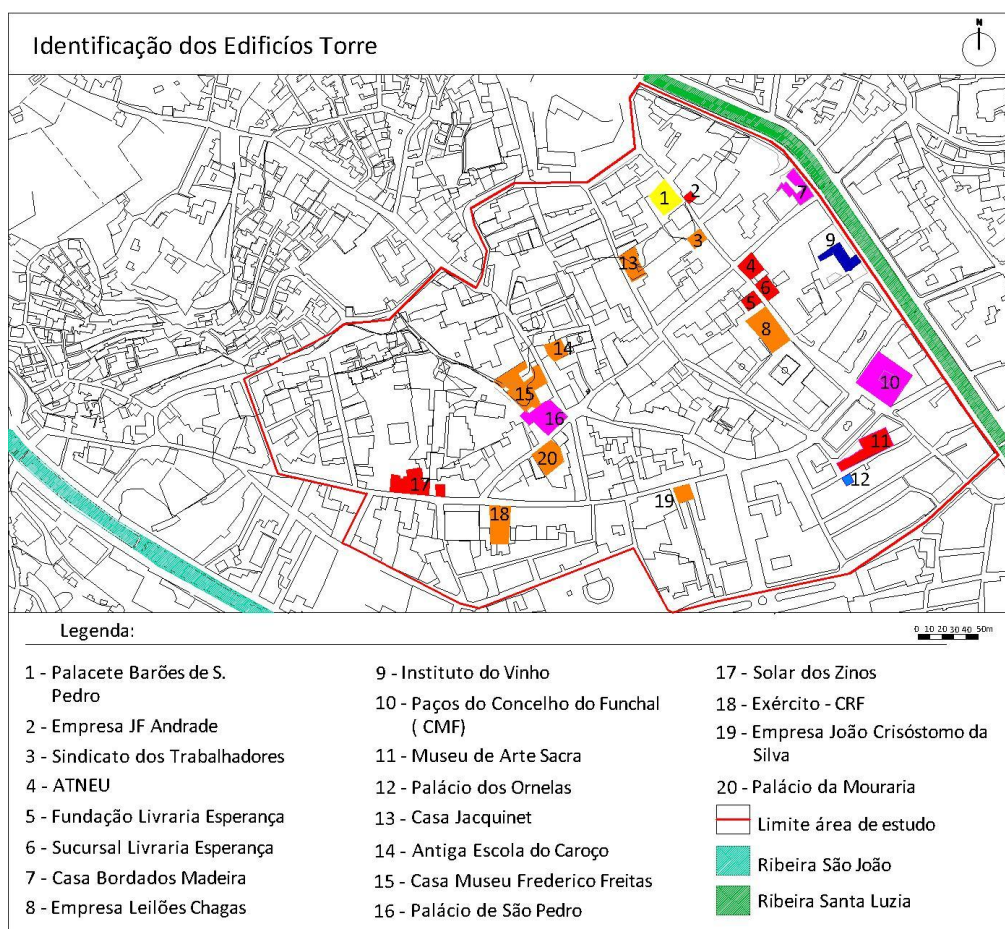


Figura 42 - Identificação dos edifícios com torre (Autora)

6.2 Inventário

1.1 PALACETE DOS BARÕES DE SÃO PEDRO (DRAC)

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.1.1 - **Categoria:** edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.1.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.1.3. - **Designação:** Palacete dos Barões de São Pedro

1.1.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'06.22"N, 16°54'39.03"W

1.1.5. - **Acesso:** Rua dos Ferreiros, nº 163 - 173, Funchal

1.1.6. - **Protecção:** Valor Local (VL), Res. do Presidente do Governo Regional nº 325/99, JORAM nº 33 de 23 Março 1999

1.1.7. - **Época de construção:** Século XIX

1.1.8. - **Imagem:**

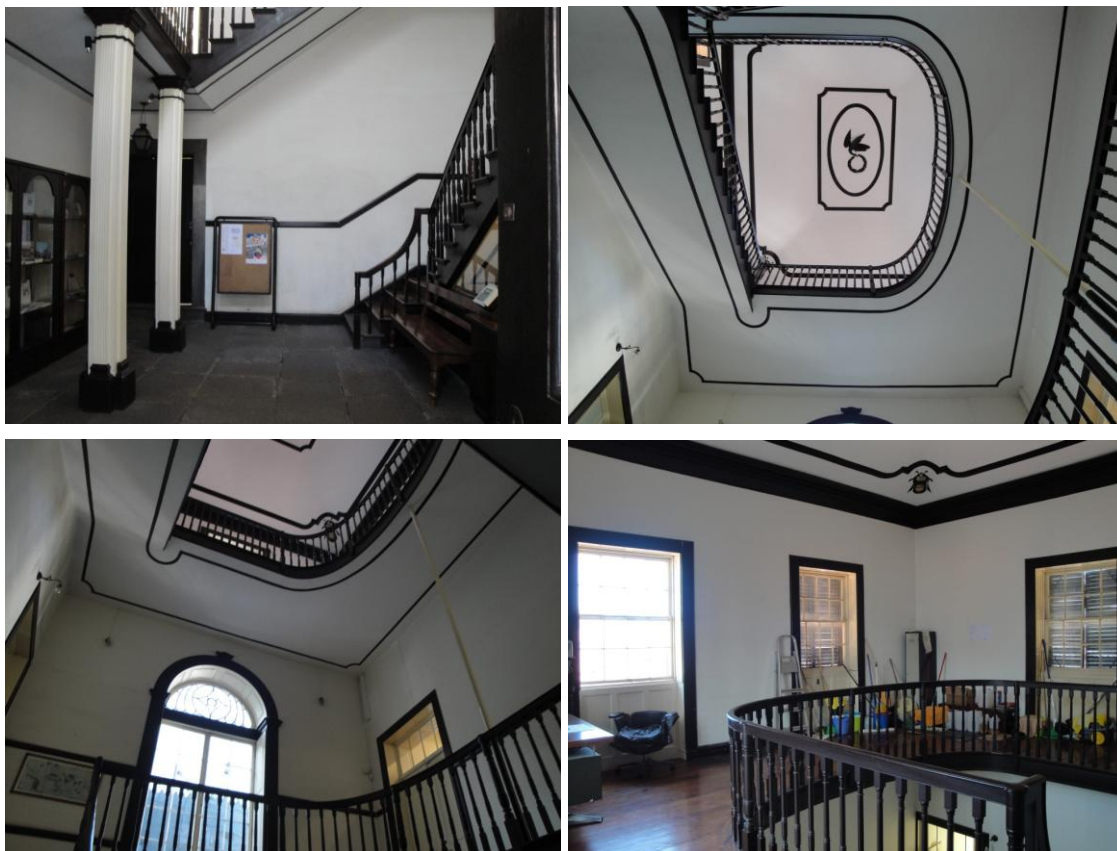




Figura 43 - Fotografias do interior da Torre (Autora)

1.1.9. - Enquadramento: Urbano.

O edifício com torre avista - navios, está implantado em zona histórica da cidade do Funchal, integrado numa zona de casas nobres e solares de setecentos e oitocentos, o edifício está inserido numa área urbana de traçado linear, concentrado, inserido em quarteirão, erguendo-se a Este, junto a uma das principais vias públicas do núcleo histórico - Rua dos Ferreiros - pavimentada a asfalto e apresentando igualmente passeio, estreito e pavimentado a calçada portuguesa. É ainda do lado Este, que se faz a entrada principal ao interior do edifício. Perfeitamente enquadrado com o desnível do terreno, o mesmo está junto a Norte e a Sul por casas de habitação unifamiliar. A Oeste, o edifício confronta com um pequeno parque de estacionamento e um prédio da Rua das Merçês.

1.1.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício - torre em estudo é composto por três volumes, o principal quadrangular, e os outros dois rectangulares, um disposto longitudinalmente em relação ao edifício principal, e o terceiro paralelo ao edifício principal separado por um logradouro. A cobertura deste último é de telhado de duas águas e os restantes de telhado de quatro águas com telha canudo. As paredes são de alvenaria de pedra, rebocadas e pintadas de amarelo ocre. Apresenta beirais simples, duplos e triplos sobre entablamento pintado de cinzento. Os edifícios são constituídos por dois andares. Na fachada principal do edifício principal, virada a Este, apresenta três panos, no principal encontram-se a entrada principal ao interior do mesmo, de verga recta, constituída por moldura de cantaria, no 2º piso, janela de sacada com arco de volta perfeita e terceiro piso apresenta janela de sacada, de verga recta. Apresenta cunhais de massa imitando falsas pilastras pintados de cinzento, e remates de entablamento, pintados a cinzento. As pilastras conferem elementos estruturais de forma a conferir ao edifício um estilo clássico maneirista. No pano lateral esquerdo, a fachada apresenta no 1º piso, duas janelas de peitoril gradeadas, com moldura pintada a cinzento, no 2º piso apresenta duas janelas de verga recta, com sacada comum e encimadas por cornija pintada de cinzento, tal como a moldura e com lambrequins de madeira, pintados a verde escuro decorados com losangos pintados a branco. No pano lateral direito, a fachada apresenta no 1º piso apresenta duas portas de verga recta e no 2º piso, duas janelas

simétricas às janelas do pano lateral esquerdo. As janelas apresentam guarda de ferro forjado pintado de verde. Esta fachada Este apresenta ainda embasamento de cantaria. Os restantes vãos das restantes fachadas apresentam janelas de peitoril com molduras de cantaria pintadas a cinzento e com tapa-sóis de madeira pintados a verde-escuro e portas de verga recta em madeira e igualmente com moldura de cantaria pintada a cinzento. No interior, é de destacar os frisos e rodapés presentes nas paredes, pintados de castanho-escuro sobre parede estucada e pintada de branco.

TORRE: A torre apresenta três pisos, de planta quadrangular regular, apresentando volumetricamente um só corpo, inserido no volume principal do edifício, centrado e apresentando o último piso mais elevado que o edifício principal. A torre está centrada em relação ao edifício principal, sendo a fachada do lado Este conjunta com a fachada Este do edifício principal, formando um único pano diferenciado pela volumetria dos outros dois panos presentes na fachada principal do edifício, constituído por porta de verga recta no primeiro piso, *“janela de sacada de arco de volta perfeita, com bandeira de caixilharia recortada, encimada por dois frisos verticais, que partindo dos capitéis do arco da janela, se interligam à janela de sacada do terceiro piso da torre, esta de verga recta encimada por cornija e lambequim”*¹⁴⁵, de madeira, pintado a verde-escuro e com motivos decorativos pintados a tinta branca. Apresentam ambas guardas de ferro nas janelas, em ferro forjado pintado de verde. A fachada da torre virada a Norte apresenta duas janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e com tapa-sóis igualmente em madeira e pintados de verde-escuro. As mesmas janelas apresentam moldura simples em cantaria de pedra da região (basalto). As janelas posicionam-se, cada uma, nos extremos da fachada. Na fachada virada a Sul, a mesma apresenta igualmente duas janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro. Apresentam igualmente moldura simples de cantaria e posicionam-se ambas centralmente em relação à fachada. Na fachada virada a Oeste, a mesma, tal como na fachada virada a Este, apresenta somente uma janela, centralizada em relação à fachada, sendo esta de peitoril, com caixilharia de madeira, tapa-sóis de madeira pintada de verde e moldura de cantaria. No seu conjunto, a torre apresenta seis janelas, sendo cinco delas de peitoril e uma delas de sacada. Tais janelas proporcionam a entrada de luz natural, bem como o vislumbre a 360° da paisagem envolvente. A cobertura da torre é de telhado de quatro águas, em telha canudo, com beirais simples sobre entablamento de cantaria pintado de cinzento. As paredes são em alvenaria de pedra, rebocadas e pintadas a amarelo ocre. No interior, a torre que faz parte do pano central do edifício, apresenta planta quadrada regular. O primeiro piso da torre é coincidente com a entrada principal ao interior do edifício, onde se desenvolve o hall, aberto, no qual a partir deste é possível ver o tecto do último piso da torre. A partir do hall, com pavimento em lajes de pedra de basalto,

¹⁴⁵ http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1

desenvolve-se uma ampla escada em madeira, que dá acesso ao 2º e 3º piso correspondentemente e que ocupa grande área do pavimento da torre. A escada central da torre, dá igualmente acesso às diferentes divisões do edifício, nomeadamente à loja no rés-do-chão ou às salas nobres no segundo piso.

As escadas de acesso apresentam forma rectangular, apresentando uma face com curvatura. As mesmas apresentam balaustrada de madeira torneada, pintada de castanho-escuro, tal como os rodapés igualmente pintados de castanho-escuro, os frisos e as molduras dos vãos.

A cobertura da torre apresenta falsa abóbada de esquife, com uma decoração de vários frisos concêntricos, pintados de castanho-escuro sobre fundo branco, apresentando nos ângulos do tecto insectos igualmente pintados e ao centro uma ave com coroa de flores em estuque.

1.1.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.1.12. - Cronologia:

Séc. XIX - Construção do palacete pelos morgados Vasconcelos do Couto Cardoso. Herdado por Daniel de Ornelas e Vasconcelos, primeiro Barão de São Pedro.

11 de Janeiro de 1881 - início do funcionamento do Liceu do Funchal.

11 de Janeiro de 1914 - adquirida pela firma Emile Marghab J. C. Limitada para instalação de uma casa de bordados.

24 de Fevereiro de 1978 - adquirida pelo Governo Regional para instalação da Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

1.1.13. - Tipologia: Palacete urbano de arquitectura residencial, civil, oitocentista, com decoração e influências neoclássicas. O edifício principal apresenta planta quadrangular, com torre centralizada em relação ao volume principal também de planta quadrangular regular, com um logradouro, e escada central e corredor como espaços de distribuição. Os vãos estão dispostos harmoniosamente na fachada, com as mesmas dimensões e alinhados simetricamente, de forma a atribuir ao edifício proporção e equilíbrio ao edifício, simultaneamente reforça o estilo neoclássico do mesmo. Fachadas rebocadas e pintadas, cunhais de massa formando falsas pilastras.

Dentro desta categoria, podemos definir a torre pertencente ao edifício quanto à organização espacial, como sendo TORRE ABERTA, uma vez que apresenta disposição interior e elementos constituintes pertencentes a esta categoria de torre. A escada de acesso aos diferentes pisos da torre, é centralizada, criando um vazio central, uma zona de transparências entre os diferentes níveis da torre.

1.1.14. - Utilização inicial: Residencial

1.1.15. -Utilização actual: Cultural e Administrativo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC)

1.1.16. - Proprietário: Edifício Público Regional: Governo Regional da Madeira

1.1.17. - Utente: Proprietário

1.1.18. -Conservação geral: O edifício sofreu obras de conservação recentemente (2002), logo o estado de conservação do mesmo é definido como BOM.

1.1.19. - Documentação: Para o inventário deste edifício, foram recolhidas informações gráficas na própria DRAC e na página de internet do IHRU: www.monumentos.pt.

1.1.20. - Observações: Este é um edifício já inventariado pelo IHRU/DGEMN, estando o mesmo disponível online através do site www.monumentos.pt, no entanto, o mote deste trabalho centra-se no inventário da torre que o mesmo edifício apresenta no seu conjunto arquitectónico. Por isso, o mesmo inventário centra-se essencialmente na análise da torre, caracterizando somente sucintamente o conjunto arquitectónico geral. O recurso ao site de internet, serve somente para colmatar algumas informações históricas do edifício.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Na planta do rés-do-chão do edifício principal estão dispostas as diferentes áreas de circulação e de estar, sendo visível a disposição espacial das mesmas. Em planta é possível verificar demarcado a cor verde as zonas de circulação dos respectivos três volumes, sendo as restantes áreas salas comuns, algumas adaptadas ao uso actual, muito posteriormente á construção do edifício, uma vez que originalmente a parte posterior do edifício principal seria a loja ou adega.

É possível verificar em planta a organização espacial destas mesmas áreas, onde podemos analisar uma disposição aleatória das salas, atribuindo ao volume uma desorganização espacial e uma desarmonia formal na concepção dos diferentes espaços. No edifício anexo ao edifício principal é possível verificar igualmente uma disposição inconsistente das áreas de estar, bem como do espaço de circulação.

No terceiro edifício rectangular e separado do principal por um logradouro, é possível verificar uma certa intencionalidade racional, uma vez que estão alinhadas e dispostas conjuntamente cinco salas independentes. As instalações sanitárias agrupam-se num dos lados do volume, o esquerdo, individualizando e demarcando deste modo o edifício em duas diferentes áreas, separadas por um espaço e corredor de circulação.

O primeiro piso da torre é coincidente com o hall de entrada do edifício principal, sendo possível verificar em planta as escadas de acesso aos pisos superiores, bem como os acessos ás diferentes salas dispostas neste primeiro piso.

Na planta do piso 2, é visível as áreas demarcadas a cor das zonas de circulação, que dão acesso a diferentes salas dispostas neste piso e ainda o segundo piso da torre “avista - navios”, sendo possível verificar a escada de acesso aos diferentes níveis, bem como a sua particular forma, com um lado da mesma com curvatura. É possível ainda de verificar que a mesma ocupa uma grande área do pavimento da torre, criando um espaço vazio no centro e delimitando a restante área como espaço de circulação às restantes salas do edifício principal. As salas dispostas neste volume principal, apresentam diferentes volumetrias e dimensões, sendo algumas rectangulares e maiores, outras rectangulares e de dimensões

inferiores. É possível verificar que cada compartimento ou sala apresenta mais que uma porta, possibilitando desta forma o livre - trânsito entre diferentes salas, sem que para isso uma pessoa tenha de usar o corredor.

As salas do edifício anexo ao edifício principal, tal como no rés-do-chão, apresentam uma forma irregular, diferenciadas das restantes presentes nos outros edifícios.

É de destacar ainda em planta o alinhamento regular, clássico e harmonioso dos vãos ao logo das fachadas.

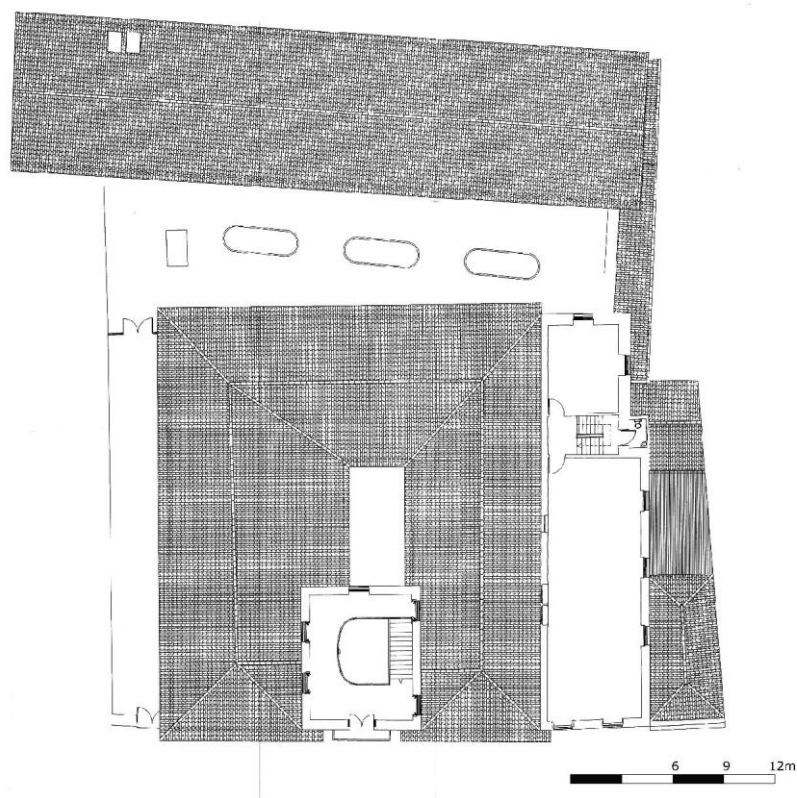


Figura 44 - Planta piso 3 (Autora)

Planta do terceiro piso da torre sendo possível verificar uma vez mais a forma da escada de acesso. Possível verificar as seis janelas presentes nas quatro fachadas, duas janelas a Sul e a Norte e uma centralizada a Este e a Oeste. Possível também verificar a organização espacial da mesma definida como TORRE ABERTA.

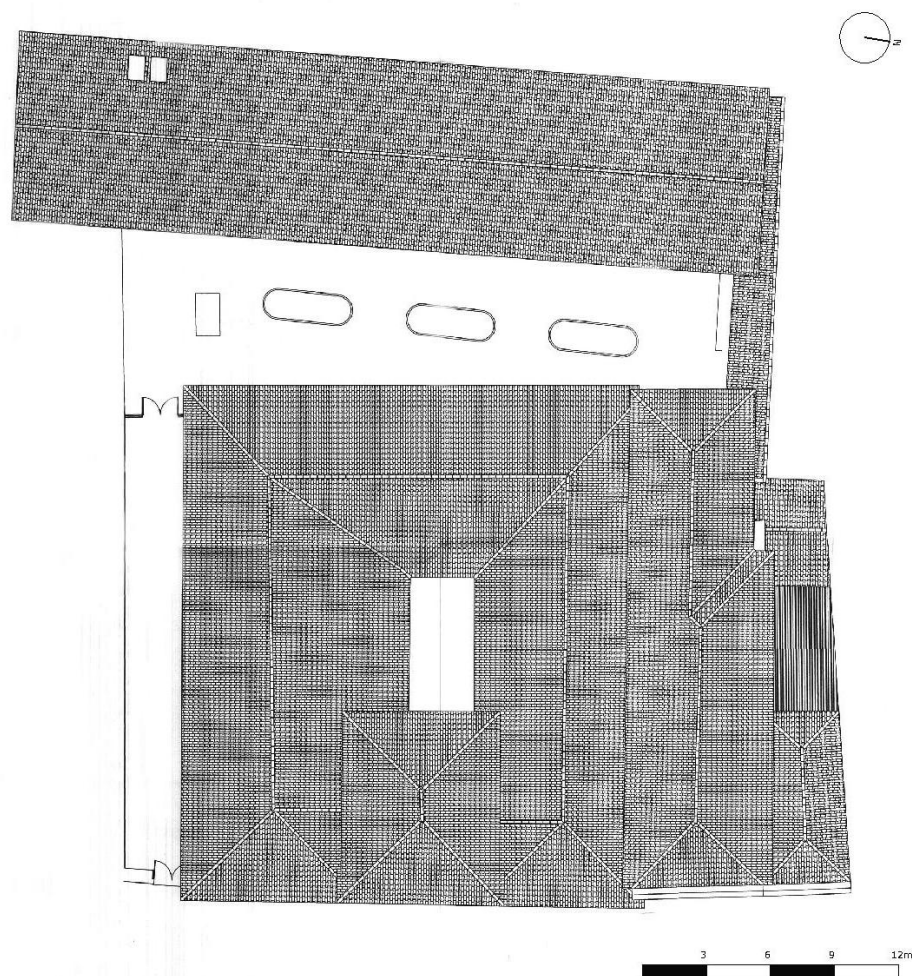


Figura 45 - Planta de Cobertura (Autora)

Na planta de cobertura, é possível verificar os três volumes independentes, através da forma do telhado, sendo possível distinguir no edifício principal a cobertura de telhado de quatro águas, o edifício do lado direito anexo ao edifício principal com cobertura com telhado de quatro águas e o terceiro volume rectangular e longitudinal, com cobertura com telhado de duas águas.

Em planta é igualmente saliente o telhado de quatro águas da torre, posicionado junto à fachada Este do edifício principal e central em relação à mesma. No conjunto, podemos verificar um jogo de formas e volumes desenhadas através da volumetria dos telhados de quatro águas e a forma em tesoura que os mesmos recriam. Aspecto este saliente em quase todos os edifícios habitacionais presentes na cidade do Funchal, sendo um elemento tradicional da arquitectura madeirense.



Figura 46 - Alçado Principal (Autora)

Possível verificar neste alçado os três panos do edifício principal, e o último piso da torre, coincidente com a fachada Este do edifício principal e saliente em altura em relação aos restantes edifícios de dois pisos. No pano lateral esquerdo, janelas de peitoril com gradeamento no primeiro piso e janelas com sacada comum e de verga recta no segundo piso. No pano central, porta de verga recta no primeiro piso, janela de arco de volta perfeita com sacada no segundo piso e janela de verga recta com sacada e entablamento e cornija no terceiro piso. No pano lateral direito, duas portas de verga recta no primeiro piso, duas janelas de verga recta e sacada comum no segundo piso. É possível verificar ainda o embasamento em cantaria ao longo de toda a fachada. O edifício ao lado é possível verificar dois panos, apresentando cada um, uma porta larga de verga recta e janelas de peitoril com moldura em cantaria e tapa-sóis de madeira.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.2 EMPRESA CF SOUSA ANDRADE & CIA S.A.

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.2.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.2.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.2.3. - Designação: Edifício na Rua dos Ferreiros, nº 204

1.2.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'06.64"N, 16°54'38.52"W

1.2.5. - Acesso: Rua dos Ferreiros, nº 204, Funchal

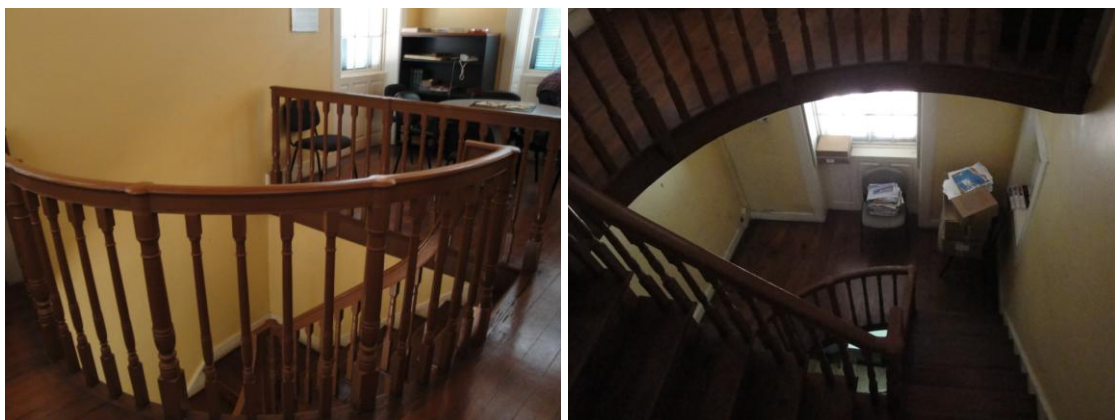
1.2.6. - Protecção: Inexistente

1.2.7. - Época de construção: Séc. XVIII

1.2.8. - Imagem:



Figura 47 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício (Autora)



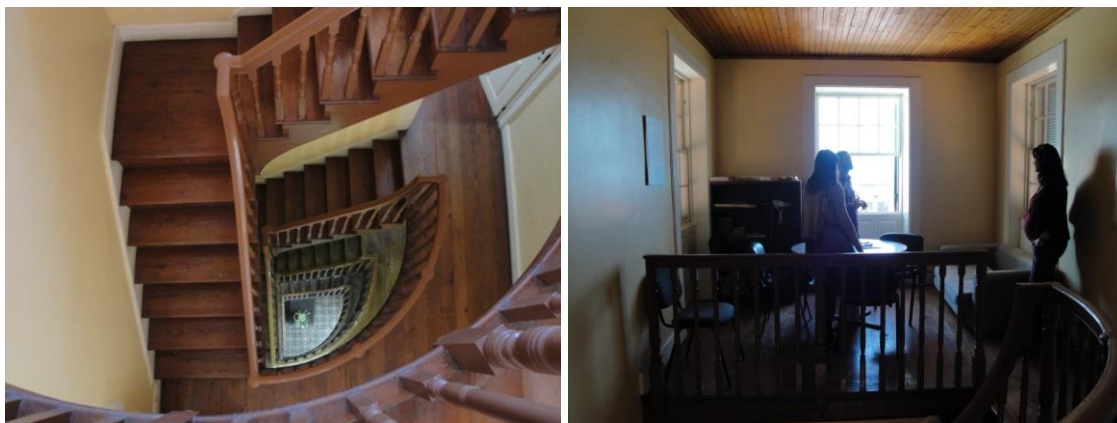


Figura 48 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.2.9. - Enquadramento: Urbano.

O edifício, está implantado em zona histórica da cidade do Funchal tal como o edifício anterior, integrado igualmente numa zona de casas nobres e solares. O edifício está inserido numa área urbana de traçado linear, concentrado, inserido em quarteirão, erguendo-se a Oeste, junto a uma e importante via pública do núcleo histórico, a Rua dos Ferreiros, pavimentada a asfalto e apresentado igualmente passeio, estreito e pavimentado a calçada portuguesa, confrontando do outro lado da rua, o Palácio dos Barões de São Pedro. A entrada principal de acesso ao interior do edifício faz-se pelo lado Oeste, através da rua dos Ferreiros. A Norte e a Sul, o edifício está junto a casas de habitação unifamiliar e uma área de terreno em obras. A Este o edifício confronta um terreno em obras, antigo parque de estacionamento descoberto. O edifício está adaptado ao desnível do terreno.

1.2.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta planta rectangular, com eixo longitudinal perpendicular à via pública (Rua dos Ferreiros). Apresenta sistema composição simples e tem volumetria rectangular. O edifício é constituído por três pisos. A cobertura é em telhado de quatro águas com telha canudo e beiral simples. Do lado Este existência de chaminé em com cobertura de telhado de quatro águas. A fachada principal, junto á via pública, apresenta uma composição harmónica e equilibrada, sendo constituída por um só pano, de frente estreita, no qual podemos destacar no primeiro piso, a porta principal de acesso ao interior do edifício, de verga recta, em madeira e em cantaria de pedra da região, encimada por entablamento igualmente em cantaria. Do lado esquerdo da fachada, existe uma janela de dimensões iguais ás da porta com moldura em cantaria. No 2º e 3º piso, existe duas janelas de peitoril, de iguais proporções dispostas de igual maneira na fachada, e são constituídas por caixilharia guilhotina, em madeira e tapa-sóis em madeira pintada de verde. Apresentam molduras em cantaria de pedra e são encimadas por cornija. Fachada com embasamento pintado de vermelho escuro. Na fachada Sul, o edifício apresenta uma água furtada com cobertura de telhado de duas águas com telha canudo de barro vermelho, e cinco janelas de peitoril com

caixilharia de guilhotina em madeira e tapa-sóis em madeira, dispostas aleatoriamente ao longo do 3º piso do edifício. Janelas com moldura em cantaria de pedra.

No interior, logo á entrada do edifício existe o hall, com as escadas de acesso á torre e aos diferentes pisos do mesmo em plano de fundo. Existência de parede com duas pilastras e arco em alvenaria estucada e pintada de branco. Parede essa de separação entre o hall e a divisão que dá acesso às antigas lojas ou adegas e ao acesso vertical. O pavimento é em mosaico com decoração de hexágonos de cor preta sobre fundo claro. Rodapés pintados de castanho-escuro e paredes estucadas e pintadas de amarelo.

TORRE: A torre inserida no edifício principal é constituída por cinco pisos. Apresenta planta rectangular, tendo as fachadas menores viradas a Norte e Sul e as fachadas de maiores dimensões orientadas a Este e Oeste. A mesma está localizada num plano recuado em relação à fachada principal do edifício e sobrelevada dois pisos em relação ao último piso do edifício. A cobertura da torre é em telhado de quatro águas, com telha canudo e com beiral simples. As fachadas apresentam uma composição simétrica. A fachada virada a Norte apresenta no quarto piso e quinto piso uma janela de peitoril com caixilharia de guilhotina em madeira pintada de branco e vidro simples e com tapa-sóis de madeira pintados de verde-escuro. Ambas as janelas estão centralizadas na fachada e apresentam moldura de cantaria. Na fachada virada a Sul, a mesma apresenta igualmente em ambos os respectivos pisos, uma janela de peitoril com caixilharia de guilhotina em madeira pintada de branco, tapa-sóis de madeira pintados de verde-escuro e moldura em cantaria. Tal como as janelas na fachada virada a Norte, ambas estão igualmente centralizadas em relação ao plano da fachada. Na Fachada orientada a Este, no 4º piso, a mesma apresenta uma janela de peitoril de pequenas dimensões, com caixilharia em madeira pintada de branco e tapa - sóis igualmente em madeira pintada de verde, posicionada na parte mais a Norte na fachada. No último piso, a mesma apresenta duas janelas localizadas nos extremos das fachadas, sendo estas janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina em madeira, tapa-sóis igualmente em madeira e com molduras em cantaria de basalto. A fachada orientada a Oeste é paralela à fachada principal do edifício e apresenta no 4º piso, uma pequena janela de peitoril, com tapa-sóis de madeira pintada de verde e moldura de cantaria, localizada no extremo sul da fachada. No 5º e último piso, a mesma apresenta duas janelas simétricas às existentes no mesmo piso da fachada Este, dispostas de igual maneira, com igual proporção, elementos e materiais. As paredes são de alvenaria, rebocadas e pintadas de branco sujo.

No interior da torre, é de destacar as escadas de acesso ao vários pisos da torre, constituída em madeira, com forma triangular e com curvatura num dos lados. A escada está posicionada junto ao lado Este da parede da torre, apresentando como protecção balaustrada de madeira trabalhada e pintada de castanho. As escadas são um elemento a destacar no interior da torre, uma vez que o acesso á torre faz-se a partir do rés-do-chão do edifício principal, junto ao hall de entrada, sendo possível observar desde o 1º piso, o tecto da torre e

consequentemente todos os pisos da mesma. Além da escada de acesso constituir um elemento funcional, constitui também um elemento estético e identificador do edifício, pela sua forma, e fisionomia particular.

O pavimento da torre é em soalho de madeira, tal como o tecto da mesma, constituída por ripas de madeira dispostas longitudinalmente no mesmo. Elemento este posterior á concepção do edifício. As paredes são estucadas e pintadas de amarelo claro e os rodapés e molduras dos vãos são em madeira pintada de branco.

1.2.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.2.12. - Cronologia: Séc. XVII - provável data de construção do palácio, Séc. XX - provável data recente de obras de conservação / provável data da propriedade adquirida pela empresa CJ Sousa Andrade & CIA, S.A.

1.2.13. - Tipologia: Arquitectura residencial civil. Palácio urbano de planta rectangular, com frontispício de três pisos, piso térreo com loja e arrecadação e portal central de acesso ao átrio, andar nobre e torre.

Em relação à torre, podemos definir esta no contexto da organização espacial como uma TORRE SEMI - ABERTA, uma vez que esta apresenta duas áreas num mesmo espaço, a escada de acesso com vazio central de um lado do Norte da torre e uma área pavimentada com madeira, actualmente adaptada a sala de estar, do lado Sul da torre.

1.2.14. - Utilização inicial: Residencial

1.2.15. - Utilização actual: Administrativo / Comercial

1.2.16. - Proprietário: Empresa CF SOUSA ANDRADE & CIA S.A.

1.2.17. - Utente: Proprietário

1.2.18. - Conservação geral: Bom

1.2.19. - Documentação: Não definido

1.2.20. - Observações: Não definido

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Planta do 4º piso da torre, sendo possível verificar na mesma planta rectangular, volume regular com dois espaços distintos separados fisicamente por uma parede: numa das áreas, a escada com forma triangular com curvatura ocupa a maior área da sala, o outro espaço individualizada apresenta -se com forma rectangular criando uma sala comum, separada por parede e porta.

É possível verificar ainda a disposição dos vãos nas respectivas fachadas, apresentando na fachada Este e Oeste, dois vãos dispostos contrariamente em relação ao eixo longitudinal, e as janelas da fachada Norte e Sul, estão dispostas simetricamente e centralizadas na parede.

Possível ainda verificar em planta a cobertura de telhado de quatro águas, a cobertura da água furada, igualmente em telhado de quatro águas, e ainda analisar a disposição do volume da torre em relação ao contexto geral do edifício.

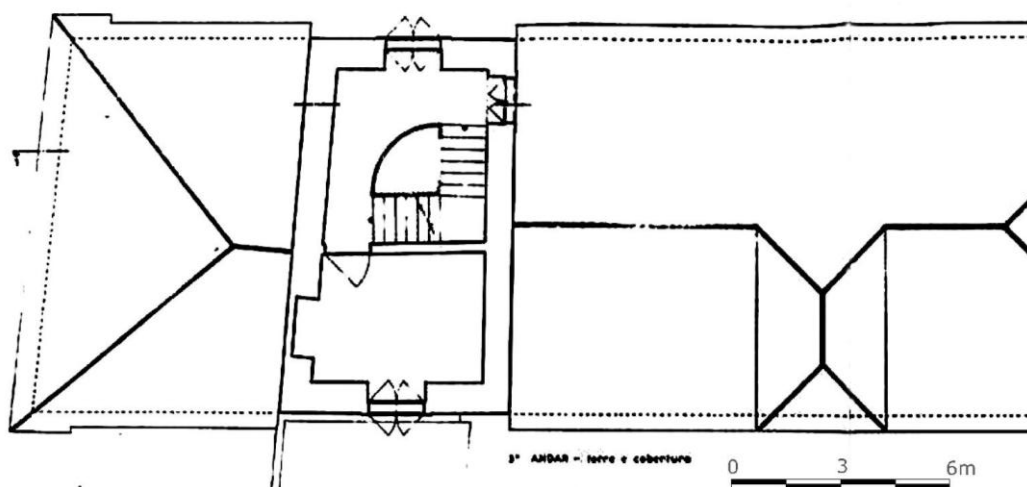


Figura 49 - Planta Piso 4 (Autora)

Na planta do 5º andar, é possível observar a forma rectangular da torre e ainda o espaço aberto de todo este piso, contrariamente ao piso inferior da torre, existe uma parede de separação física entre dois espaços.

Nesta planta é possível verificar a forma particular das escadas, a sua disposição espacial em relação á planta, individualizando também, sem qualquer elemento físico de separação, dois espaço num mesmo compartimento: um de circulação, nomeadamente as escadas e outro de estar.

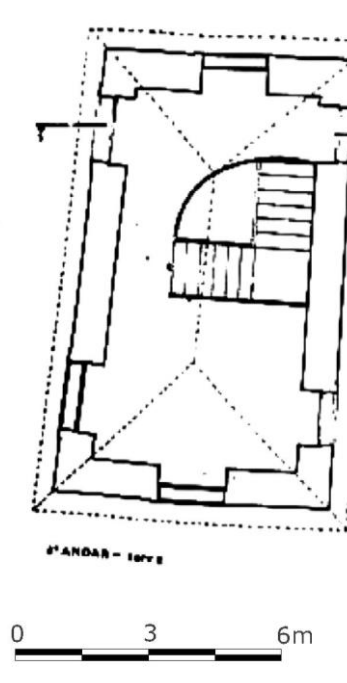


Figura 50 - Planta do Piso 5 (Autora)

No corte seguinte, é possível observar a fachada orientada a Sul, onde se pode salientar a articulação assimétrica dos vãos presentes no 2º e 3º piso do edifício ao longo da fachada. Verifica-se a existência do lado Este de escadas exteriores de acesso ao edifício e alpendre.

Destacar ainda a existência em corte de duas chaminés, uma do lado esquerdo, alta de esguia, outra do lado direito, mais larga e baixa, salientando a existência actual somente de uma delas, a do lado direito, desaparecendo a outra, aquando das obras de remodelação e adaptação que o edifício sofreu.

É possível observar neste corte, a torre saliente e demarcada do restante conjunto arquitectónico.

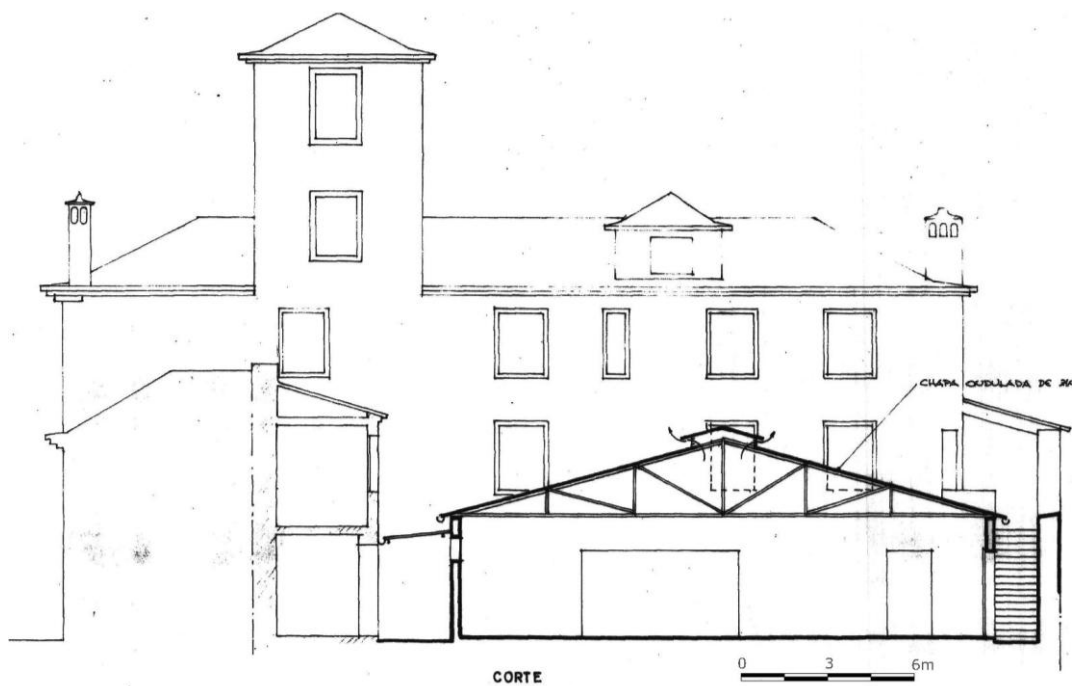


Figura 51 - Alçado Sul (Autora)

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.3 SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS, OLARIAS E AFINS DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.3.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.3.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.3.3. - Designação: Edifício na Rua dos Ferreiros, nº 147 - 151

1.3.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'04.77"N, 16°54'37.94"W

1.3.5. - Acesso: Rua dos Ferreiros, nº 151, Funchal

1.3.6. - Protecção: Não definido

1.3.7. - Época de construção: Séc. XVIII / XIX

1.3.8. - Imagem:



Figura 52 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício (Autora)

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Figura 53 - Imagens do interior do edifício (Autora)





Figura 54 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.3.9. - Enquadramento: Urbano

Inserido em traçado urbano linear, num tipo de aglomerado concentrado. Inserido num aglomerado de edifícios habitacionais, em zona histórica da freguesia de São Pedro, sendo a morfologia da parcela perpendicular à via pública. Ergue-se junto a uma das vias de circulação com passeio estreito, pavimentado com calçada à portuguesa. Geminado em consonância com outros edifícios residenciais.

O edifício é envolvido por uma rua principal (Rua dos Ferreiros) pavimentado em asfalto, Perfeitamente enquadrado com o desnível do terreno, o mesmo está junto a Norte e a Sul por casas de habitação unifamiliar. A Oeste, o edifício apresenta um logradouro pertencente ao mesmo e transformado em armazém. A Este o edifício confronta a rua principal de acesso ao mesmo. A ocupar o rés-do-chão esteve a empresa “Moviflor”, fechando recentemente.

1.3.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta uma planta quadrangular, com uma volumetria composta articulada, apresentando dois edifícios, um rectangular disposto longitudinalmente e anexo ao edifício principal, e o próprio edifício principal de três pisos constituído por torre cinco pisos no total. O mesmo apresenta cobertura de telhado de quatro águas com telha canudo de barro vermelho e beirais duplos e triplos. Na cobertura, existência d chaminé A fachada principal está orientada a Este, sendo perpendicular á rua principal. A mesma apresenta um só pano, sendo esta constituída por elementos como o entablamento, frisos e cornijas. A fachada apresenta um embasamento em lajes de reboco pintado de vermelho escuro. No primeiro piso, podemos observar a porta de entrada principal de arco, com moldura em cantaria de basalto e encimada por cornija e friso igualmente em cantaria. Ainda no primeiro piso, existem mais duas portas simples de verga recta e com moldura em cantaria e uma janela intercalar entre as duas portas, igualmente com moldura de cantaria e sem protecção.

No segundo piso, existência de três janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina em madeira e vidro simples e sem protecção, todas elas com moldura em cantaria de basalto. As mesmas estão dispostas na fachada central e harmoniosamente e são encimadas por friso, que as interligam com a sacada das janelas do piso superior. No terceiro piso, sendo este o andar nobre, existem três janelas de sacada comum, com caixilharia em madeira pintada de branco, vidro simples e tapa-sóis em madeira pintada de verde. Apresentam molduras de cantaria de basalto e são encimadas por friso e cornija. A sacada apresenta gradeamento, de ferro forjado pintado de verde-escuro, ornamento e decorado com elementos vegetais. No conjunto, os vãos estão disposto simetricamente, regular e ordenadamente, proporcionando ao edifício harmonia e equilíbrio. A fachada apresenta reboco e pintura a amarelo, embora esta esteja em mau estado de conservação com apresentação de patologias. É possível ainda observar aspectos dissonantes, tais como a presença de fios de electricidade, telefone e demais presos ao longo da fachada. Presença de candeeiro público de parede preso à fachada e tubo de calha pintado de verde.

A fachada virada a Oeste apresenta no 1º piso um alpendre, que originalmente dava acesso a um logradouro e jardim pavimentado com lajes de pedra. Actualmente este espaço exterior pertencente à casa está transformado em armazém de arrumação, todo ele construído em madeira. Nesta fachada é visível no primeiro piso a existência três portas simples de verga recta, duas delas em madeira e uma em vidro com caixilharia em madeira pintada de branco e moldura de cantaria.

No interior, logo no hall de entrada, junto à Rua dos Ferreiros, o mesmo apresenta pavimento em lajes de basalto e escada de acesso aos pisos superiores em madeira pintada de castanho-escuro, tal como as balaustradas trabalhadas e os rodapés igualmente em madeira pintadas de castanho-escuro. Moldura dos vãos em madeira pintada de branco e envernizada.

Um aspecto particular do edifício, normalmente associado a esta tipologia de habitação senhorial e palaciana é a ornamentação dos tectos de cada divisão com frisos e elementos decorativos em estuque, alusivos à função respectiva de cada divisão, por exemplo a sala da música, sala nobre de estar, tem o tecto pintado de azul com frisos concêntricos pintados a branco e no centro representação elementos decorativo alusivos à música tais como a representação de um anjo a tocar corneta, e de instrumentos. No rés-do-chão, sala com o tecto decorada com elementos alusivos a comida, tais como representação de uma taça com frutas.

O pavimento do 2º, 3º, 4º e 5º pisos é em soalho.

TORRE: A torre apresenta uma planta rectangular, tendo as fachadas menores viradas a Norte e Sul e as fachadas de maiores dimensões orientadas a Este e Oeste. A torre está posicionada em relação ao conjunto arquitectónico num plano recuado à fachada principal do mesmo e centralizado. Fachadas de alvenaria rebocadas e pintadas de amarelo, apresentando má conservação da pintura. Cobertura com telhado de quatro águas, com telha de barro vermelho, beiral simples. Na fachada Norte, existência de uma janela de peitoril, em

caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e vidro simples. Protecção da janela constituída por tapa-sóis de madeira pintada de verde. A fachada Sul apresenta igualmente uma janela simétrica á da fachada Norte, de iguais proporções e com os mesmos elementos decorativos e funcionais. Na fachada orientada a Este, existência de duas janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina, madeira pintada de branco e vidro simples e tapa-sóis igualmente em madeira pintada de verde-escuro. O estado de conservação das janelas é precário, faltando em alguns tapa-sóis ripas de madeira. As duas janelas estão centralizadas na fachada, atribuindo á torre harmonia e equilíbrio. A fachada Oeste apresenta de igual forma, proporção, materiais e posicionamento em relação à fachada, duas janelas de peitoril e com caixilharia de guilhotina, simétricas às duas janelas presentes na fachada Este. Todas as janelas presentes têm molduras em cantaria de basalto.

No Interior, a torre apresenta uma planta rectangular regular, com escadas de acesso em madeira, estreitas, localizada junto á parede do lado Oeste. Com esta, existência também de balaustrada de madeira torneada e trabalhada, pintada a castanho-escuro e rodapé igualmente pintado de castanho-escuro. Molduras dos vãos em madeira pintada de branco e envernizada. Existência de frisos presentes nas paredes em madeira pintados de branco e envernizados. Pavimento em soalho de madeira. Paredes estucadas e pintadas de branco. Tecto abobadado em estuque com frisos igualmente em estuque pintados de branco, representando uma círculo oval no centro e presença de um elemento decorativo vegetal no centro do tecto, igualmente em estuque.

Um aspecto dissonante presente na torre devido à sua utilização actual é a existência de paredes falsas em gesso, de forma a criar dois pequenos compartimentos, duas pequenas salas de trabalho separadas por uma porta.

1.3.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.3.13. - Tipologia: Arquitectura residencial civil. Palacete urbano, barroco, oitocentista. Edifício composto por torre, edifício principal com planta quadrangular e armazém. A casa principal sofreu intervenções ao longo do tempo, constituindo uma zona mais antiga que é constituída pelo próprio edifício residencial e respectiva torre e uma zona mais recente, de cariz temporário, um armazém todo ele construído em madeira e que ocupa a parte posterior da casa, num antigo jardim ou quintal da mesma. O mesmo armazém serve actualmente para guardar material usado, apresentando uma função de arrecadação. A cada apresenta dois andares mais torre, com portas de verga recta no rés-do-chão e janelas de peitoril e de sacada nos pisos superiores. No interior, coberturas de abóbada, com frisos e ornamentos, possuindo no topo, painel pintado e alusivo a um determinado tema.

Em relação à organização espacial da torre, a mesma dado o posicionamento das escadas de acesso no contexto espacial, é possível defini-la, como uma TORRE SIMPLES, com escada de acesso localizada junto a uma das paredes, ocupando a menor área possível de pavimento existente na torre.

1.3.14. - Utilização inicial: Residencial

1.3.15. - Utilização actual: Associativo

1.3.16. - Proprietário: SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS, OLARIAS E AFINS DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

1.3.17. - Utente: Proprietário

1.3.18. - Conservação geral: Razoável (Torre, vestíbulos); Má (Coberturas, vãos, tectos do 2º piso, pintura exterior, pintura interior)

1.3.19. - Documentação: Não definido

1.3.20. - Observações: Não definido

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Uma vez que não foi possível a disponibilização por parte dos responsáveis do edifício, nem do levantamento arquitectónico do mesmo, esta fase fica sem efeito, constituindo somente o acervo fotográfico, elemento de análise e estudo do interior do mesmo.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.4 ATENEU COMERCIAL DO FUNCHAL

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.4.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.4.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.4.3. - **Designação:** Ateneu Comercial do Funchal

1.4.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'03.85"N, 16°54'35.79"W

1.4.5. - **Acesso:** Edifício na Rua dos Ferreiros, nº 164 - 168 e Rua dos Netos, nº 42 - 46

1.4.6. - **Protecção:** Não definido

1.4.7. - **Época de construção:** Séculos XIX / XX

1.4.8. - **Imagem:**



Figura 55 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício e torre (Autora)

1.4.9. - **Enquadramento:** Urbano

Implantado num traçado urbano linear, na confluência do cruzamento de duas ruas, a Rua dos Ferreiros, nº164 a 168, a Rua dos Netos, nº42 a 46.

Encontra-se integrado numa zona histórica, de expansão do início da actividade comercial da cana-de-açúcar e do vinho Madeira, de traçado linear.

Ergue-se junto a duas vias de circulação rodoviárias do núcleo urbano, pavimentada a asfalto. Ergue-se junto de passeios pavimentados a calçada à portuguesa.

O edifício é estruturante ou condicionante da via pública, uma vez que o mesmo se encontra na sua confluência.

O mesmo encontra-se junto a outros edifícios residenciais. O edifício apresenta pátio descoberto a Sul e pátio coberto a Este.

1.4.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta planta quadrangular, com sistema composto, com volumes articulados e escalonados, uma vez que apresenta torre ao centro de planta rectangular, recuada e mais elevada em relação ao edifício principal, e edifício posterior de três pisos. O edifício principal apresenta forma em “L”, com dois pisos. Paredes em alvenaria de pedra rebocadas e pintadas de branco, apresentando patologia. Cobertura inclinada de telhado de quatro águas e telha de canudo em barro vermelho. Beirais simples e duplos assentes em cornija de alvenaria. A fachada principal localiza-se junto da Rua dos Netos, orientada a Norte, onde verifica-se no rés-do-chão, embasamento com relevo pintado a cinzento e pilastra de cantaria no cunhal, três portas de verga recta com moldura em cantaria e um janelão com gradeamentos. A porta principal de acesso ao edifício é de lintel com arco abatido, encimado por friso e cornija. O 2º piso apresenta 4 janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina e molduras de cantaria, apresentando as 2 últimas janelas a Oeste, tapa-sóis de madeira pintados a verde-escuro.

A fachada orientada a Oeste apresenta no rés-do-chão embasamento idêntico ao anterior, 2 portas de verga recta e molduras em cantaria, alternadas com 3 janelas simples com moldura em cantaria. O 2º piso apresenta 5 janelas de sacada comum, com grade em ferro fundido bastante elaborada, pintada a verde-escuro, encimadas por friso e cornija, e com lambrequins de madeira pintada a verde, com decoração inferior rendilhada e aplicações em losango pintadas a branco. A janela mais a Sul é a única que apresenta tapa-sóis de madeira. O acesso ao logradouro faz-se por uma fachada geminada à fachada Oeste do edifício principal, enquadrada entre pilastras de alvenaria pintadas de branco sujo. Edifício de dois pisos, apresentando embasamento pintado de vermelho escuro, porta de verga recta entre duas janelas com gradeamento com molduras de alvenaria pintadas, no 2º piso existência de 3 janelas de iguais proporções, *“com vãos em arco abatido, unidos por friso, e chave ressalvada e apoiada em friso a toda a largura da fachada, e com parapeito inferiormente ondulado; remate por cornija e platibanda.”*¹⁴⁶

TORRE: A torre apresenta planta rectangular, regular, e centralizada em relação ao conjunto arquitectónico geral. A torre apresenta duas fachadas maiores orientadas a Este e a Oeste e duas fachada de menores dimensões orientadas a Norte e a Sul. O mesmo apresenta paredes de alvenaria rebocadas e pintadas de branco, embora estas apresentam actualmente patologias e má conservação. Apresenta cobertura inclinada em telhado de quatro águas com

¹⁴⁶ http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1

telha canudo de barro vermelho com beiral simples. A torre apresenta 5 pisos. A fachada Norte apresenta uma janela de peitoril em cada piso, com caixilharia em guilhotina, em madeira pintada de branco e vidro simples, sem protecção e com moldura simples em cantaria. A fachada virada a Sul, apresenta somente uma janela de peitoril, localizada no último piso da torre, de iguais características, proporções e materiais que a janela Norte. A fachada virada a Este apresenta duas janelas de peitoril, somente no último piso da torre, em caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e com vidro simples, sem protecção e com molduras em cantaria de pedra da região. A fachada orientada a Oeste, apresenta em cada piso, duas janelas simétricas às da fachada virada a Oeste, de iguais características, proporções e materiais, posicionadas centralmente em relação ao plano da fachada. Os vãos presentes na torre, estão centralizados e posicionados de forma equilibrada e harmoniosamente.

1.4.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.4.12. - Cronologia: 1897 - primeiras reuniões da “Classe dos Caixeiros”, num quarto da R. da Sé;

1897,8 Dez. - inauguração do Ateneu Comercial do Funchal na R. Direita, 24, 2.º andar;

(...)

1919 - Referência a habitar o prédio da R. dos Ferreiros a família de Dalila Passos Freitas, que ali nasce;

1927 - retoma da actividade do Ateneu na R. dos Ferreiros com inúmeros requerimentos aos ministérios do Governo Central e deslocação a Lisboa de delegações para apresentarem diversas propostas;

2001 - Recuperação do pavilhão e do edifício de entrada ao pátio.

1.4.13. - Tipologia: Arquitectura residencial civil, neoclássica. Articulação de diferentes volumes, com planta quadrangular do edifício principal e torre rectangular de elevada altura contrastando com o volume de menores dimensões do edifício principal.

1.4.14. - Utilização inicial: Residencial

1.4.15. - Utilização actual: Cultural / Associativo: Associação Comercial

1.4.16. - Proprietário: Proprietário privado

1.4.17. - Utente: Proprietário

1.4.18. - Conservação geral: Má (Pintura das fachadas), Razoável (edifício principal e torre)

1.4.19. - Documentação: www.monumentos.pt.

1.4.20. - Observações: Para uma pesquisa mais detalhado do edifício e do seu contexto histórico, ver o site do IHRU, www.monumentos.pt, ou o livro “Elucidário Madeirense”, do Padre Fernando Augusto da Silva.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Uma vez que não foi possível a disponibilização por parte dos responsáveis do edifício, nem do levantamento arquitectónico do mesmo, esta fase fica sem efeito, constituindo somente o acervo fotográfico, elemento de análise e estudo do interior do mesmo.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.5 FUNDAÇÃO LIVRARIA ESPERANÇA

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.5.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.5.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.5.3. - **Designação:** Fundação Livraria Esperança

1.5.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'02.66"N, 16°54'35.84"W

1.5.5. - **Acesso:** Edifício na Rua dos Ferreiros, nº 119

1.5.6. - **Protecção:** Não definido

1.5.7. - **Época de construção:** Século XVIII

1.5.8. - **Imagem:**



Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Figura 56 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício e torre (Autora)





Figura 57 - Imagens interior do edifício (Autora)

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Figura 58 - Imagens interior torre (Autora

1.5.9. - Enquadramento: Urbano

Edifício com torre “avista - navios” inserido em quarteirão, em zona histórica da cidade do Funchal, na freguesia de São Pedro, num tipo de aglomerado concentrado. Inserido num aglomerado de edifícios habitacionais, sendo a morfologia da parcela perpendicular à via pública. Edifício principal constituído por dois pisos ladeado a Sul por edifícios de idênticas características e a Norte por um pequeno parque de estacionamento.

Morfologia da parcela onde o edifício está inserido é regular e perpendicular à via pública, pavimentada em asfalto, com um passeio pavimentado em calçada à portuguesa, escrito no mesmo, o nome da fundação com paralelepípedos da calçada.

Do lado Oeste do edifício, existência de uma jardim pertencente ao mesmo, pavimentado com calhar rolado e existência de árvores de grande porte. O lado Este do edifício é circundado pela principal via de circulação rodoviária, a Rua dos Ferreiros, de sentido descendente.

1.5.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta planta quadrangular com torre central rectangular, com volumes articulados e escalonados no qual podemos observar a alta torre, com coberturas inclinadas de telha de canudo de barro vermelho de quatro águas, por cima de cada divisão do edifício, formando no seu conjunto o sistema de cobertura em tesoura. A Oeste do edifício, existência de logradouro pavimentado com calhau rolado e presença de um pequeno jardim.

A fachada principal está orientada a Este, no qual apresenta um só pano, apresentando no rés-do-chão, embasamento pintado a vermelho, porta principal de acesso ao interior é em verga recta, com moldura em cantaria de pedra da região. Ainda neste piso, existência de uma janela com gradeamento e mais duas portas em verga recta. No segundo piso, a fachada apresenta cinco janelas de sacada comum, com molduras em cantaria de pedra da região, encimadas por cornija e friso e ainda lambrquins em madeira pintada de verde-escuro, com losangos pintados a branco. Gradeamento em ferro forjado, trabalhado e pintado de verde-escuro.

Na fachada orientada a Oeste, rés-do-chão com escadas exteriores de lajes de basalto que dão acesso ao alpendre e consequente interior do mesmo. Num plano mais recuado, do lado esquerdo, janela gradeada e porta larga de acesso á loja ou adega do edifício, no lado direito presença de três janelas gradeadas e porta igualmente larga de acesso á loja. No 2º piso, num plano mais saliente, alpendre com presença de duas janelas de portada com molduras em cantaria e tapa-sóis em madeira pintada de verde. Parede pintada de vermelho. Pode-se verificar ainda fachada de ressaltos em madeira e assente em vigas metálicas. Num plano mais recuado e já pertencente à fachada do edifício principal, pode-se verificar duas janelas com molduras de cantaria vermelha. No terceiro piso do edifício principal, pode-se verificar quatro janelas de sacada com molduras em cantaria vermelha e gradeamento em ferro forjado pintado de verde-escuro e portadas em alumínio verde. Fachada rebocada e pintada

de branco. No interior, logo na porta principal de acesso ao interior, presença de escada em madeira com balaustrada em madeira trabalhada e pintada a castanho-escuro. Hall de entrada com pavimento em mosaicos de cor preto e branco. Nas lojas, paredes em arco de volta perfeita em cantaria. No 2º piso, onde funciona actualmente a loja da Livraria Esperança e os escritórios referentes á mesma, o pavimento é em soalho, os rodapés em madeira pintado de castanho escuro, molduras dos vãos em madeira pintado de branco. Paredes estucadas e pintadas de branco, tectos planos estucados e com frisos salientes alusivos a elementos vegetais. No segundo piso, paredes com estantes de livros e forradas com posters de papel.

TORRE: A torre pertencente ao edificio está centrada no mesmo, recuada em relação à fachada principal do edificio do lado Oeste, e apresentando uma planta rectangular regular, que à semelhança de outras torres estudadas pertencentes à mesma rua, apresenta idêntica volumetria e fisionomia. A torre eleva-se dois pisos acima do edificio principal. As duas maiores fachadas da torre estão orientadas a Este e a Oeste e a duas menores fachadas estão orientadas a Norte e a Sul. A cobertura é em telhado de quatro águas com telha de canudo de barro vermelho, com beiral duplo. As paredes são em alvenaria rebocadas e pintadas de branco.

A fachada orientada a Este e Oeste apresenta duas janelas de portadas com caixilharia em madeira e vidro simples, apresentando molduras simples em cantaria vermelha e tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro, no piso inferior. No piso superior e último, existência de três janelas semelhantes em proporção, características e materiais, às do piso inferior. Ambas as janelas estão dispostas assimetricamente na fachada.

Na fachada orientada a Sul, existência somente de uma janela localizada no último piso da torre, centrada em relação ao plano da fachada, de idênticas proporções, características e materiais, às anteriores.

A fachada orientada a Norte não apresenta qualquer vão, apresentado somente uma fachada nua com patologias na pintura.

No interior, a torre, nos seus diferentes pisos, a torre apresenta piso em soalho, em razoáveis condições, paredes estucadas e pintadas a tinta branca com má conservação, rodapés em madeira, moldura das portas e das janelas do piso inferior em madeira pintada de branco e envernizada, molduras das janelas do piso superior em madeira pintada de azul esverdeado e envernizada. O acesso vertical existente faz-se por umas escadas estreitas em madeira, com balaustrada em madeira trabalhada, localizada junto à parede Norte da torre. O tecto da torre é em abóbada, estucado e pintado a branco, com presença de frisos salientes, estucados, em mau estado de conservação. A torre apresenta duas individualizadas, constituindo uma delas, um quarto de dormir. Actualmente a torre, serve de espaço de arrumação para madeiras, camas e material usado.

Presença de elementos dissonantes presentes na torre tais como a publicidade iluminativa colocada por cima da cobertura da torre.

1.5.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.5.12. - Cronologia: 1750 - Provável data de construção do palacete; 1950 - Ano em que o Sr. Jorge Figueira de Sousa adquiriu o imóvel a uma companhia de seguros.

1.5.13. - Tipologia: Arquitectura residencial civil, neoclássica. Planta articulada por vários volumes, tendo a fachada principal orientada a Oeste, geminada com um edifício habitacional a Sul, ladeada a Norte com um parque de estacionamento e a Este por logradouro. Os vãos da fachada principal articulam-se simetricamente e harmonicamente, proporcionando equilíbrio à fachada.

Em relação à organização espacial da torre, devido ao posicionamento do acesso vertical, junto à parede Norte da torre, e à presença de duas áreas individualizadas, separadas por uma parede física de alvenaria e por porta em madeira, podemos classifica-la como TORRE COMPOSTA ou TORRE COM COMPARTIMENTOS.

1.5.14. - Utilização inicial: Residencial

1.5.15. - Utilização actual: Residencial / Comercial: Livraria / Social: ‘Fundação Livraria Esperança’

1.5.16. - Proprietário: Jorge Figueira de Sousa

1.5.17. - Utente: Fundação Livraria Esperança

1.5.18. - Conservação geral: Razoável (2º e 3º piso), Má (Fachadas, acesso à torre, vãos da torre, pavimento da torre, paredes da torre)

1.5.19. - Documentação:

1.5.20. - Observações:

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

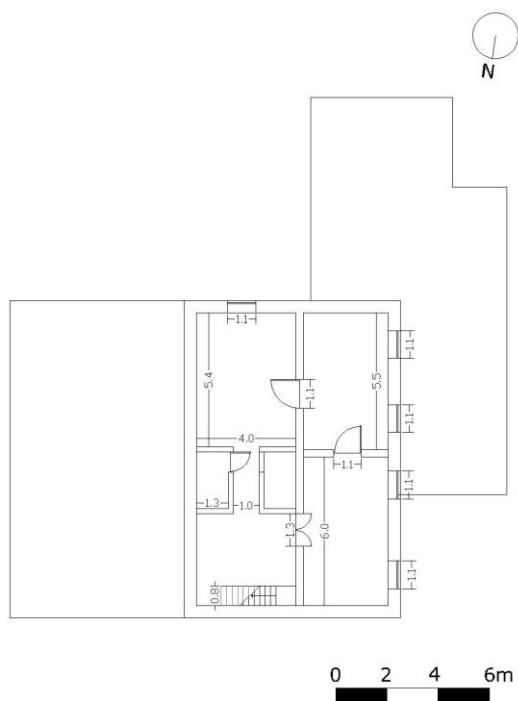


Figura 61 - Planta do 3º Piso (Autora)

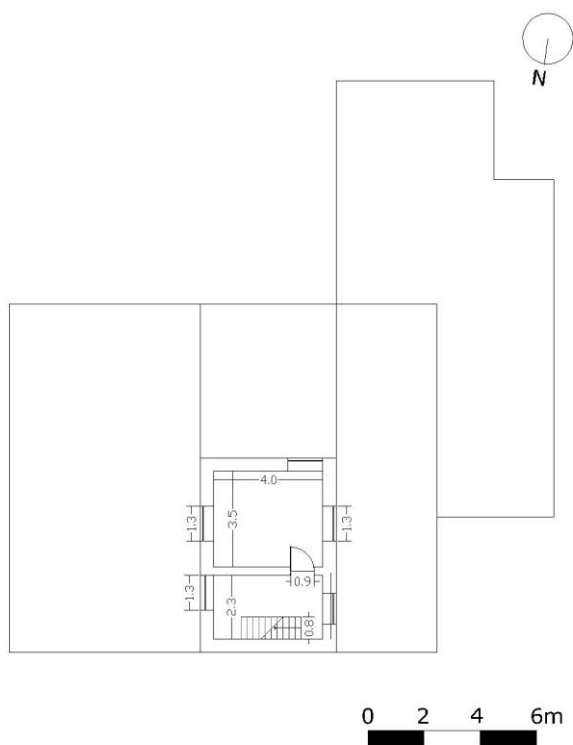


Figura 62 - Planta do 4º Piso (Autora)

Planta da torre recuada em relação à fachada principal, com forma rectangular. É possível verificar a existência de dois compartimentos, sendo um deles destinado a quarto de dormir.

Escadas de acesso posicionadas a Norte e junto a uma das paredes. A partir desta planta é possível denotar a tipologia desta torre: “TORRE COMPOSTA OU COM COMPARTIMENTOS”.

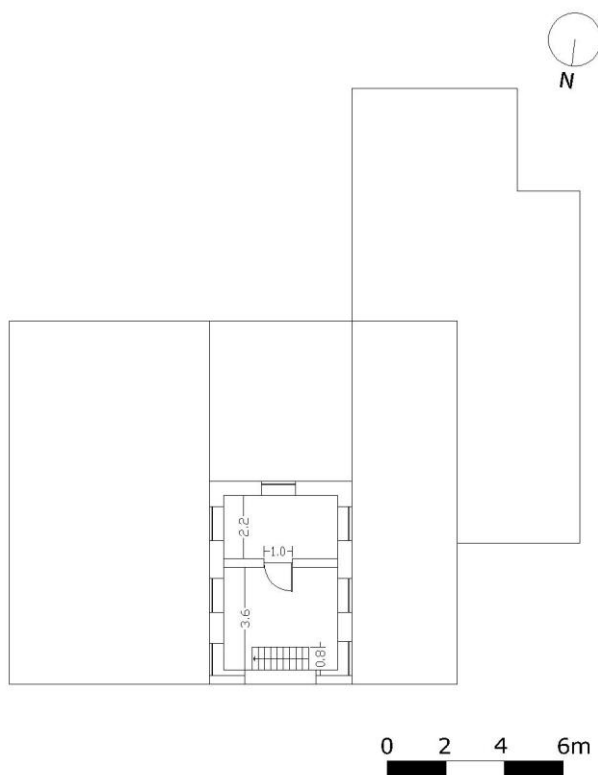


Figura 63 - Planta do 5º Piso (Autora)

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.6 ANTIGO PALÁCIO DO CONDE DE CARVALHAL / SUCURSAL LIVRARIA ESPERANÇA

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.6.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.6.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.6.3. - **Designação:** Sucursal Livraria Esperança

1.6.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'03.10"N, 16°54'35.12"W

1.6.5. - **Acesso:** Edifício na Rua dos Ferreiros, nº 154 a 162

1.6.6. - **Protecção:** Não definido

1.6.7. - **Época de construção:** Século XVII a XX

1.6.8. - **Imagem:**

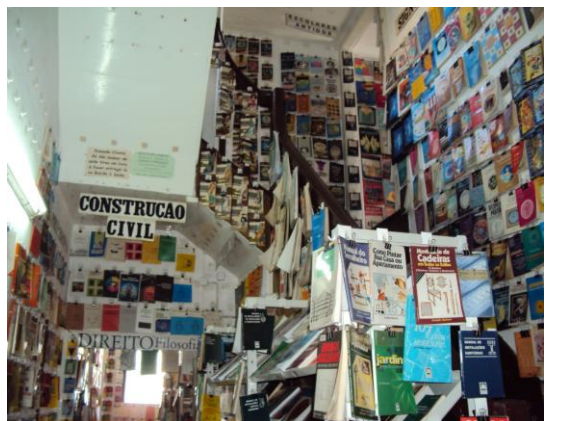
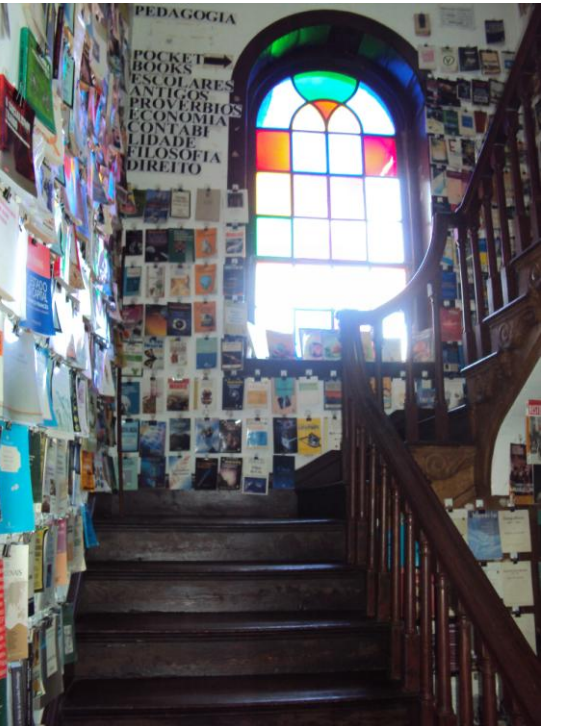
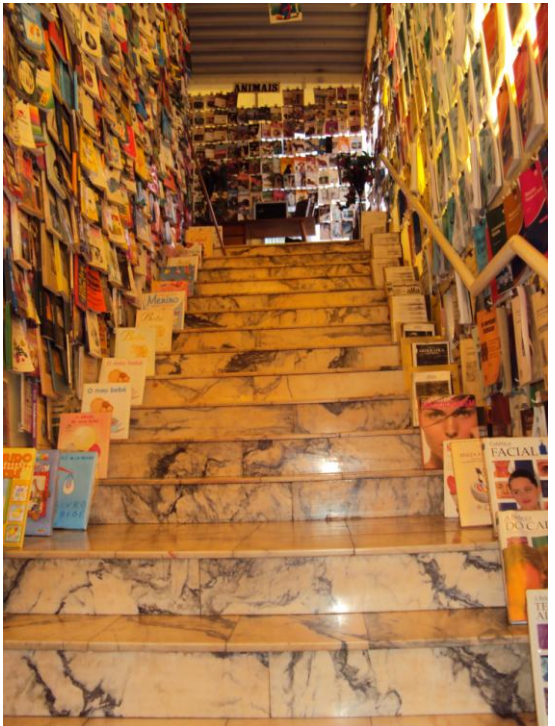
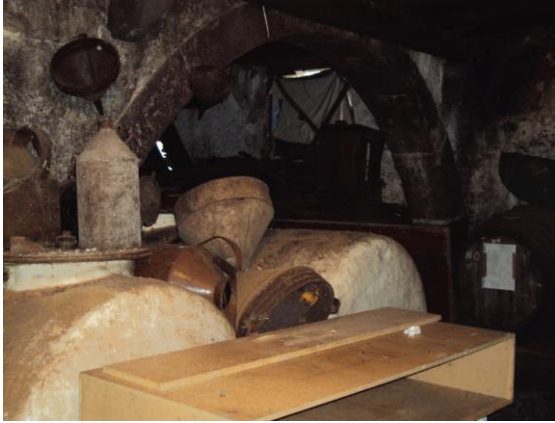




Figura 64 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)



Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Figura 65 - Imagens do interior do edifício (Autora)

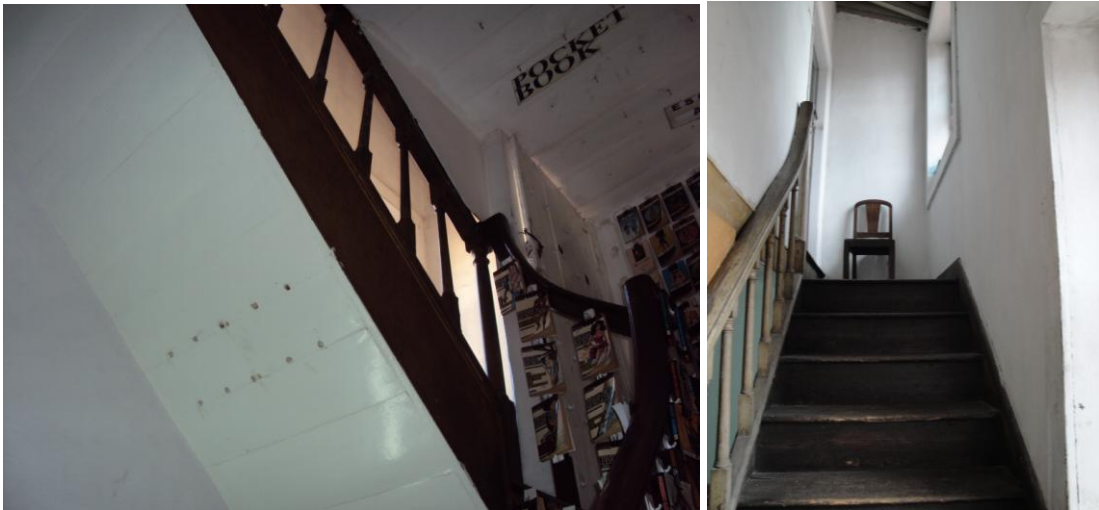




Figura 66 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.6.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício inserido em quarteirão, em zona histórica da cidade do Funchal, na freguesia de São Pedro, num tipo de aglomerado concentrado. Inserido num aglomerado de edifícios habitacionais, sendo a morfologia da parcela perpendicular à via pública. Edifício principal constituído por dois pisos ladeado a Norte e a Sul por edifícios residenciais de idênticas características.

Morfologia da parcela onde o edifício está inserido é regular e perpendicular à via pública, pavimentada em asfalto, com um passeio pavimentado em calçada à portuguesa.

O lado Oeste, o edifício é circundado pela principal via de circulação rodoviária, a Rua dos Ferreiros, de sentido descendente.

Do lado Este, o edifício é ladeado por logradouro coberto a telhado metálico e coberto por telha de barro vermelho, onde funciona parte da ‘Livraria Esperança’.

1.6.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício constituído por três pisos, com planta quadrangular, com sistema compositivo composto, e volumetria escalonada graças à alta torre e os diferentes níveis do edifício principal e logradouro coberto. O edifício apresenta cobertura de telhado de quatro águas, com telha canudo de barro vermelho, beirais simples, duplos e triplos.

A fachada principal está orientada a Oeste, com embasamento, apresentando três panos, um central, no qual constitui a fachada Oeste da torre, e dois panos laterais. No pano central, no rés-do-chão é possível verificar porta de entrada principal de verga recta e moldura de alvenaria pintada de vermelho-rosa, no 2º piso, janela de sacada com caixilharia de

guilhotina, em madeira, encimada por cornija e friso em reboco pintada de vermelho rosa e lambequim de madeira pintada de verde-escuro. No terceiro piso, janela de peitoril com caixilharia de guilhotina em madeira e vidro simples, e moldura pintada de vermelho-rosa. No pano lateral Norte existe uma porta de vidro, igualmente de verga recta, no 2º piso, duas janelas de sacada, com caixilharia de guilhotina, em madeira, encimada por cornija e friso pintado de vermelho-rosa. No terceiro piso, existência de duas janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina em madeira. E no pano lateral Sul, existe no rés-do-chão duas portas igualmente em verga recta, uma delas de madeira e de entrada à Sucursal da Livraria Esperança e conseqüentemente aos diferentes pisos do edifício e torre. A porta mais a Sul, é em vidro e pertence à parte do edifício alugada a uma empresa de automóveis, constituindo o espaço, como stand de venda. No segundo piso e terceiro piso, existência de duas janelas em cada piso de idênticas às do pano lateral Norte. Gradeamento de ferro forjado pintado de verde.

A disposição dos vãos na fachada Oeste é simétrica, proporcional e harmónica.

Na fachada Este, podemos verificar no 2º piso saliência arredondada com três janelas. No 3º piso, do lado Norte, presença de duas janelas de peitoril com caixilharia em guilhotina em madeira e tapa-sóis de madeira pintada de verde. Centralmente, vitral em janela de arco perfeito, e do lado Sul, existência de duas janelas de sacada comum, com caixilharia em madeira e moldura pintada de vermelho.

Fachada Norte com presença de três janelas de sacada com caixilharia em madeira.

No interior, é de destacar o pavimento do hall de entrada de mosaicos preto e branco, colocados em losangos. Escada principal de acesso ao piso superior em madeira pintada de castanho-escuro, com duas balaustrada em madeira, largas e trabalhadas, sendo a balaustrada de protecção em ferro forjado pintado de cinza e corrimão em madeira pintado de castanho-escuro. Fachada do hall de entrada com frisos pintados no estuque. O acesso à livraria faz-se pela porta de acesso às lojas, adegas e o suposto logradouro transformado em livraria, com pavimento, ainda original, do piso térreo da casa é em pedra de calhau rolado, em forma de losangos e alusivos a um desenho geométrico, denotando um poderio económico da família que outrora a mandou construir, assim como o seu bom gosto.

É de salientar ainda no rés-do-chão, porta de “gonzos” de acesso à adega, com paredes em arco de volta perfeita em cantaria vermelha. Acesso ao 2º piso em escada de mármore. É de salientar no 2º piso, os tectos das divisões, estucados e trabalhados com motivos vegetais e florais. Presença ainda de tectos abobadados em estuque e madeira com decorações florais em relevo pintadas de dourado. Pavimento dos 2º e 3º pisos em soalho. Paredes estucadas e pintadas e posteriormente para serviço da Livraria, todas as paredes apresentam livros expostos nas paredes, ao longo do rés-do-chão, 2º, 3º e 4º piso.

TORRE: A torre apresenta planta quadrangular, elevada, dois pisos acima do último piso da torre, com 5 pisos no total, estando localizada junto à fachada Oeste e principal do edifício,

sendo a fachada Oeste da torre uma extensão da fachada principal do edifício. As paredes são em alvenaria de pedra, rebocadas e pintadas a branco. Apresenta cobertura inclinada de telhado de quatro águas com telha canudo de barro vermelho e beiral triplo. Na fachada orientada a Norte existe somente uma janela de peitoril, com caixilharia de guilhotina em madeira pintada de branco e tapa-sóis igualmente em madeira pintada de verde-escuro. Moldura em alvenaria pintada de vermelho-rosa. Na fachada Oeste, é possível verificar no piso inferior, ou seja, 4º piso, uma janela de peitoril com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e vidro simples com moldura em alvenaria pintada de vermelho-rosa. No último piso da torre, existência de duas janelas de peitoril geminadas, localizadas centralmente na fachada, apresentando igualmente caixilharia de guilhotina em madeira, vidro simples e tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro. Moldura conjunta em alvenaria pintada de vermelho.

Na fachada orientada a Sul, é possível verificar no último piso duas janelas de peitoril de iguais características, proporções e materiais, que às anteriores, não sendo no entanto geminadas.

Na fachada Este, é possível verificar duas janelas, uma no piso inferior localizada mais a Sul e outro do último piso da torre, localizada mais a Norte. Ambas apresentam caixilharia de guilhotina, em madeira e moldura de alvenaria pintada de vermelho-rosa.

No interior da torre, escadas de acesso localizadas junto à parede Este, constituídas em madeira com balaustrada em madeira trabalhada, rodapé em madeira, pavimento em soalho e tecto com cobertura de ripas de madeira pintada de branco. Pilastra de cantaria de pedra da região entre as duas janelas da fachada Oeste. Molduras dos vãos a madeira pintada de branco e envernizada. A separar a zona de acesso à torre da área pavimentada da torre, existe uma parede de alvenaria estucada e pintada de branco, de forma a individualizar a torre numa sala. A par desta separação física, existe ainda paredes falsas em gesso, internamente com placas perfuradas de cor azul.

Sobre a escada de acesso, é visível uma parte da estrutura em madeira da cobertura da torre. A torre apresenta patologias quer nas paredes internas, quer nos materiais que constituem o pavimento, cobertura e afins.

Actualmente o quarto da torre tem uma funcionalidade de arrumação, sendo depósito de material velho, bem como de utensílios usados.

1.6.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.6.12. - Cronologia: 1650 - data provável da construção do palacete;

- Foi herdado pelo 3º Conde de Carvalhal, sendo hipotecado em 1880.

- Vendem em 1910 à família Rodrigues de Sousa (Família rica que viveu no Faial, localidade situada a norte da ilha da Madeira), tendo esta família lá vivido até 1955. Esta família muda-se então a partir desta data para Lisboa.

- A partir desta data, a casa foi alugada à firma *Dias & Cardoso*, que mais tarde foi adquirida pelo Sr. Jorge Figueira de Sousa. Este, que pagava a renda do prédio ao banco, desconhecia

os herdeiros do imóvel, e deslocou-se assim a Lisboa no intuito de descobrir os supostos herdeiros e assim adquirir o mesmo. Descoberto um dos herdeiros, fizeram-se negociações para adquirir o mesmo e ao fim de algum tempo, o Sr. Jorge Figueira de Sousa, comprou o imóvel e cria a 2ª maior livraria do mundo, com 1200 m².

- Nas suas pesquisas e estudos acerca do prédio em questão, o Sr. Jorge de Sousa, baseado no livro “*Elucidário Madeirense*,” descobriu que o imóvel em tempos teria sido uma albergaria, então denominada de ‘São Bartolomeu’, datada por volta de 1480 e construída pelos mestres da casa real. A então albergaria, cuja sua localização exacta era desconhecida, uma vez que não existiam registos ou documentação sobre a mesma, é atribuída numa zona compreendida entre a Rua Direita, que se estendia até ao Torreão e as margens da ribeira de Santa Luzia.

A então afamada albergaria, serviria para hospedar principalmente clérigos pobres e/ou doente que em passagem, tinham a Madeira como ponto de paragem entre as rotas Lisboa e Brasil, e que ali ficavam para descansar, ao invés de ficarem nas naus. Ao que parece, a albergaria nunca foi inaugurada, e serviu muitos anos para acolher frades.

A cisterna localizada no espaço onde actualmente está a Livraria, foi descoberta há pouco tempo e por arqueólogos da Câmara Municipal do Funchal, sendo considerada como a mais funda cisterna existente na cidade do Funchal, com 17 metros de profundidade. A mesma que serviu de arranque sobre a origem e história do edifício, é defendida pelo Sr. Jorge de Sousa como a suposta cisterna construída para servir a albergaria do Funchal no tempo de funcionamento desta, e não mais tarde para abastecer o prédio construído mais tarde naquele local.

A albergaria desaparece então no final do séc. XVI, surgindo assim em 1650 a casa que até hoje chega aos nossos dias e que aloja a Livraria Esperança, sendo desconhecidos o construtor/arquitecto do projecto bem como a entidade/família que mandou construir.

1.6.13. - Tipologia: Arquitectura residencial civil, barroca. O edifício apresenta uma articulação de volumes, com uns volumes mais salientes em altura que outros. Fachada com vãos bem articulados, em simetria e harmonia proporcionando equilíbrio. Logradouro coberto para uso da livraria. Todas os vãos da fachada Oeste simétricos, com presença de uma piso com janelas de sacada encimadas por cornija e frisos.

Em relação à organização espacial da torre, é possível classificá-la como ‘TORRE SIMPLES’, uma vez apresenta o acesso vertical à mesma, posicionado em planta junto a uma das fachadas, proporcionando ao volume área de pavimento suficiente para circulação e estar.

1.6.14. - Utilização inicial: Residencial

1.6.15. - Utilização actual: Comercial: Livraria / Administrativa: Gabinete de advogados / Social: Fundação ‘Livraria Esperança’

1.6.16. - Proprietário: Jorge Figueira de Sousa

1.6.17. - Utente: Sucursal Livraria Esperança

1.6.18. - Conservação geral: Razoável (rés-do-chão, 2º, 3º e 4º piso, pintura e reboco de paredes exteriores); Má (paredes internas, acesso vertical à torre, torre no seu contexto geral, pintura interior da torre)

1.6.19. - Documentação:

1.6.20. - Observações:

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre: Não definido

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.7 CASA DE BORDADOS ‘MADEIRA SUN’

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.7.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.7.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.7.3. - **Designação:** Edifício na Rua dos Netos nº 77 e Rua 5 de Outubro

1.7.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'03.10"N, 16°54'35.12"W

1.7.5. - **Acesso:** Edifício na Rua dos Netos nº 77

1.7.6. - **Protecção:** Não definido

1.7.7. - **Época de construção:** Desconhecido

1.7.8. - **Imagem:**





Figura 67 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício (Autora)

1.7.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício implantado em quarteirão, no centro da cidade Funchal, numa zona de crescimento económico e social do séc. XVII e XVIII, localizado na confluência do cruzamento de duas ruas, a Rua dos Netos e a Rua 5 de Outubro. Junto à Rua 5 de Outubro, existência de uma ribeira a separar a mesma da Rua 31 de Janeiro.

Encontra-se integrado numa zona histórica da cidade do Funchal, de traçado linear.

Ergue-se junto a duas vias de circulação rodoviárias do núcleo urbano, pavimentadas a asfalto.

Ergue-se junto de passeios pavimentados a calçada à portuguesa.

O edifício é estruturante ou condicionante da via pública, uma vez que o mesmo se encontra na sua confluência.

O edifício é ladeado a Norte por uma construção de um prédio e a Oeste, por um hotel de três estrelas “Hotel Orquídea”.

1.7.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta planta rectangular, apresentando ao centro torre “avista - navios” alta. O edifício apresenta sistema composto e articulação de volumes composta e escalonada, uma vez que a torre sobressai-se do edifício principal em três pisos, sendo esta com plano recuado em relação à fachada Este e Oeste do edifício principal, e o último piso da torre, com plano recuado a Norte e a Sul em relação ao 4º e 5º piso da mesma torre.

O edifício é constituído por três pisos.

A cobertura é em telhado de quatro águas, com telha canudo de barro vermelho, beirais duplos e remates.

Fachada Sul e Este com embasamento em relevo de cantaria de pedra da região.

A fachada principal está orientada a Sul, apresentado a mesma três panos, um central, coincidente com a fachada Sul da torre e dois laterais. No pano central, existência no rés-do-chão de porta principal de acesso ao interior do edifício, de arco abatido, encimado por cornija e friso. O mesmo apresenta gradeamento em ferro. Nos panos laterais, existência de uma janela larga, de vidro com moldura em cantaria, típica janela de exposição ou montra, usada para usufruo da loja de bordados.

No 2º piso, existência de 5 janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina em madeira, tapa-sóis de madeira pintada de verde-escuro e moldura de cantaria.

No 3º piso, existência de 5 janelas de peitoril, de idênticas características, proporções e materiais que as do piso inferior, alinhadas e dispostas na fachada de igual madeira que as janelas do 2º piso.

Na fachada Este, presença no rés-do-chão de embasamento em cantaria, duas portas de verga recta e janela larga de montra de loja. Por cima da porta mais a Norte, existência de pequena janela com moldura em cantaria e com gradeamento em ferro.

No 2º piso, existência de quatro janelas alinhadas e colocadas proporcionalmente na fachada, apresentando três das janelas de idênticas características que as janelas da fachada Sul, e uma janela, localizada mais a Norte, de arco abatido, moldura de cantaria, caixilharia de guilhotina em madeira e tapa-sóis em madeira pintada de verde. No 3º piso, existência de três janelas alinhadas verticalmente com as janelas localizadas mais a Sul do 2º piso. Estas são janelas de sacada comum, com caixilharia em madeira, portadas em madeira pintada de verde-escuro, encimadas por cornija e friso.

Fachada Norte, com existência do 3º piso de 5 janelas simétricas às 5 janelas da fachada Sul, de iguais características, proporções, materiais e alinhamento na fachada.

A pintura exterior apresenta patologias, estando a mesma gasta e sem cor.

Não foi permitida a entrada ao interior do edifício, sob justificação de que o estado de conservação apresentado podiam fazer perigar a integridade física.

TORRE: A torre apresenta planta rectangular nos dois primeiros pisos, e quadrangular no último piso, elevando-se acima do último piso do edifício principal constituído no total por 6 pisos. A torre está centralizada em relação ao conjunto arquitectónico. A torre apresenta ainda terraço, protegido com guarda de ferro forjado. A mesma apresenta beiral duplo e cobertura nos dois pisos inferiores com telhado de quatro águas de telha canudo e barro vermelho e remates na cobertura. A torre, tal como o edifício apresentam paredes de alvenaria, rebocadas e pintadas a amarelo. A fachada Norte e Sul a torre, são um prolongamento das fachadas Norte e Sul do edifício principal. A fachada Norte da torre, apresenta três janelas com caixilharia de guilhotina pintada de branco, tapa-sóis de madeira pintado de verde-escuro e moldura em cantaria, estando duas das janelas, uma em cada piso inferior da torre e uma delas no último piso da torre, num plano mais recuado em relação à

fachada Norte dos pisos inferiores da torre. Na fachada Este e Oeste, a torre apresenta no piso 5, três janelas dispostas simetricamente e proporcionalmente na fachada, sendo estas de idênticas características de as anteriores caracterizadas. No último piso da torre, existência de janela com arco de volta perfeita, com tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro e moldura em cantaria.

Na fachada Sul, existência de janela simples com moldura de cantaria, caixilharia de guilhotina em madeira e tapa-sóis em madeira pintada de verde. No 5º piso, janela de sacada em caixilharia de guilhotina constituída em madeira, tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro, moldura em cantaria e guarda de ferro forjado pintado de verde-escuro. No 6º piso e último da torre e num plano mais recuado em relação à fachada principal, existência de uma janela com caixilharia de guilhotina em madeira, tapa-sóis de madeira pintada de verde escura e moldura de cantaria.

1.7.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.7.12. - Cronologia: Desconhecida

1.7.13. - Tipologia: Arquitectura residencial civil, neoclássica. O edifício apresenta articulação de volumes. Volumes escalonadas, proporcionando dinâmica ao mesmo. Fachadas principais orientadas a Sul e a Este. Posicionamento dos vãos de forma simétrica, articulada, proporcional e equilibrada, com preocupação de alinhamento dos vãos e harmonia.

Dada a existência de terraço na torre, é possível classificar a mesma, como ‘TORRE TERRAÇO’.

1.7.14. - Utilização inicial: Residencial

1.7.15. - Utilização actual: Comercial / Industrial (Fábrica de Bordados Madeira)

1.7.16. - Proprietário: Casa de Bordados ‘Madeira Sun’, de Manuel Hugo Luiz da Silva.

1.7.17. - Utente: Proprietário

1.7.18. - Conservação geral: Razoável (vãos); Má (exterior: pintura, paredes, alguns elementos dos vãos, cobertura)

1.7.19. - Documentação: Não definido

1.7.20. - Observações: Não definido

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre: Uma vez que não foi possível a disponibilização por parte dos responsáveis do edifício, nem do levantamento arquitectónico do mesmo, esta fase fica sem efeito, constituindo somente o acervo fotográfico, elemento de análise e estudo do interior do mesmo.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.8 EMPRESA LEILÕES CHAGAS

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.8.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.8.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.8.3. - Designação: Edifício na Rua dos Ferreiros nº 111 a 113

1.8.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'01.85"N, 16°54'35.12"W

1.8.5. - Acesso: Edifício na Rua dos Ferreiros, nº 111 a 113

1.8.6. - Protecção: Não definido

1.8.7. - Época de construção: Séc. XVIII / XIX

1.8.8. - Imagem:





Figura 68 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)



Figura 69 - Imagens do interior do edifício (Autora)

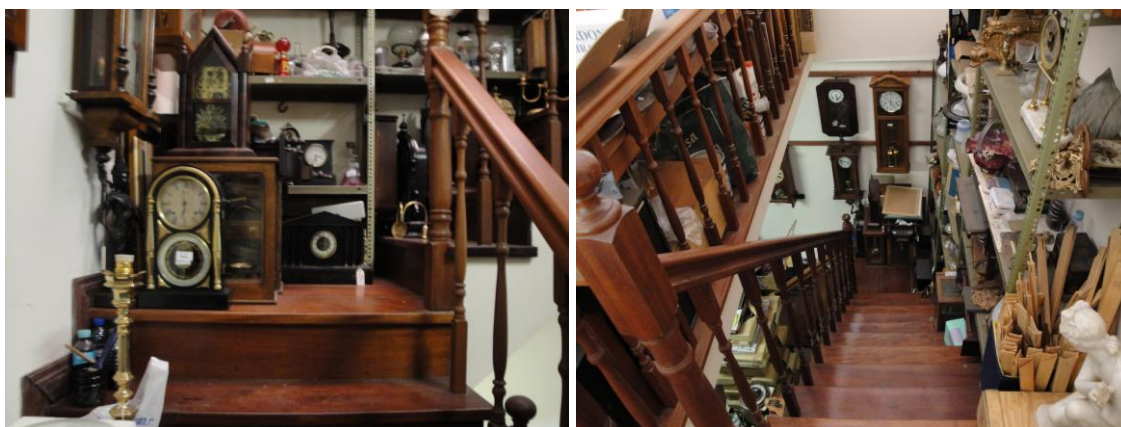




Figura 70 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.8.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício inserido num tipo de aglomerado concentrado. Inserido num aglomerado de edifícios habitacionais, sendo a morfologia da parcela perpendicular à via pública. Ergue-se junto a uma das vias de circulação de sentido descendente mais antigas da cidade do Funchal, denominada de antiga Rua Direita da cidade.

Morfologia da parcela onde o edifício está inserido é regular e perpendicular à via pública, Geminado a Norte com outros edifícios residenciais.

O edifício é envolvido por uma rua principal a paralelepípedos de pedra de basalto, com um passeio estreito pavimentado em calçada à portuguesa.

O edifício é ladeado a Sul, por um armazém de venda, degustação e armazenamento de vinho Madeira e Oeste, por um pequeno parque de estacionamento pertencente à Reitoria da Universidade da Madeira.

1.8.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta planta quadrangular, com sistema compositivo composto, volumetria composta devido à articulação dos vários volumes que compõem o edifício, quer em altura, quer em largura.

O edifício é constituído por um volume principal onde se desenvolvem as áreas nobres e sociais da casa, e um outro que se desenvolve perpendicularmente ao volume principal, onde podemos destacar a presença exterior de um forno doméstico.

A Oeste do edifício desenvolve-se um logradouro com pavimento de calhau rolado. Actualmente o logradouro dá acesso a uma adega de vinho Madeira de dois andares, onde estão expostas pipas e material relacionado com o vinho. Sobre o pavimento do logradouro, existência de traves de madeira para colocar as pipas de vinho.

O edifício apresenta a fachada principal orientada a Este, com entrada principal em porta de verga recta, no piso do rés-do-chão, a Norte uma janela com gradeamento e moldura de cantaria e duas portas de verga recta, uma larga em madeira e outra estreita, ambas com moldura em cantaria. A Sul existência de duas janelas com gradeamento e a intercalar, uma porta de verga recta. No 2º piso, existência de cinco janelas com caixilharia de guilhotina, em madeira, tapa-sóis de madeira pintada a verde-escuro, com moldura em cantaria com falsos brincos e encimadas por cornija e friso. No terceiro piso e numa fachada mais recuada em relação à fachada do edifício principal, existência de duas janelas de caixilharia de guilhotina e madeira, com moldura em cantaria.

Cobertura de telhado de quatro águas de telha canudo e beiral triplo.

Na fachada Oeste, no rés-do-chão é possível verificar escada exterior de acesso ao 1º piso do edifício posicionado perpendicular ao principal. No primeiro piso, existência de porta e janela larga com caixilharia de alumínio e gradeamento de ferro pintado de verde. No 3º piso, existência de cinco janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina e madeira, com tapa-sóis em madeira pintada de verde escuro, e moldura em cantaria. As mesmas estão posicionadas na fachada simetricamente às janelas da fachada Este.

Lado Sul da fachada principal do edifício, volume com entrada à loja e adega, com pavimento em calhau rolado. Paredes interiores em arco de volta perfeita em cantaria vermelha.

No interior do edifício principal, paredes estucadas e pintadas de branco, pavimento em tacos de madeira, rodapés e frisos nas paredes em madeira. Molduras dos vãos em madeira. Escada de acesso aos diferentes pisos em madeira e balaustrada de madeira torneada.

As salas presentes no rés-do-chão servem para depósitos de bens móveis pertencentes à empresa de leilão e de escritórios. Segundo e terceiro pisos nobres com pavimento em tacos de madeira, salas decoradas com bens móveis a leiloar, vãos decorados com cortinados.

Salientar ainda presença de forno doméstico exterior, em pedra de basalto, elemento típico da arquitectura madeirense, apresentando patologias, como vegetação parasitária.

TORRE: A torre pertencente ao edifício apresenta uma planta quadrangular, elevada 2 pisos acima do último piso de edifício principal, com 4 pisos no total.

A torre está centrada em relação ao eixo Este / Oeste do edifício principal, e localizada no extremo Sul do próprio edifício.

A mesma apresenta cobertura de telhado de quatro águas de telha canudo de barro vermelho, e beiral simples. Existência de entablamento. As paredes são em alvenaria rebocadas e pintadas de branco.

A fachada Norte apresenta uma janela com caixilharia de guilhotina e em madeira, tapa-sóis de madeira pintada de verde-escuro e moldura em cantaria.

Na fachada Este e Oeste, existência de duas janelas em cada fachada, simétricas, com caixilharia de guilhotina, em madeira, tapa-sóis de madeira pintada de verde-escuro e moldura dos vãos em cantaria.

A fachada Sul, virada para o mar, não apresenta janela.

No interior, acesso vertical em escadas de madeira, balaustrada de madeira trabalhada igualmente em madeira, rodapés em madeira pintada de castanho-escuro, moldura dos vãos em madeira pintada de branco e envernizada. Pavimento em tacos de madeira. Paredes estucadas e pintadas de branco-sujo e cobertura tipo abóbada, estucada e pintada de branco, sem quaisquer elementos de decoração.

As escadas são estreitas e estão posicionadas junto à fachada orientada a Sul.

A actual função da torre, serve para armazenar, depositar alguns objectos de limpeza, construção e de decoração pertencentes ao leilão.

A organização espacial da torre é simples, sendo esta constituída somente por escadas de acesso e quarto definido pelas próprias paredes da torre.

1.8.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.8.12. - Cronologia: 1995 - data da última remodelação do edifício.

1.8.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, neoclássica. Edifício com volumes articulados, com cobertura de quatro águas, vãos posicionados na fachada em simetria, proporção, criando ao edifício equilíbrio e harmonia.

Em relação à organização espacial da torre, é possível defini-la como ‘TORRE SIMPLES’, uma vez que a mesma apresenta planta quadrangular, regular simples, com área suficiente para um quarto e com acesso vertical posicionando junto a uma das paredes, não ocupando área de solo significativa.

1.8.14. - Utilização inicial: Residencial

1.8.15. - Utilização actual: Comercial

1.8.16. - Proprietário: Propriedade Privada

1.8.17. - Utente: Empresa de leilão “Leilões Chagas” e adegas e lojas a serem exploradas por uma empresa de Vinho Madeira.

1.8.18. - Conservação geral: Bom

1.8.19. - Documentação: Não definido

1.8.20. - Observações: O edifício onde está actualmente implantada a empresa “Leilões Chagas”, é um edifício sem data de construção conhecida, no entanto, e dada às características que o mesmo apresenta, bem como a sua localização, podemos enquadrar a data de sua construção no primeiro quartel do séc. XVIII. O edifício, apesar dos vários

elementos de cariz tradicional, como o uso de cantarias, adegas, etc., destaca-se do mesmo a “torre”, que se ergue do edifício, na parte esquerda do alçado principal. Não muito alta, apenas com quatro pisos, a “torre” está inserida num edifício de características nobres, com uma arquitectura rica de pormenores arquitectónicos e materiais nobres. Provavelmente foi mandada construir por proprietários de classe burguesa, graças á tamanha opulência e manifestação de poder que a mesma apresenta, bem como da existência de uma cave.

O edifício foi adquirido pela empresa de leilões e venda de peças de arte “Leilões Chagas”, e dado ao avançado estado de degradação do edifício, a mesma empresa requereu em Maio de 1995 uma obras de remodelação e recuperação do mesmo.

De certo modo a contradizer as tendências que até aqui têm sido afirmadas, de a principal razão pelo qual estas “torres avista-navios” foram construídas no intuito de observatório do mar, esta torre, apresenta a particularidade de NÃO CONTER JANELAS na fachada que está virada para o mar, contudo as outras três fachadas apresentam vãos.

Explicado por um funcionário da empresa Leilões Chagas, o mesmo admite que nunca houve qualquer existência de vão na fachada do edifício torre virada a sul, mesmo antes das obras de remodelação e recuperação.

O facto é, que podemos salientar com este exemplo, que a existência de torres, esta tão nossa característica da arquitectura madeirense, não se deve somente ao factor comercial, funcionando as mesmas como pontos de alerta de chegada de mercadorias. Contudo, a existência de uma torre avista - mar, de afinal não tem qualquer finalidade em avistar o mar, enraizada num edifício de cariz burguês e opulento, constitui um caso excepcional, sendo até o momento da pesquisa do meu trabalho, a única torre com semelhantes características.

Sem qualquer justificação formal acerca de tais características, o edifício não perde contudo o encanto nem o fascínio tão característico aos comuns edifícios em semelhantes condições arquitectónicas e sociais.

A Planta da cave do edifício, com 257.70 m² de área, apresenta uma forma quadrilátera, sustentada no seu interior por pilares que suportam o resto o edifício. Em nota de autor escrita no projecto de remodelação e recuperação, o responsável pelo projecto, categoriza a cave como sendo um espaço para “arrecadação de peças a leiloar”¹⁴⁷

¹⁴⁷ Folha 0 do projecto “Remodelação/Recuperação Edifício Leilões Chagas”

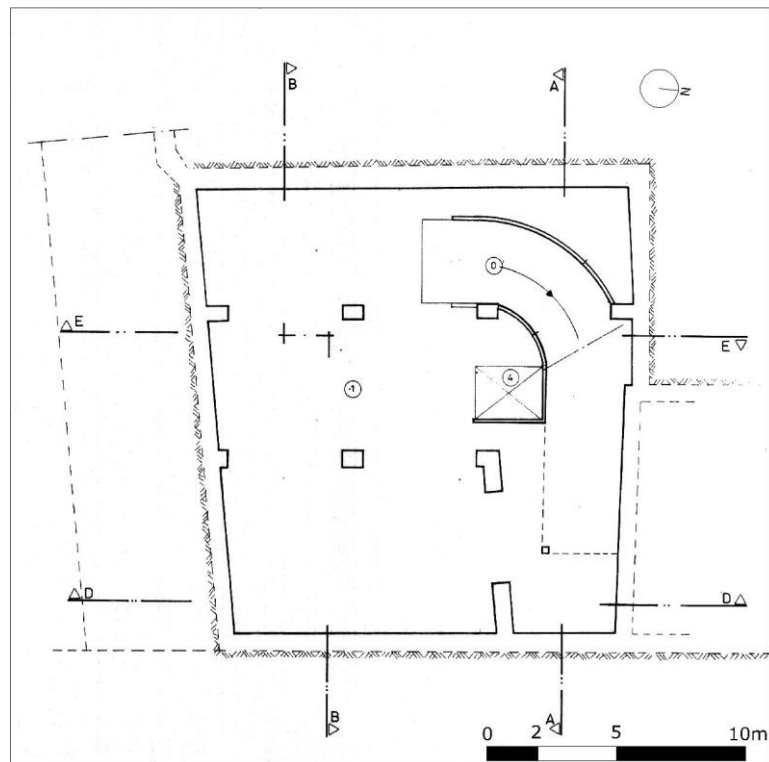


Figura 71 - Planta da Cave (Autora)

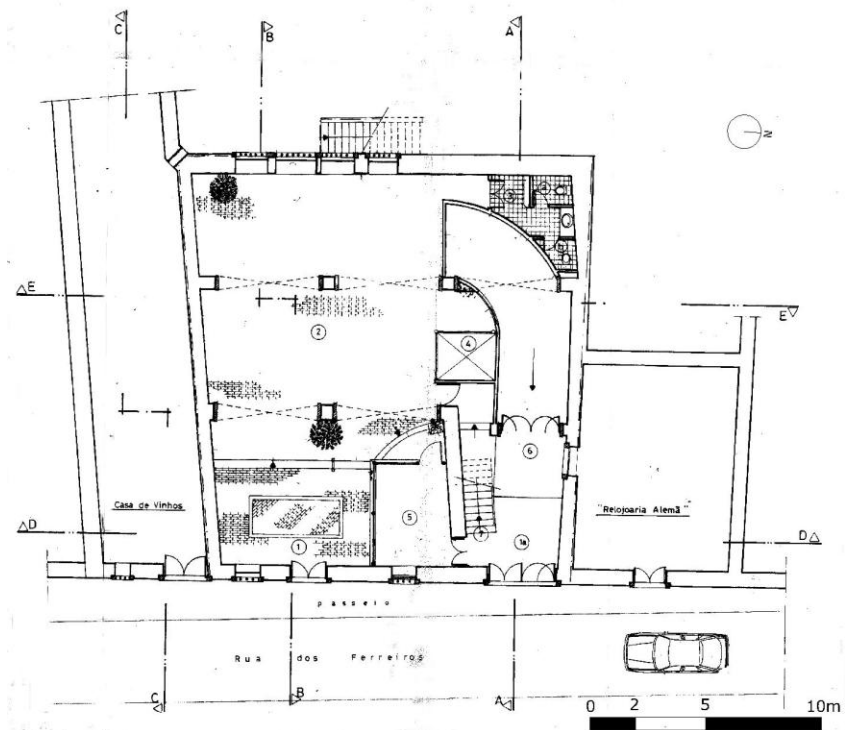


Figura 72 - Planta do rés-do-chão (Autora)

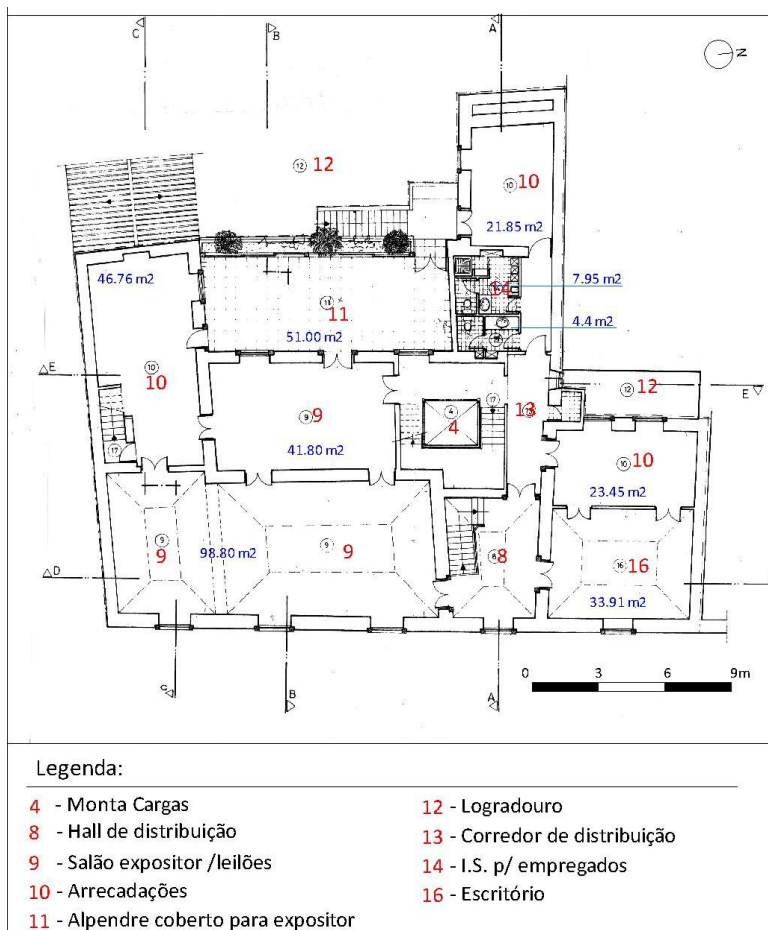


Figura 73 - Planta do piso 2 (Autora)

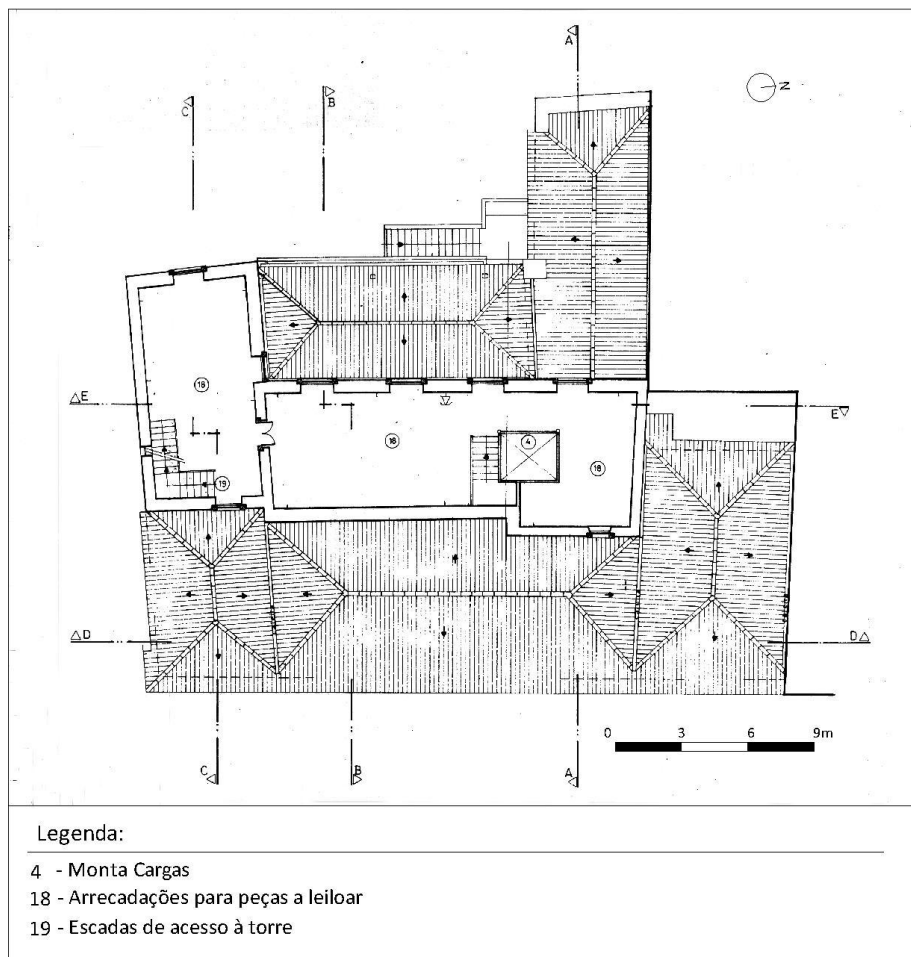


Figura 74 - Planta do piso 3 (Autora)

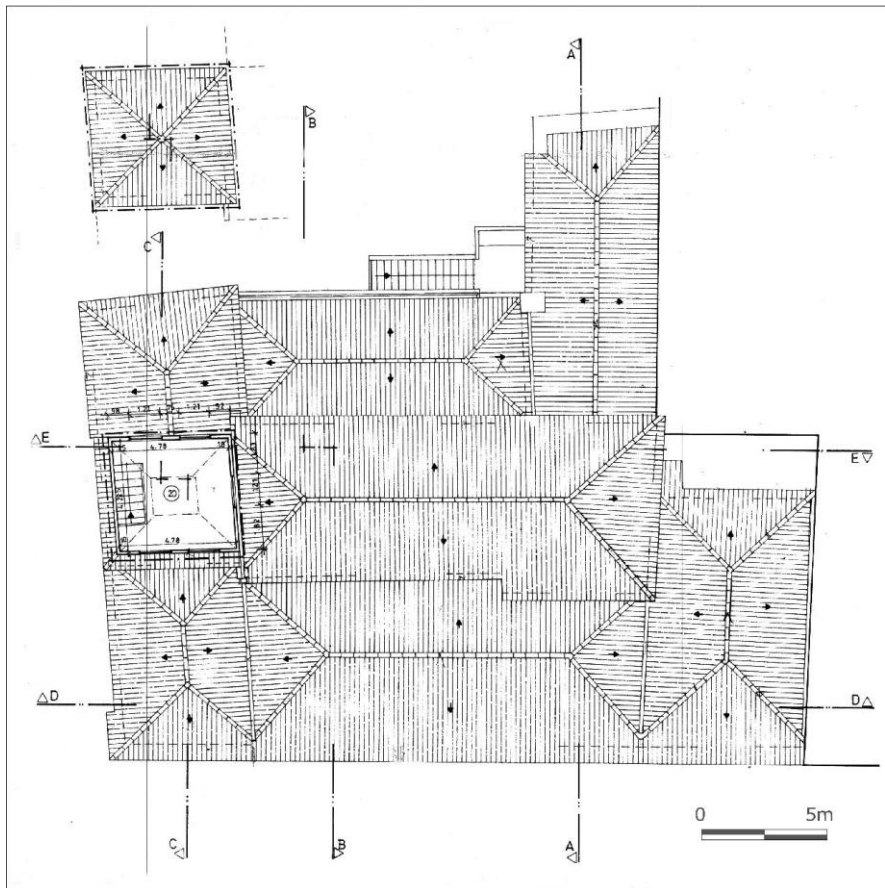


Figura 75 - Planta do piso 4 (Autora)

Planta da torre, localizada no extremo Sul do edifício, com forma rectângular, regular.

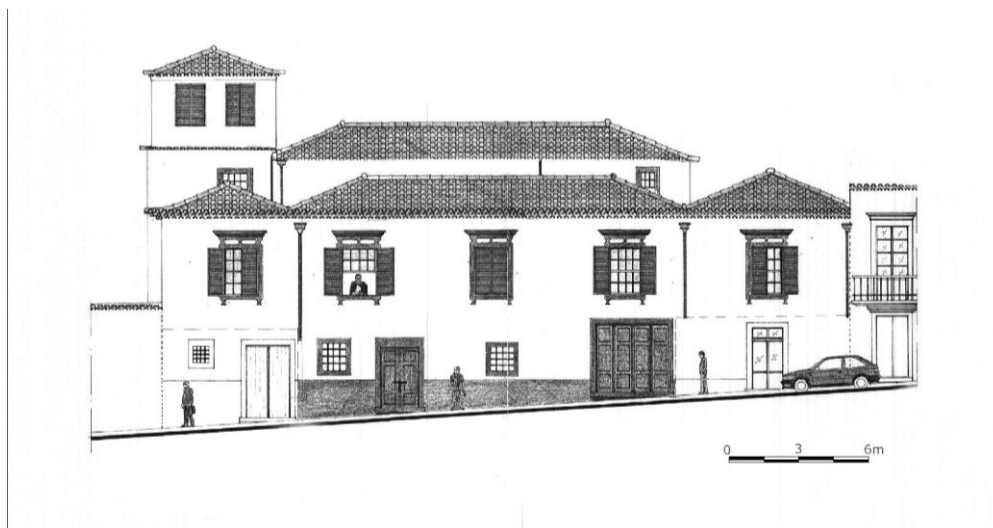


Figura 76 - Alçado Principal (Autora)



Figura 77 - Alçado Posterior (Autora)

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.9 EDIFÍCIO DO INSTITUTO DO VINHO DA MADEIRA E MUSEU

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.9.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.9.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.9.3. - Designação: Edifício do Instituto do Vinho da Madeira e Museu

1.9.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39'03.94"N, 16°54'31.73"W

1.9.5. - Acesso: Edifício na Rua 5 de Outubro, nº 78

1.9.6. - Protecção: VL, Res. do Presidente do Governo Regional nº 1379/97, JORAM nº 99 de 10 Outubro 1997

1.9.7. - Época de construção: Sécs. XIX / XX

1.9.8. - Imagem:



Figura 78 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício (Autora)

1.9.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício isolado em quarteirão, no centro da cidade do Funchal, inserido num aglomerado de edifícios habitacionais. Ergue-se a Este, junto à Rua 5 de Outubro, próximo da Ribeira de Santa Luzia, a Sul o edifício ergue-se junto à Rua Francisco Franco, a Norte e a Oeste, o edifício é ladeado por armazéns e jardins.

O edifício é envolvido por uma rua principal (Rua 5 de Outubro) de sentido descendente, pavimentada a asfalto com um passeio pavimentado em calçada à portuguesa.

O acesso principal ao edifício faz-se no sentido Este (Rua 5 de Outubro), através de portão com grades de ferro e pilastras de cantaria, rematado com pináculos.

1.9.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício de planta rectangular, com uma volumetria composta e escalonada, devido à alta torre e volumes mais saliente que outros. Fachadas rebocadas e pintadas a ocre, com elementos estruturais tais como embasamento, cunhais em alheta, pilastras, pináculos e frisos pintados de vermelho. Cobertura em terraços.

A fachada a Sul, apresenta no plano central zona mais saliente em forma de semicírculo, apresentando quatro pisos, encimado por frontão triangular, com três janelas e óculo pintado de vermelho no tímpano. Ainda orientado a Sul, existência de balcão com 3 pisos delimitado por pilastras pintadas de vermelho. Esta fachada apresenta embasamento rés-do-chão, janelas de lintel curvo e tapa-sóis em madeira pintada de verde, nos pisos superiores e portas pintadas de vermelho no rés-do-chão. Existência de faixas em relevo pintadas de vermelho. Balcão com pináculos em alvenaria, pintadas de vermelho, localizada nos ângulos do balcão. Entrada principal realizada pelo lado Este, apresentando jardim, com árvores de pequeno e grande porte e pavimento em calhau rolado.

Fachada Oeste, com alpendre coberto e escadas exteriores de acesso ao edifício.

Interior do edifício com paredes estucadas e pintadas de branco, tectos estucados e escadas em madeira com balaustrada de madeira.

TORRE: Torre quadrangular, alta e estreita, com 4 pisos acima do edifício principal. Localizado centralmente em relação ao conjunto arquitectónico do edifício, o mesmo apresenta cobertura em terraço, com guarda de alvenaria, rebocada e pintada a ocre e vermelho. Edifício e torre com paredes de alvenaria rebocadas e pintadas a ocre, com cunhais em alheta e friso pintado de vermelho.

Fachada Sul, com quatro janelas, uma em cada piso, de lintel curvo, caixilharia de madeira e tapa-sóis de madeira pintada de verde. Três janelas superiores de sacada, sendo a janela do 3º piso de sacada corrida em todas as fachadas. Gradeamento em ferro forjado pintado de verde.

Fachada Este com quatro janelas de lintel curvo, caixilharia em madeira e tapa-sóis de madeira pintada de verde, sendo a janela do 3º piso de sacada corrida.

Fachada Oeste, com 3 janelas de lintel curvo e tapa-sóis de madeira pintada de verde.

Fachada Norte, com três janelas de lintel curvo e tapa-sóis de madeira pintada de verde, sendo uma das janelas localizada no 3º piso de sacada corrida.

No topo da torre, existência de guarita em metal.

1.9.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Henrique Veitch

1.9.12. - Cronologia:

1830 - Construção da residência;

1857 - Falecimento do cônsul britânico Henrique Veitch;

XIX, finais / XX, inícios - instalação da Companhia Vinícola da Madeira na antiga residência, escritórios e armazéns;

1984, 18 Set. - inauguração do Museu do Vinho da Madeira nas instalações do Instituto.

1.9.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, neoclássica, com planta rectangular, sistema compositivo composto e articulação de volumes composto. O edifício apresenta torre central de planta quadrada bastante alta e que se destaca dos demais edifícios envolventes, com características próprias, tradicionais e estrangeiras, Cor do edifício forte, que se destaca dos demais edifícios circundantes, Apresenta alinhamento dos vãos e organização na fachada dos mesmos. Elementos estruturais tais como pilastras, cunhais, etc., evidenciados pela diferença de cor para com a fachada.

É possível classificar a torre existente como uma ‘TORRE TERRAÇO’, devido ao terraço com balcão que a mesma apresenta, evidenciando no terraço guarita em metal pintado de verde. Facto esse que reforça a ideia de alguém no cimo da torre, para vigia de chegada dos barcos e conseqüente troca comercial e venda de vinho Madeira.

1.9.14. - Utilização inicial: Residencial /Comercial

1.9.15. - Utilização actual: Administrativa / Comercial

1.9.16. - Proprietário: GRM, propriedade pública - Instituto

1.9.17. - Utente: Instituto do Vinho Madeira

1.9.18. - Conservação geral: Bom

1.9.19. - Documentação: Não definido

1.9.20. - Observações: Para uma pesquisa histórica detalhada acerca do edifício, consultar www.monumentos.pt.

Dentro do contexto histórico, o edifício pertencia a um cônsul inglês Henrique Veitch, que instalou-se na ilha da Madeira em 1804 como empregado da firma ‘Pringle’ e do consulado britânico. Depois de instalado, manda construir a sua residência em terrenos próximo da Ribeira de Santa Luzia, sendo também este, as instalações da sua empresa de exportação de ‘Vinho Madeira’, com seu escritório e depósito das pipas de vinho.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Uma vez que não foi possível a disponibilização por parte dos responsáveis do edifício, nem do levantamento arquitectónico do mesmo, esta fase fica sem efeito, constituindo somente o acervo fotográfico elemento de análise e estudo do edifício.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.10 PAÇOS DO CONCELHO DO FUNCHAL/ CÂMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.10.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.10.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.10.3. - **Designação:** Câmara Municipal do Funchal

1.10.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°38'59.79"N, 16°54'30.50"W

1.10.5. - **Acesso:** Edifício no Largo do Município, Rua Marquês do Funchal, Rua Padre Martim Gonçalves da Câmara

1.10.6. - **Protecção:** Edifício incluído na Zona de Protecção da Igreja do Colégio Jesuíta e do Museu de Arte Sacra.

1.10.7. - **Época de construção:** Séc. XVII a XX.

1.10.8. - **Imagem:**



Figura 79 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)

1.10.9. - **Enquadramento:** Urbano.

Edifício isolado, localizado no centro da cidade do Funchal, ladeado a Oeste pelo Largo do Município, a Noroeste pela Igreja do Colégio e Convento dos Jesuítas, a Norte pelo Tribunal

do Funchal, a Sudoeste pelo Museu de Arte Sacra e edifícios comerciais, a Sudeste por um pequeno jardim com árvores de grande porte e escultura “O Semeador” de Francisco Franco, e a Nordeste, o edifício circunda um pequeno parque de estacionamento pertencente à Câmara Municipal e edifícios municipais.

1.10.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta planta quadrangular, com pátio central e torre localizada junto à fachada Sul. Volumes articulados e composto com diferentes altimetrias. Fachadas rebocadas e pintadas de branco, com embasamento em cantaria, pilastras nos cunhais igualmente em cantarias rematadas por pináculos nos ângulos da cobertura, em cantaria de pedra da região. Existência ainda de frisos, cornijas e beirais triplos em cantaria. Cobertura de telhado de quatro águas de telha canudo. A fachada principal está orientada a Oeste, sobre o Largo do Município, de dois pisos e com cornija e friso em cantaria e arco no centro da fachada. Apresenta no 1º piso 10 janelas de peitoril, com arco abatido ou verga curva e moldura em cantaria. Com caixilharia de guilhotina, em madeira, brincos laterais e persianas em madeira fasquiadas pintadas de verde-escuro. As janelas são encimadas por espaldar, que interligam as janelas do 1º piso, às janelas de sacada do 2º piso, de idênticas características e materiais, encimadas por friso e cornija em cantaria. Apresentam guarda de ferro forjado pintado de verde-escuro. Ao centro, imponente porta de entrada principal, de verga curva, emoldurada e recortada em cantaria, ladeada por duas pilastras de ordem jónica e encimada por friso e cornija em cantaria, que interliga à janela do 2º piso. A porta apresenta ainda verga curva, gradeamento em ferro forjado, ornamentado e pintado de verde-escuro. A janela de sacada central do 2º piso é de verga curva, de moldura recortada em cantaria, encimada por friso, cornija e brasão municipal coroadado e ladeado por volutas. Sacada da janela convexa. Todas as janelas apresentam lambrquins em madeira pintada de verde escuro com losangos em branco.

As restantes fachadas apresentam três pisos e vãos de idênticas características, volumetrias e matérias, apresentando portas e janelas de verga recta e caixilharia de guilhotina.

O posicionamento dos vãos nas fachadas é equilibrado e alinhado, apresentando simetria e harmonia no conjunto arquitectónico.

A porta de entrada principal dá acesso directo ao pátio interior, pavimentado com calhau rolado e tendo ao centro chafariz de mármore personalizando a “Leda e o Cisne”, de 1880. O pavimento do átrio principal é todo ele em mármore, apresentadas duas escadas largas em mármore, de guarda plena, uma de lado da parede. As paredes apresentam azulejos monocromáticos, em azul sobre branco, que acompanham a escadaria central. Tecto estucado e pintado de branco.

TORRE: Torre de planta rectangular, localizada na fachada Sul do edifício, é constituída por 7 pisos. As fachadas, tais como as do edifício, são rebocadas e pintadas de branco, com cobertura de telhado de quatro águas, com telha canudo de barro vermelho.

As fachadas da torre apresentam pilastras nos cunhais em cantaria, encimadas por friso e cornija em cantaria.

As fachadas orientadas a Norte e a Sul apresentam, nos pisos 5º e 6º, três janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e molduras em cantaria e estores em PVC branco. As duas janelas localizadas no 6º piso e posicionadas mais a Oeste, apresentam uma dimensão mais reduzida que as anteriores e estão posicionadas sobre um pano em cantaria que as interligam com as janelas de sacada corrida do último piso. Estas são janelas tripartidas, de arco abatido e com moldura em cantaria de pedra da região. Apresentam caixilharia em madeira pintada de branco e guarda em ferro forjado pintado de verde-escuro.

A Fachada orientada a Oeste apresenta uma fisionomia idêntica, vãos de iguais características, proporções e materiais. Somente diferem do número de vãos por piso, que neste caso somente existem duas janelas no 5º e 6º piso, e no último piso, apresentam igualmente janelas tripartidas de sacada comum.

A fachada orientada a Este, apresenta o último piso simétrico à fachada Oeste, somente diferindo no 5º piso com existência de uma única janela de peitoril e caixilharia de guilhotina, e no 6º piso, com inexistência de qualquer vão.

Em relação à organização espacial da mesma, a escada em madeira de acesso aos pisos superiores, com balaustrada igualmente em madeira, está posicionada em planta, paralelamente à fachada Este. A escada é simples, de forma rectangular e localizada junto a uma das fachadas, atribuindo ao espaço, uma área útil de 49 m².

1.10.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Raul Lino e Carlos Ramos / **MESTRE CANTEIRO:** José Salles / **PINTORES:** Max Romer, J. Battistini, Alfredo Vital Miguéis e Rui Carita.

1.10.12. - Cronologia: 1758 - execução de obras em prédios vários, que levaram à edificação do actual palácio da Câmara por D. Joana Teresa de Carvalho Esmeraldo, tia-avó do 1º Visconde de Carvalhal, e seu marido;

1800 - Proprietário do palácio Carvalhal Esmeraldo, o morgado Francisco António da Câmara Leme, irmão de D. Joana Teresa;

1883, 4 Agosto - Aquisição do antigo palácio Carvalhal Esmeraldo pela Câmara à firma "Freitas e Macedo";

1944, 9 Dezembro - inauguração do baixo-relevo de Santiago Menor, da autoria do escultor António Duarte e proposto na recuperação dos Paços do Concelho pelo Arq. Raúl Lino.

1.10.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, de influência barroca, rococó e revivalista. Com planta quadrangular, com pátio interior e torre alta, proporcionando jogos de contrastes e de volumetria e assimetria. Fachada principal decorada ao estilo rococó, com porta principal de entrada e janela central de sacada, ornamentados com volutas e rendilhado em cantaria e presença de opulência e excesso de decoração na fachada. Utilização da cantaria na construção de panos e consequentes decorações. Outras fachadas

decoradas com estilo revivalista, através do uso de elementos tradicionais da arquitectura senhorial madeirense, como molduras dos vãos e lojas.

Em relação à torre, é possível defini-la quanto à sua organização espacial interior, como ‘TORRE SIMPLES’, uma vez que o acesso vertical da mesma, situa-se posicionado em planta junto a uma das fachadas, com forma rectangular simples, não tirando ao espaço, área útil do mesmo.

1.10.14. - Utilização inicial: Residencial

1.10.15. - Utilização actual: Política / Administrativa

1.10.16. - Proprietário: Propriedade Pública: Municipal

1.10.17. - Utente: Proprietário

1.10.18. - Conservação geral: Bom

1.10.19. - Documentação:

1.10.20. - Observações: Azulejos existentes, assinados por Battistini e fabricados na Fábrica de Maria Portugal, de 1940.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Edifício com grandes áreas internas, com forma quadrangular e com existência de pátio interno. As salas presentes nos pisos inferiores desenvolvem-se à volta do pátio interno, maioritariamente com formas rectangulares.

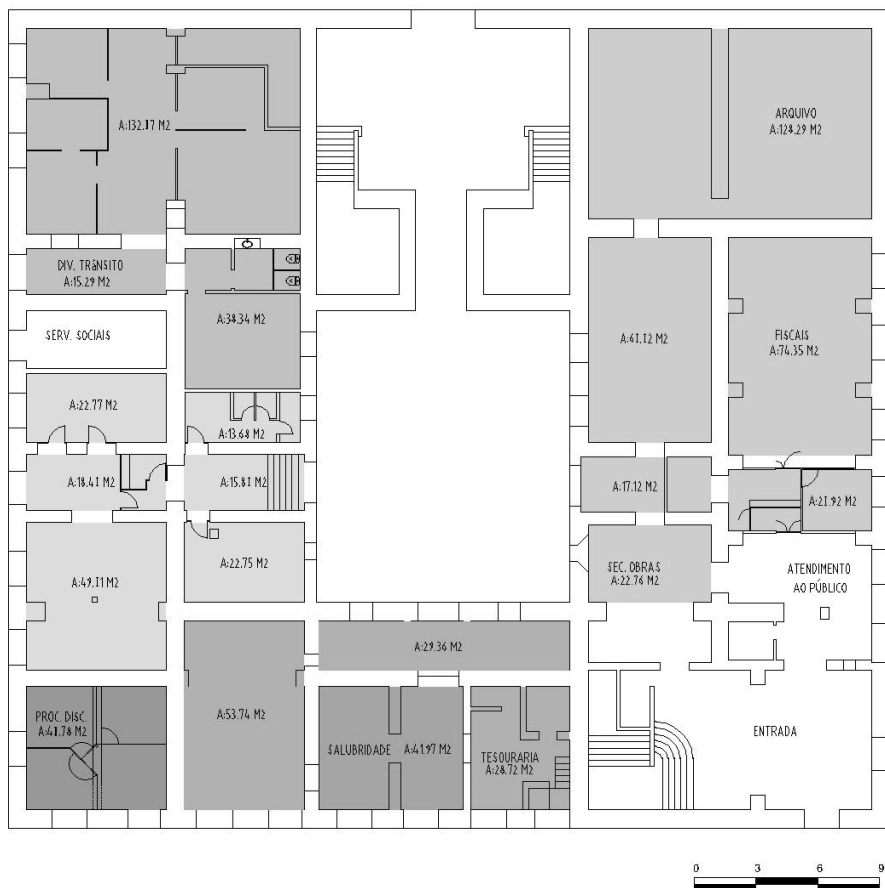


Figura 80 - Planta rés-do-chão (Autora)



Figura 81 - Planta 2º Piso (Autora)

Planta do piso 2, com demarcação visível das áreas de circulação e das respectivas salas. Corredor de acesso às diferentes salas posicionado junto ao pátio interno.



Figura 82 - Planta 3º Piso (Autora)

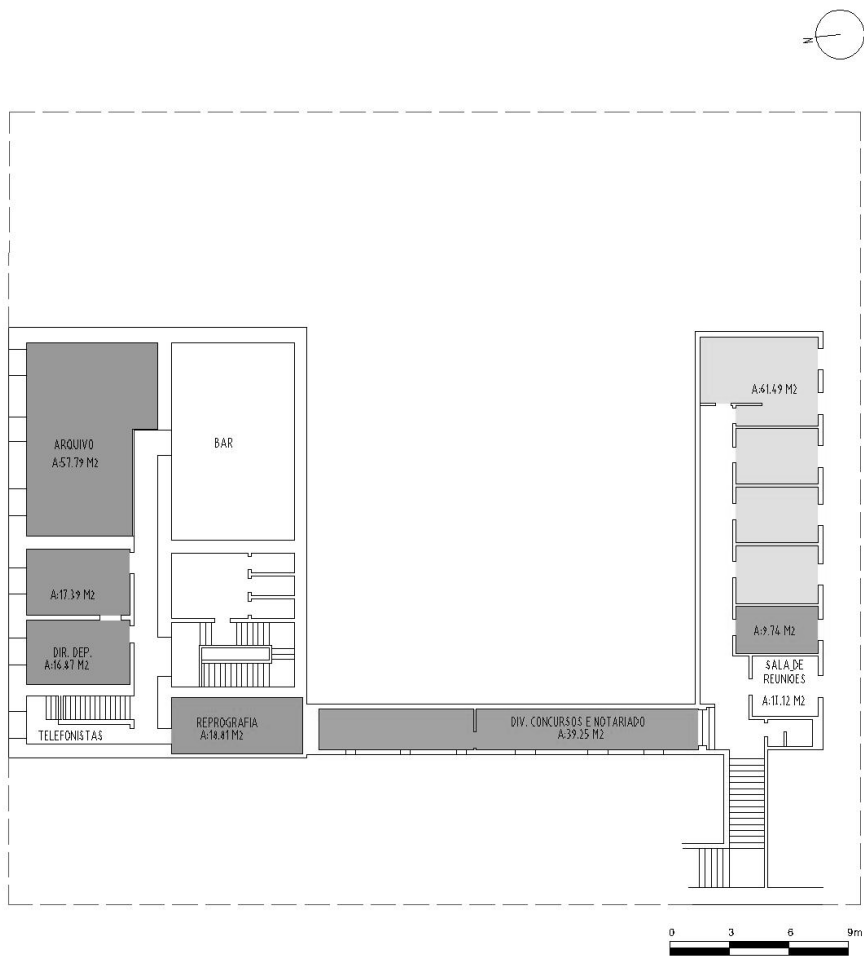


Figura 83 - Planta do 4º Piso (Autora)

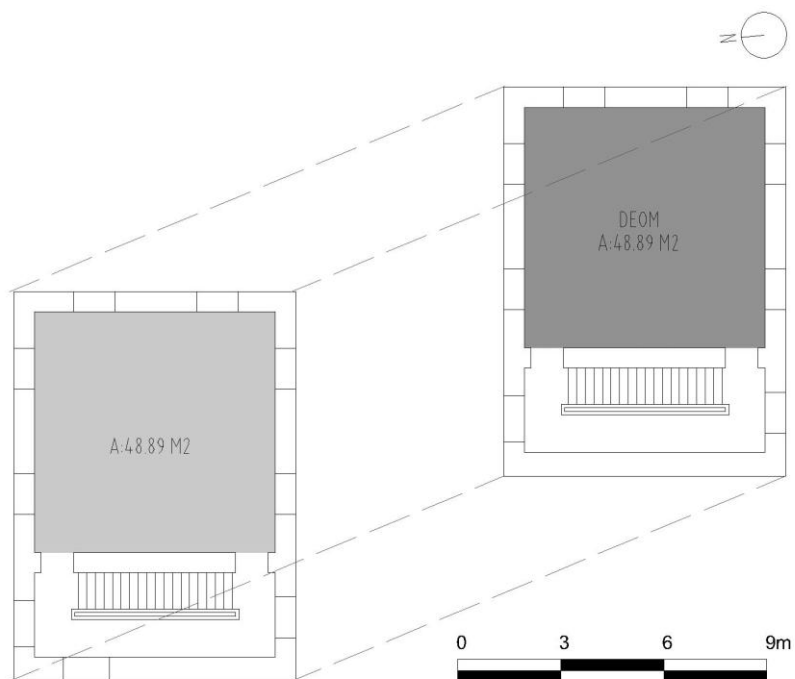


Figura 84 -Planta correspondente ao 5º e 6º Pisos (Autora)

Planta da torre, com representação do acesso vertical posicionado junto da fachada Oeste, com existência de área de estar com tamanho considerável (48 m²)

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.11 PAÇO EPISCOPAL / MUSEU DE ARTE SACRA

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.11.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.11.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.11.3. - **Designação:** Paço Episcopal

1.11.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, Sé, 32°38'57.91"N, 16°54'30.92"W

1.11.5. - **Acesso:** Praça do Município e Rua do Bispo, nº 9 a 23

1.11.6. - **Protecção:** MN, Dec. nº 30 762, DG 225 de 26 Setembro 1940, Dec. nº 30 838, DG 254 de 01 Novembro 1940, Dec. nº 37 077, DG 228 de 29 Setembro 1948 e Dec. nº 39 175, DG 77 de 17 Abril 1953

1.11.7. - **Época de construção:** Séc. XVII a XX.

1.11.8. - **Imagem:**





Figura 85 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício (Autora)





Figura 86 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.11.9. - Enquadramento: Urbano.

O edifício encontra-se isolado, ladeado a Norte pela Praça do Município e pela Igreja de São João Evangelista (Igreja do Colégio), a Sul pela Rua do Bispo, no qual constam edifícios residenciais, a Sudoeste pelo Palácio de Ornelas (Edifício 12) e a Oeste por um interessante edifício com senhorial.

1.11.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício de planta rectangular, isolado, com volumetria composta, orientada segundo o eixo Este / Oeste. Apresenta torre, localizada junto à fachada orientada a Norte. O edifício apresenta volume rectangular estreito rematado por capela no lado Oeste. Apresenta três coberturas, em telhado de quatro águas de telha canudo de barro vermelho, apresentando sistema em tesoura na fachada Sul, com beirais simples, duplos e triplos. Paredes de alvenaria, rebocadas e pintadas de branco.

A fachada principal está orientada a Sul, sendo esta ladeada pela Rua do Bispo, apresentando três pisos, embasamento e cornija em cantaria. Cunhais em cantaria.

Rés-do-chão com porta central de lintel recto e moldura em cantaria, ladeado dos dois lados por janelões em moldura de cantaria recortada e ondulada. Do lado Este e Oeste, porta de idênticas características, ladeadas por dois óculos em cantaria. No 1º piso, oito janelas de peitoril em caixilharia de madeira pintada de branco e moldura em cantaria, e alinhadas verticalmente com as janelas de sacada do piso superior (nobre), com caixilharia em madeira e com moldura em cantaria, com lintel curvo e saliente. Gradeamento em ferro forjado pintado de verde-escuro. Fachada Oeste com existência somente de uma janela em moldura de cantaria vermelha.

Fachada Norte, com embasamento em cantaria, no rés-do-chão existência de quatro meio janelões em cantaria vermelhada e gradeados. Nos pisos segundo e terceiro piso, vãos alinhados, com características, volumetria e materiais idênticas às da fachada Sul.

Volume a Oeste de fisionomia estreita, quase todo ele em cantaria, com forte presença das arcadas de volta perfeita em cantaria. Rés-do-chão deste volume com jardim pavimentado a calhau rolado e com café.

TORRE: Torre de planta rectangular inserido em edifício de planta longitudinal e recuada em relação ao plano da fachada principal do edifício. A torre está posicionada junto à fachada Norte do edifício, sendo parte constituinte da mesma.

A torre é constituída por cinco pisos, sendo esta, sobrelevada dois pisos acima do último andar do edifício principal.

Existência de cunhais em alvenaria rebocada e pintada de branco, tal como todas as paredes exteriores, rebocadas e pintadas de branco.

A cobertura é em telhado de quatro águas de telha canudo de barro vermelho, com beiral duplo e friso em cantaria de pedra vermelha.

A torre destaca-se das demais pela sua particularidade e composição: existência de balcão virado a Sul com vista para o mar.

A estrutura da cobertura é em madeira assente sobre hastes de ferro forjado, por sua vez assentes em pilastras de cantaria e protecção em guarda de ferro forjado.

A fachada apresenta duas portas de verga recta, com caixilharia em madeira e encimadas por cornija e friso igualmente em cantaria vermelha. Fachada toda ela revestida a azulejos monocromáticos de azul sobre branco e pavimento exterior em tijoleira cerâmica.

Fachada Este e Oeste com existência de uma única janela de peitoril com caixilharia de guilhotina em madeira e moldura em cantaria, encimada por friso e cornija igualmente em cantaria vermelha.

A fachada orientada a Norte, apresenta dois pisos, sendo o piso 5, apresentar duas janelas de sacada, com caixilharia em madeira e moldura em cantaria vermelha, encimadas por friso e cornija em cantaria. Guarda de ferro forjado.

No piso 6, presença de duas janelas, alinhadas verticalmente com as do piso inferior, de peitoril, com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e moldura em cantaria vermelha, encimadas por friso e cornija.

No interior, a torre é dividida em duas salas, separadas fisicamente por uma parede em alvenaria estucada e pintada de branco, com porta em madeira localizada a Norte da parede. A escada de acesso à torre é em madeira, com balaustrada igualmente em madeira trabalhada, localizada junto do lado Oeste junto da parede interior.

Pavimento em tacos de madeira, rodapés em madeira pintada de castanho-escuro, molduras dos vãos em madeira pintada de branco e envernizada. As janelas apresentam portadas de madeira pintada de branco.

A estrutura da cobertura é em madeira, apresentando na primeira sala, a estrutura aparente, com forma piramidal da cobertura. A segunda sala apresenta cobertura em madeira, apresentando uma forma octogonal e frisos salientes igualmente em madeira e pintada de branco. Paredes internas desta segunda sala com frisos em madeira pintada de branco.

Esta torre constitui assim exemplo único, em relação a outras torres estudadas, uma vez que apresenta dois espaços distintos, um interno e outro externo, constituído por balcão com vista para o mar e devidamente decorado.

1.11.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Mestres das obras reais Jerónimo Jorge (1604) e Domingos Rodrigues Martins (1748 / 1751).

1.11.12. - Cronologia:

1749 - Projecto e orçamentação do novo Paço Episcopal do mestre das obras reais Domingos Rodrigues Martins;

1750, 24 Jan. - autorização do Conselho da Fazenda para as obras do Paço Episcopal do Funchal;

1760 - Colocação dos azulejos na varanda;

1914, Jan. - transferência do Liceu do Funchal para o antigo Paço Episcopal;

1950 - Entrega do edifício para Museu Diocesano de Arte Sacra, iniciando-se obras de adaptação;

1955, 1 Jun. - Inauguração do Museu Diocesano de Arte Sacra do Funchal;

1993 - Obras de reabilitação do Museu para reinstalação da colecção de pintura e escultura flamengas;

1994, 14 Dez. - reabertura do Museu.

1.11.13. - Tipologia: Arquitectura civil e religiosa, de influências barroca e maneirista: Capela.

Edifício com planta quadrangular, com fachada principal orientada a Sul, confrontando a Rua do Bispo. Torre com planta rectangular de influência barroca, tal como o volume arquitectónico.

Em relação à organização espacial interna da torre, é possível classifica-la como ‘TORRE COMPOSTA’, uma vez que apresenta um espaço interior dividido por um elemento físico - parede - constituindo dois espaços internos. A escada de acesso à torre é simples, de forma rectangular, localizada centralmente junto à parede interna. A torre apresenta ainda balcão com vista para o mar e cidade.

1.11.14. - Utilização inicial: Residencial: Casa do Bispo

1.11.15. - Utilização actual: Cultural: Museu de Arte Sacra do Funchal

1.11.16. - Proprietário: Propriedade Pública

1.11.17. - Utente: Público e Privado: Café do Museu

1.11.18. - Conservação geral: Bom

1.11.19. - Documentação: Não definido

1.11.20. - Observações: Edifício em muito bom estado de conservação, com torre ‘avista - navios’ interessante e particular, com balcão sobre o mar, ornamentada azulejos. Edifício com actual ocupação do Museu de Arte Sacra do Funchal, museu esse, o mais visitado do concelho do Funchal.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Nos alçados seguintes, é possível verificar o destacamento da torre em relação ao volume do edifício principal e do volume longitudinal, localizado a Oeste, com forte marcação das arcadas de volta perfeita, no pano lateral da fachada Norte.

Possível verificar ainda o alinhamento vertical e horizontal dos vãos, no edifício principal, evidenciando a sua influência barroca. A disposição dos vãos na fachada conota ao edifício, equilíbrio e harmonia no mesmo.

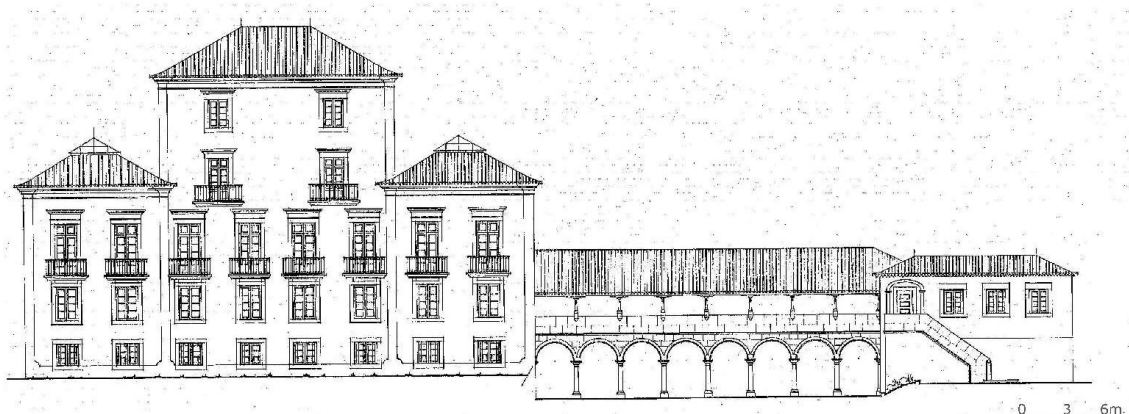


Figura 87 - Alçado Norte (Fonte: www.monumentos.pt)

O alçado Sul evidencia a influência barroca do mesmo, com a forte ornamentação dos vãos, igualmente alinhados verticalmente. Presença no rés-do-chão dos óculos, ladeando os janelões.

Possível verificar ainda o volume estreito e longitudinal a Oeste e a volumetria rectangular da torre, com desenho das hastes de ferro e das duas portas.

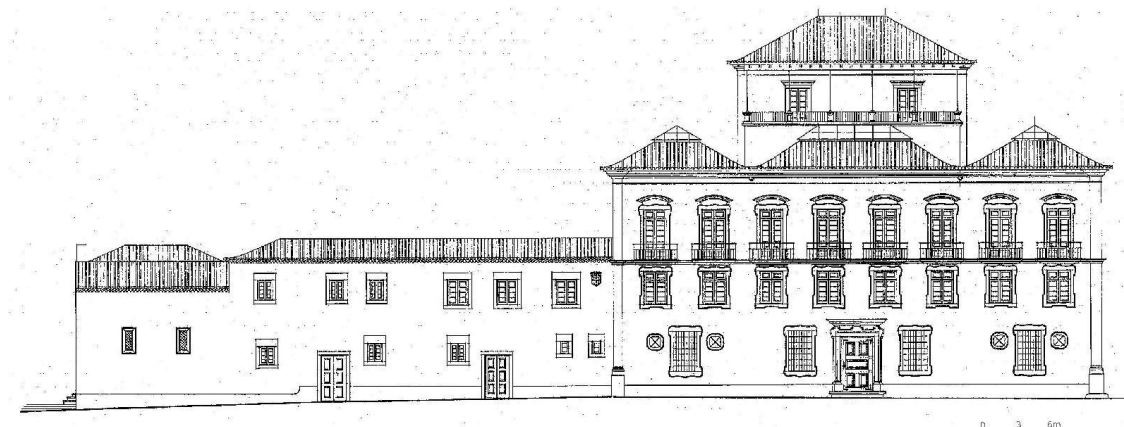


Figura 88 - Alçado Sul (Fonte: www.monumentos.pt)

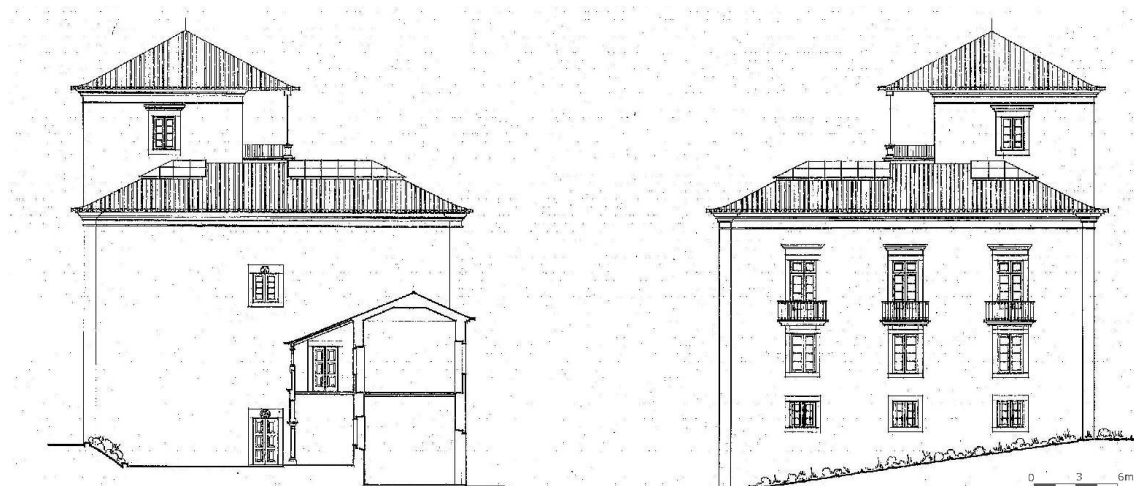


Figura 89 - Alçado Este e Oeste correspondentemente (Fonte: www.monumentos.pt)

Alçados laterais, com demarcação da torre ‘avista-navios’ em relação ao volume principal da torre.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.12 PALÁCIO DOS ORNELAS

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.12.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.12.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.12.3. - **Designação:** Palácio dos Ornelas

1.12.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, Sé, 32°38'56.57"N, 16°54'31.80"W

1.12.5. - **Acesso:** Rua do Bispo, nº 14 a 26

1.12.6. - **Protecção:** IIP, Dec. nº 30 762, DG 225 de 26 Setembro 1940, Dec. nº 30 838, DG 254 de 01 Novembro 1940 e Dec. nº 37 077, DG 228 de 29 Setembro 1948

1.12.7. - **Época de construção:** Séc. XVII / XVIII

1.12.8. - **Imagem:**





Figura 90 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)



Figura 91 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.12.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício integrado em quarteirão no núcleo histórico da Sé, ladeado a Este, a Sul e a Oeste por edifícios habitacionais senhoriais e a Norte pela Rua do Bispo, pavimentada a calçada portuguesa. Edifício localizado na mesma rua que o Paço Episcopal (Edifício 11).

1.12.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Localizado em pleno centro da cidade do Funchal sita à Rua do Bispo, número 16, mesmo em frente ao antigo paço episcopal, o palácio ou Solar dos Ornelas, apresenta-se pela sua característica arquitectónica barroca e pela sua grande volumetria, principalmente da torre, composto por três pisos mais torre, sendo o 1º piso destinado a lojas ou adegas, o 2º piso para serviços e o 3º piso para salas nobres). Tem uma planta rectangular compacta, com torre centrada na parte mais a Oeste do edifício, a fachada Norte é a principal, com grandes vãos com varandas de sacada e guardas a ferro pintadas a verde. Porta principal com características maneiristas e por cima com brasão de família em pedra.

O edifício apresenta ainda 5 panos, definidos por pilastras e pela combinação 2 a 2 dos vãos que compõem a fachada principal e pela cobertura em formato tesoura, com beirais triplos.

A fachada apresenta ainda embasamento e friso de demarcação dos pisos em cantaria.

A porta principal de acesso ao interior do edifício é de verga recta, encimada por friso e cornija relevada em cantaria e ladeada por cima, por duas janelas simples de moldura de cantaria.

Os vãos apresentam-se alinhados e posicionados em equilíbrio e harmonia.

O interior do edifício é totalmente remodelado.

Hall de entrada com pavimento em lajes de cantaria e rodapé em cantaria. Paredes estucadas e pintadas a amarelo-escuro. Escada de acesso aos pisos em cantaria, com guarda em alvenaria compacta e estucada, pintada de amarelo.

Existência de elevador para acesso aos vários pisos até a 5º piso.

Elementos dissonantes: O último piso da torre, elemento iconográfico do edifício, foi originalmente concebido com uma varanda aberta na fachada sul, idêntica ao último piso da torre do museu de Arte Sacra, constituída por colunas de madeira e janelas de guilhotina, sendo alterada por colunas de alvenaria e portadas de madeira. Hoje em dia esta varanda encontra-se toda ela fechada por janelas exteriores e interiores a portada de madeira, constituindo-se como um espaço único interior. *“Desapareceram os remates lanceolados do telhado da torre; os telhados deixaram de ter a tradicional alteração de inclinação para os beirais e passaram a inclinação simples.”*¹⁴⁸

O projecto de remodelação, em 1989, teve parecer negativo por parte da Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), tendo sido reformulado em 1990, no entanto, ainda sem respeitar algumas normas.

¹⁴⁸ http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1

TORRE: A torre apresenta uma planta quadrangular, localizada centralmente em relação ao edifício principal, possuindo uma volumetria muito alta, destacando-se dos demais edifícios e torres circundantes e mesmo do próprio edifício principal. As fachadas são em alvenaria, rebocadas e pintadas de creme. A cobertura é em telhado de quatro águas com telha canudo de barro vermelho e beiral triplo.

Fachada orientada a Norte, apresenta cunhais em cantaria. No 4º piso, duas janelas de sacada, com caixilharia de madeira pintada de branco e moldura em cantaria. Gradeamento da varanda ornamentado, em ferro forjado pintado de verde-escuro.

O 5º e 6º piso apresentam duas janelas por piso, alinhadas com as do piso inferior, com caixilharia de madeira e moldura em cantaria.

Fachada Este, com presença de duas janelas de idênticas características, volumetrias e materiais que as anteriores descritas, no 4º e 5º piso, apresentando a janela mais a Norte do 4º piso, gradeamento a ferro forjado pintado de verde-escuro. Último piso com presença de uma janela de mais a Norte e a Sul, presença de janela dupla corrida, sendo a exterior de correr com caixilharia a alumínio e a interior com caixilharia de madeira.

Fachada a Oeste com presença de vãos de idênticas características, dimensões e materiais.

Fachada Sul, com forte evidenciar do último piso da torre, uma vez que apresenta janela dupla corrida em todo o piso, intermediada ao centro e nos cantos com pilar rebocado e pintado. Caixilharia exterior em alumínio e interior em madeira.

Originalmente esta torre foi construída em madeira, sendo substituída anos mais tarde após remodelação por alvenaria. O último piso da torre, na fachada orientada a Sul, esta apresentaria originalmente um balcão, um espaço aberto, com cobertura em madeira assente sobre pilares em cantaria, idêntica à torre do Paço Episcopal (11).

Actualmente a torre está totalmente fechada, com envidraçado em todo o piso da fachada.

No interior, onde actualmente está a funcionar um consultório, a torre apresenta dois espaços distintos, um a Norte e outro a Sul, divididos centralmente por um armário e um pequeno quarto. A única ligação entre estes dois espaços faz-se por um corredor.

O acesso ao último piso da torre faz-se por umas escadas em madeira, simples e de forma rectangular, posicionadas junto da parede Oeste.

O pavimento é em soalho de madeira, com rodapés igualmente em madeira. A parede interior virada a Norte apresenta-se toda ela revestida a madeira, com porta em madeira encimada por um vitral. A parede interior virada a Sul é estucada e pintada de creme.

A moldura dos vãos da sala virada a Sul é em madeira, tal como a caixilharia das janelas interiores.

A cobertura apresenta forma piramidal, estucada e pintada de branco.

1.12.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.12.12. - Cronologia:

1.12.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, de influência barroca.

Solar senhorial constituído por três pisos, e com planta rectangular, com fachada principal orientada a Norte, com composição simples e articulada dos vãos.

Organização interior da torre é “TORRE COMPOSTA”, uma vez que apresenta mais que uma única divisão interior.

1.12.14. - Utilização inicial: Residencial

1.12.15. - Utilização actual: Comercial / Administrativa: Lojas e serviços

1.12.16. - Proprietário: Propriedade Privada

1.12.17. - Utente: Proprietário

1.12.18. - Conservação geral: Bom

1.12.19. - Documentação: Não definido

1.12.20. - Observações: Não definido

Num registo elementar e caracterizante das torres “avista-navios”, presentes um pouco por toda a cidade do Funchal, Edmundo Tavares caracteriza uma torre de idênticas características, senão a mesma, da torre do Palácio de Ornelas, no tempo da sua construção original:

“Não menos interessante, bela e original, é aquela outra torre que se vê triunfante um pouco mais de longe. É uma verdadeira varanda, uma ampla galeria aberta, sem janelas nem vidraças resguardada apenas por parapeitos, suportada por pilares robustos, e rematada por um simples entablamento, por um beiral gracioso, e por um telhado português e singelo.

Esta torre, igualmente muito repetida no Funchal, diferente da anterior e de todos os motivos similares que conheço, constitui o motivo mais belo, mais tradicional e curioso da arquitectura da habitação madeirense.”¹⁴⁹

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO:

Imóvel de Interesse Público pelo Decreto 37.077 de 29/09/77, o Palácio dos Ornelas constitui um dos imóveis históricos mais importantes e de cunho regional da cidade do Funchal. O Palácio dos Ornelas, está localizado na Rua do Bispo, em pleno centro do Funchal e pertencente à freguesia da Sé.

¹⁴⁹ TAVARES, Edmundo; *“Terra Atlântida (Impressões da Madeira)”*; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948; p.60

De cunho residencial, o palacete foi construído nos finais do Séc. XVII, não se sabendo ao certo sua data de construção, e ocupado por uma família muito distinta na região de seu apelido Ornelas.

“Alvaro de Ornelas, filho único de Lopo Esteves de Ornelas, da casa do Infante D. Henrique e ao serviço de quem andou nos descobrimentos”, estabelece-se na Ilha da Madeira, no final do séc. XV, onde lhe são oferecidos terrenos na zona do Caniço, onde veio a construir um ou dois morgados: um através de Alvaro de Ornelas Saavedra, casado com Constança de Mendonça de Vasconcelos, e outro através de seu filho Ayres de Ornelas e Vasconcelos. No séc. XIX, a família Ornelas e Vaçoncelos, unem-se a duas outras famílias polacas que também se estabeleceram na região, a família Thomashenski e Shrbinska, não deixando até aos nossos dias qualquer representante de família na ilha.

A Casa Thomashenski, localizada na Rua dos Ferreiros, rua de grande relevância arquitectónica, apresenta uma tipologia padronizada no séc. XVII de casa ou palacete residencial, constituído por rés-do-chão onde se encontram normalmente as adegas, o 1ª piso, onde se encontram os espaços sociais e áreas privadas e ainda a torre, rasgada por grandes vãos direccionados para o mar, fruto do comércio vinícola. Destas características se construíram um rol de habitações senhoriais na freguesia de São Pedro e da Sé, onde podemos enquadrar todos os casos aqui estudados e analisados, bem como o Palácio dos Ornelas, que de todas as casas se destaca pela grande elevação da torre, bem como pela sua *“elegância”*.

O edifício Palácio dos Ornelas, constitui assim como *“um dos exemplares mais importantes da arquitectura civil urbana da Madeira, quer pela qualidade arquitectónica geral e localização, quer por não ter sofrido os desastres das suas congéres, como a da Rua João Esmeraldo, que ardeu, ou a dos Condes de Carvalhal, que foi volumetricamente totalmente alterada”*.

O edifício em meados do ano de 1989, sofre um processo de remodelação, uma vez que o mesmo encontrava-se em degradado estado de conservação, cujo elemento torre constituía maior preocupação de estabilidade, *“uma vez que o prumo da mesma se encontra no limite do desvio possível”*.

À data do projecto apresentado nas figuras seguintes (1989), o edifício era ocupado por comércio, actividades no sector terciário, e albergava ainda instituições de beneficência e formação de jovens.

No entanto, antes de quaisquer obras ou modificações, o palacete apresentava uma construção constituída por *“alvenarias resistentes de pedra rebocadas, vãos e cunhais com guarnição em cantaria de basalto da região, pavimentos e caixilharias em madeira.”*

Foi de importante questão por parte do gabinete responsável pelo projecto de remodelação do edifício, uma preservação das características gerais do edifício, bem como da sua volumetria, e dos materiais, numa relação de respeito para com os edifícios congéneres que se assemelham em época, construção, tipologia e história.

Dado à sua estratégica localização, o programa de remodelação do edifício, incide na possibilidade do edifício abarcar espaços para escritórios, bem como espaços destinados ao comércio e serviços.

SOLUÇÕES PROJECTUAIS

Segundo a algumas soluções equacionadas pelo atelier responsável pelo projecto de remodelação, a prioridade de remodelação do edificio passava pela questão estrutural tal como a demolição de todas as “coberturas, pavimentos e o último piso e meio da torres”. O exterior do edifício, constituídos por fachadas e elementos construtivos, foram desde cedo uma preocupação, uma vez que o atelier pretendia uma preservação total das fachadas, de forma a permanecer um código de identidade com os restantes edifícios, Para tal, o projecto teve de seguir as normas e recomendações do «Estudo de Prospecção e Defesa da Paisagem Urbana do Funchal», uma vez que era intencional a alteração das *“duas últimas portas alongadas do lado nascente em porta e janelas consoante a regra do restante piso. Ademais propõe-se a substituição de duas guardas de varanda existentes no embasamento da torre por outras semelhantes às originais nas restantes varandas do piso nobre. Relativamente às cantarias que se encontram danificadas, estas serão restauradas de forma a se obter superfícies e arestas bem definidas.”*

Em relação à estrutura e estabilidade do edifício, no projecto de remodelação são previstos a aplicação de “lajes de betão armado que irão promover a “amarração” das alvenarias resistentes em pedra”. Nos pavimentos, aplicação de soalho de madeira sobre betão armado, nas paredes interiores e tectos, aplicação de reboco acabado a estuque artificial, de forma a ser pintadas com tinta de água, e no exterior, pintura a cal sobre reboco areado. Ainda nos tectos, aplicação de sanca em gesso com moldura.

Na cobertura previa-se a substituição das telhas existentes, por “telha de meia cana tradicional com canal em telha U, aplicada com argamassa sobre laje de betão”

Fase 2 - Análise do projecto do edificio - torre:

A nível de organização interior, a circulação e os acessos aos pisos superiores seguem uma orientação funcional, constituindo-se como acesso principal ao edifício, a porta número 16, inerente à Rua do Bispo. O átrio adjacente à entrada da porta apresenta duplo pé - direito e o mesmo dá acesso às escadas bem como ao à entrada de elevador.

Os espaços interiores, principalmente o 3º piso, foram completamente alterados e constituídas novas áreas, mais amplas, para salas destinadas a escritórios e serviços.

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

A nível de Instalações sanitárias, o atelier previa a instalação de unidades sanitárias em todos os pisos, bem como sistema de ventilação apropriado.

O Rés-do-chão apresenta salas destinadas a espaços comerciais, onde actualmente estão alugadas a empresas e lojas comerciais. Todas as salas apresentam Instalações sanitárias. Os restantes pisos dos edifícios, apresentam igualmente salas de amplas dimensões destinadas a áreas de serviços e escritórios. Espaços bem iluminados naturalmente pelos grandes vãos das fachadas inerentes à Rua do Bispo.

2º andar alterado maioritariamente e constituído por corredores de acesso às constituintes salas deste piso.

O 3º andar, está inserido na cobertura do edifício, com salas mais pequenas que as dos pisos inferiores.

As restantes plantas representadas, fazem parte integrante da torre avista - mar que é constituída por 3 pisos e dada a sua volumetria destaca-se das restantes congéneres.

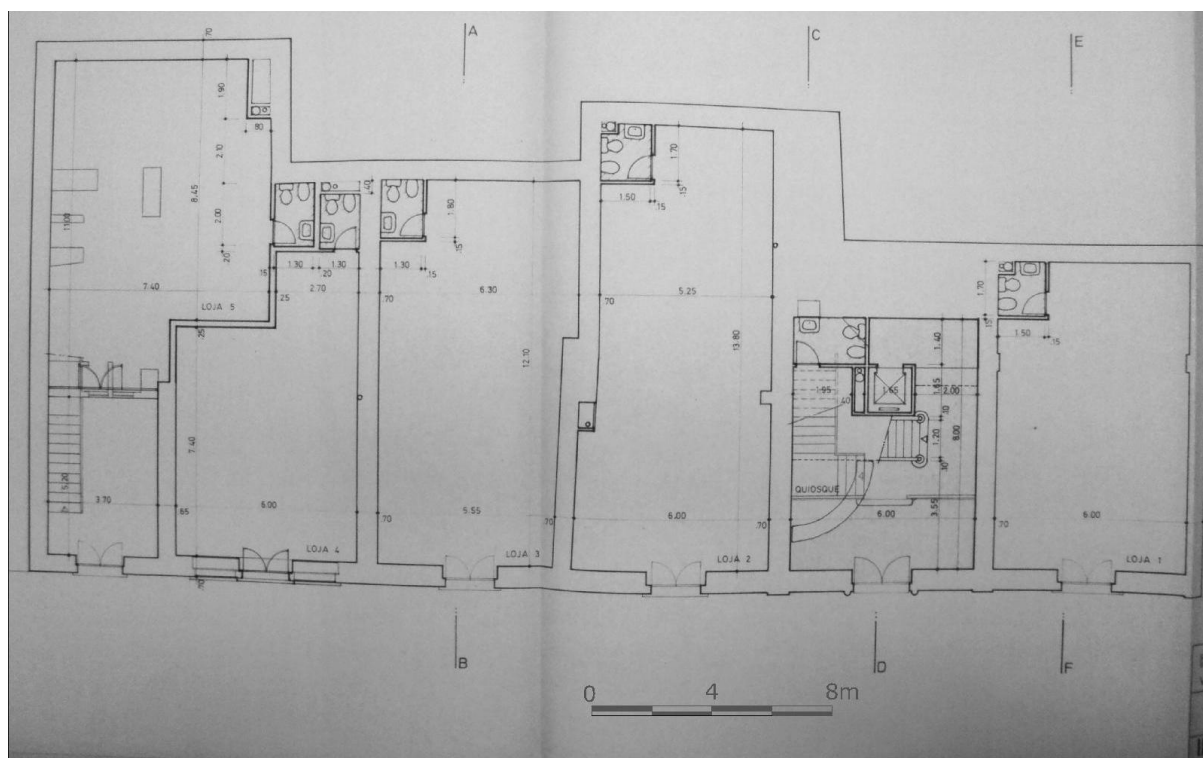


Figura 92 - Planta do Rés-do-chão (Autora)

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

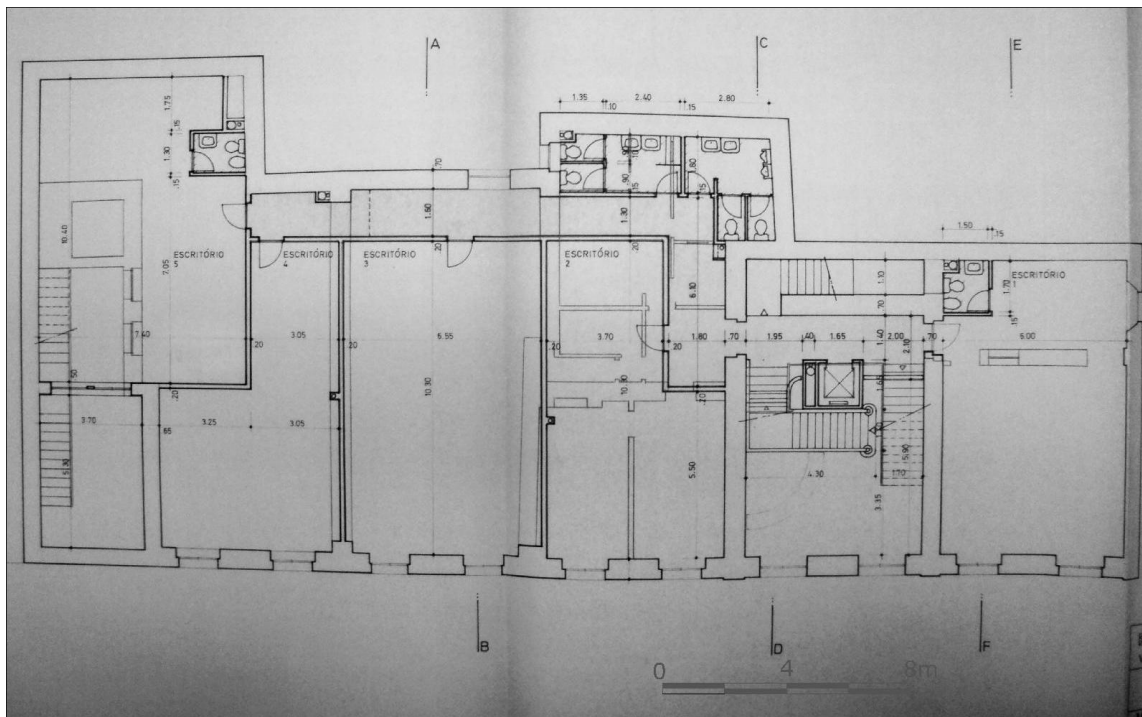


Figura 93 - Planta do 2º piso (Autora)

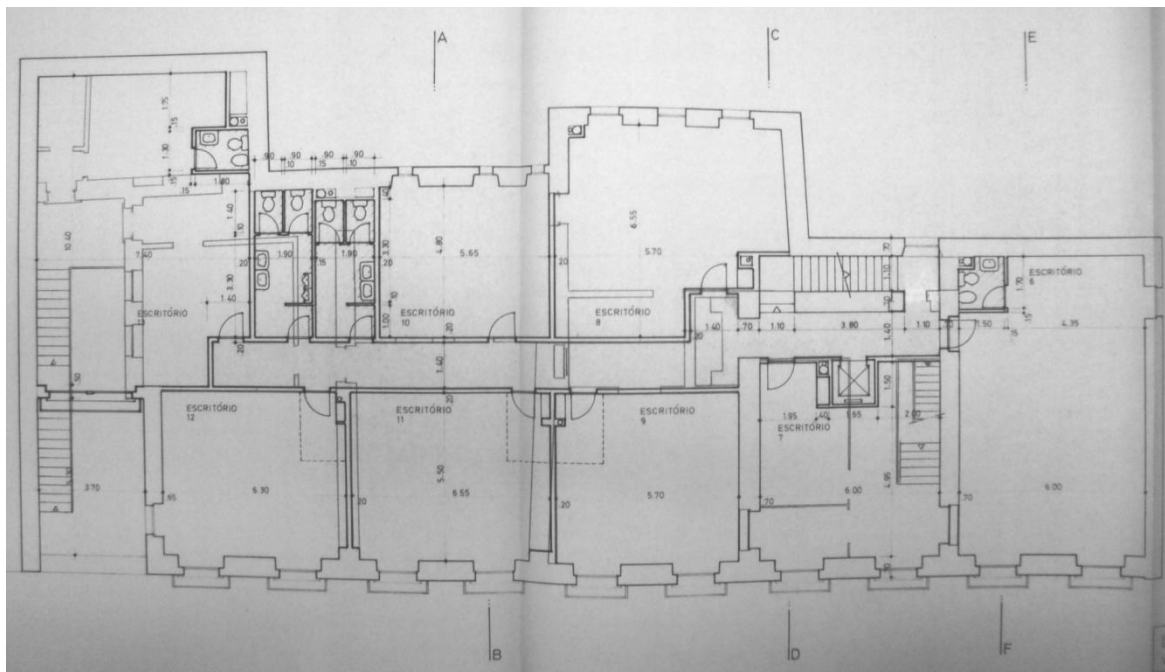


Figura 94 - Planta do 3º piso (Autora)

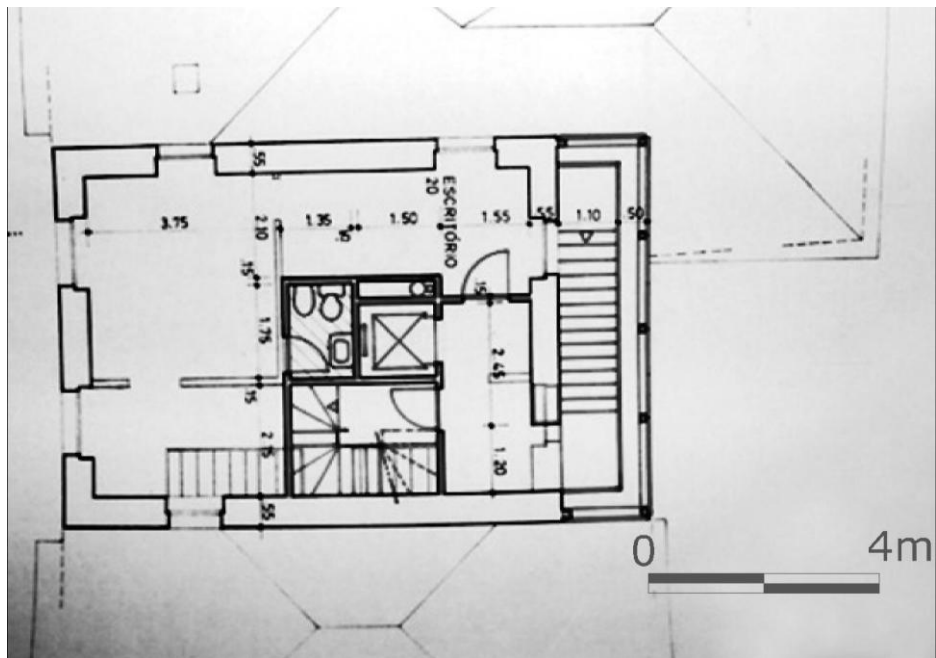


Figura 97 - Planta da Torre_ 5º piso (Autora)

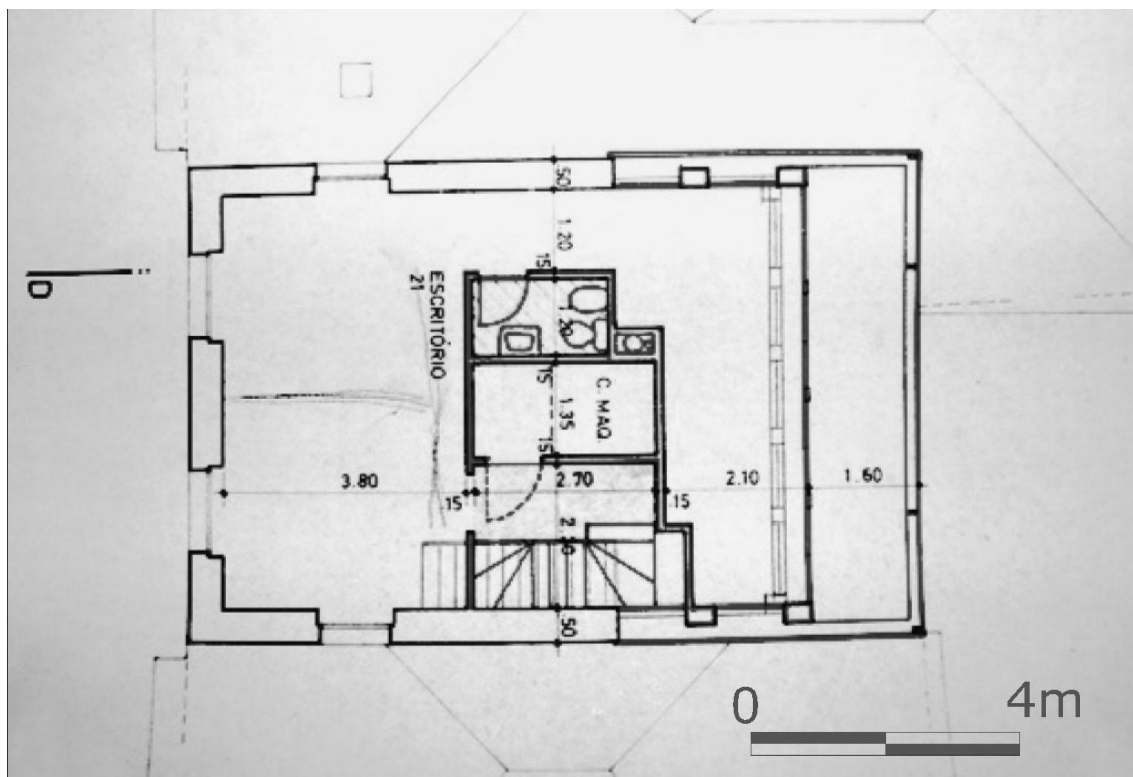


Figura 98 - Planta da Torre_ 6º piso (Autora)

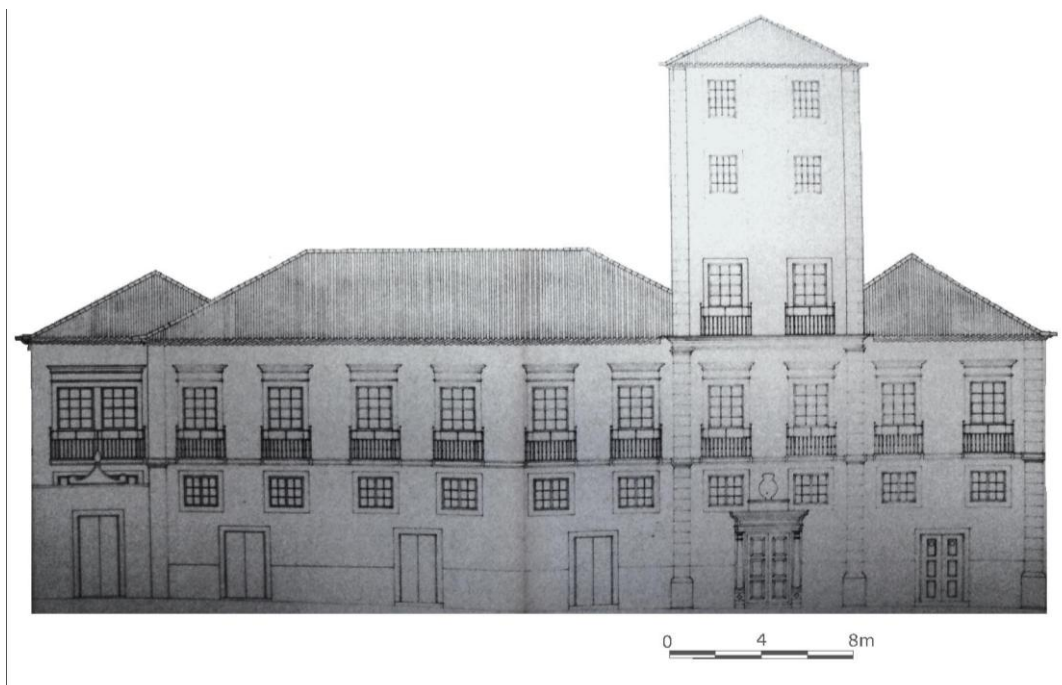


Figura 99 - Alçado Principal (Autora)

Alçado principal com marcação fortemente evidenciada da torre de três pisos. Forte elevação do volume central da torre em relação ao volume do edifício principal. Possível de se verificar ainda, o alinhamento simétrico dos vãos presentes nesta fachada e a cobertura em telhado de quatro águas. Alinhamento dos vãos e ornamentação dos mesmos evidenciando influência barroca.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.13 CASA JACQUINET / ANTIGO TRIBUNAL

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.13.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.13.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.13.3. - Designação: Casa Jacquet / Antigo tribunal / Edifício na Rua das Mercês, nº 6 a 10

1.13.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, Sé, 32°39'03.67"N, 16°54'40.63"W

1.13.5. - Acesso: Rua das Mercês, nº 6 a 10

1.13.6. - Protecção: Não definido

1.13.7. - Época de construção: Séc. XVIII

1.13.8. - Imagem:





Figura 100 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)

1.13.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício integrado em quarteirão no núcleo histórico da São Pedro, ladeado a Este, por logradouro recuperado e reconstruído e edifícios habitacionais senhorias, a Sul, por um armazém que funciona como parque de estacionamento, a Norte por edifícios senhoriais e a Oeste, por via pública principal, a Rua das Mercês, de um único sentido de circulação, ascendente, pavimentada a paralelepípedos de pedra da região. Confronta directamente o edifício do externato “Colégio da Apresentação de Maria”, o externato “O LISBONENSE” e ainda uma antiga escola do ensino básico.

1.13.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta uma planta quadrangular regular, com um logradouro na parte posterior do mesmo, parte Este, recuperado e apresentando jardim e lajes de betão alinhadas, de forma a criar um passadiço.

O edifício apresenta uma articulação de volumes, compostos e escalonados, devido à diferença de altura da torre e do 3º piso, criando uma dinâmica e elevação dos mesmos.

Cobertura de telhado de quatro águas, de telha canudo de barro vermelho e beirais triplo na fachada principal e duplos nas restantes fachadas.

Fachadas rebocadas e pintadas de amarelo e cunhais e frisos pintados de branco.

Fachada principal orientada a Oeste, com embasamento pintado de vermelho escuro, e porta principal localizada no pano central e com ligação através da moldura, com a janela de sacada do 2º piso. Rés-do-chão, com representação de três portas de verga recta, em madeira

e com vãos pintados de vermelho escuro, alternadas por um janelão gradeado e com moldura pintadas de vermelho escuro. A porta a Norte apresenta respiradouros.

2º piso, com existência de 5 janelas, todas elas de sacada, com portadas envidraçadas pintadas em madeira pintada de branco. Molduras em cantaria pintadas de vermelho escuro, encimadas por friso e cornija, pintado de vermelho e lambrequim de madeira pintado de verde-escuro e ornamentação a branco. Gradeamento em ferro forjado pintado de verde-escuro.

O terceiro piso, somente posicionado no pano central apresenta janela de sacada de idênticas características, volumetria e materiais que às janelas do piso inferior.

A fachada orientada a Oeste, de três pisos, apresenta embasamento pintado de vermelho escuro, no rés-do-chão, duas portas de vidro com molduras em cantaria pintadas de vermelho escuro e janelão com moldura em cantaria pintada igualmente a vermelho escuro. Os pisos superiores apresentam quatro janelas de peitoril por piso com molduras pintadas de vermelho escuro e portadas envidraçadas. Duas das janelas localizadas na fachada mais a Sul, uma por piso, apresentam caixilharia de guilhotina em madeira pintada de branco e tapa-sóis de madeira pintado a verde-escuro.

Hall de entrada, para as consequentes lojas e adegas, actualmente recuperada e transformada em recepção, com arcos de volta perfeita em cantaria vermelha e pavimento com calhau rolado de branco e vermelho, formando losangos. Paredes estucadas e pintadas de branco com rodapés em madeira pintado de castanho-escuro. Tecto falso pintado de branco no rés-do-chão, com luzes embutidas.

TORRE: A torre pertencente ao edifício apresenta uma planta quadrangular regular, recuada em relação à fachada principal do edifício e localizada junto à fachada Este do mesmo, sendo parte integrante da mesma.

As paredes são em alvenaria, rebocadas e pintadas de amarelo claro, com os cunhais e frisos pintados de branco e ainda representação nas fachadas, das molduras dos vãos pintado a branco.

Cobertura com telhado de quatro águas, de telha canudo de barro vermelho e beiral duplo com remates nos ângulos da cobertura.

Cada fachada apresenta uma janela simples, de peitoril, com caixilharia de portadas em madeira pintada de branco e moldura dos vãos em cantaria pintada de vermelho escuro. As janelas das fachada Sul, Este e Oeste, são posicionadas centralmente na fachada, enquanto que, a janela na fachada Norte, está posicionada a Oeste.

Em relação à organização interna da torre, a torre apresenta as escadas de acesso ao piso localizada junto à parede Norte da mesma, com uma forma rectangular, simples e estreita, ocupando pouco espaço da área útil da torre.

As escadas são em madeira, tal como o pavimento da mesma.

1.13.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.13.12. - Cronologia: Séc. XVII - Provável construção do palacete;

Séc. XX, início - propriedade de Augusto Justiniano da Silva Amorim, o "Jacquinet", e de sua mulher, D. Alexandrina de Vasconcelos;

2009 - Instalação do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA)

1.13.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, barroca. Palácio urbano, de planta quadrangular, de dois pisos na fachada principal e três na fachada posterior, Articulação de volumes composta e equilibrada. Edifício torreado, apresentando elementos da arquitectura tradicional madeirense, tal como a própria torre de planta quadrangular e central, os beirais e os vãos alinhados verticalmente e horizontalmente, com molduras em cantaria e encimados por friso e cornija.

Em relação à organização interior da torre, é possível defini-la como ‘TORRE SIMPLES’, uma vez que apresenta planta simples quadrangular, com um só quarto delimitado pelas próprias fachadas da torre e escadas estreita, posicionada em planta junto à parede Norte da mesma.

1.13.14. - Utilização inicial: Residencial

1.13.15. - Utilização actual: Administrativo / Científico e Cultural: Centro de Estudos de História do Atlântico

1.13.16. - Proprietário: Propriedade Pública

1.13.17. - Utente: Proprietário

1.13.18. - Conservação geral: Bom

1.13.19. - Documentação: Não definido

1.13.20. - Observações: Actualmente está a funcionar, desde 2009, a instituição de investigação e pesquisa “Centro de Estudos de História do Atlântico”, que tem como objectivo divulgar e apoiar os estudos sobre a história das ilhas atlânticas (arquipélagos da Madeira, Açores, Canárias, Cabo Verde e São Tomé).

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Planta do rés-do-chão e pisos seguintes, com articulação das salas interiores, interligadas entre si, através de portas interiores, que articulam os espaços correspondentes de forma equilibrada e continua.

Possível verificar as salas destinadas às lojas e arrecadações no rés-do-chão, tais como as escadas de acessos aos pisos superiores, posicionadas junto à fachada principal, no lado Norte da mesma.

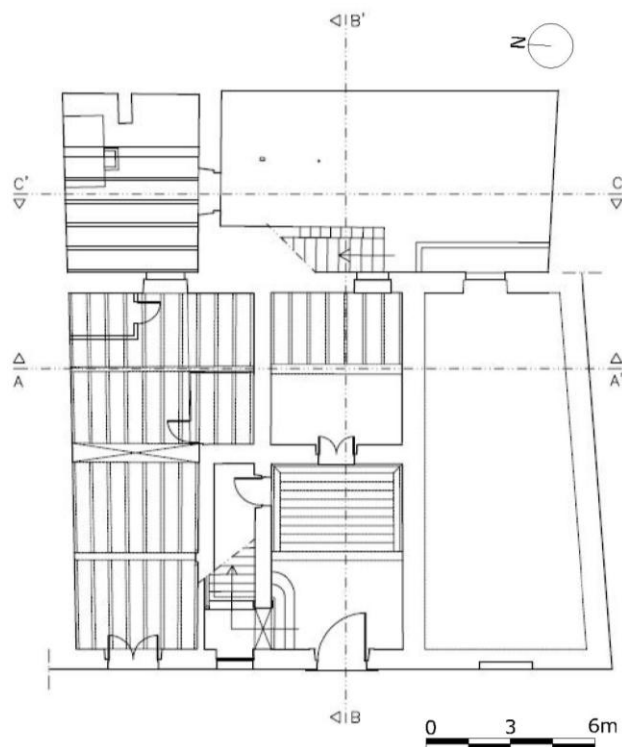


Figura 101 - Planta do rés-do-chão (Autora)

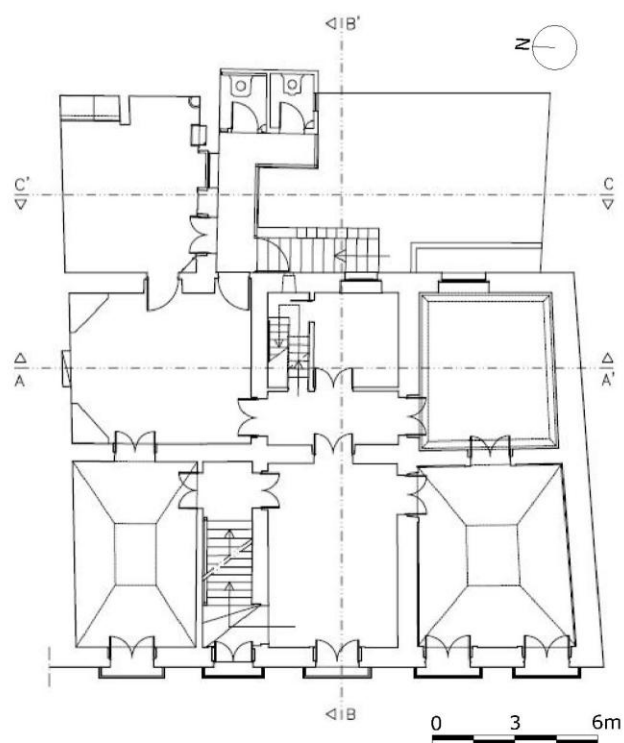


Figura 102 - Planta do 2º piso (Autora)

Articulação das diferentes salas de forma proporcional, tal como a dimensão das mesmas - proporcional, com comunicação entre si, através das portas.

Na planta do 4º piso, marcação evidenciada da torre em planta, com seus vãos, desenhados em cada uma das fachadas, e posicionamento da escada de acesso, junto à parede Norte, com sua forma simples e rectangular.

Na planta de Cobertura, é possível verificar a articulação dos vários volumes do edifício, bem como as características dos telhados: telhado de quatro águas, muito comum e usual na arquitectura tradicional madeirense.

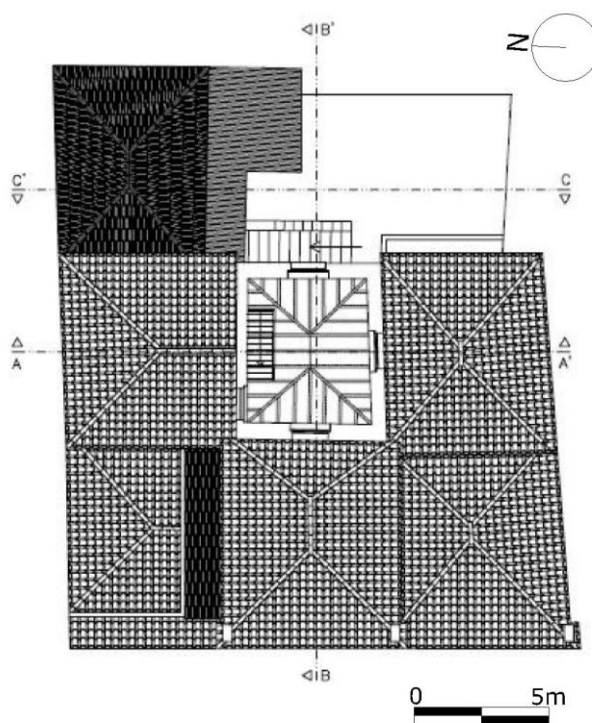


Figura 103 - Planta do 4º piso (Autora)



Figura 104 - Alçado Principal - Este (Autora)



Figura 105 - Alçado Posterior - Oeste (Autora)

Alçados, com representação fiel do posicionamento dos vãos na fachada, da articulação dos mesmos na fachada, evidenciando preocupação no alinhamento dos vãos, proporção e equilíbrio denotado às fachadas.

Fachada Oeste, com representação do último piso da torre e janela correspondente. Possível de verificar ainda a articulação dos telhados e contraste de volumes, evidenciando a cobertura em tesoura.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.14 EXTERNATO NUN’ALVARES / ANTIGA ESCOLA DO CAROÇO

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.14.1 - **Categoria:** Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.14.2. - **Tipo:** Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.14.3. - **Designação:** Externato Nun’Alvares / Edifício na Calçada de Santa Clara, nº 20 e 22

1.14.4. - **Localização:** Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°39’00.82”N, 16°54’43.76”W

1.14.5. - **Acesso:** Calçada de Santa Clara, nº 20 e 22

1.14.6. - **Protecção:** Não Definido

1.14.7. - **Época de construção:** Séc. XIX, provavelmente.

1.14.8. - **Imagem:**



Figura 106 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)

1.14.9. - **Enquadramento:** Urbano.

Edifício integrado em quarteirão no núcleo histórico da São Pedro, numa das zonas mais características e nobres, integrado em terreno desnivelado e sinuoso (Calçada) ladeado a Norte e a Sul por edifícios habitacionais, a Oeste, pela via pública de circulação rodoviária de um só sentido, descendente, pavimentado a asfalto e passeio do lado oposto da rua,

pavimentado a calçada portuguesa. A Este o edifício contém um campo de futebol pavimentado a asfalto, e é ladeado por logradouro com presença de árvores de grande porte. A Oeste, o edifício confronta directamente a Casa - Museu Frederico Freitas (15), também alvo de estudo e consequente inventariação.

1.14.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício com planta em “L”, apresentando torre quadrangular no ângulo de confluência da forma em “L”. O edifício apresenta articulação de volumes, compostos, devido à volumetria sobrelevada da torre e da cobertura rebaixada do alpendre.

A Oeste, existência de jardim à entrada do edifício, pavimentado a calhau rolado e com árvores de pequeno porte. A Este existência de um campo de futebol pavimentado a asfalto. Paredes em mau estado de conservação, de alvenaria rebocadas e pintadas de amarelo.

Cobertura de telhado de quatro águas, de telha canudo e beirais duplos com remates.

Fachada principal orientada a Oeste, com acesso directo á via pública, com jardim a intermediar a rua e o edifício. Porta exterior de grades de ferro forjado e pintado de verde escuro, ladeado por pilastras de cantaria e por muro de sustentação em alvenaria, rebocado e pintado de vermelho, encimado por gradeamento a ferro forjado pintado de verde escuro.

Fachada principal do edifício recuada, com alpendre totalmente revestido a madeira pintada de branco e vidro, originalmente descoberto e aberto, com escadas exteriores de acesso ao mesmo em cantaria com 6 degraus. Alpendre com cobertura de telhado de quatro águas, com estrutura em madeira, sustentado por hastes de ferro, estas por sua vez sobre pilastras de cantaria. Gradeamento da varando do alpendre em ferro forjado pintado de verde-escuro. Alpendre encimado por lambrequim em madeira pintado de verde-escuro, recortado e ondulado. O edifício com fachada sobre a via pública, apresenta três pisos, sendo no rés-do-chão porta larga de garagem em madeira pintada de verde e moldura em cantaria, e nos pisos superiores pares de janelas de peitoril, caixilharia de guilhotina em madeira, com moldura em cantaria pintada de cinzento.

Fachada Norte com pintura dupla, sendo o rés-do-chão pintada a branco e o 2º piso com pintura amarela, com patologias tal com o a pintura de todo o edifício. Rés-do-chão com presença de três portas, com portadas envidraçadas e caixilharia de madeira pintada de branco, com moldura em cantaria pintada de cinzento e janela de portadas com moldura em cantaria pintada de cinzento. 2º piso, existência de 6 janelas, com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco e moldura em cantaria pintada de cinzento.

Fachada orientada a Sul, somente visível do corpo longitudinal mais a Este, com presença de três janelas, duas no 1º piso e uma no 2º piso, localizada na fachada mais a Oeste.

TORRE: Torre inserida em palácio urbano, com planta quadrangular regular, está recuada em relação à via pública, sendo constituída por 4 pisos, destacando-se dos demais volumes do edifício pela sua volumetria.

A torre apresenta paredes em alvenaria, em mau estado de conservação, rebocadas e pintadas de amarelo. Pintura com patologias. Cobertura em telhado de quatro águas, de telha canudo de barro vermelho, mau estado de conservação e patologias, apresentando vegetação. Beiral duplo, com remates.

Os vãos presentes nas fachadas, são todos eles constituídos por janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco, moldura em cantaria vermelha, com pintura gasta de cor castanho, e algumas janelas apresentam também tapa-sóis em madeira com pintura gasta a verde-escuro, faltando algumas ripas de madeira dos mesmos.

Fachada Oeste, apresenta dois pisos acima da cobertura do edifício, com uma janela caracterizada atrás, no 3º piso, posicionada a Norte da fachada e duas janelas no 4º e último piso. As três janelas deste piso apresentam tapa-sóis, um quase todo destruído.

Fachada Norte, idêntica à fachada Oeste, com uma janela no piso 3, e duas no piso 4.

Fachada Sul, com quatro janelas, uma no 2º e 3º piso, centradas na fachada e duas no 4º piso. Somente a janela Oeste do 4º piso apresenta tapa-sóis.

Fachada Este, com representação somente de duas janelas no 4º piso, janela a Sul com tapa-sóis. Fachada esta com eflorescências, devido à falta de manutenção e existência de tanque de água preso à fachada. Existência ainda de antena presa à fachada.

1.14.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.14.12. - Cronologia: 1891 - Provável data de construção do imóvel.

1.14.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, neoclássica. Planta com forma em “L”, com volumes articulados, e torre central. Fachada principal orientada a Oeste, com jardim intercalado com a via pública, e presença dos elementos tradicionais da arquitectura madeirense, tais como alpendre e torre “avista-navios”.

Solar bem enquadrado no terreno sinuoso e desnivelado, com uma arquitectura pitoresca, tal como toda a envolvente da mesma.

Devido à impossibilidade de entrar no interior da torre, não é possível classifica-la quanto à sua organização interna.

1.14.14. - Utilização inicial: Residencial

1.14.15. - Utilização actual: Devoluto: Escola básica Nun’ Alvares inactiva.

1.14.16. - Proprietário: Propriedade Pública

1.14.17. - Utente: Proprietário

1.14.18. - Conservação geral: Má

1.14.19. - Documentação: Não definido

1.14.20. - Observações: A escola básica Nun’ Alvares, funcionou em tempos no então edifício, funcionando até 1974 com escola básica e secundária. A escola actualmente encontra-se inactiva desde cerca de 2007 ou 2008.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

Uma vez que não foi possível, a entrada ao interior do edifício, nem a disponibilização por parte dos responsáveis do edifício do levantamento arquitectónico do mesmo, esta fase fica sem efeito, constituindo somente o acervo fotográfico do exterior, como elemento de análise e estudo do edifício.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.15 CASA MUSEU FREDERICO DE FREITAS

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.15.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.15.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.15.3. - Designação: Palácio da Calçada / Casa - Museu Frederico de Freitas

1.15.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°38'59.58"N, 16°54'44.65"W

1.15.5. - Acesso: Calçada de Santa Clara

1.15.6. - Protecção: Não Definido

1.15.7. - Época de construção: Séc. XVIII, XIX e XX.

1.15.8. - Imagem:



Figura 107 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)



Figura 108 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.15.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício murado, integrado em quarteirão no núcleo histórico da São Pedro, integrado em terreno desnivelado e sinuoso (Calçada), característico da cidade do Funchal, localizado logo no início da calçada ladeado a Norte pelo Convento franciscano de Santa Clara, mandado construir no séc. XV pelos capitães donatários da ilha, a Sul ladeado pelo Palácio de São Pedro (16), a Sudeste pela Igreja de São Pedro, mandado erguer no final do século XV, sofrendo obras de recuperação no séc. XVIII, e a Este, ladeado pela via pública principal (Calçada de Santa Clara) de sentido descendente, pavimentada a asfalto e passeio estreito pavimentado a calçada portuguesa.

A circundar o edifício, encontra-se também edifício civil e religiosos, representativos da arquitectura citadina da cidade do Funchal, conotando ao conjunto arquitectónico um carácter pitoresco.

1.15.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício composto por vários volumes, articulados entre si e escalonados, com coberturas diferenciadas, sendo maioritariamente de quatro águas, proporcionando ao conjunto arquitectónico uma planta irregular composta.

As fachadas são rebocadas e pintadas de vermelho-escuro e os beirais são duplos e triplos.

O acesso ao edifício faz-se através da Calçada de Santa Clara, com existência de um grande portão em ferro forjado pintado de verde-escuro, acompanhado lateralmente a Sul por muro de sustentação rebocado e pintado de vermelho escuro e a Norte por edifício anexo, para escritório e lojas. O mesmo é acompanhado por rampa de acesso ao pátio de entrada, pavimentado a calhau rolado e jardim lateral.

Fachada orientada a Este, sobrepõem a via pública, com grande volumetria constituída por 3 pisos, onde antigamente encontrava-se a loja. Piso do rés-do-chão constituído por uma porta de verga recta e moldura em cantaria e três janelas com moldura igualmente em cantaria e gradeamentos em ferro forjado. No 2º piso, existência de quatro janelas de peitoril, constituídas por tapa-sóis em madeira pintada de verde escura e moldura em cantaria, estas alinhadas com as janelas de sacada do piso superior, com gradeamento em ferro, e igualmente emolduradas a cantaria, encimadas por friso e cornija recta e lambrequim em madeira pintado de verde-escuro e desenhos a branco, recortados e ondulados.

Fachada principal orientada a Norte, com planta em forma de “U” invertido, ladeado nos ângulos por duas torres quadrangulares com cobertura em bolbo de zinco pintado de cinzento. Fachada principal de dois pisos, com alpendre tripartido, com parte central sobrelevada com lambrequins recortados e ornamentos, pintada de cor branca. Cobertura da parte central em bolbo de folha pintada de cinzento. Portas de lintel curvo e moldura em cantaria nas torres. 2º piso com representação de quatro janelas de peitoril, duas delas nas torres e duas outras nas fachadas, de caixilharia de guilhotina, em madeira, tapa-sóis de madeira pintada de verde escuro e molduras de cantaria. Janelas das torres de verga curva, de pequenas dimensões, tapa-sóis em madeira e moldura em relevo pintada de branco. Alas laterais com vãos simétricos, apresentando no rés-do-chão, três portas de verga recta e no 2º piso, três janelas de peitoril, de idênticas características que as anteriores retratadas. Fachadas encimadas por guarda em alvenaria, com recortes e pintada de branco. Fachadas com embasamento saliente pintado de branco, e pilastras nos cunhais, em alvenaria pintada de branco.

Fachada Sul, ladeada por jardim pavimentado a calhau rolado e árvores de médio porte, elevado em relação á via pública, constituindo a extremo Sul do jardim, uma “casinha de prazer”, estrutura em madeira, com planta rectangular, toda ela constituída por envidraçado com lintel curvo, estrutura pintada de verde-escuro, com lambrequins recortados e

ornamentados pintados de branco e telhado de zinco. Estrutura romântica de influência britânica.

É de salientar ainda, clarabóia localizada centralmente em relação ao conjunto arquitectónico, que fornece luz natural ao jardim de inverno interior.

Fachada Sul, toda ela composta por vãos articulados e posicionados harmoniosamente na fachada, de idênticas características que os vãos anteriormente caracterizados.

O interior é caracterizado por elementos de influência de Arte Nova e neoclássica.

TORRE: Torre de planta quadrangular no último piso da torre, e assimétrica, composta por uma outra divisão articulada com a mesma, nos pisos inferiores, constituída no total por 4 pisos e definida por janelas dispostas ao longo de todas as fachadas.

Corpo vertical articulado com os demais volumes compostos do edifício principal, posicionada a Sudoeste, em relação ao conjunto arquitectónico.

Cobertura em telhado de quatro águas, de telha canudo e beirais duplos.

Fachadas de alvenaria, rebocas e pintadas de vermelho escuro, com janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco, tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro e moldura em cantaria vermelho.

Fachada orientada a Sul, com três janelas, uma pelos 2º, 3º e 4º pisos, apresentando a janela do 2º piso, gradeamento em ferro,

Fachada Este, Oeste e Norte, com representação de uma só janela, no último piso da torre, de idênticas características, fisionomia e materiais que as anteriores descritas.

No interior e até ao 3º piso, a torre apresenta duas salas, interligadas e articuladas entre si, apresentando escada de acesso aos pisos superiores localizada na sala central, e posicionada centralmente em planta. Planta do 4º piso, com planta quadrangular, constituindo somente uma única sala, com as paredes constituídas por janelas de peitoril cada, e escada de acesso, com forma simples e rectangular, em madeira e balaustrada em madeira, posicionada centralmente no volume arquitectónico.

Pavimento em soalho de madeira, com rodapés e moldura dos vãos em madeira pintada de branco e envernizada. Paredes estucadas e pintadas de branco.

Tecto constituído em madeira pintada de branco, com forma piramidal representativa da estrutura da cobertura.

1.15.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Obras de conservação entre 1984 a 2000: Arquitectos: Maria João Cardoso e Gastão Salgado da Cunha; estruturas: António Costa e Duarte Jesus.

1.15.12. - Cronologia: Séc. XVI, finais - Construção inicial da casa pelos Condes da Calçada; Séc. XVIII / XX - Construção de anexos e remodelações;

1940 / 1950 - Imóvel alugado pelo jurista Frederico da Cunha e Freitas, que recolheu e conservou toda a sua vida objectos artísticos que o levaram a tornar-se um "coleccionador de colecções";

1978, 26 Novembro - após a sua morte, doou em testamento todo o seu acervo artístico e de colecção à R.A.M. que constituía o recheio da sua casa à Calçada de Santa Clara, a considerar de utilidade pública: *“Lega à Região Autónoma da Madeira o seu património mobiliário que constitui o recheio da sua casa de residência à Calçada de Santa Clara e lega o dito património a considerar de utilidade pública.”*; posteriormente, a R.A.M. adquiriu o imóvel dos Condes de Calçada e procedeu à sua recuperação, dado o seu mau estado por falta de manutenção e deficiências construtivas;

1984 - Primeira fase da Construção ou remodelação do edifício, uma vez que o mesmo encontrava-se muito degradado por total falta de manutenção e graves deficiências construtivas, ameaçando ruir em algumas zonas; início dos estudos de recuperação por artistas de diversas áreas;

1988, Junho - aberta ao público;

1996, Junho - Execução da segunda e última fase das Obras de construção e remodelação, onde duplicaram-se a área de pavimento de 1750 m² para 3200 m², onde renovaram-se e reabilitaram-se 700 m² de jardim. Construção de raiz de um novo edifício anexo, junto ao muro de suporte de terras do Convento de Santa Clara, destinado á exposição permanente de Azulejos, Auditório e Cafetaria;

1999, 30 de Setembro - Finalização das obras da 2ª fase do projecto com instalação de todo o Acervo, com inauguração de novos espaços museológicos.

1.15.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, romântica.

Solar urbano, com planta irregular, com vários volumes compostos e articulados, com coberturas múltiplas. Fachada principal orientada a Norte, com pátio central, cujo volume central apresenta planta em “U” invertido. Conjunto arquitectónico ladeado por jardins, sendo o jardim a Sul de tipo “francês”, com recortes e composição geométrica, com árvores de pequeno porte e pavimento a calhar rolado. Os jardins dispersos ao longo do terreno desnivelado, cercando o conjunto arquitectónico, a própria cor das fachadas do edifício, a “casinha de prazer”, as coberturas em bolbos das torres e do alpendre e os próprios lambrquins presentes nos vãos, alpendres e estruturas anexas, evidenciam a influência romântica do edifício, marcadas fortemente também através das estruturas e elementos interiores com influência de Arte Nova, conotada como uma corrente romântica, com formais vegetais, florais e sinuosas.

Em relação á organização interior da torre, é possível caracterizá-la como “TORRE SIMPLES”, no último piso da mesma, uma vez que apresenta somente um volume quadrangular delimitado pelas paredes exteriores, com localização central no volume das escadas de acesso. Em relação aos pisos inferiores, é possível classificar a organização espacial como ‘TORRE COMPOSTA OU COM COMPARTIMENTOS’, uma vez que apresenta mais que uma sala, independentes e com plantas irregulares.

1.15.14. - Utilização inicial: Residencial

1.15.15. - Utilização actual: Cultural: Casa - Museu Frederico de Freitas

1.15.16. - Proprietário: Propriedade Pública

1.15.17. - Utente: Proprietário

1.15.18. - Conservação geral: Bom

1.15.19. - Documentação: Não definido

1.15.20. - Observações: O Dr. Frederico de Freitas, nasceu a 15 de Dezembro de 1894, licenciando-se em Direito pela Universidade de Coimbra, tendo depois disto uma brilhante carreira profissional, e sendo um homem de espírito artístico, realizou ao longo da sua vida, iniciativas e projectos culturais para a cidade do Funchal, reunindo no final de sua vida um grande acervo de obras de arte e colecções diversas.

A Casa - Museu Frederico de Freitas, compila todas as suas colecções artísticas, constituindo-se como um museu de azulejos de diversas influências (hispano - mouriscas, etc.), bem como de esculturas religiosas, de mobiliário antigo do séc. XII ao XIX, e Estampas, Desenhos, Aguarelas do séc. XIX.

Para mais informação de contexto histórico, ver www.monumentos.pt.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Através das plantas seguintes é possível observar, a composição articulada dos volumes compostos que constituem o objecto arquitectónico, interligados interiormente através de vãos, de livre acesso e circulação entre os mesmos.

Planta do nível dois, com forte evidenciar do jardim geométrico a Sul, e dos anexos do lado Norte, construídos á posteriori.

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

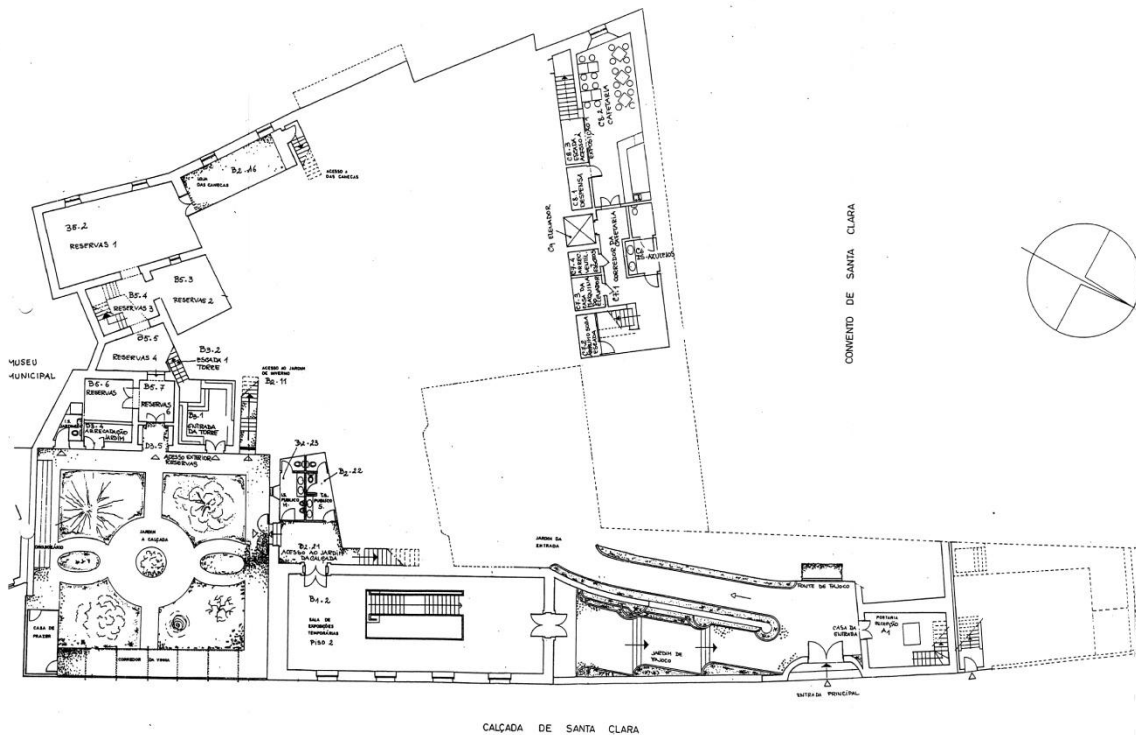


Figura 109 - Planta nível 2

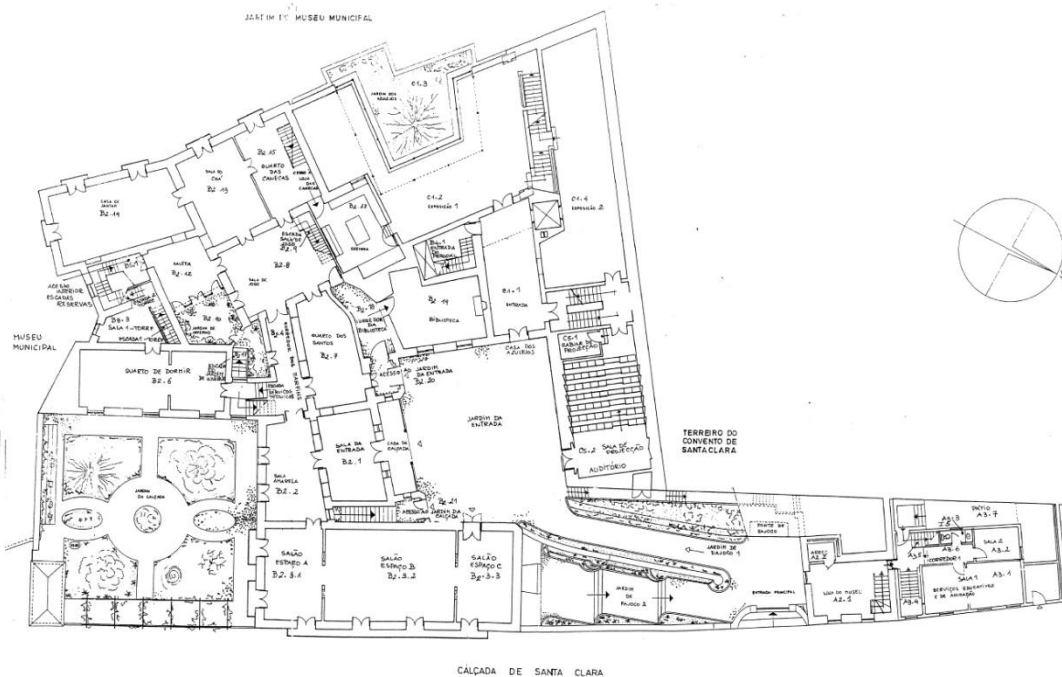
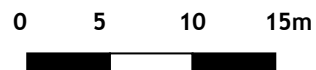
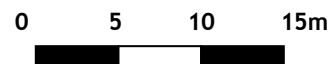


Figura 110 - Planta nível 3



Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

Planta do nível 3, onde é possível verificar num contexto geral de todo o conjunto arquitectónico, com representação de todas as áreas que compõem o mesmo.

Possível verificar ainda, que todas as salas interligam-se por intermédio de uma porta, constituindo-se simultaneamente espaços de circulação e de estar.

Salas com plantas irregulares, maioritariamente de rectangulares assimétricas, que complementam-se espacialmente umas com as outras.

Planta da Cobertura, com representação fiel do volume quadrangular da torre, inserido no conjunto arquitectónico composto e articulado através das coberturas múltiplas, representação das janelas, uma por fachada, e das escadas de acesso, simples e com forma rectangular posicionadas em planta centralmente em relação ao volume. Possível observar ainda as coberturas de telhado de quatro águas, múltiplas, articuladas entre si, conotando ao conjunto arquitectónico, um jogo de altos e baixos e um carácter pitoresco, característico da arquitectura tradicional madeirense.

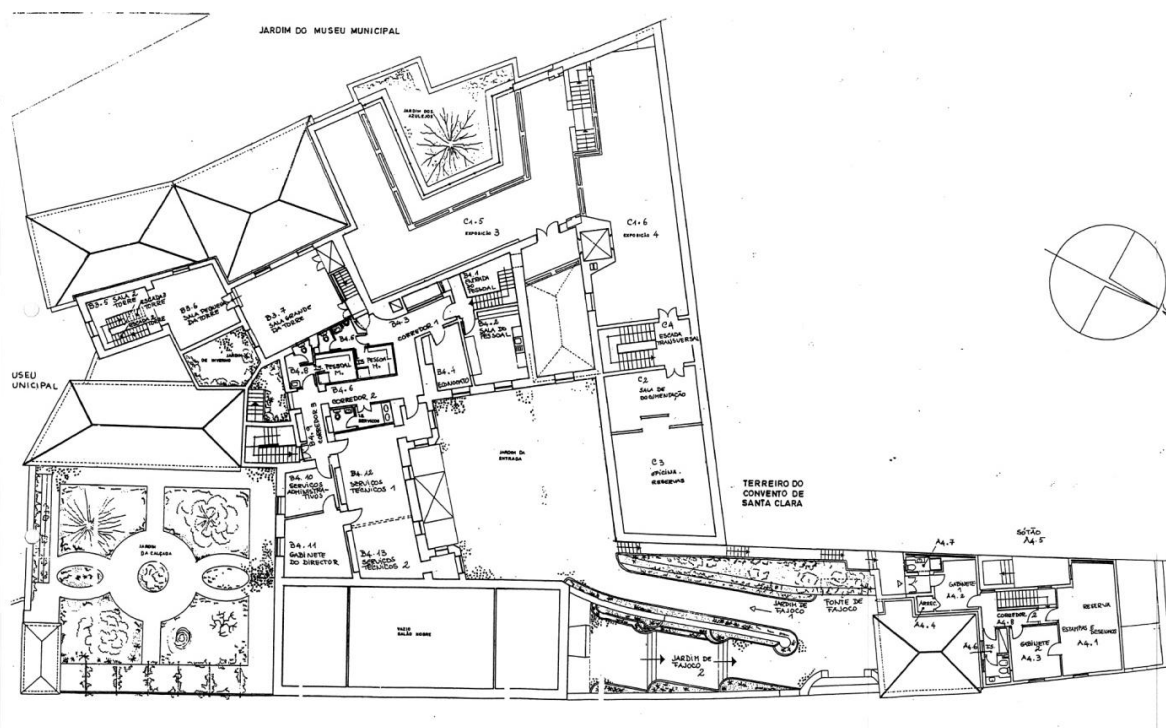


Figura 111- Planta nível 4

0 5 10 15m

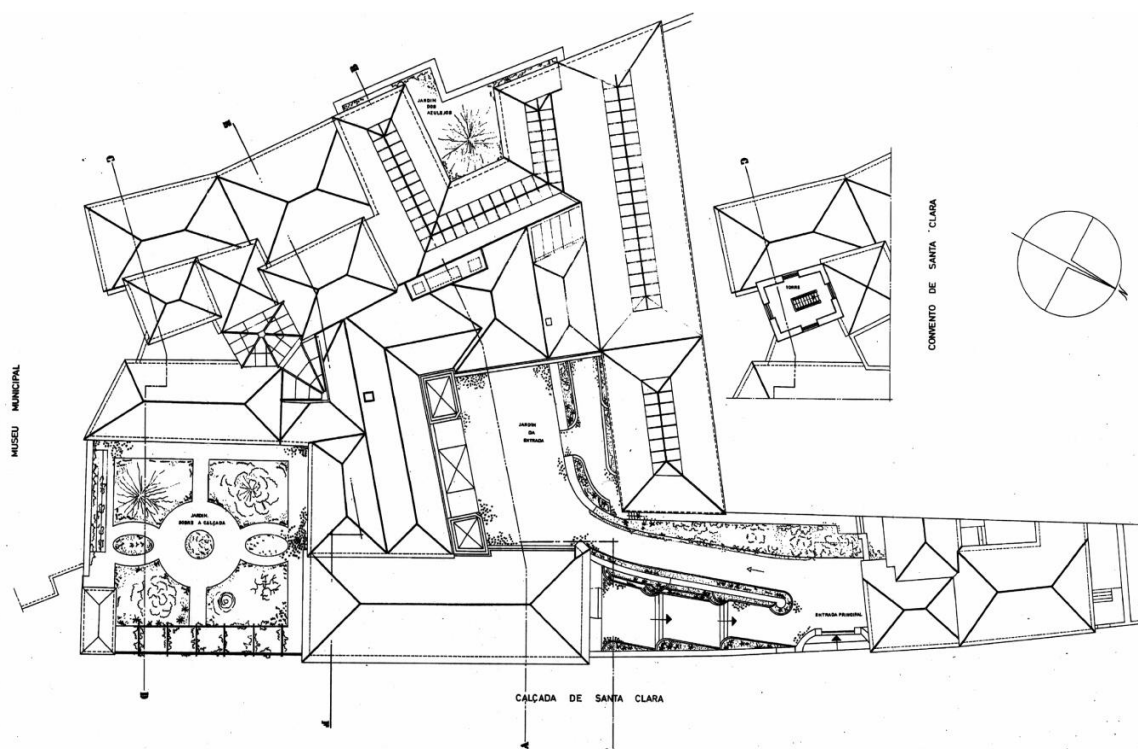
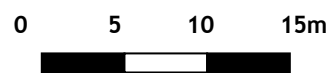


Figura 112 - Planta da Cobertura e da Torre



Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.16 PALÁCIO DE SÃO PEDRO

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.16.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.16.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.16.3. - Designação: Palácio de São Pedro

1.16.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°38'58.62"N, 16°54'43.77"W

1.16.5. - Acesso: Rua da Mouraria, nº 70 a 78

1.16.6. - Protecção: VCR, Res. do Presidente do Governo Regional nº 1067/93, JORAM nº 124 de 27 Outubro 1933

1.16.7. - Época de construção: Séc. XVII a XX.

1.16.8. - Imagem:





Figura 113 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)

1.16.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício isolado, integrado em quarteirão no núcleo histórico de São Pedro, localizado na confluência de duas vias principais, pela Calçada de Santa Clara, de sentido descendente e pela Rua da Mouraria a Sul, também de um único sentido, pavimentada a paralelepípedos de basalto e passeio estreito pavimentado a calçada portuguesa. O edifício é ladeado a Norte pela Casa-Museu Frederico de Freitas (15), a Sul pela Rua da Mouraria, e a Este por edifícios residenciais, intercalado por jardim pavimentado a calhau rolado pertencente ao Museu. A Oeste o edifício confronta directamente a Igreja de São Pedro e a Sul, o Palácio da Mouraria (20), palácio urbano de importância no contexto social e arquitectónico da cidade do Funchal.

1.16.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício de planta quadrangular, articulada com volumes compostos, e torre central, sobrelevada em relação ao conjunto arquitectónico.

Apresenta do lado Este, jardim de plantas aromática, pavimentado a calhau rolado. Grande volume volumétrico, que se destaca dos demais edifícios circundantes, devido à sua imponente volumetria e elementos arquitectónicos presentes nas fachadas exteriores.

Cobertura de quatro águas de telha canudo, que no seu conjunto forma telhados múltiplos, de tipo tesoura, articulados e dispostos segundo respectivas salas. Beirais

Fachada principal, de três pisos, orientada a Sul, de acesso directo à via pública, a Rua da Mouraria. Com forte presença de embasamento em cantaria, tal como o entablamento, com presença de gárgulas em pedra e pilastras nos cunhais em cantaria, sobre estilóbatos e friso relevado.

No rés-do-chão existência de 6 janelas, gradeadas, com caixilharia de madeira e molduras em cantaria. Ao Centro, grande porta de entrada, ladeada por duas pilastras, com entablamento, friso, lintel e meio frontão curvilíneo, apresentando ao centro brasão de família corado, em mármore. No 2º piso, 6 janelas com caixilharia de guilhotina em madeira pintada de branco, com moldura, filete e entablamento em cantaria, que interligam às janelas de sacada do andar nobre. Estas, com portadas envidraçadas, com moldura de cantaria encimadas por friso e cornija. Gradeamento de ferro forjado pintado de verde-escuro.

Todas as janelas desta fachada principal, estão alinhadas horizontal e verticalmente, em equilíbrio e harmonia.

Mais a Este e ainda nesta fachada, existência de muro contínuo à fachada, com portão em ferro forjado pintado de verde-escuro que dá acesso ao jardim de plantas aromáticas.

Fachada Este e Oeste, com sistema compositivo e decorativo idêntico, com as janelas posicionadas e alinhadas de igual maneira que na fachada principal e estas, de idênticas características que as anteriores.

No interior, átrio principal, pavimentada a calhau rolado, com escadas de acesso aos pisos superiores posicionadas centralmente. Ainda no átrio de entrada, no lado direito, porta de acesso ao aquário.

Salientar ainda para a existência, na fachada orientada a Este, de passeio em calhau rolado, pertencente originalmente à casa, e fachada da Capela da habitação, com porta de verga recta, encimada por arco de cantaria gradeado.

TORRE: Torre com planta quadrangular, com 6 pisos, sobrelevada em relação ao corpo principal, 2 pisos. Planta da torre central em relação ao volume arquitectónico, recuada em relação à fachada principal do edifício, orientada a Sul.

Cobertura em telhado de quatro águas, em telha canudo, com beiral simples e entablamento relevado em cantaria.

Paredes em alvenaria, rebocadas e pintadas de branco.

Fachadas orientada a Sul, Este e Oeste com dois pisos, fachada orientada a Norte, somente com um piso.

Fachada orientada a Sul, com existência no rés-do-chão, de duas janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina, em madeira pintada de branco, moldura de cantaria pintada de cinzento, encimada por cornija recta, relevada. No 6º piso, três janelas de peitoril, caixilharia de guilhotina em madeira e moldura em cantaria vermelha, dispostas simetricamente ao longo da fachada. Fachada Oeste, com disposição de três janelas no piso 5, e duas no piso 6, de idênticas características, volumetria e materiais, que às anteriores caracterizadas.

Fachada Norte, com uma janela de iguais característica que às anteriores caracterizadas, posicionada no extremo Oeste na fachada.

Fachada Este, com existência de duas janelas de peitoril no piso 5, e três no piso 6. As três janelas de piso 6 são de sacada, duas delas de verga recta e a janela central, de verga curva, com portadas envidraçadas e moldura em cantaria.

No interior, a torre apresenta um único espaço com volumetria rectangular, com escada de acesso em madeira e balaustrada trabalhada igualmente em madeira, com forma rectangular, estreita, e posicionada junto á fachada Norte da torre. A torre é constituída assim por uma única sala, utilizada actualmente com arquivo de documentos e escritório.

Pavimento em soalho de madeira, tal como os rodapés. Moldura dos vãos em madeira pintada de branco e existência de estores nos mesmos.

1.16.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Arquitecto desconhecido, Pintor Max Romer (1947) e escultor mestre Anjos Teixeira (1963).

1.16.12. - Cronologia:

1.16.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, de influência Neoclássica (Torre) e Barroca (Edifício). Palácio urbano isolado, confluyente com duas ruas, tendo a fachada principal orientada a Sul ladeada pela Rua da Mouraria e a Este, pela Calçada de Santa Clara. Apresenta uma planta quadrangular, com telhados múltiplos, atribuindo ao edifício uma cobertura tipo tesoura, e torre de planta rectangular localizada centralmente e característica da arquitectura madeirense. Fachadas tipicamente ornamentadas, com vãos alinhados segundo dois eixos, posicionados na mesma simetricamente, evidenciando uma intencional racionalidade métrica. Os vãos presentes na fachada denotam a funcionalidade de cada piso, sendo o piso nobre, com vãos de sacada e mais ornamentados.

Em relação à organização espacial da torre, é possível classificá-la com ‘TORRE SIMPLES’, uma vez que é constituída por uma só sala, com localizada da escada de acesso junto à fachada Norte.

1.16.14. - Utilização inicial: Residencial

1.16.15. - Utilização actual: Administrativa / Cultural: Museu de História Natural e Aquário

1.16.16. - Proprietário: Propriedade Pública

1.16.17. - Utente: Proprietário

1.16.18. - Conservação geral: Bom

1.16.19. - Documentação: Não definido

1.16.20. - Observações: Não definido

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Através das plantas seguintes, é possível analisar a organização espacial do interior do edifício, que desde logo podemos observar a sobreposição dos pisos, escalonados e alguns com duplo pé direito.

Logo na planta de Rés-do-chão, é possível verificar a ocupação dos volumes laterais, neste piso, apresentando a parte Norte da planta elevada um piso em relação ao piso térreo.

Construção das alas laterais de forma racional e rígida, respeitando um código ortogonal, com representação diferenciada de zonas de circulação e áreas de estar (Sala). A planta do rés-do-chão, destinava-se originalmente às lojas, sendo os andares de serviços e nobre, os superiores.

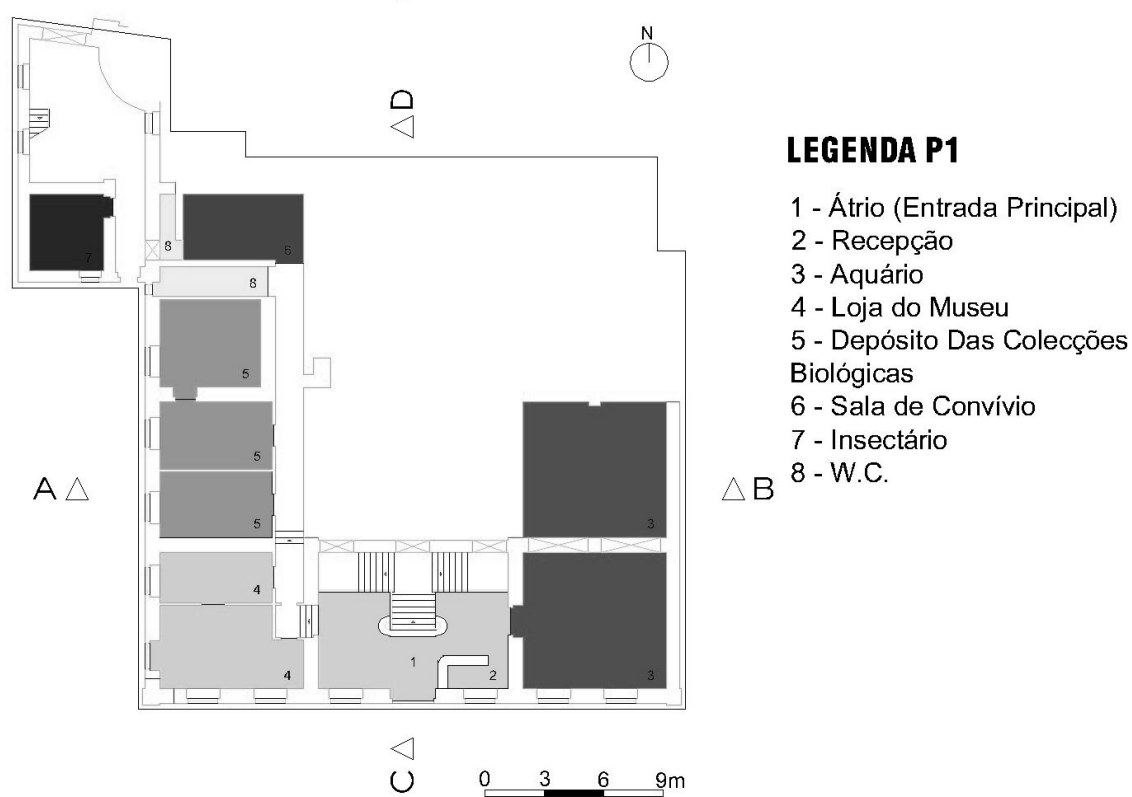


Figura 114 - Planta do rés-do-chão (Autora)

Planta do 2º piso é intermédia, constituída somente por um volume quadrangular, onde localizam-se as escadas de acesso ao andar de serviços (piso 3). Estas consequentemente

subdividem-se, dando origem a duas escadas, localizadas em cada uma junto às paredes, criando simultaneamente um vazio ao centro. Esta planta vem a evidenciar o jogo de volumes e altimetrias dispostas no interior do edifício.

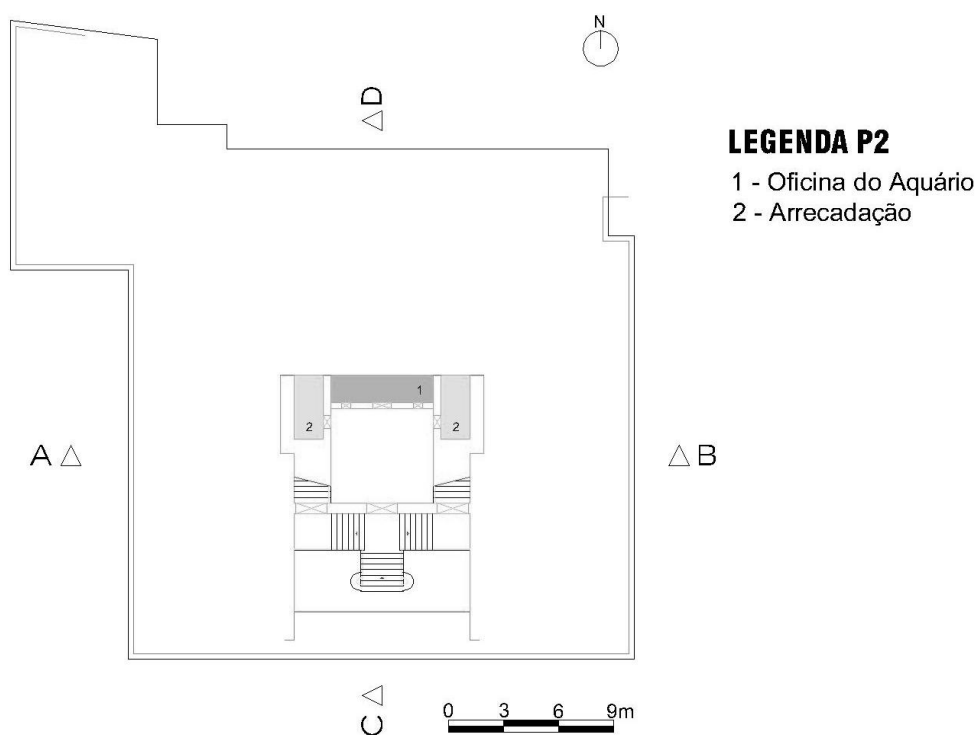


Figura 115 - Planta do 2º Piso (Autora)

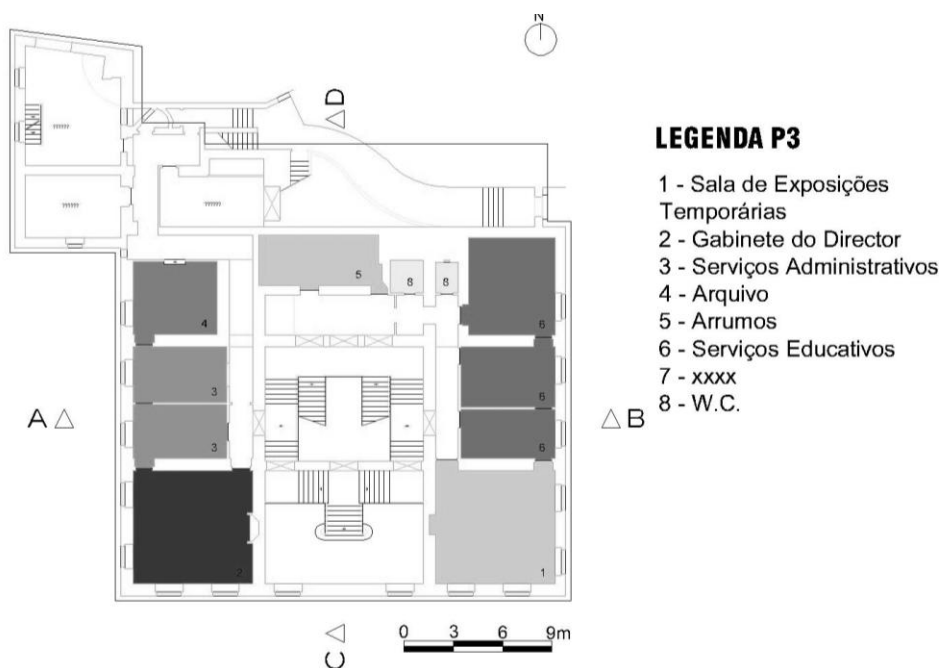


Figura 116 - Planta do 3º piso (Autora)

Planta do 3º e 4º pisos idênticas, com representação fortemente marcada das escadas principais, representadas em planta como elemento principal e central de toda a organização interior do mesmo, uma vez que a partir destas, se desenvolve de forma coerente, racional e ortogonal, as conseqüentes salas, circundantes da estrutura quadrada das escadas. As Salas actualmente com a exposição permanente de História natural, estabelecem comunicação entre elas, uma vez que se desenvolvem continuamente, e apresentam portas de ligação entre uma e outra sala. Desta forma, possibilitam uma interligação contínua e comunicação mútua.

Possível ainda verificar os espaços anexos ao edifício, com sua organização espacial de conteúdo igualmente rígido.

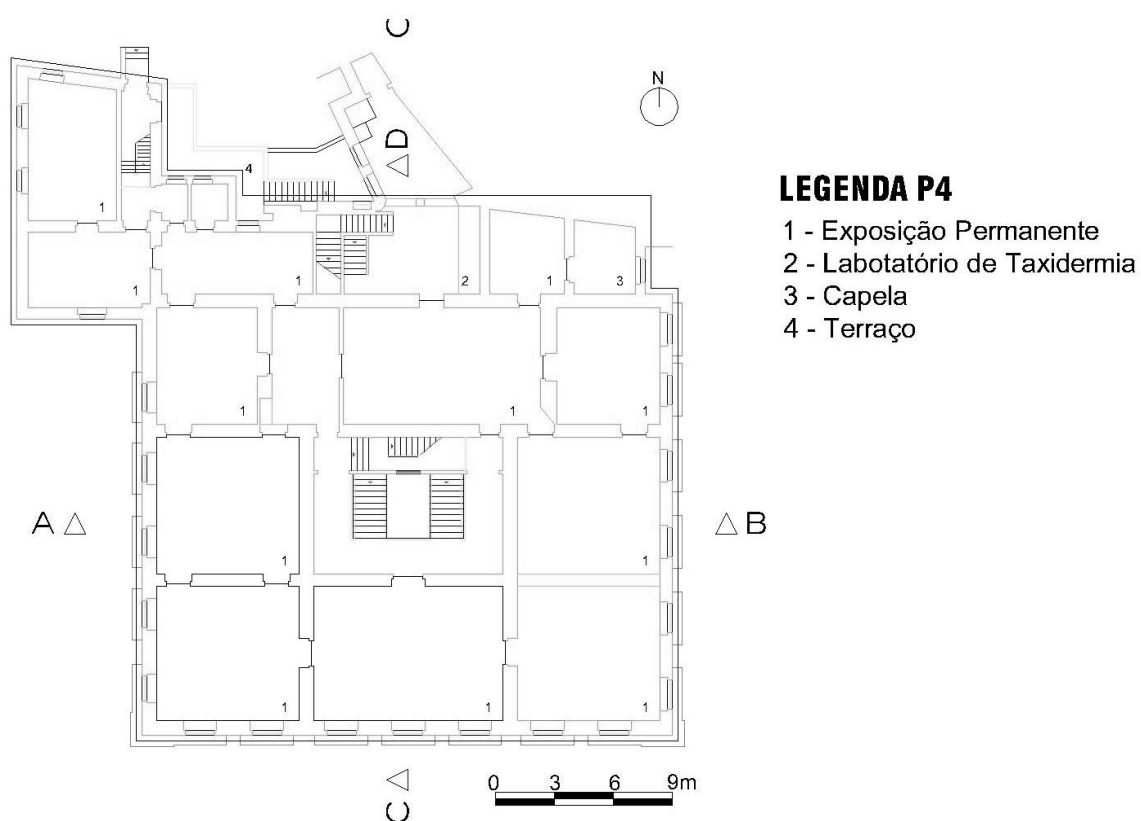


Figura 117 - Planta do 4º Piso (Autora)

Planta do 5º piso, é possível verificar que a representação em planta é pertencente a um volume destacado em altura do edifício principal, onde a área das escadas foi substituída por uma sala intermédia.

Planta da Torre, com representação regular da forma em rectângulo da mesma, simples, composta somente por uma sala definida pela estrutura da torre, com representação das escadas estreitas e rectangulares, posicionadas do lado Norte do então volume e destacado dos restantes volumes do edifício.

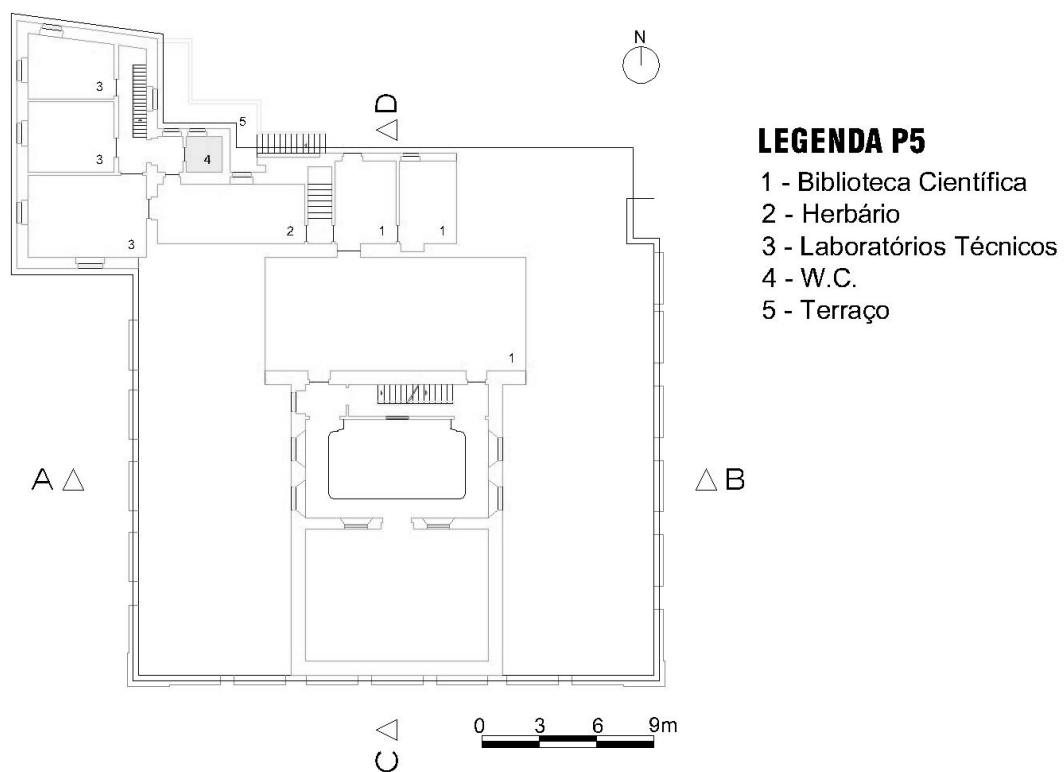


Figura 118 - Planta do 5º Piso (Autora)

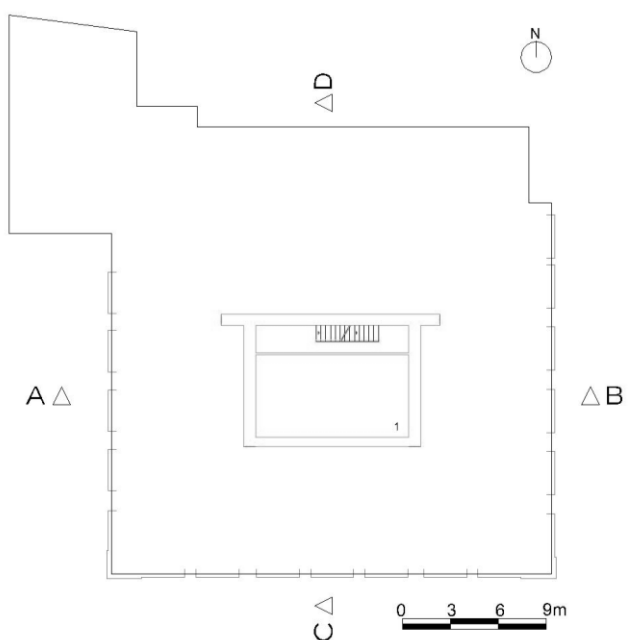


Figura 119 - Planta do piso intermédio entre 5º e 6º Piso (Autora)

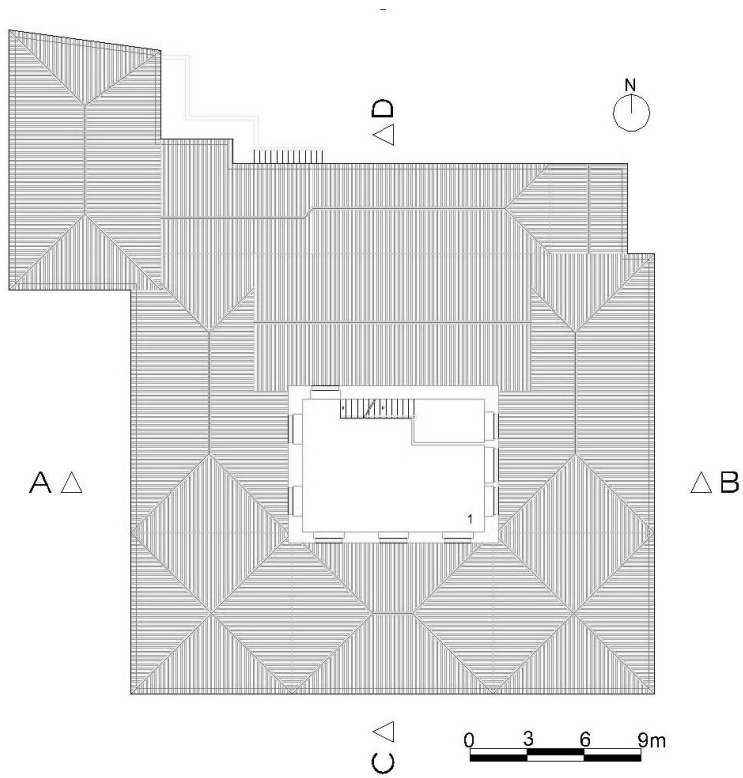


Figura 120 - Planta da Torre_6º Piso (Autora)

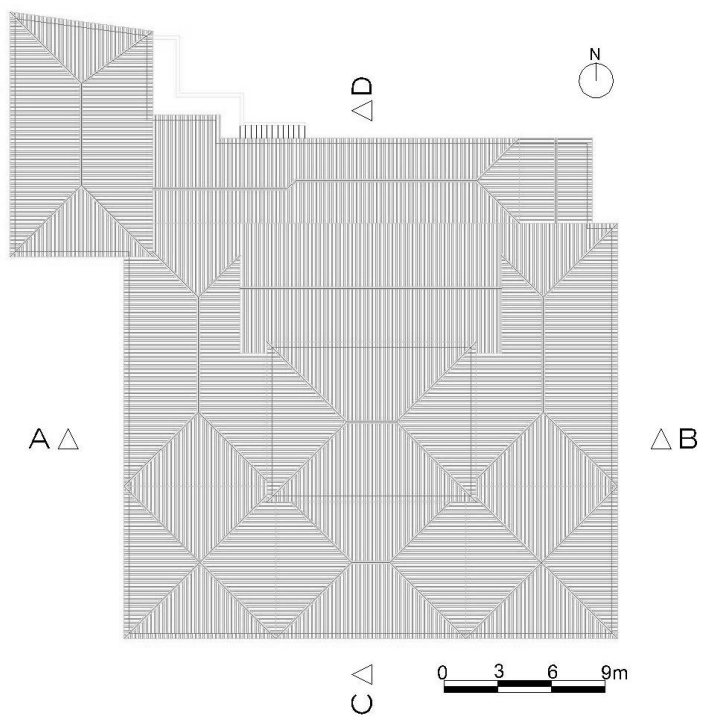


Figura 121 - Planta da Cobertura (Autora)

Planta da Cobertura, com representação dos telhados múltiplos, de quatro águas, em formato tesoura, denotando ao edifício uma característica insular e um jogo de volumetrias articuladas.



Figura 122 - Alçado Principal (Autora)

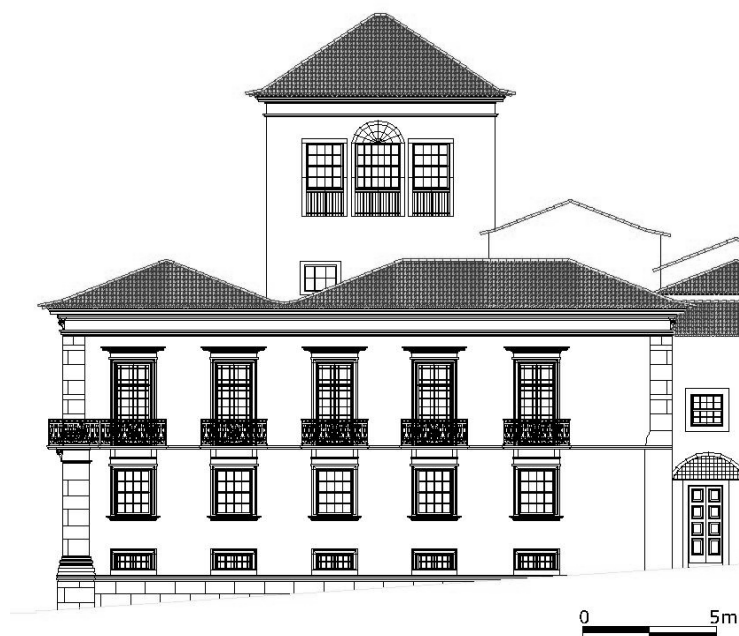


Figura 123 - Alçado Este (Autora)

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.17 SOLAR DOS ZINOS

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.17.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.17.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.17.3. - Designação: Solar dos Zinos / Edifício na Rua da Carreira, nº 198 a 202

1.17.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°38'58.62"N, 16°54'43.77"W

1.17.5. - Acesso: Rua da Carreira, nº 198 a 202

1.17.6. - Protecção: Não Definido

1.17.7. - Época de construção: Séc. XVIII, provavelmente.

1.17.8. - Imagem:





Figura 124 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)

1.17.9. - Enquadramento: Urbano.

Solar urbano, murado e isolado, localizado junto a uma das ruas mais importantes da cidade do Funchal, a Rua da Carreira. O edifício está integrado junto à confluência de duas Ruas, a Rua da Carreira, de sentido rodoviário único e a Rua do Quebra Costa. Sendo a Rua da Carreira pavimentada a paralelepípedos de basalto com passeio pavimentado a calçada portuguesa e a Rua do Quebra Costas, pavimentada a calhau rolado e passeio a calçada portuguesa.

A Norte, o Solar é ladeado pela Igreja Inglesa e seus jardins e a Este, o edifício é ladeado por outros edifícios habitacionais, tal como toda a envolvente, é constituída por edifícios de cunho residenciais e características tradicionais da arquitectura madeirense.

1.17.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: O edifício apresenta uma planta com forma rectangular, irregular, com volumes articulados, compostos e escalonados, com presença de torre ao centro do conjunto

arquitectónico, logradouro localizado a Noroeste do edifício pavimentado a calhau rolado com existência de árvores de grande porte e muita vegetação rasteira, e ainda no extremo Oeste do jardim, existência de casinha de prazer, toda ela em alvenaria, pintada de amarelo, de influência mourisca e romântica e de outra casinha de prazer, alinhada lateralmente com a anterior e oposta à primeira. Esta última, é igualmente em alvenaria, mais simples que a anterior e está contígua ao edifício principal e ao alpendre que dá para o jardim.

As paredes são em alvenaria degradadas, rebocadas e pintadas de amarelo ocre. A cobertura apresenta telhados múltiplos, de três e quatro águas, de telha canudo e beirais duplos.

Fachada principal orientada a Sul, com muro localizado a Oeste e que faz separação física da propriedade com a vida pública, em alvenaria, rebocado e pintado de amarelo com embasamento pintado de vermelho escuro. Fachada principal com rebocada e pintado a amarelo claro com cobertura de quatro águas, estas por sua vez tapadas por entablamento isolado sobre friso e cornija pintado de castanho. Embasamento relevado pintado e castanho e pilastras nos cunhais de alvenaria, pintados igualmente de castanho.

No rés-do-chão, existência de três portas de verga recta, ao centro da fachada, com moldura em cantaria de pedra da região e duas janelas com moldura em cantaria e gradeamento de ferro, uma em cada extremo da fachada,

tendo a janela mais a Este tapa-sóis de alumínio, tal como a porta situada na fachada mais a Este, com caixilharia de alumínio verde.

2º Piso com 5 janelas de sacada com caixilharia de madeira, alinhadas com os vãos do piso térreo, com moldura em alvenaria pintada de castanho, encimadas com lambrequins em madeira pintada de verde-escuro e frontão recortado, com ornamentação vegetal e marinha, pintado de castanho. Janela central, com sacada curva. Gradeamentos em ferro forjado pintado de verde-escuro.

Ainda neste piso e a Oeste, presença da fachada Sul da casinha de prazer contígua ao edifício, com existência de entablamento, sobre friso e cornija pintado de castanho, e par de janelas geminadas com portadas de madeira e moldura pintada de castanho e encimadas com alto-relevo decorativo na fachada.

Em relação ao volume recuado, inserido dentro do edifício principal, cuja fachada Sul partilha conjuntamente com a fachada Sul da torre, apresenta dois pisos, o inferior com existência de três janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina e moldura de cantaria e piso superior com duas janelas laterais de idênticas características e no centro volume em consola envidraçado com forma pentagonal e cobertura de 5 águas.

Fachada Norte com composição dos vãos na fachada de idênticas características e simétricos com a fachada Sul.

Fachada Oeste pertence a um volume saliente, com cobertura de três águas, beiral duplo e presença de caleira. Num primeiro plano da fachada, o mesmo apresenta alpendre acima do nível do solo, com cobertura de folha de zinco, e beiral em cantaria sobre hastes de berro forjado pintado de verde e guarda igualmente em ferro pintado verde-escuro, trabalhado e

ornamentado e escadas laterais em cantaria de acesso ao alpendre. Num plano recuado, da fachada Oeste do edifício, existência de três portas de verga recta com moldura de cantaria e portadas de madeira pintada de verde e alinhadas com os vãos superiores. 2º e 3º pisos, existência de três janelas em cada piso, de peitoril, caixilharia de guilhotina, molduras em cantaria vermelha e tapa-sóis de madeira pintada de verde. Algumas destas janelas já não apresentam vidros ou tapa-sóis.

“Casinha de prazer” localizada isoladamente do conjunto arquitectónico e no extremo do jardim com planta quadrangular regular, com uma volumetria pequena elevada acima do solo cuja fachada principal orientada a Este, apresenta escadas de acesso ao mesmo em cantaria, com guarda de ferro forjado trabalhado e ornamentado, fachada com embasamento pintado de castanho-escuro, fachada encimada por friso e cornija pintada de castanho-escuro, pilastras nos cunhais em alvenaria, relevadas e ornamentadas e pintadas de branco tal como a fachada. Porta central, ladeada por colunas de ordem jónica encimadas por friso e cornija ao longo da fachada. Porta encimada por semi-circulo com moldura dupla recortada e ornamentada com motivos decorativos, apresentando ao centro vitral com flor hexagonal. Fachada toda ela, com frisos e relevos rebocados e pintados de branco.

Fachada Sul da “Casinha de prazer”, directamente sobre a via pública, com filete relevado e ornamentado, pilastras nos cunhais, similares aos anteriores, com frisos e ao centro, janela tripartida com pilastras de duas colunas jónicas encimadas por friso e cornija e janelas encimadas por lambrequins em madeira pintada de verde-escuro e por três semi-circulo de idênticas características que à da fachada Oeste.

Fachada Oeste idêntica à fachada orientada a Sul, igualmente com janela tripartida, apresentando a janela central, maior dimensão e semicírculo de vitral de maior volumetria em relação aos laterais.

Fachada Norte, rebocada e pintada de amarelo ocre gasta, sem representação de qualquer vão.

TORRE: Torre com planta rectangular, recuada em relação à fachada principal do edifício orientada a Sul e integrada ao centro, em relação ao conjunto arquitectónico.

A torre apresenta 6 pisos, sendo a mesma sobrelevada em relação ao volume principal, 2 pisos.

Cobertura em telhado de quatro águas, com telha canudo, com patologias e quebrada, com beirais duplos e remates nos ângulos.

Paredes de alvenaria, rebocada e pintada de amarelo, apresentando a mesma mau estado de conservação, com pintura gasta e falta dela em algumas partes.

Fachada Este e Oeste com presença de uma janela de peitoril, último piso da torre, com caixilharia de guilhotina em madeira pintada de branco e moldura em cantaria, ambas centradas em relação à fachada. Janela da fachada Este com presença de meio tapa-sol, em

madeira pintada de verde-escuro. Janela da fachada Oeste não apresenta qualquer protecção.

Fachada Norte com uma janela de peitoril de idênticas características que as anteriores caracterizadas, uma por piso, correspondentemente no 5º e 6º piso, centradas na fachada. Janela do último piso com tapa-sóis em madeira pintada de verde escuro.

Fachada Sul, com representação de uma janela no 5º piso, simétrica à janela da fachada Norte, de peitoril sem caixilharia, nem protecção. No último piso, existência de par de janelas geminadas, de caixilharia de guilhotina, tapa-sóis em madeira pintada de verde e moldura de cantaria vermelha.

Todas as janelas apresentam vidros partidos ou falta deles, bem como de caixilharia, pintura ou tapa-sóis.

1.17.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.17.12. - Cronologia: Séc. XIX - provável data de construção do solar.

1800, finais - Solar pertenceu em tempos a António Giorgi, cônsul de Itália na Madeira Até então tem pertencido à família Zino.

1.17.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, barroca, neoclássica, romântica e com influências mouriscas. Solar com volumes articulados e compostos, com coberturas múltiplas. Fachadas simétricas, com articulação dos vãos (Fachada principal) simétrica segundo eixo longitudinal e vertical, alinhados e posicionados na fachada equilibradamente, denotando sua decoração segundo função do piso, piso nobre, janelas de sacadas ornamentadas e piso térreo - lojas. Influência romântica devido à existência de duas “casinhas de prazer” opostas e de características diferentes. Principal “casinha de prazer”, com decoração imponente e de influência mourisca, devido à presença dos arcos.

Em relação ao interior, foi-me impossibilitada a entrada ao interior do edifício e conseqüente torre, por isso, não me é possível caracterizar a torre segundo a sua organização espacial.

1.17.14. - Utilização inicial: Residencial

1.17.15. - Utilização actual: Devoluto. No entanto, o edifício está sob estudo, pois o solar será brevemente alvo de um projecto urbanístico de um condomínio de luxo, “Vila Giorgi”

1.17.16. - Proprietário: Propriedade Privada

1.17.17. - Utente: Proprietário

1.17.18. - Conservação geral: Má

1.17.19. - Documentação: Não definido

1.17.20. - Observações: O edifício encontra-se todo ele em más condições de conservação. No entanto e por razões por mim desconhecidas, foi impossibilitada a entrada ao mesmo, bem como o acesso às plantas. O edifício será brevemente alvo de obras de construção.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”

Uma vez que não foi possível, a entrada ao interior do edifício, nem a disponibilização por parte dos responsáveis do edifício do levantamento arquitectónico do mesmo, esta fase fica sem efeito, constituindo somente o acervo fotográfico do exterior, como elemento de análise e estudo do edifício.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.18 EXÉRCITO PORTUGUÊS - CENTRO DE RECRUTAMENTO DO FUNCHAL

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.18.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.18.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.18.3. - Designação: Edifício na Rua da Carreira, nº 153 e 155

1.18.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, Sé, 32°38'55.24"N, 16°54'45.57"W

1.18.5. - Acesso: Rua da Carreira, nº 153 e 155

1.18.6. - Protecção: Não Definido

1.18.7. - Época de construção: Séc. XVIII / XIX / XX, provavelmente data de construção.

1.18.8. - Imagem:



Figura 125 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício (Autora)

Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: As torres “avista-navios”



Figura 126 - Imagens do interior do edifício (Autora)





Figura 127 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.18.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício integrado em quarteirão no núcleo histórico da Sé, integrado em terreno plano, junto a uma das principais ruas da cidade do Funchal e mais simbólicas, a Rua da Carreira, via pública principal e somente pedonal deste a confluência da mesma com a Rua do Surdo até à Rua da Mouraria, ladeado a Sul, Este e Oeste por edifícios habitacionais e a Norte, pela Rua da Carreira, pavimentada toda a Calçada Portuguesa.

1.18.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício principal com forma quadrangular, simples e simétrica, com torre “avista-navios” de 5 pisos, centrada em relação ao conjunto arquitectónico.

Edifício com cobertura de três e quatro águas, com telha de canudo e beirais duplos.

Edifício constituído por três pisos.

A fachada principal está orientada a Norte, virada sob a via pública principal, a Rua da Carreira.

A fachada principal apresenta três pisos, rebocada e pintada de branco, com embasamento em cantaria de basalto e entablamento saliente.

No rés-do-chão a mesma apresenta duas portas de verga recta, com moldura de cantaria, que interligam às janelas de sacada do 2º piso, um semi-janelão com gradeamento e moldura, localizado entre as duas portas, um janelão igualmente com gradeamento do lado Oeste da Fachada e um óculo gradeado centrado na mesma.

No 2º piso, 6 janelas de sacada comum, com caixilharia de madeira, encimadas por lambrequins de madeira pintada de verde-escuro, com recortes e ornamentação pintado a branco e moldura em cantaria, que interligam às janelas de sacada comum do 3º piso, estas de iguais números, características, volumetria e materiais, encimadas por friso e cornija. Gradeamento de ferro forjado pintado de verde-escuro.

Uma vez que o edifício é ladeado nas restantes fachadas por edifícios residenciais, é impossível descrever as mesmas.

Interiormente, a entrada principal apresenta um hall, com arco de volta perfeita em cantaria, denotando a sua original função do espaço, destinada à loja do edifício. Pavimentado a tijoleira, com salas do lado esquerdo e direito do mesmo, e escadas de acesso aos pisos superiores localizada ao fundo do hall, posterior os arco, e junto á fachada Oeste. A meio, e por baixo das escadas, pequeno vestíbulo.

Paredes com azulejos monocromáticos em azul e branco, e tectos, rebocados e pintados de branco, sendo o do hall de entrada, adornado com frisos e ornamentação saliente, pintada de branco.

Escada de madeira, com vazio interior e balaustrada em madeira. Rodapés em madeira pintados de castanho-escuro.

TORRE: Torre ligeiramente rectangular, recuada em relação ao plano principal do edifício, simultaneamente centrada em relação ao conjunto arquitectónico.

A torre apresenta 5 pisos, tendo os dois últimos pisos acima da cobertura do edifício principal.

A cobertura é de telhado de quatro águas, de telha canudo, com beiral duplo.

As fachadas são rebocadas e pintadas de branco.

Todos os vãos que constituem as fachadas da torre, são constituídas por janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina em madeira pintada de branco, moldura dos vãos em cantaria vermelha e tapa-sóis de madeira pintada de verde-escuro.

A fachada Norte, Este e Oeste, apresenta uma janela no 4º e 5º piso, centradas na fachada. Janela do 4º piso da fachada Este, com tapa-sóis em mau estado de conservação.

Fachada Sul, com existência de duas janelas no 5º e último piso da torre, de idênticas características que as anteriores analisadas.

Interiormente, a torre apresenta uma única sala rectangular, com escada de acesso localizada em planta junto á parede Oeste, constituída em madeira, com balaustrada igualmente em madeira.

O pavimento é em soalho de madeira, com rodapés em madeira pintado de castanho-escuro, molduras dos vãos em madeira pintada de branco e envernizada e tecto rebocados e pintado de branco com sancas.

1.18.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.18.12. - Cronologia: Não definido

1.18.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, barroca e neoclássica.

Edifício com volume principal quadrangular e volume saliente, central. Fachada principal orientada a Norte, com os vãos alinhados verticalmente e horizontalmente, interligados e posicionados na fachada em equilíbrio e harmonia.

Em relação à organização espacial da torre, é possível classificá-la com o “TORRE SIMPLES”, uma vez que apresenta escada de acesso, rectangular e simples, localizada junto à parede Oeste, sem retirar área útil ao espaço interno de planta rectangular simples.

1.18.14. - Utilização inicial: Residencial

1.18.15. - Utilização actual: Administrativo / Militar: Exército Português (centro de recrutamento do Funchal)

1.18.16. - Proprietário: Propriedade Pública: Ministério da Defesa

1.18.17. - Utente: Proprietário

1.18.18. - Conservação geral: Bom

1.18.19. - Documentação: Não definido

1.18.20. - Observações: Não definido

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Planta rectangular regular, recuada em relação à fachada principal do edifício.

A planta apresenta uma área livre, com acesso vertical posicionado junto à fachada Oeste da torre.

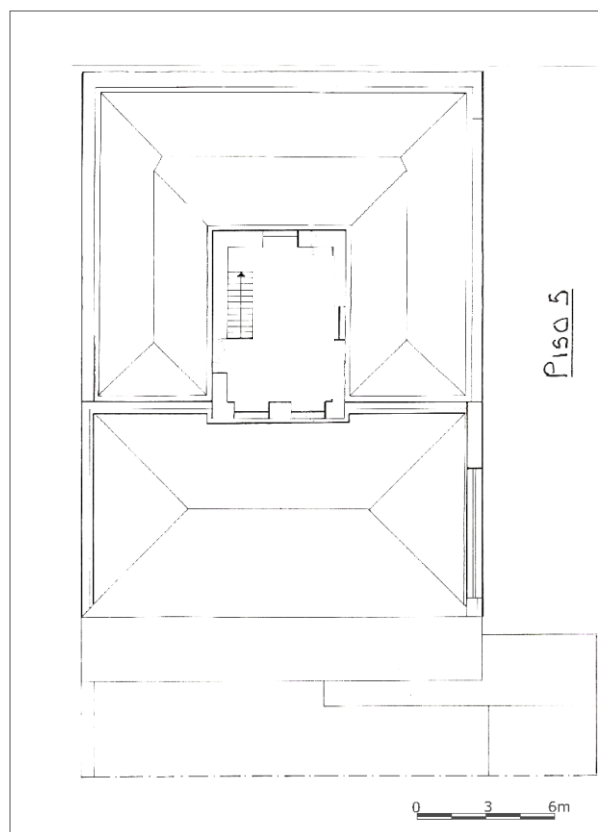


Figura 128 - Planta da torre (Autora)

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.19 EMPRESA JOÃO CRISÓSTOMO FIGUEIRA DA SILVA

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.19.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.19.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.19.3. - Designação: Edifício na Rua da Carreira, nº 55 a 59 e Beco Joaquim Sanches, nº 3

1.19.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, Sé, 32°38'56.09"N, 16°54'38.40"W

1.19.5. - Acesso: Rua da Carreira, nº 55 a 59

1.19.6. - Protecção: Não Definido

1.19.7. - Época de construção: Séc. XVIII / XIX / XX, provavelmente.

1.19.8. - Imagem:



Figura 129 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)

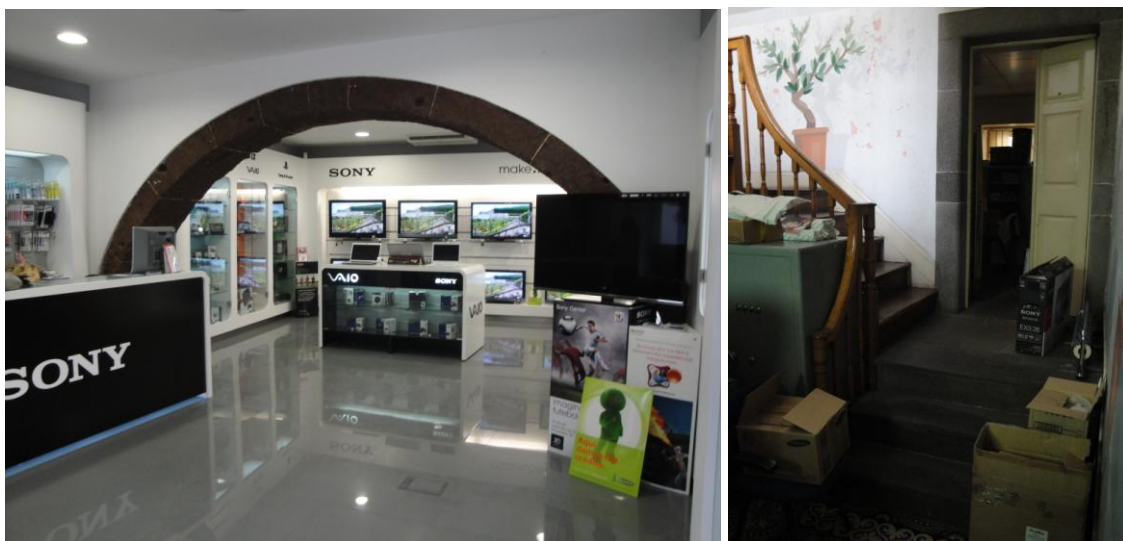




Figura 130 - Imagens do interior do edifício (Autora)



Figura 131 - Imagens do interior da torre (Autora)

1.19.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício isolado, integrado em quarteirão no núcleo histórico da Sé, na confluência de uma rua principal a Norte e um beco a Oeste. É ladeado a Norte pela Rua da Carreira, de um só sentido rodoviário, pavimentada a paralelepípedos de basalto e passeio estreito pavimentado a Calçada Portuguesa. A Sul, o edifício é ladeado por um pequeno parque de estacionamento, a Este, igualmente por parque de estacionamento pertencente à empresa Portugal Telecom e a Oeste pelo beco Joaquim Sanches, pavimentado igualmente por paralelepípedos e calhau rolado. O mesmo beco dá acesso ao centro comercial “ Arcadas de São Francisco”.

1.19.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício com planta rectangular, com articulação de vários volumes, tendo torre de planta igualmente rectangular localizada a Este no conjunto arquitectónico.

Cobertura em telhado de três águas (volume Sul) e quatro águas (torre e volume principal), com telha canudo e beirais duplos.

Fachada principal rebocada e pintada de branco, constituída por dois pisos e com embasamento em cantaria. No rés-do-chão, existência de duas portas de verga recta,

emolduradas a cantaria e portas de vidro, localizadas nos extremos da fachada. Existência de duas janelas em vidro e moldura em cantaria e ao centro, porta principal de entrada ao mesmo, de verga curva, encimada por friso e cornija em cantaria.

Piso 2, com 5 janelas de peitoril, com caixilharia de guilhotina, em madeira, moldura em cantaria e encimadas por lambrequins de madeira pintada de verde-escuro e losangos a branco. Janelas alinhadas com os vãos do piso inferior, equilibrados na fachada.

Fachada orientada a Oeste, definida por dois panos. O pano lateral Norte com dois pisos e pano lateral Sul, com três pisos.

Fachada com embasamento em cantaria, no rés-do-chão, existência de uma porta de vidro e janela, no 2º piso, quatro janelas de idênticas características que as anteriores analisadas e 3º piso, existência de duas janelas de peitoril com caixilharia de guilhotina e tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro.

A Sul, anexo de acesso à garagem, originalmente à adega ou loja.

Interiormente, e no hall de entrada escada de acesso aos pisos superiores, com os primeiros três graus em cantaria e os seguintes em madeira, com balaustrada em madeira. Hall de entrada com paredes estucadas e com pinturas alusivas a vasos com plantas e pavimento em mosaicos policromáticos. Hall de entrada com acesso às lojas, nomeadamente o espaço comercial da “Sony”, totalmente remodelado e alterado.

TORRE: Torre com planta rectangular, recuada em relação ao plano principal do edifício e localizada junto à fachada Este do mesmo.

A torre apresenta quatro pisos, cobertura de quatro águas, com telha canudo de barro vermelho, com remates e beirais duplos.

Fachadas rebocadas e pintadas de branco.

Fachada Norte, com três janelas, de peitoril, com caixilharia de guilhotina, em madeira, moldura em cantaria e tapa-sóis de madeira pintada de verde-escuro.

Fachada Sul, com duas janelas de peitoril, caixilharia de guilhotina, moldura em cantaria e tapa-sóis em madeira.

Fachada Oeste, apenas com uma única janela, de idênticas características de as anteriores analisadas, sendo a janela da Fachada Oeste, localizada junto ao extremo Norte da mesma.

Fachada Este, sem qualquer vão.

Interiormente, a torre apresenta a escada de acesso junto ao lado Oeste da mesma, com caixa quadrada aberta ao centro, formando um vazio interior, e a Este grande espaço amplo rectangular, pavimentado a soalho de madeira, tal como o tecto da torre. As escadas são em madeira, com balaustrada em madeira a contornar as escadas e como guarda interior.

Paredes estucadas e pintadas de branco, com friso em madeira pintada de branco e envernizado, tal como a moldura das janelas e os rodapés.

Separação da área da escada, do quarto da torre, por um vidro de tom acastanhado.

1.19.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.19.12. - Cronologia: 1954 - Propriedade adquirida pela empresa à sr.^a Wera da Cunha Teles.

Séc. XX, finais - remodelação do edifício.

1.19.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, neoclássica.

Edifício com planta rectangular, com articulação de três volumes, mais destacados e a Sul, parque de estacionamento.

Fachada principal orientada a Norte, com alinhamento dos vãos do 1º e 2º piso, em simétrica, consonância e harmonia.

A nível de organização espacial da torre “avista-navios”, é possível classificá-la como “TORRE SEMI-ABERTA”, uma vez que o espaço interno da torre apresenta dois espaços, um de acesso ao piso, com escada aberta ao centro, localizada num dos extremos da torre, e outro com área de circulação e de estar, cuja planta é rectangular.

1.19.14. - Utilização inicial: Residencial

1.19.15. - Utilização actual: Comercial: Empresa João Crisóstomo Figueira da Silva / Sony / Loja de roupa: “A Korda”

1.19.16. - Proprietário: Empresa João Crisóstomo Figueira da Silva

1.19.17. - Utente: Proprietário a loja de roupa: “A Korda”

1.19.18. - Conservação geral: Bom

1.19.19. - Documentação: Não definido

1.19.20. - Observações: Não definido

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

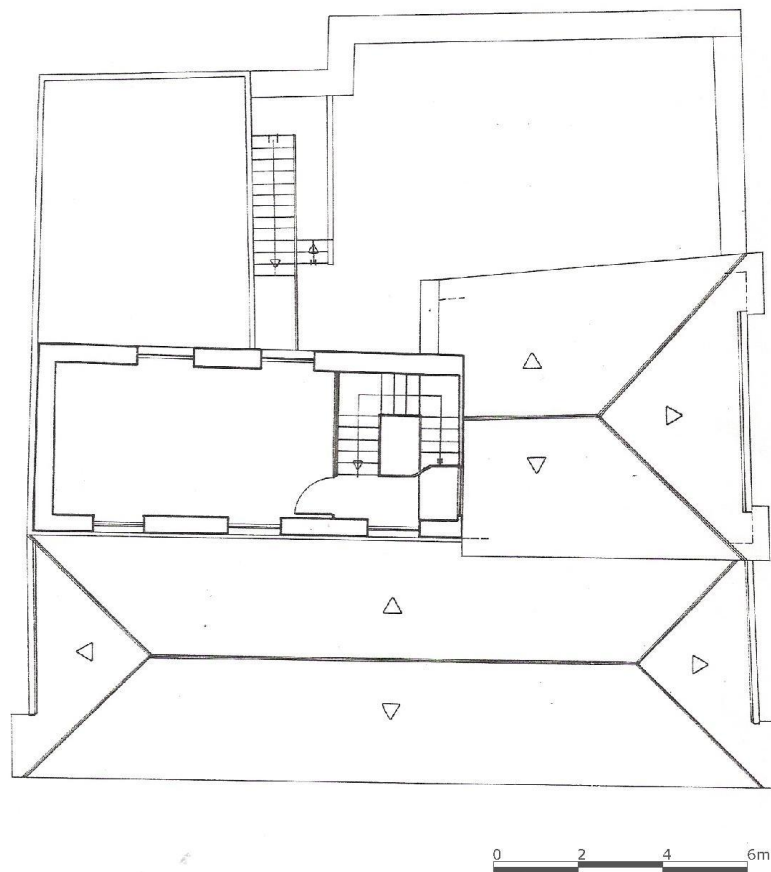


Figura 132 - Planta da Torre e restantes coberturas (Autora)



Figura 133 - Alçado Principal (Autora)

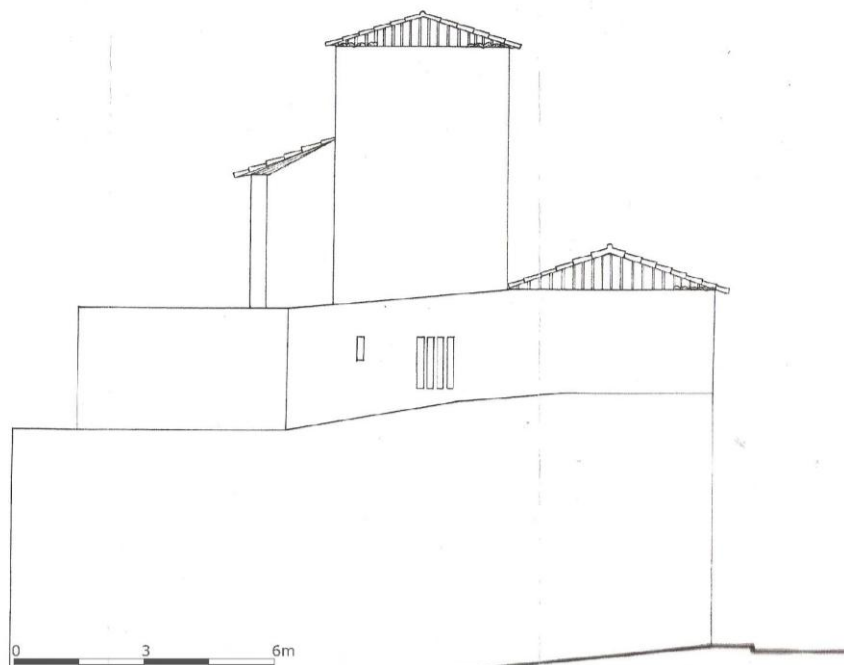


Figura 134 - Alçado Oeste (Autora)

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

1.20 PALACETE DA MOURARIA

Fase 1 - Informação Histórica e Arquitectónica do edifício - torre:

1.20.1 - Categoria: Edifícios e Estruturas construídas residenciais

1.20.2. - Tipo: Edifícios e estruturas senhoriais: Palácio senhorial / Torre

1.20.3. - Designação: Palacete da Mouraria

1.20.4. - Localização: Região da Madeira, Funchal, Funchal, São Pedro, 32°38'57.37"N, 16°54'43.66"W

1.20.5. - Acesso: Rua da Mouraria, nº 34 a 42

1.20.6. - Protecção: Não Definido

1.20.7. - Época de construção: Séc. XVIII / XIX / XX

1.20.8. - Imagem:





Figura 135 - Imagens do enquadramento e exterior do edifício torre (Autora)





Figura 136 - Imagens do interior do edifício (Autora)



Figura 137 - Imagens da torre (Autora)

1.20.9. - Enquadramento: Urbano.

Edifício integrado em quarteirão no núcleo histórico de São Pedro, ladeado a Norte pela via pública de um só sentido rodoviário, a Rua da Mouraria, pavimentada a paralelepípedos e com passeio estreito pavimentado a Calçada Portuguesa, com protecção. A Este e a Oeste, o palacete é ladeado por edifícios residenciais e a Sul por logradouro pertencente ao mesmo, pavimentado a calhau rolado e com fontanário e pequeno poço com estátua central.

O palacete confronta directamente o Palácio de São Pedro (16).

1.20.10. - Descrição:

EDIFÍCIO: Edifício de dois pisos, com volumes articulados, apresentando planta rectangular, com torre de três pisos e a Sul, volume rectangular perpendicular ao volume principal. Ainda a Sul, logradouro pavimentado a calhau rolado.

Volume principal apresenta telhado de três e quatro águas dispostos de forma rectangular e volume perpendicular de quatro águas, ambos de telha Marselha e beirais simples.

Fachada principal orientada a Norte, rebocada e pintada de branco, com embasamento em massa rebocado e pintado de cinzento, tal como os cunhais em alhetas e o friso e a cornija junto ao beiral da cobertura.

Rés-do-chão, com existência de seis portas e um janelão com gradeamentos, todos eles com moldura de cantaria, sendo a porta central de acesso aos pisos superiores e de acesso ao hall de entrada. Os vãos do rés-do-chão interligam-se com as 6 janelas de sacada do piso superior, com caixilharia em madeira e moldura igualmente em cantaria, encimadas por friso e cornija. Fachada Sul, com alpendre no 2º piso e escadas exteriores de acesso ao alpendre, com degraus em cantaria, 1º piso, com arcadas ligadas com o volume principal, rebocadas e pintadas de branco e moldura em massa pintada de cinzento.

Por baixo das escadas exteriores, fontanário em cantaria.

Alpendre com cobertura em folha, assente sobre pilastras de arco abatido, pintado de verde-escuro e recortado, com ornamentação pintada de branco.

Plano recuado ao alpendre, fachada com existência de duas portas de duas janelas com molduras em cantaria e tapa-sóis de verde-escuro. Volume perpendicular com duas janelas e dois óculos, emoldurados a cantaria.

No interior, hall de entrada com pavimento em mosaicos de duas cores, a preto e branco, e escada principal de acesso ao andar superior em madeira, com lado curvo, e balaustrada de madeira trabalhada.

Paredes interiores estucadas e pintadas de branco. Pisos superiores com tectos estucados e com frisos, de forma a ornamentar as salas.

TORRE: Torre com planta ligeiramente rectangular, de seis pisos, tendo três deles acima do edifício principal.

A torre está recuada em relação à fachada principal do edifício, tendo esta no entanto, fachada coincidente com a fachada Sul do edifício principal.

Esta é uma torre com terraço, apresentado deste modo cobertura plana.

As fachadas são em alvenaria, rebocadas e pintadas de branco, tendo a fachada orientada a Norte, uma janela, no último piso, com caixilharia em guilhotina, em madeira pintada de branco, moldura em cantaria e tapa-sóis em madeira pintada de verde-escuro.

Fachada Sul, com uma janela em cada um dos três pisos, de idênticas características que a anteriores caracterizada e centradas na fachada.

Fachada Este, com uma janela no 4º e 5º piso, estando a janela do 4º piso, localizada no extremo Norte da fachada. Janelas de idênticas características que as anteriores analisadas.

Fachada Oeste, com duas janelas centradas na fachada, no 4º e 5º pisos, igualmente de idênticas características que às anteriores janelas analisadas.

Terraço da torre, pavimentado a tijoleira, com corpo triangular a Norte da torre, de acesso ao terraço e guarda em balaustrada de massa.

Existência de chaminé presente no terraço da torre, em alvenaria rebocada e pintada de vermelho-rosa.

Interiormente, escadas de acesso à torre, centrais, em madeira, com balaustrada igualmente de madeira.

1.20.11. - Arquitecto / Construtor / Autor: Desconhecido

1.20.12. - Cronologia:

Séc. 18 - Referência à existência de prédios na área, de que ficaram elementos;

1910 - Registo nº 926, a favor de António de Oliveira;

1917, 29 Dezembro - inscrição do prédio a favor de João Augusto Fernandes, comerciante, adquirido por 10.000\$00 a José Maria Ferreira, comerciante e mulher e demais herdeiros de António Oliveira, entretanto falecido;

1948 - Instalação nos pisos virados à Rua da Mouraria do então Instituto Nacional do Trabalho;

1995 - Transferência do Tribunal de Trabalho para o Edifício 2000;

1998 - Venda do prédio e José Aires da Silva, comerciante, morador no Sítio da Quinta, Garajau, sócio-gerente “Aires e Filhos”.¹⁵⁰

1.20.13. - Tipologia: Arquitectura residencial, civil, neoclássica.

Palacete urbano, de dois pisos, com volumes articulados, tendo torre de cinco pisos, com terraço, localizada coincidente mente com a fachada Sul.

Fachada principal com vãos interligados e alinhados, posicionados na fachada harmoniosamente e simetricamente, com molduras em cantaria, encimados por friso e cornija e fachada posterior, com alpendre sobre arcadas em alvenaria, escadas exteriores e fontanário em cantaria. Janelas com tapa-sóis.

A torre, apresenta terraço no topo, podendo ser classificada como “TORRE TERRAÇO”, com balaustrada em massa e pavimento em tijoleira.

1.20.14. - Utilização inicial: Residencial

1.20.15. - Utilização actual: Comercial: loja de Antiguidades “Aires e Filhos” e galeria de arte: “Galeria Mouraria”/ Cultural: galeria de arte “Galeria Mouraria”

1.20.16. - Proprietário: Propriedade privada: pertencente aos proprietários da loja de Antiguidade “Aires e Filhos”.

1.20.17. - Utente: Proprietário e a galeria de arte: “Galeria Mouraria”

1.20.18. - Conservação geral: Bom

1.20.19. - Documentação: Não definido

1.20.20. - Observações: Actualmente o edifício pertence aos proprietários da empresa de antiguidades “Aires e Filhos”, explorando estes, o piso térreo com a loja comercial, e sendo o andar nobre do edifício, metade sendo salas de exposição de obras de arte, por parte da

¹⁵⁰ Informação retirada do site

http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1, consultado a 5 de Outubro de 2010.

galeria, e outra metade, salas de depósito de obras de antiguidade mais valiosas, pertencentes à loja de antiguidade.

Fase 2 - Análise do projecto do edifício - torre:

Uma vez que não foi possível obter o levantamento arquitectónico do edifício, esta segunda fase do inventário não apresenta efeito.

Fase 3 - Fichas de Caracterização do edifício - torre: (ver Anexo A)

6.3 Síntese: Inventário do património arquitectónico da cidade do Funchal: Torres “avista-navios”

Através de uma individualização arquitectónica, foram inventariados no âmbito deste trabalho, os edifícios, de carácter nobilitado e sóbrio e as torres “avista-navios”, que apesar de constituírem um elemento intrínseco, constituinte do edifício principal, são igualmente componentes arquitectónicas. Posteriormente e com as conseqüentes descrições dos mesmos, individualizando edifícios e torres, para a sua caracterização nos contextos histórico, construtivo, arquitectónico e estrutural, foi possível apurar as seguintes conclusões:

1. Todos os edifícios analisados, inseridos no centro histórico de São Pedro, apresentam uma data de construção compreendida num período de tempo próximo, ou seja, podemos concluir que esta área urbana da cidade do Funchal, sofreu um desenvolvimento arquitectónico e conseqüente construção de casas e solares nobilitados, maioritariamente do século XVIII/XIX. Este factor, como já referido anteriormente, deve-se principalmente a conteúdos de carácter histórico e económico, inerentes à história da ilha da Madeira explicado em capítulos anteriores.
2. Todos os edifícios analisados apresentam semelhantes características arquitectónicas, nomeadamente, na organização do espaço interior (com rés-do-chão destinado à lojas e adegas, 2º piso destinado a andar de serviços ou andar nobre e 3º piso, quando existe, destinado somente a andar nobre); à composição das fachadas, com existência em quase todos os edifícios analisados, de presença de janelas de peitoril nos andares inferiores e janelas de sacada nos pisos superiores; e na existência de elementos estruturais e de ornamentação da fachada, tais como pilastras, embasamento, entablamento, beirais, frisos e cornijas.

Em relação às torres, foi possível apurar que se elevam acima do edifício principal no qual se inserem, de um a oito pisos (Torre do Palacete dos Barões de São Pedro (1.1), com três pisos, com um piso elevado acima do edifício principal, e o Edifício do Instituto do Vinho Madeira (1.9), com oito pisos), apresentando maioritariamente torres com quatro pisos, sendo os andares inferiores das torres constituídos pelo acesso vertical ao último piso da torre, que por sua vez é o mais importante da torre.

Segundo uma análise pormenorizada e cuidada da forma como as torres se desenvolvem interiormente, foi possível concluir que, em média, os exemplares analisados organizam-se segundo uma tipologia de “TORRE SIMPLES”, constituída por uma área livre, ampla, com as escadas de acesso localizadas junto a uma das paredes, cuja forma é simples e rectangular.

A nível formal, as torres analisadas apresentam maioritariamente janelas de peitoril, simples e com caixilharia de guilhotina e em madeira; e cobertura de quatro águas (presente em todas as torres), bem como nos edifícios que as constituem.

Em relação ao estado geral de conservação, os exemplares analisados, apresentam maioritariamente uma conservação Razoável a Boa, devido a medidas levadas a cabo por entidades públicas e pela própria Câmara, ou por proprietários privados, com sensibilidade patrimonial e arquitectónica.

3. É de constatar ainda, dentro da temática da conservação e recuperação, que os edifícios pertencentes a entidades públicas apresentam melhores condições de conservação, do que os edifícios pertencentes a entidades privadas. Vejam-se os exemplos das torres n.º 1.1, 1.9, 1.10, 1.11, 1.15, 1.16 ou 1.18.

Finalmente, é de salientar ainda, que apesar de metade dos edifícios analisados já ter sido alvo de inventariação por parte do IHRU, em parceria com a DRAC e a Câmara Municipal do Funchal, este trabalho veio a acrescentar e actualizar este acervo, no âmbito de reformas adoptadas nos edifícios e nas respectivas torres, bem como na sua descrição e caracterização arquitectónica e histórica individualiza. Por isso, um dos principais objectivos deste trabalho, além da valorização patrimonial destas torres e edifícios, foi o inventário das torres “avista-navios” como elementos arquitectónicos individuais, constituindo-se como grupo de análise novo e independente da restante componente habitacional.

CAPÍTULO 7. Conclusões

O tema do património constituiu a base para todo o desenvolvimento desta dissertação, teórico e prático. Este desenvolvimento aqui realizado pretende ser uma mais-valia e uma contribuição para o progresso e salvaguarda do património cultural e arquitectónico da cidade do Funchal.

Este património constituiu parte de um pequeno núcleo urbano, tem patente a arquitectura tradicional e nobilitada inerente à localização, e constituiu o mote de todo um processo de caracterização, enquadramento histórico e social, análise urbana e relação com os demais edificados de cariz tradicional e insular.

Tendo como pano de fundo o património arquitectónico e a sua urgente acção de salvaguarda e protecção do mesmo, esta dissertação pretendeu contribuir para a devida caracterização histórica das torres “avista-navios”, tendo comparado os seus diferentes aspectos físicos e funcionais. Para tal e consoante o capítulo 2, foi possível concluir que a problemática da conservação e da herança construída responsabilidade da sociedade deve ser entendida como uma acção colectiva e global. Em virtude dos congressos internacionais realizados durante o séc. XX, e de uma maior consciencialização de todos, os monumentos e principalmente os conjuntos urbanos e rurais foram entendidos como ícones a proteger e a salvar para as gerações futuras. Como se pretendeu demonstrar, o entendimento das Cartas internacionais por parte de Portugal e principalmente durante o regime do Estado Novo, contribuiu com medidas de salvaguarda e protecção do património mais abrangentes e precisas.

É durante o Estado Novo que é criada a Direcção Geral dos Edifícios Nacionais e Monumentos (DGENM) e o crescente interesse pela valorização dos edifícios de cariz nacional.

Actualmente as medidas de salvaguarda e protecção do património mantêm-se semelhantes que às criadas durante o regime ditatorial. A criação de zonas de protecção e de zonas especiais de protecção constituem uma mais-valia para a própria conservação do edificado bem como para o conjunto urbano inerente a este.

Ainda neste capítulo foram mencionadas algumas medidas de salvaguarda e protecção do património, destacando-se a inventariação. Com a inventariação do património histórico e arquitectónico é possível proteger o edificado de incorrectas acções de restauro e conservação, prevenindo-se assim o risco de perda de importante fonte histórica e cultural de uma cidade ou povo. É com o intuito de proteger uma identidade cultural de determinada região, que esta dissertação pretende contribuir como uma ferramenta no auxílio na preservação de um monumento ou na identificação documental dos edificados em estudo

caracterizadores da arquitectura tradicional da Madeira e da sua história, intrinsecamente ligada ao seu povo.

No capítulo 3, concluiu-se que, no que respeita à metodologia de inventário adoptada para o inventário das torres “avista-navios” e respectivos edifícios, o mesmo deve apresentar três principais fases de caracterização. Estas três fases do inventário incidem principalmente em três aspectos: a caracterização histórica; a descrição dos vários elementos arquitectónicos que compõem as fachadas, estrutura e métrica dos edifícios torre e a análise da tipologia e da organização interna dos edifícios e respectivas torres “avista-navios”. A metodologia de inventário adoptada constituiu assim uma ferramenta completa e mais abrangente, possível em relação ao contexto histórico e arquitectónico das torres. Constituiu-se igualmente como uma medida de salvaguarda e protecção do património arquitectónico da cidade do Funchal, prevenindo futuras acções deficientes nas torres, bem como nos conjuntos arquitectónicos constituintes.

Podemos concluir no capítulo 4, no que concerne à contextualização histórica dos edifícios torre, que as primeiras influências históricas destes edifícios remontam à torre senhorial dos sécs. XIII e XIV. Estas, com o seu carácter nobilitado e remanescente de uma nova tendência arquitectural, influenciaram formalmente e tipologicamente as torres nesta dissertação estudadas. Também a condição física e insular a que as torres “avista-navios” estão cingidas, constituíram factores influenciadores do aspecto formal e do próprio posicionamento espacial das torres no território atlântico.

Sendo a cidade do Funchal um modelo experimental no que concerne ao urbanismo, foram analisadas as cidades de Setúbal e Sesimbra e consequentes métodos de expansão urbana, no qual foram aplicados no território insular. Tais modelos continentais condicionaram o posicionamento espacial das torres, no contexto urbano e histórico da cidade do Funchal. Ainda neste capítulo, foram estudados os centros históricos de São Pedro e da Sé, no qual estão inseridas as torres em estudo e foi possível concluir que a componente histórica destes núcleos urbanos está intimamente relacionada com a sua contextualização histórica.

No capítulo 5, concluiu-se, a par dos diferentes conceitos atribuídos à torre “avista-navios”, que estas são assinaladamente um produto arquitectónico da cultura madeirense. As características tradicionais desta arquitectura e os elementos arquitectónicos que compõem as fachadas, as coberturas, os vãos e a própria organização interna das torres, reforçam a presença dos elementos tradicionais da casa insular, nas torres de carácter senhorial. Em relação à composição interna das torres, pode-se concluir ainda, a existência de cinco tipologias distintas: a Torre Aberta, a Torre Simples, a Torre Composta ou com Compartimentos, a Torre Semi-aberta e a Torre Terraço. Estas são caracterizadas segundo o seu espaço interior e em relação ao posicionamento em planta do acesso vertical. Tais definições contribuem para um melhor entendimento da torre enquanto espaço vivencial e tipologicamente independente do conjunto arquitectónico. Ainda neste capítulo, concluiu-se que as torres “avista-navios” enquanto elementos tradicionais e característicos da

arquitectura madeirense apresentam versatilidade e mutabilidade em relação aos novos contornos da arquitectura moderna. Tais repercussões na arquitectura moderna do início do século XX, apresentam a torre como elemento tradicional, perfeitamente reinterpretado aos tempos modernos.

Conclui-se no capítulo 6, que o inventário do património arquitectónico das torres “avista-navios” contribuiu para a sua análise histórica e arquitectónica, de forma completa e precisa. O respectivo inventário permitiu ainda concluir os seguintes aspectos: a maioria dos edifícios analisados apresenta quatro pisos de altura, com forma rectangular e presença de vãos em todas as fachadas; todos os edifícios torre analisados e investigados estão compreendidos temporalmente nos séculos XVIII e XIX; foi possível constatar que a organização interna da maioria das torres estudadas respeita uma tipologia de “Torre Simples”; a organização interna dos edifícios é condicionada pelas funções atribuídas aos respectivos andares do edifício (rés-do-chão destinado à lojas e adegas, 2º piso destinado a andar de serviços ou andar nobre e 3º piso, quando existe, destinado somente a andar nobre); a composição dos elementos arquitectónicos e estruturais presentes nas fachadas são semelhantes em todos os edifícios torre analisados, constituídos por pilastras, molduras dos vãos em cantaria, frisos, beirais ou embasamento; e a conservação geral é considerada Boa a Razoável, consoante o seu uso e as entidades responsáveis (públicas ou privadas) pela gestão e conservação dos edifícios. Foi possível concluir ainda que a maioria dos edifícios que apresentam um melhor estado de conservação pertence a entidades públicas.

Um dos objectivos desta dissertação, a par de toda uma caracterização e investigação histórica das torres e respectivos edifícios, na sua génese social e urbana em relação às suas origens e influências arquitectónicas. Foi também tema principal de estudo, a inventariação e caracterização das torres “avista-navios” enquanto elementos isolados e independentes. Desta forma, foi pretendido valorizar as torres no seu contexto patrimonial, constituindo estes, elementos intrínsecos à arquitectura tradicional da Madeira, urgentes em salvaguardar e proteger a identidade cultural de um povo.

Ciente de que esta investigação representa apenas a primeira fase de um estudo que se pretende mais profundo e abrangente, crê-se, contudo, ter contribuído para o conhecimento mais pormenorizado ao nível deste tema. Esta dissertação constitui também um mote para futuros trabalhos de investigação sobre uma possível repercussão deste elemento tradicional na arquitectura contemporânea do séc. XXI.

Importa ainda salientar que esta dissertação resulta directamente da bibliografia, das peças desenhadas analisadas, e ainda de um trabalho de investigação de campo realizado nos edifícios e nas torres respectivas.

BIBLIOGRAFIA

- . AMOÊDA, Rogério; LIRA, Sérgio; PINHEIRO, Cristina; “HERITAGE 2010, Heritage and Sustainable Development”; Vol. I e II; Green Lines Institute; June, 2010
- . AGUIAR, José; CABRITA, A.M. Reis e APPLETON, João; “Guia de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais” Vol. I; DGOT/LNEC, 1998
- . ARAGÃO, António; “*Para a história do Funchal*” 2ª Edição Revista e aumentada; Funchal; 1987
- . BELAS ARTES; Academia Nacional, “*Inventário artístico de Portugal*”; 1943
- . CALDAS, João Vieira; “*Caminhos do património (1929 - 1999)*”; DGEMN; Livros Horizonte; 1999
- . CALDEIRA, Abel Marques; “*O Funchal no primeiro quartel do séc. XX*” 1900 - 1925; Funchal, 1964
- . CAMÕES, Luís Vaz de; “*Os Lusíadas*”, Vol. I, Canto V, 5; Círculo de leitores; Lisboa;
- . CAPITEL, Antón; “*Metamorfosis de monumentos y de la restauracion*”; Alianza Editorial; Madrid; 1988
- . CARITA, Rui - “*História da Madeira*” Funchal: Secretaria Regional da Educação, 1996. Vol.4 O século XVIII arquitectura de poderes.
- . CARITA, Rui - “*História da Madeira*” Funchal: Secretaria Regional da Educação, 2004. Vol.6 As Ocupações Inglesas e as Lutas Liberais (1801-1834).
- . CHOAY, Françoise; “*L’ allégorie du patrimoine*”; Paris; Éditions du Seuil, 1992
- . CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA; “*Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural*”; Paris; 1972
- . CUSTÓDIO, Jorge; “*Dar Futuro ao Passado*”, Lisboa, 1993
- . DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS; “*Boletim Monumentos*”; 1990

- .FERNANDES, José Manuel; “ *Funchal 1974 - 1986: breve crónica histórico - arquitectónica*”;
Islenha, nº 2; 1988; P. 43 - 49 (Artigo)
- .FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da
Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlântida sob Influência Portuguesa - Quadro Histórico, do
Séc. XV ao Séc. XVIII*”; Vol. I; FAUTL; 1992
- . FERNANDES, José Manuel; “*Cidades e casas da Macaronésia - evolução do território e da
arquitectura doméstica sob influência portuguesa - quadro histórico, do séc. XV ao séc.
XVIII*”, Dissertação para doutoramento em Arquitectura, na especialidade de História da
arquitectura pela Faculdade de Arquitectura, da Univ. Técnica de Lisboa; Março de 1992
- . FREITAS, Lourenço; “*Se as pedras falassem*”; Origens, nº 14 (Junho 2006); P. 10 - 22 (Artigo)
- . FREITAG, Michel; “Arquitectura e Sociedade”; Dom Quixote; 2004
- . GASPAR, Emanuel; “*As casinhas de prazer*” (artigo); **ILHARQ** ; Nº1; 2001; Revista de
Arqueologia e Património Cultural do Arquipélago da Madeira; ARCHAIS - Associação de
Arqueologia e Defesa do Património da Madeira; P. 63 - 66; (Artigo)
- . GOMES, J. Reis; “*Casas madeirenses*”; Colaboração artística de Edmundo Tavares (Escola de
Belas Artes de Lisboa); Edição do “Diário da Madeira”; Funchal; MCMXXXVII.
- . HOLLAND, Julian e BROOKE, Norman; “*História Universal Comparada*”; Correio da Manhã;
2000
- . INSTITUTO DA HABITAÇÃO E REABILITAÇÃO URBANA, “*Normas de Inventário do Património
Arquitectónico – Monumento (NIPA-M)*”, Lisboa, IHRU, 2008 (Normas de Inventário do
Património Arquitectónico, n.º 1, versão 9.0).
- . LELLO EDITORES; “Dicionário Lello Escolar”; Março 1997;
- . LOJA, António; “ *As torres do exibicionismo*”; Atlântica, nº18; 1989; P. 85 - 95 (Artigo)
- .LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito; “*Património arquitectónico e arqueológico - cartas,
recomendações e convenções internacionais*”; Livros Horizonte; 2004
- . MESTRE, Victor; “*Arquitectura Popular da Madeira*”; Argumentum
- .PARDAL, Sidónio; LOBO, Manuel Costa e CORREIA, Paulo; “*Normas Urbanísticas*” Vol. IV;
Universidade Técnica de Lisboa; 2000
- . PEREIRA; Eduardo C. N.; “*Ilhas de Zargo*”; Vol. I; Câmara Municipal do Funchal; 1989

- . PEREIRA; Eduardo C. N.; “*Ilhas de Zargo*”; Vol. II; Câmara Municipal do Funchal; 1989
- . SCHUG - WILLE, Christa; “*Enciclopédia Universal da Arte - Bizâncio e o Islão*”; Vol. 4; Publicit Editora; Lisboa; 1980;
- . SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. I (A - E); Drac; Funchal; 1998
- . SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. II (F - N); Drac; Funchal; 1998
- . SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENEZES, Carlos Azevedo de; “*Elucidário Madeirense*”; Vol. III (O - Z); Drac; Funchal; 1998
- . TAVARES, Edmundo; “*Terra Atlântida (Impressões da Madeira)*”; Bertrand (Irmãos), LDA; Lisboa; 1948
- . *Dicionário Universal de Língua Portuguesa*; Texto Editora; 1995

Endereços electrónicos:

. <http://www.sirmadeira.org/WebRoot/Sir/Shops/sirmadeira/MediaGallery/ArquitecturaPopul ar.pdf>

. http://www.ricardobarbeito.com/Alguns_aspectos_da_arquitectura_civil_no_Funchal.pdf

. <http://www.arquipelagos.pt>,

ANEXOS